

## SUMÁRIO

<b>PASQUIM, ANOS 70 &amp; ENTREVISTAS, UM JOGO DE PODER E SEDUÇÃO.....</b>	<b>3</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>3</b>
A INDÚSTRIA CULTURAL NO BRASIL.....	11
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>18</b>
<b>ENTREVISTA: UM TEXTO DE MUITAS FACES.....</b>	<b>18</b>
1.1 – ENTREVISTA COMO INSTRUMENTO DE TRABALHO.....	20
1.2 – A ENTREVISTA NA IMPRENSA.....	25
1.3 – A ENTREVISTA COMO GÊNERO.....	31
1.4 – AS ENTREVISTAS: TEXTOS HÍBRIDOS.....	34
1.5 – COSTURANDO SABERES.....	38
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>42</b>
<b>FENDAS CULTURAIS: TRAJETÓRIAS DA PESQUISA E DA IMPRENSA.....</b>	<b>42</b>
2.1 – EM BUSCA DA QUESTÃO-CHAVE.....	43
2.2 – O CONTEXTO.....	50
2.3 – OS FIOS DESTA HISTÓRIA.....	58
2.3.1 – <i>Surge o Pasquim: mais pra oba do que pra epa</i> .....	60
2.3.2 – <i>O texto: Pasquim, um franco atirador</i> .....	64
2.4 – AS ENTREVISTAS NO PASQUIM.....	72
2.5 – A CENSURA E O PASQUIM.....	77
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>82</b>
<b>EM FOCO AS ENTREVISTAS.....</b>	<b>82</b>
3.1 – A IMPORTÂNCIA DAS ENTREVISTAS.....	83
3.2 – AS ESTRATÉGIAS DO TEXTO.....	84
3.3 – ENTREVISTAS: UM LUGAR DE RISCOS.....	85
3.3.1 – <i>O simulacro como entrevista</i> .....	86
3.3.2 – <i>Outras entrevistas, outras maneiras de dizer</i> .....	90
3.4 – AS QUERELAS DA MÚSICA NO PASQUIM.....	114
3.4.1 – <i>O tom e o som nas entrevistas do Pasquim</i> .....	118
<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>147</b>
<b>ESTA PESQUISA VOLTOU-SE PARA OS PRIMEIROS DEZ ANOS DO PASQUIM. NESSE PERÍODO, O JORNAL CONTOU COM JORNALISTAS COMO PAULO FRANCIS, PAULO DE TARSO, ZIRALDO, IVAN LESSA, JAGUAR, MILLÔR FERNANDES, LUIZ CARLOS MACIEL, SÉRGIO AUGUSTO, FLÁVIO RANGEL, SÉRGIO CABRAL, CLAUDIUS, CARLOS PROSPÉRIE, HENFIL, NANI E REDI, ENTRE OUTROS. A CONVIVÊNCIA DESTES PERSONAGENS FOI DIFÍCIL, SEGUNDO PAULO FRANCIS, POIS TODOS SE AUTO-PROCLAMAVAM GÊNIOS.....</b>	<b>147</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>151</b>

**ANEXOS.....169**

ANEXO 1: INDEXAÇÃO DAS ENTREVISTAS QUE FORMARAM O BANCO DE DADOS .....	170
<i>O PASQUIM - Ano de 1969.....</i>	<i>171</i>
<i>O PASQUIM - Ano de 1971.....</i>	<i>185</i>
<i>O PASQUIM - Ano de 1972.....</i>	<i>192</i>
<i>O PASQUIM - Ano de 1973.....</i>	<i>197</i>
<i>O PASQUIM - Ano de 1974.....</i>	<i>204</i>
<i>O PASQUIM - Ano de 1975.....</i>	<i>210</i>
<i>O PASQUIM - Ano de 1976.....</i>	<i>215</i>
<i>O PASQUIM - Ano de 1977.....</i>	<i>222</i>
<i>O PASQUIM - Ano de 1978.....</i>	<i>230</i>
<i>O PASQUIM - Ano de 1979.....</i>	<i>238</i>

# PASQUIM, ANOS 70 & ENTREVISTAS, UM JOGO DE PODER E SEDUÇÃO

## INTRODUÇÃO

A censura à *palavra* é uma das marcas que melhor define os anos 70. Sua censura se deveu ao fato de ser ela a arma usada nas arenas da luta pela democracia. A *palavra* oficial, a *palavra* alternativa, a *palavra* da *arte engajada*, todas saíram às ruas para falar de seu desencanto com o estado autoritário que se consolidou com a edição do Ato Institucional número cinco e com o acirramento da censura. Em seu lugar habitual, como no teatro, na poesia, no romance, ela foi paulatinamente silenciada pela censura. A *palavra* migrou de lugar: foi para os periódicos, para as *entrevistas*.

A *palavra* presente em todos os momentos de luta pela formação da vida nacional tornou-se a principal arma dos jornais de oposição. Neste trabalho, ela está presente nas entrevistas, textos que tornaram possível a permanência do debate durante a vigência da censura.

Analisar os gestos culturais, de fala, de comportamento, contidos nas entrevistas publicadas no *Pasquim*, desde a sua criação, em 26 de junho de 1969 até 28 de dezembro de 1979 é o objetivo desta tese.

E por que a década de 70 e o Pasquim?

A questão cultural foi crucial na década de 70; neste período a produção cultural foi um grande laboratório de experimentação e de novas vivências, promovendo uma certa revitalização do pensamento nacional. Antônio Gramsci – o Gramsci da ciência política, hegemônico – começa a ser traduzido no Brasil em 1970 e abre novas possibilidades de leitura de um

outro Gramsci, menos subordinativo, menos legítimo, um Gramsci que trabalha as questões culturais. Neste período, início da década de 70, o fortalecimento da *sociedade política* em relação à *sociedade civil* é fato. Esta correlação de força, para Gramsci, determina e de certo modo altera o relacionamento clássico entre os intelectuais e as classes sociais. Debates como este mudaram, de forma significativa a concepção de cultura.

Em relação ao aparecimento de um outro debate mais permanente o sobre *cultura de massa*, Renato Ortiz<sup>1</sup> afirma que a partir da década de 70 a academia começou a discutir o conceito. Este debate está ligado ao aparecimento das faculdades de comunicação e há um interesse da Sociologia por manifestações da indústria cultural. O *Pasquim* contribui com o debate em torno da indústria cultural e da cultura de massa na época.

Esse semanário começou a circular em 1969, período em que estes conceitos também passam a ser problematizados. Dados levantados nesta pesquisa apontam que assuntos como mídia, imprensa, cultura popular, indústria cultural, televisão, contra-cultura foram temas comuns. A década de 70, enquanto escolha para esta tese, se justifica por ser um recorte temporal, histórico, social que permite refletir sobre transformações culturais, singularmente reveladoras.

Considerando o tempo histórico como um elemento definidor que está diretamente ligado à questão da cultura em geral e à da literatura em

---

<sup>1</sup> ORTIZ, 1988, p. 14-15.

particular. Gramsci<sup>2</sup> diz que, por *premissa*, a nova literatura não pode deixar de ser histórica, política, popular:

*... deve tender a elaborar o que já existe, polemicamente ou de outra forma, não importa; o que importa é que mergulhe suas raízes no húmus da cultura popular tal como é, com os seus gostos, as suas tendências, etc., com o seu mundo moral e intelectual, ainda que seja atrasado e convencional<sup>3</sup>.*

Esta *nova literatura* tem sua fonte na literatura popular e possui um certo prestígio junto às massas populares, como a literatura de cordel, atravessada por diversos gêneros – aventura, policial etc. Esta *nova literatura* pertenceria a um campo que levaria a uma renovação intelectual e moral: porque, só a partir dos leitores da literatura de cordel se pode, segundo Gramsci, seleccionar o público suficientemente necessário para criar a base cultural da nova literatura. Portanto, esta *nova literatura*, se estende para outras formas de representação do literário, às quais incluo os periódicos, e com eles a entrevista enquanto gênero.

Gramsci aponta para o abuso das cobranças que se faz à literatura, quando se exige desta que suas produções se enclausurem em promessas de dar conta dos temas abstratos, deixando de lado o caráter preponderantemente cultural. Este caráter do *preponderantemente cultural* pode ser lido na crítica que o autor faz à crítica dizendo que esta deve ser

---

<sup>2</sup> GRAMSCI, 1978,p.346.

<sup>3</sup> GRAMSCI, 1978, p. 364.

uma crítica de *tendências* e não um massacre, uma atividade que se resolve pela classificação do *é isso, não é aquilo*.

Marilena Chauí argumenta no sentido de perceber o cultural como um produto das relações do social,

*... os objetos culturais não são dados, são postos por práticas culturais, sociais, históricas, determinadas, por formas da sociabilidade, da relação intersubjetiva, grupal, com tempo e espaço, com o possível e o impossível, com o necessário e o contingente*<sup>4</sup>.

O campo formado por objetos culturais, resultantes das relações sociais, pode ser definido como o campo de crítica cultural que, assim entendida, é polissêmica; seu sentido está no campo em que se constitui e no qual se insere.

O *Pasquim*, e com ele outros periódicos que surgem a partir de 1964, colocam em foco um outro problema, relacionado com a produção e a reprodução do debate cultural e com a independência deste debate. Raúl Antelo, sobre a questão da produção e da reprodução da cultura no Brasil, diz em uma entrevista a Rita Grandis o que, para ele, constitui o traço das diferenças do campo cultural brasileiro: *no sé si es um fenómeno brasileño, o más amplio. Creo que lo específicamente brasileño es que la cultura pasa por las instituciones oficiales*<sup>5</sup>. Para Antelo, as instituições oficiais no Brasil têm desempenhado o papel de *contador* das histórias da cultura. Se

---

<sup>4</sup> CHAUI, 1996.

<sup>5</sup> ANTELO e De GRANDIS, 1992.

num primeiro momento são as universidades, bibliotecas, institutos, nos anos 70 são outras as instituições que contam esta história.

*...la gran diferencia entre Brasil y otros países hispanoamericanos – pienso sobre todo en los países del Plata que conozco mejor – es que la vida cultural en Brasil casi pasa exclusivamente por la Universidad. Brasil prácticamente no tiene suplementos literarios, no tiene revistas culturales, y cuando las tiene, son alimentadas por la Universidad.*<sup>6</sup>

Recuperar as vozes dos periódicos que fazem parte da imprensa nacional em suas múltiplas apresentações - alternativa, nanica, marrom, partidária ou não, catalogadas ou não como *literárias* é, como diz Antelo, trocar os contadores de histórias, mas é também pôr na roda outras leituras culturais, outros contextos institucionais, como por exemplo a imprensa alternativa do período.

Com o propósito de organizar algumas questões já referidas, relembro os recortes feitos. Primeiramente a escolha da década – a década de 70; do campo – o cultural (o literário, o social, o histórico etc.); do objeto – o *Pasquim*; do texto – as entrevistas. Assim, de posse destes recortes e elaboradas as reflexões e interpretações pertinentes relativas às entrevistas, proponho discuti-las como um gênero da década, por considerar que, no *Pasquim*, as entrevistas, além de redimensionar a relação de pergunta/resposta pela participação de um número maior de entrevistadores, funcionou quase como uma coletiva. As entrevistas trouxeram para o *Pasquim* um leque variado de formas discursivas que ali funcionaram como gênero.

---

<sup>6</sup> ANTELO e De GRANDIS, 1992.



Reivindicar o status de gênero para as entrevistas é principalmente colocar-se em oposição a uma concepção de gênero que engessa o debate às normas clássicas do literário. A idéia de gênero, assim defendida, nos remete a um inventário de formas mais ou menos convencionalizadas. Partindo desta premissa, o universo das declarações públicas, incluindo cartas, diálogos, reportagens, entrevistas, falas, constituem textos que podem ser chamado de gênero. A entrevista, não diferentemente de outras formas deve ser tratada como tal e não diluída em um gênero periodístico juntamente com a reportagem. A entrevista tem chamado atenção de pesquisadores, como Leonor Arfuch, Montse Quesada, Eric Fanttini que a reconhecem como um gênero periodístico independente e de vida própria.

Como recorda Arfuch<sup>7</sup>, num sentido lato, *toda enunciação é dialógica*; neste sentido, o gênero entrevista usa o recurso da construção discursiva. O texto é sempre construção. No caso das entrevistas, elas contam com os recursos dialógicos para sua construção. Nelas, a conversação cara a cara tem um lugar, um tempo e um espaço determinado. As entrevistas, a exemplo da crônica, vem se consolidando como um gênero que mescla a opinião e informação.

Uma questão a ser colocada é se, diante das entrevistas, do contexto da produção dos anos 70, a assiduidade e a longa permanência desse gênero no jornal não tenham se constituído no mais extenso e significativo texto sobre os anos 70. A entrevista não deixaria de ser apenas uma matéria jornalística para tornar-se texto de memória desta década? A variedade de

pessoas entrevistadas, das mais diferentes áreas de atuação, não facilitaria, hoje, uma leitura que se pode construir pela pluralidade daqueles olhares? Assim, ao propor analisar as entrevistas, estou propondo escrever uma crítica cultural que inclui as entrevistas como textos portadores de muitas histórias.

Escrever uma crítica cultural é uma exigência da construção da memória de um tempo. A crítica cultural é memória, é experiência. E acontece por conta do *esfacelamento* do social, da memória. Portanto, ao se colocar diante das novas formas de vivência do mundo moderno, a crítica cultural está em sintonia com estas demandas, fortemente influenciada pelo aparecimento no cotidiano das reflexões teóricas sobre novos objetos de estudo. Assim, podemos pensar a crítica cultural, como sugere William Rowe<sup>8</sup>, como uma densa mescla de reflexão sobre a cultura e suas relações com sistemas de poder.

A proposta da crítica cultural de Rowe está atada a um modelo pré-estabelecido de como deve ser feita: a prática da crítica cultural seria o fluir do texto dentro do campo onde ele inicialmente foi gerado, permitindo assim uma construção rica em contribuições multidisciplinares. Desta forma, a crítica cultural, não seria uma proposta que se opusesse a outra prática, existente anteriormente, nem mesmo uma prática pertinente a novos objetos de estudos, mas uma nova forma de refletir sobre a cultura que leva em consideração as trocas disciplinares.

---

7 ARFUCH, 1992.p.4.

*Si ahora se ha hecho necesario repensar el pasado, el presente y el futuro de las sociedades latinoamericanas desde el campo cultural, éste no se ofrece como una nueva totalización. Al contrario, resiste a las totalizaciones. Quiero decir con esto, que la investigación del campo cultural sondea los lugares que el estado, padre y madre de las totalizaciones, no ha logrado convertir en continuidades y homogeneidades, fueran estas necesarias u excesivamente represivas”<sup>9</sup>.*

Todas essas questões apareceram na leitura das entrevistas e, na medida do possível, foram incorporadas.

## A indústria cultural no Brasil

O mercado de bens simbólicos no Brasil, intensificado nos anos 60, consolida-se na década de 70, compreendido como um sistema complexo de produção de cultura. Estas mudanças impulsionadas por este mercado fazem parte de um contexto maior que é a substituição de um capitalismo nacional por um modelo denominado de *desenvolvimento dependente* ou *associado*<sup>10</sup>. A partir daí, o Brasil passou a fazer parte, cada vez mais, de políticas globalizadas que, por sua vez, favoreceram o desenvolvimento de uma reestruturação do Estado, levando às atuais políticas de desestatização, privatização, abertura de mercado, guiadas por metas como produtividade, racionalidade, modernização, palavras de ordem desta nova configuração do Estado ditada por interesses globalizadores.

---

<sup>8</sup> ROWE, 1995. p. 14-15.

<sup>9</sup> SARLO, 1988. p.42.

<sup>10</sup> FERNANDES, 1973 e 1968; FRANK, 1967.

O que hoje parece ser evidente nas mudanças ocorridas no pós-64 é que o governo militar combinou dois programas a princípio antagônicos: a organização do Estado autoritário e o desenvolvimento econômico, cuja combinação favoreceu a implantação da indústria cultural, pois, na medida em que a economia se fortalecia, o mesmo ocorria com a indústria cultural, mesmo que sob o controle do Estado autoritário. Para Renato Ortiz, o golpe militar funcionou como ponto de inflexão na evolução da indústria cultural no Brasil.

Privilegiando as relações entre a cultura e o modelo econômico e dentro da matriz maior que é o *desenvolvimento associado* da década de 70, sigo a reflexão feita por Luiz Costa Lima<sup>11</sup> ao discutir o comprometimento do intelectual com o social e com a produção teórica: *É evidente que as relações econômicas interferem nas direções que a produção cultural assume. Uma coisa é influir outra é determinar.* A questão é esclarecedora quanto ao debate das relações de dependência, muitas vezes colocada de forma tão hegemônica.

Questões como a da dependência cultural e a da defesa do nacional face ao que é estranho têm provocado um debate amplo, e dele já se ocuparam críticos como Roberto Schwarz<sup>12</sup>, para quem a *metrópole* capitalista pode também ser entendida como a metrópole cultural. Schwarz lembra que Oswald de Andrade, em sua fórmula irônica, já denunciava o

---

<sup>11</sup> LIMA, 1991, p. 267.

<sup>12</sup> SCHWARZ, 1987.

impasse da cultura nacional, expressando-se pela língua do dominador *Tupi, or not Tupi, that is the question*<sup>13</sup>.

Ao longo do trabalho, recupero parte destas questões, na medida em que elas ajudam a compreender o Estado que se configura a partir dos anos 60, e assim, compreender a cultura, a política e as relações sociais advindas destas mudanças.

A cultura, não diferentemente de outros processos de mudanças sócio-políticas naquele período, foi o *locus* da resistência. O debate sobre a cultura envolveu uma complexa rede de posições quanto a um tema específico que foi o da indústria cultural.

No conceito de indústria cultural de Theodor Adorno e Max Horkheimer, fica clara a noção de que, diante da indústria da cultura e de seu poder, não há instrumento capaz de se contrapor à sua ação. Na perspectiva dos autores, a indústria cultural, ao subjugar as massas pelo meios de comunicação, aliena-as do processo cultural, tornando-as incapazes de apreender a realidade. Para Adorno a *barbárie estética* promovida pelos meios de comunicação está no processo de mercantilização da arte na sua corrupção definitiva no mundo das mercadorias.

Esta concepção de submissão ao mercado da indústria cultural, discutida pelos autores frankfurtianos, nos anos 40 encontra leitores no Brasil no final da década de 60. A crítica à submissão da indústria cultural aos meios e comunicação e aos interesses burgueses encontra eco no Brasil, mesmo que em um momento de pouca teorização acerca do crescimento da

---

<sup>13</sup> SCHWARZ, 1987, p.39.

indústria cultural. Embora recém desembarcado entre nossos críticos<sup>14</sup> e mesmo sem um contorno definido, o conceito de indústria cultural facilitou a análise do fenômeno cultural em momento de grandes mudanças políticas e econômicas.

Para alguns críticos não há como distinguir indústria cultural de cultura brasileira. Por exemplo, Adauto Novaes<sup>15</sup> diz que a tarefa dos intelectuais, descobridores de uma identidade nacional, passa necessariamente pela defesa da cultura nacional popular, que serve, no plano ideológico, para assegurar a hegemonia de classe. E que as contradições entre patrulheiros e patrulhados, em última instância, eram variáveis do mesmo pensamento – *cultura nacional*.

Nesta esteira, Carlos Eduardo Lins da Silva<sup>16</sup> percebe que ao se tratar dos fenômenos culturais, quase sempre se o faz reduzindo-os ao que se chama de *cultura nacional*; o que se pode entender como um escamoteamento da realidade, um mascaramento das diferenças – um exercício, portanto, de hegemonia da cultura dominante. Sugere Lins da Silva que, ao invés de se ficar explorando temas como cultura nacional e indústria cultural, dever-se-ia se olhar para uma outra vertente, mais

---

<sup>14</sup> O termo indústria cultural foi utilizado, pela primeira vez, por Adorno e Horkheimer no livro *Dialética do esclarecimento*, editado em 1947. O conceito volta a ser apresentado em uma coletânea que reunia as conferências radiofônicas pronunciadas por Adorno em 1962 e em 1968, publicadas em Frankfurt com o título de *Indústria cultural*. No Brasil o texto *Indústria cultural: iluminismo como mistificação de massas*, foi publicado em 1978 na coletânea *Teoria da cultura de massa*, organizada por Luiz Costa Lima.

<sup>15</sup> NOVAES, 1979.

<sup>16</sup> LINS da SILVA, 1980, p. 167-194.

importante, que é a relação entre cultura hegemônica e cultura alternativa ou contra – hegemônica. Raymond Williams vai mais adiante e denuncia como uma simplificação, um engano, a redução das contribuições políticas e culturais aos termos da hegemonia, principalmente quando se compreende o *hegemônico* e o *dominante* como totalidades. Para o crítico um dos problemas da teoria é distinguir, dentro do campo hegemônico, o que de fato se constitui como uma manifestação alternativa.

*Pode-se argumentar de maneira persuasiva que todas, ou quase todas, as iniciativas e contribuições, mesmo quando adquirem formas manifestamente alternativas ou oposicionais, estão na prática ligadas ao hegemônico, isto é, que a cultura dominante produz e limita, ao mesmo tempo, suas próprias formas de contracultura.*<sup>17</sup>

Partindo da perspectiva apontada por Williams, reflito: será que o *Pasquim*, mesmo representando uma proposta diferente de produção, se comparado a outros semanários do mesmo período, pode ser pensado como inserido no projeto hegemônico maior? Ou seria o jornal um foco de rupturas que surgiu afetado pelas pressões hegemônicas existentes, daí estar ligado à perspectiva de *independente, original*?

O *Pasquim* foi sustentado pela publicidade e pela assinatura inserindo-se portanto nas regras do mercado. Como participava ele do circuito alternativo? Na década de 70, seria possível acumular estes dois tipos de inserção - como alternativo e como indústria cultural? Esse aparente paradoxo poderia ser lido como prática de sobrevivência entre as fronteiras

---

<sup>17</sup> WILLIAMS, 1979. p. 116.

do hegemônico e do alternativo, já tão diluídas como nos fala Williams? E mais, como aparecem, nas entrevistas do *Pasquim*, em meio a essas práticas conflituosas, questões sobre a resistência ao regime, a indústria cultural e a cultura nacional? Quem foram os atores sociais escolhidos pelo *Pasquim* para registrar seu depoimento sobre temas tão debatidos pela sociedade? E, principalmente, que gestos imprimiu o *Pasquim* em suas entrevistas?

O capítulo I deste trabalho trata da entrevista como um texto de múltiplas possibilidades, como um evento interacional. Discute a idéia de que a entrevista funciona como um discurso de interação assimétrica, de natureza contratual. Este debate vai além do capítulo I, colocando sempre sob foco a entrevista como um texto mesclado por diferentes gestos de leitura que, na atualidade, ganha lugar entre os gêneros midiáticos.

No capítulo II, descrevo parte da trajetória da pesquisa na organização do material, assim como o trabalho realizado na indexação de dez anos de entrevistas. Aponto para a riqueza do material gerado e que não foi usado. Este capítulo contextualiza o jornal revisitando a década de 70, histórias inseparáveis.

No capítulo III, retorno a algumas questões sobre as entrevistas e me dedico a olhar o conjunto delas, buscando destacar diferentes gestos de entrevista impressos pelo *Pasquim*. Em particular olho para as entrevistas com músicos e ressalto histórias e polêmicas da década de 70.

Por fim, em Anexo 1, apresento parte da pesquisa gerada pela indexação, bem como a indexação propriamente dita.



Neste trabalho não me proponho a levantar bandeiras, quer a favor ou contra o *Pasquim*. Mesmo que em algum momento tenha que deixar em evidência minhas opiniões, isto não significar um julgamento, quer quanto à sua postura editorial, quer quanto a seu eixo político e ideológico. Considero que muito ainda há por se dizer sobre o *Pasquim* e sobre seu papel no conjunto da imprensa alternativa como resistência. O objetivo é olhar, no *Pasquim*, as formas de entrevistas adotadas para abordar as diferentes expressões culturais.

## CAPÍTULO I

### Entrevista: um texto de muitas faces

A entrevista, evidentemente, se funda na mais duvidosa e mais rica das fontes, a palavra. Ela corre o risco permanentemente da dissimulação ou da fabulação.

Edgar Morin

A entrevista transforma o cidadão comum em líder, dono da palavra, uma pessoa incomum.

Fábio Altman

A entrevista é o umbral entre o público e o privado, entre o intercâmbio pessoal e a audiência massiva e um dos lugares possíveis de sua manifestação.

Leonor Arfuch

A discussão do gênero feita por Bakhtin<sup>18</sup>, para quem os gêneros do discurso são tão diversificados quanto as formas de apresentação virtuais, promovida pela atividade humana, as entrevistas, foco deste trabalho, serão vistas na perspectiva dos gêneros, já que, sua heterogeneidade é percebida na sua apresentação, próxima tanto da forma oral como da escrita jornalística.

Ao analisar as diferentes formas de comunicação humana, Bakhtin identifica essa heterogeneidade quando considera gêneros de discurso a curta réplica do diálogo cotidiano, o relato familiar, a carta, a ordem militar, o repertório dos documentos oficiais do universo das declarações públicas, os relatórios científicos e todos os modos do literário. A existência deste leque de discursos leva o autor a refletir sobre a possibilidade de se colocar, no mesmo terreno de estudos, fenômenos tão díspares, entre os quais incluo a entrevista. Com este capítulo, não pretendo exaurir a questão dos usos da entrevista, muito menos fazer uma genealogia. Pretendo, no entanto, traçar algumas linhas que permitam visualizar os diferentes *campos* em que se usa a entrevista, não para estabelecer valor ou origem, mas, para revelar conteúdos e estruturas textuais.

---

<sup>18</sup> BAKHTIN, 1997, p.279-280.

## 1.1 – Entrevista como instrumento de trabalho

A entrevista não está ligada apenas à idéia de instrumento metodológico, de resgate da oralidade - texto da tradição na história, - mas também a outras formas de discurso. Pierre Bourdieu comenta que muitas dezenas de anos de prática da pesquisa sob todas as suas formas, da etnologia à sociologia, do questionário dito fechado à entrevista mais aberta, convenceram-no de que esta prática não encontra sua expressão adequada nem nas prescrições de uma metodologia freqüentemente mais cientista que científica, nem nas precauções anti-científicas da mística da fusão afetiva<sup>19</sup>. Estou convencida das muitas possibilidades oferecidas pela entrevista e de seu não esgotamento metodológico. Cada entrevistas institui, por exemplo, uma determinada hierarquia *de bens linguísticos e simbólicos* que se institui no momento da entrevista e que varia em sua estrutura, segundo a relação objetiva entrevistador/entrevistado.

Elementos básicos da entrevista estavam presentes nos diálogos de Platão, que concebia ser o diálogo a melhor forma de conhecer o mundo e, desta maneira, confessava sua desconfiança nos discursos escritos. Platão concentrou toda a sua atividade filosófica no ato da conversação com seus amigos e discípulos. Assim, os *Diálogos de Platão*, ainda que se trate dos discursos de Sócrates, que como se sabe nada escreveu, constituem um bom paradigma para as entrevistas.

---

<sup>19</sup> BOURDIEU; ACCARDO; BAZALS et al., 1997. p.693-713.

Nos diálogos, tanto os deixados por Platão, como os deixados por outros filósofos, não existe o objetivo explícito de doutrinar, de pregar um ensinamento. Os *Diálogos* são, sim, uma lição de método – a *maiêutica*, ou *arte da parteira*, na comparação de Sócrates para seus diálogos com Teeteto, se baseava no ato de dar à luz os conhecimentos que se formam na mente de seus alunos.

O diálogo aproxima-se da entrevista. Primeiro como textos marcados pela oralidade; segundo, porque seu leitor - o leitor moderno, compreendido como o terceiro interlocutor - é invisível, mas presente e de igual importância. Diz Koyré, citado por Assman: *O leitor ouvinte de Platão, ou seja, público para o qual sua obra foi escrita, era um personagem singularmente preparado [...] era um público inteligente de um modo particular e perspicaz*<sup>20</sup>.

A escolha destas formas de apresentação de texto - diálogo e/ou entrevista - parece ter como objetivo o público leitor, despertando no leitor moderno grande interesse. O diálogo, acreditava Platão, era apropriado para conhecer o mundo; sua apresentação como método de conhecimento propiciava uma operação de purificação e decantação de conceitos a partir do embate de opiniões contrárias.

Para Chauí<sup>21</sup>, os diálogos platônicos não são apenas obras filosóficas, são verdadeiras preciosidades literárias, e este caráter precioso está na forma *diálogo*. Platão usou o diálogo para registrar o que pensavam, o que

---

<sup>20</sup> Idem, p.3-9 e 65-84.

discutiam e o que queriam os atenienses. Fato é que tanto a forma diálogo quanto a entrevista ocorrem apoiadas na relação dialógica, princípio fundamental da comunicação humana.

A entrevista como técnica é largamente usada no campo das ciências humanas<sup>22</sup>. Seu uso tradicional não tem sido empecilho para a reflexão sobre os diferentes usos – por exemplo, e mas precisamente, seu uso pelos meios de comunicação como um artefato próprio ao debate das idéias ou mesmo como recurso da memória. Assim é que ao se analisar a entrevista na perspectiva do gênero, esta rompe com os limites da técnica para dar lugar a um texto que parte do diálogo como ponto central de comunicação humana.

Edgar Morin<sup>23</sup> diz que a entrevista *se funda na mais duvidosa e mais rica das fontes, a palavra*; no jornalismo a grande maioria das matérias toma por base os depoimentos de entrevistados, tornando a voz do entrevistado vital para o jornalista. A entrevista mostra-se como um texto capaz de organizar fontes integradoras do discurso analítico.

No campo da História, por exemplo, José Sebe Bom Meihy<sup>24</sup>, pede a inclusão da disciplina História Oral (HO)<sup>25</sup> não como técnica, mas como

---

<sup>21</sup> CHAUI, 1994. p. 176.

<sup>22</sup> Sobre entrevista como técnica e as metodologias que envolvem seu uso, consultar: THIOLENT, 1980; MANN, 1975; HAGUETE, 1997; GOULDNER, 1970; TOURAINE, 1982, p.36-45; HAGUETTE, 1990, p. 145-175; BRANDÃO, 1983; BOURDIEU et al. 1969; BOURDIEU, 1975.

<sup>23</sup> MORIN, 1995, p.11.

<sup>24</sup> MEIHY, 1999.

história contada, como conjunto de relatos capazes de organizar discursos. Ele defende esta inclusão como uma necessidade para que se valorize outras formas de discurso menos pesquisadas. A entrevista, por este ângulo, deixa de ser mais um instrumento metodológico e assume um papel de documento, capaz de expressar interpretações que aparecem como uma alternativa à história oficial. Mas, alerta: trabalhar com estes textos não significa abrir mão dos comprometimentos éticos que demandam de qualquer outra fonte textual. Cabe ainda ressaltar que o resgate da história oral não é recente. O que é recente é seu emprego, já que a fita magnética possibilitou a captação e o registro de relatos literais, guardando assim sotaques, entonações, inflexões que passaram a ser valorizadas na cena da entrevista.

O Núcleo de Estudos em História Oral/Universidade de São Paulo, do qual o professor Sebe Bom Meihy participa, considera que há um reconhecimento da comunidade acadêmica quanto à pesquisa das fontes orais e que este reconhecimento tem sido responsável pelo aprofundamento teórico e metodológico da história oral, cuja pedra de toque é a entrevista. A história oral não se preocupa em capturar apenas dados relevantes, mas também valoriza a experiência humana – a interação entrevistado/entrevistador – no contexto de um passado lembrado, de um presente dinâmico e de um futuro aberto.

Porém, o que constitui para a história oral seu elemento mais positivo é também seu calcanhar de Aquiles: a crítica mais severa a esta abordagem

---

25 Por História oral (HO) se define tudo que é oral, gravado, preservado e que serve como fonte primária para uso futuro. Esta definição não limita conteúdo nem usuário. A coleta e o acervo da

da história oral põe sob suspeita os interesses e a legitimidade de quem é chamado a dar seus depoimentos e a interpretar fatos sociais nas entrevistas. Mesmo pertinente, esta crítica não é, na realidade, um problema específico da história oral. A memória e o depoimento são inevitavelmente permeados por ideologia; o que é também um fator necessário à compreensão de uma época, exigindo atenção do pesquisador, tanto, quanto a palavra do cientista mais legitimado.

No caso específico da história oral, a entrevista é um elemento importante, na medida em que se adequa à ideia de *transcrição*, método que marca o trabalho dos oralistas e consiste em transformar o texto resultante da entrevista em um texto corrido, com o objetivo de facilitar a leitura. A ideia é suprimir as perguntas do texto e, com este ato, estabelecer a criação textual; o trabalho é reordenar, cortar, modificar, remontar uma malha de perguntas e respostas em um texto corrido. O trabalho de transcrição de entrevistas não constitui uma perda para o texto. Meihy é de opinião que este método enriquece o trabalho do pesquisador, pois permite teatralizar o que foi dito, recriar a atmosfera da entrevista e levar o leitor ao mundo das sensações provocadas pelo contato entre entrevistadores e entrevistados. O resultado da transcrição é, como diz Meihy, um texto vivo, pulsante, que se organiza em uma grande ficcionalidade, exigindo uma outra postura de olhar que vai além do texto técnico, das regras científicas, da vigilância epistemológica, da permanência e da sincronia, que busca o momento e a diacronia.



Traçando, portanto, um paralelo entre o uso das entrevistas pelos oralistas e o uso que dela fizeram os jornalistas do *Pasquim*, percebe-se que o *Pasquim* optou por um texto vivo quando não copidescou suas entrevistas, registrando no texto escrito os detalhes do ambiente, da conversa paralela que ocorriam no momento da entrevista.

## 1.2 – A entrevista na imprensa

Quanto aos antecedentes da entrevista, ela se reporta à literatura inglesa, com James Boswell, que no final do século XVIII escreveu sobre a vida de um médico inglês chamado Samuel Johnson. Nesta biografia, ele inclui algumas conversas que foram concebidas como protótipo da entrevista, ainda que não tenham sido editadas em nenhum periódico, pois o que caracterizou, a princípio, a entrevista, foi sua relação com os periódicos. A palavra entrevista – em inglês, *interview*, em espanhol, *entrevista*, em francês, *entrevue* – é, relativamente, uma palavra recente. A acepção atual de entrevista, como gênero periodístico dialogado, data dos anos 20/30, quando passou a ser mais comumente usado pela imprensa.

Etimologicamente, entrevista se deriva da palavra francesa *entrevoir*, que significa ver-se um ao outro. A entrevista como forma de diálogo que compete ao periodismo, não é mais do que uma conversa que se transforma em notícia. A entrevista é um momento conversacional. A entrevista é uma

relação entre duas pessoas que entregam indistintamente suas vidas, suas histórias de vida, sua própria personalidade. Esta afinidade, esta influência recíproca é o que determina o resultado da entrevista.

Para Erbolato<sup>26</sup>, o uso da entrevista no jornalismo remontaria o ano de 1836 quando o jornal New York Sun, dirigido por Benjamin H. Day, estimulou o interesse pelas histórias humanas, pelo cotidiano dos indivíduos nova-iorquinos, dando assim, ao privado, um lugar junto às questões políticas e administrativas da cidade. A entrevista naquele momento ocupou as páginas dos jornais a partir de um crime ocorrido em um prostíbulo de Nova York. As entrevistas com a proprietária mudaram os rumos da investigação, mostrando novas evidências sobre o criminoso. Este fato, juntamente com o interesse demonstrado pelo público leitor, fez com que os jornais incorporassem as entrevistas não só como técnica, mais também, como matéria.

A entrevista como gênero jornalístico não foi bem aceita; alguns jornalistas ingleses afirmaram que a entrevista era degradante para o jornalista que a fazia, odiosa do ponto de vista do entrevistado e cansativa para o público. No entanto, a desconfiança quanto às entrevistas não impossibilitou seu uso como geradora de matérias no jornalismo, o que vem demandando novas reflexões e classificações<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> ERBOLATO, 1978, p. 137 – 152.

<sup>27</sup> A classificação da entrevista, segundo a perspectiva do jornalismo, é abordada por MEDINA, 1995; MELO, 1985; TOMPSON, 2001, entre outros. As classificações feitas por estes autores possuem muitos pontos de contato com as classificações utilizadas no texto que foram baseadas na pesquisa de Mário Erbolato. Mesmo considerando-as genéricas, minha escolha recaiu sobre

A entrevista como instrumento de captação jornalística vem sofrendo críticas no meio acadêmico. Essas críticas se voltam para os métodos e para a indicação de seu uso na compreensão do real, porque pressupõe que essa compreensão, no seu aspecto humanizante, se dá pelo diálogo interativo entre entrevistador e entrevistado. Sobre essa questão Dulcília S. Buitoni<sup>28</sup> diz:

*... se não é aplicável o esquema de perguntas e respostas programadas, o repórter acha que não está diante de um fato jornalístico, pois não acredita que haja perguntas e respostas que ele não conheça. Só trabalha com narrativas fechadas e com probabilidades previamente conhecidas. Ora, essa improbabilidade de enxergar além do padrão aumenta muito a pobreza de conhecimento pertencente à notícia.*

Apesar das deficiências que se pode encontrar no uso das entrevistas no jornalismo, uma questão que ainda permanece aberta é o caráter democrático das entrevistas, o que Cremilda Medina<sup>29</sup> chama de *plurólogo*. Isso porque, para a autora, as entrevistas pertencem a dois grupos: um, que ela concebe como sendo o da *espetacularização*, se refere às entrevistas que aparecem sempre como caricatura das possibilidades humanas; um outro grupo, que ela chama de *compreensão*, reúne entrevistas que buscam o aprofundamento. Ao primeiro grupo a autora atribui a existência de quatro subgêneros, no *perfil do pitoresco*, a caricatura humana tem salientado traços sensacionalistas; o *perfil inusitado* traz à tona aspectos supostamente

---

seus conceitos por considerá-los mais adequados para situar o comportamento jornalístico adotado pelo grupo do Pasquim.

<sup>28</sup> Texto documentário: *Espaço e sentido*, tese de livre docência, ECA, USP, 1986, p.28.

<sup>29</sup> MEDINA, 1995, p. 18.

exóticos do entrevistado; o *perfil da condenação* mostra o entrevistado de maneira simplista na posição de réu ou de vilão; o *perfil da ironia* trabalha com um julgamento apriorístico condenatório do entrevistado, só que num nível superior de sutileza. O segundo grupo, voltado à busca de compreensão do ser humano, apresenta cinco subgêneros: a *entrevista conceitual*, que explora temas diversos, valorizando áreas de conhecimento diferentes; a *entrevista enquete*, na qual um único tema é privilegiado através de uma pauta selecionada de maneira aleatória; *entrevista investigativa*, sustentada por uma sofisticada coleta de informações; a de *confrontação/polemização*, que se materializa na forma de debate; o *perfil humanizado*, caracterizado pela proposta de conhecer o entrevistado em todos os aspectos de sua história de vida.

No jornalismo, as entrevistas são classificadas de diversas formas e sob ângulos diferentes, Erbolato, por exemplo, fala de *entrevistas de rotina*, que fornecem ao repórter elementos sobre os fatos do dia a dia, baseando-se no testemunho desses fatos; já as *entrevistas caracterizadas* são apresentadas na forma de diálogo, ou de reprodução textual, ou de idéias de um ou de vários personagens nomeados no texto.

As entrevistas que privilegiam o ponto de vista do entrevistado são chamadas por Erbolato de *entrevista individual* (um entrevistado para um entrevistador) e *entrevista de grupo* (quando várias pessoas falam a um entrevistador). As entrevistas classificadas como *enquete*, situação em que diversos jornalistas entrevistam várias pessoas sobre um mesmo assunto,

aproximam-se da situação descrita como *entrevista de pesquisa*<sup>30</sup>. A entrevista, como técnica jornalística, destina-se a recolher informação para subsidiar a redação das matérias de carácter interpretativo. Outras classificações de entrevista remetem a situações mais específicas, como as que levam em consideração o ponto de vista do entrevistador; são as situações de entrevistas *pessoais* e/ou *exclusivas*. Estas entrevistas, que podem ou não ser pagas, muitas vezes assumem um carácter de artigo ou colaboração, mas geralmente correspondem a temas de grande repercussão. As entrevistas *coletivas* acontecem quando há uma ou várias personalidades falando para diversos repórteres.

Quanto ao leitor ou público alvo, as entrevistas estabelecem uma relação de conteúdo: *informativas* ou *opinativas*. No primeiro caso, reúnem dados através do relato de terceiros e os apresentam ao leitor, dando suporte a uma nova idéia. No segundo caso, as entrevistas registram opiniões, e o critério de autoridade recai sobre a pessoa que fala, o que funciona como um elemento importante para a credibilidade do texto. Erbolato cita também as entrevistas de *personalidade*, em que o foco também recai sobre a pessoa do

---

<sup>30</sup> A enquete: questionário, como técnica de pesquisa social, remonta à primeira metade do século XIX, na Europa marcada pela crescente industrialização capitalista, responsável pela também crescente miséria nas cidades. Foi neste quadro de conflito social que o Estado começou a utilizar as enquetes com o objetivo de traçar políticas de enfrentamento à emergente “questão operária”. Mas foi com Karl Marx que, em 1888, este instrumento de pesquisa ganhou importância, ao dar subsídio a livros e artigos sobre a questão operária do ponto de vista dos socialistas. A enquete feita por Karl Marx foi aplicada na coleta de dados, individuais ou coletivos. O questionário de 1888 não pretendia a neutralidade; suas respostas eram estimuladas por perguntas elaboradas de modo reflexivo e adotavam o ponto de vista da classe operária. A enquete pensada por Karl Marx foi teoricamente elaborada para dar conta das ilusões criadas pelo mundo do trabalho capitalista centrado nas relações de produção. Ver THIOLLENT, 1981.

entrevistado e suas relações com seu mundo privado. Estas entrevistas atuam, com maior ou menor intensidade, sobre a vida do entrevistado, segundo a visibilidade social que o entrevistado possua, ou seja, será maior o foco no privado quanto maior for a inserção do entrevistado no grupo social ao qual pertence.

Estas e outras estratégias são vistas nas entrevistas e desenvolvidas através de perguntas e respostas reafirmando assim um duplo sentido: ser ao mesmo tempo técnica profissional, fonte de informação, e um gênero periodístico, o qual pode se desdobrar a partir das estruturas formais e também das técnicas de redação.

### 1.3 – A entrevista como gênero

As entrevistas, independentemente da análise que delas se faça, apresentam elementos que são percebidos como valores próprios, e estes se relacionam a aspectos das subjetividades que se agrupam no momento de sua realização.

A entrevista pode ser considerada, repito, como um gênero, considerando-se que os gêneros são definidos, segundo normas clássicas, como formas mais ou menos convencionalizadas, ou seja, possuem características próprias, específicas. Os gêneros são variados. Eles são formas de classificar, agrupar, que apresentam certas características específicas. Para Sarlo<sup>31</sup>, a questão dos gêneros na perspectiva sociológica apresenta dois aspectos: a) o conceito dá conta de um funcionamento da relação social em sua definição, ou seja, considera que a legalidade da convenção é válida tanto para o produtor como para o receptor; b) a existência dos gêneros tem relação de determinação com as estruturas sociais. Essa correspondência, no entender de Sarlo, é percebida no surgimento da épica, no momento em que havia o predomínio da aristocracia guerreira ou, no caso da novela moderna, seus vínculos com a sociedade burguesa.

A entrevista resulta de uma interação dessimétrica, heterogênea, escapando de uma estrutura fixa e desenvolvendo limites sutis de outras

---

<sup>31</sup> ALTAMIRANO e SARLO, p. 53-56, jun. 1980a. Esta linha de argumentação, também, é a de WILLIAMS, 1979 e ALTAMIRANO e SARLO, 1983.

formas textuais. Algumas entrevistas se apresentam ao leitor como um interrogatório formal, outras vezes como uma conversa entre amigos; estas formas acontecem dentro de campo de flexibilidade da linguagem, sendo possível perceber o uso de expressões coloquiais ou mesmo o uso de linguagem vulgar; tudo isso porque a entrevista opera com registros de proximidade, de competência, questões ligadas ao campo da recepção. Antoine Compagnon<sup>32</sup> entende o gênero como uma taxinomia, porém ressalva que esta não é sua pertinência, mas sim, a de funcionar como um esquema de recepção, uma *competência* do leitor. Para o autor, a afinidade entre gênero e a recepção leva a corrigir a visão convencional que se tem de gênero como *estrutura cuja realização é o texto enquanto língua subjacente ao texto considerado fala*. No entanto, como gênero, o texto/entrevista preserva seu caráter homogeneizador do discurso periodístico. Um exemplo desta homogeneização nos é dado pelo fato de cada vez mais as entrevistas constituírem programas de televisão e das revistas em geral a usarem como matéria principal em suas edições; isto porque, a vida de ser humano passou a ter, da mídia, um tratamento explícito, dirigido a um público massivo.

Outra questão importante a ser considerada no debate do gênero entrevista são as regras de seu funcionamento, um reforço para entendê-las como gênero.

---

<sup>32</sup> COMPAGNON, 1999, p. 157-158.



A entrevista é definida por Cremilda Medina<sup>33</sup> como uma conversação mundana, uma busca comum. No diálogo, o elemento cooperação é importante. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona um assunto. A *entrevista – diálogo*, segundo Edgar Morin, aparece no rádio e na televisão nos anos 60. Jorge Luiz Borges e Osvaldo Ferrari nos anos 80 utilizaram os microfones de uma rádio argentina para uma série de entrevistas. Nesta situação de entrevista a igualdade entre entrevistado e entrevistador aparece como ponto fundamental para a valorização da conversa<sup>34</sup>. Ambos expressam suas opiniões mantendo, em geral, um mesmo nível de sofisticação do discurso. Esta é uma situação diferente das entrevistas periodísticas propriamente ditas, onde o periódico e o entrevistador estão, claramente, a serviço do público, e ou do entrevistado. Nesta situação, o objetivo não é expor a opinião do entrevistador, nem do periódico. O foco recai, como já foi dito, sobre o entrevistado.

Mesmo, porém, que se diferenciem os objetivos com que uma entrevista é realizada, a situação e a estrutura dialógica permanecem, envolvendo os personagens na cena da entrevista, ou seja, entrevistador e entrevistado. Este último é sempre um personagem de reconhecida importância, pelo simples fato de que ele ocupa, com seu corpo e sua voz, um lugar autorizado, legitimado – o da entrevista. Além das vozes que se alternam, também se alternam os parâmetros de reconhecimento: o médico, o

---

<sup>33</sup> MEDINA, 1995, p. 15.

artista, o juiz, o literato, o morador da rua, o marginal etc. Se alguém chega à situação de entrevista, ela é, em si mesma, um ritual de consagração.

As entrevistas compartilham seu espaço de criação com outros gêneros que são percebidos na expansão dos textos, provocados pela subjetividade do entrevistado. Assim, as entrevistas se apresentam como biografia, relato de memória; outras caminham na fronteira do testemunho, do ficcional; outras, no caso do Pasquim, são criações ficcionais, personagens criados e guindados a um lugar de importância. Esta é uma característica fundamental da entrevista que, como texto da modernidade, se apóia na experiência para determinar valor. O acúmulo de experiência é entendido como uma positividade. É pela experiência que se institui a autoridade, a abertura de novos horizontes. É a experiência do entrevistado que referencia a idéia de ele/a ser alguém de reconhecida importância.

#### 1.4 – As entrevistas: textos híbridos.

A entrevista pode ter funções textuais diferenciadas – como relato, ela pode ser biográfica, memória, discurso político etc. Na entrevista, as fronteiras entre gêneros aparecem borradas, nem sempre definidas. Ela é, por excelência, um texto híbrido.

---

34 As entrevistas de BORGES foram objeto da tese de doutorado/Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária/UFSC, 2002. *Jorge Luis Borges e a reinvenção poética da entrevista* de Daisy Vogel, analisadas na perspectiva do ensaio.

Considerando as diferentes funções textuais que resultam de um processo de entrevista, Arfuch<sup>35</sup> sustenta a opinião de que as entrevistas podem, de maneira geral, ser agrupadas em quatro categorias, bem a gosto kantiano: *quantidade* – essa categoria se refere à contribuição das informações dispostas na entrevista; *qualidade* – a referência aqui tem haver com a variedade da informação; *relação* – que seja importante e a *modalidade* - refere-se à clareza do que está sendo dito. Estes pontos são também encontrados em outros autores sempre com a preocupação de estabelecer um campo de teorização sobre as entrevistas.

O que sobressai a todas essas categorizações é o caráter *quase* contratual das entrevistas, isto quer dizer, estas categorias permitem, no jogo das entrevistas, que entrevistados e entrevistadores ajustem seus distintos interesses.

Questões como as referidas acima reforçam ainda mais a afirmação de Bakhtin de que a entrevista implica em processo de interação social, de cruzamento de informações, de diálogo que vai além de perguntas e respostas. A entrevista, por seu princípio interativo, reafirma o que diz o autor sobre o caráter dialógico de toda enunciação.

A entrevista pressupõe um interlocutor (presente ou ausente) que satisfaça o principal atributo de todo enunciado, ou seja seu destinatário. A estrutura dialógica aproxima o espaço da entrevista ao das conversas cotidianas. Sobre isto diz Arfuch:

---

<sup>35</sup> ARFUCH, 1992, p. 13-53.

*uma actividad cuya naturalidad hace quizá imperceptible su importância -, donde el sujeto, a partir de relatos personales, construye un lugar de reflexión, de autoafirmación (de un ser, de un hacer, de un saber) de objetivación de la própria experiência*<sup>36</sup>

A entrevista se mostra também como espaço de heterogeneidade onde ocorrem diferentes discursos. Isto significa não só pensar a diversidade discursiva, o universo heterogêneo, mas também o que está em circulação – declarações políticas, o discurso científico e os mais variados gêneros que passam pela vitrine das entrevistas. Sugere também que as entrevistas são textos que, no espaço jornalístico, funcionariam ora como um fragmento da obra do autor, responsáveis por expressar parte do pensamento do entrevistado/autor<sup>37</sup>, ora como formadora de imagens, aproximando o indivíduo privado, oculto, do indivíduo público. As entrevistas se transportam, reconstroem sentidos, dando muitas vezes à obra pinceladas próprias de seu humor.

Para a sociolinguísta Lorenza Mondada<sup>38</sup>, as entrevistas, por serem textos portadores de muitos sentidos, de várias concepções de mundo, escapam do campo de confinamento dos instrumentos técnicos e metodológicos convencionais; elas constituem mesmo um princípio organizador dos objetos do discurso.

---

<sup>36</sup> ARFUCH, 1992, p.25.

<sup>37</sup> Refiro ao caso específico das entrevistas montadas pelo Pasquim a partir da obra do autor. É o caso das entrevistas de Carlos Drummond de Andrade, Aparício Torelly, Jorge Luiz Borges que foram montadas pelo Pasquim, tendo como fontes outros textos e entrevistas publicadas.

<sup>38</sup> MONDADA, mar. 1997, p. 59-86.

Considerando as entrevistas como discursos que correspondem a um contexto de interação social, duas alternativas de análise apresentam-se: a primeira focalizaria o ponto de vista da estrutura textual lingüística, discutindo a manifestação da atividade do falar a partir de regras que colocam em movimento diferentes campos de discurso; a segunda alternativa, como vê Wulf Oesterreicher<sup>39</sup>, está na análise destes textos que o autor localiza no campo da pragmática pois que considera essencialmente as relações entre os discursos e seus participantes, ou seja, as situações em que os discursos aparecem e as intenções com que foram produzidos e os efeitos que provocam. A análise das entrevistas do *Pasquim* por esta segunda via parece ser mais produtiva.

Entendo que as entrevistas são sempre maneiras de legitimação social. Os diálogos cotidianos, de maneira geral - entre os quais se incluem as entrevistas -, podem ser vistos pela perspectiva dos lugares privilegiados de formação das competências, de aproximação da rede das relações sociais, de distribuição de poder, de identidades. Essa opção de análise ganha ainda mais pertinência quando se considera que a grande maioria de pessoas entrevistadas pertencem ao mundo artístico, ou político, ou educacional; são pessoas envolvidas com a busca de significados, com a produção de sentido comum, mesmo que o eixo da entrevista gire em torno da vida pessoal, profissional ou de posições culturais; o fato é que esta formação de perfil tem como finalidade apresentar ao público um personagem político-

---

<sup>39</sup> OESTERREICHER, 1997. p.86-97.

ideológico que se delineia a partir do privado. Arfuch<sup>40</sup> diz que a entrevista deve ser compreendida como um umbral entre o público e o privado, entre o intercâmbio pessoal e a audiência massiva, que é um dos lugares de sua manifestação. Daí que quando trabalha-se com entrevistas é interessante ir além das ações reveladas, isto significando prestar atenção na própria ação do dizer pois é nesta que as entrevistas revelam os entrelaçamentos entre as atividades sociais e a maneira de dar conta delas.

## 1.5 – Costurando saberes

A entrevista, ao longo do tempo, vem sofrendo mudanças; se a princípio seu uso estava próximo do processo investigatório, inquiridor, este deu lugar a situações exploratórias. Hoje, as entrevistas são objetos de reflexões em campos diversos, sem contudo deixar de constituir-se em pilares de investigação de múltiplas disciplinas. As entrevistas, assim como as biografias e depoimentos ganham a cada dia mais espaço junto ao público leitor. As *entrevistas temáticas* têm sido um bom exemplo deste tipo de texto que no mercado editorial tem ocupado parte das publicações. Em *As muitas faces da história*<sup>41</sup>, Maria Lúcia G. Pallares-Burke reúne varias entrevistas de historiadores. O que norteou a escolha da autora, além da inserção do intelectual no campo da história, foi o critério da *legítima autoridade da profissão* dos que vêm trabalhando na perspectiva da Nova História. Os temas desenvolvidos nas entrevistas foram problematizados, considerando a

---

<sup>40</sup> ARFUCH, 1992. p.26.

obra, o pensamento desses historiadores em relação ao mundo da produção do conhecimento. Acerca da entrevista, observou Pallares-Burke: *Ao fazer estas entrevistas, meu objeto, foi, em parte, exatamente este: fazer com que cada um dos historiadores aqui reunidos revelasse coisas que a leitura de seus textos não revela, ou não revela claramente*<sup>42</sup>. O entrevistador deve poder forçar a intimidade, levando o sujeito a falar sobre o que nãoalaria por si mesmo. Concordo com Pallares-Burke quando ressalta que as entrevistas criam um público leitor específico, possivelmente pelo fato de que haja maior facilidade da leitura em relação ao texto acadêmico, além de promoverem um resgate da oralidade que está implícita na sua estrutura dialógica, quer do ponto de vista de seu funcionamento, como da perspectiva da situação comunicativa que se estabelece. Existem sempre um interlocutor (presente, ausente ou fantasiado) e um destinatário.

Na entrevista tecem-se argumentos para persuadir o outro; o autor responde a partir da hipótese que é capaz de compreender, porque neste *jogo* de entrevistador/entrevistado os papéis se alternam, se ampliam como já disse anteriormente, mas há, no entanto, uma regra que é respeitada: um fala, o outro escuta, porque na entrevista quem fala não fala só por si, mas também pelo outro, daí ser o personagem da entrevista alguém *importante*.

O apelo popular existente no texto resultante da entrevista é outro ponto a ser considerado, pois o texto se desloca de um campo específico, freqüentado pelos habilitados em traduzir a linguagem conceitual, ensaística

---

41 PALLARES-BURKE, 2000.

e dissertativa etc, para um outro lugar, onde pode ser visto, vislumbrado – *entrevu* - por outros leitores.

*Esse é um gênero fluido, cuja convenção é a informalidade e cujo produto é relativamente desestruturado e assistemático, assim, ao contrário do trabalho acadêmico acabado e coeso a entrevista pode ser vista como gênero intermediário entre o pensamento e a escrita elaborada, como o gênero capaz de apreender a idéia em movimento e, nesse sentido, como algo que pode ser considerado não um substituto, mais sim, um complemento aos textos mais estruturados.*<sup>43</sup>

As entrevistas, enquanto texto, são resultados do envolvimento de entrevistados e entrevistadores na urdidura de discursos, na manipulação da linguagem. Ainda como texto, exerce poder junto a outros textos.

Para Quesada<sup>44</sup> a entrevista como gênero não tem sido objeto de uma bibliografia crítica no campo da redação periodística. É possível que este desinteresse tenha a ver com a idéia de se conceber a entrevista, principalmente, como instrumento de suporte na coleta de informações. Considerar a entrevista como texto portador de sentidos e não restringi-la a um caráter confessional significa não se estabelecer previamente uma situação entre as partes, e sim pensá-la como um texto final, um texto que serve como registro de um encontro.

Não se deve, porém, descuidar da idéia de que o texto resultante é sempre um discurso que interessa, não apenas ao entrevistador, como

---

<sup>42</sup> PALLARES-BURKE, 2000, p. 11-18.

<sup>43</sup> FRATTINI e QUESADA, 1994, p.12.

<sup>44</sup> QUESADA, 1984.



também ao entrevistado. Ali estão materialmente expostos, não só o produtor como também o produto, que em última instância encontrarão no público leitor/consumidor razões suficientes para decretar o sucesso ou falência do entrevistado no *campo* de sua atividade. Assim, a entrevista não acontece como um texto ingênuo. A pluralidade de interesse expressa no texto da entrevista tem como objetivo, no final do processo, o leitor.

A entrevista, resultado de uma relação de reciprocidade, cumpre uma série de pontos: a) é sempre previamente pensada, porém não determinada; b) entrevistados e entrevistadores estão vendendo um produto; c) constrói-se dentro de um universo semântico próprio, tentando responder a perguntas comuns ao campo jornalístico: *o quê? Como? Quando? Quem? Onde e porquê?*

Todas estas questões compõem o universo teórico das entrevistas que possibilitaram a pergunta *Em que constituiu a inovação do Pasquim?*, cuja resposta será discutida ao longo do Capítulo III.

## Capítulo I I

Fendas culturais: trajetórias da pesquisa e da imprensa.

## 2.1 – Em busca da questão-chave

Embora a escolha do material de análise tenha recaído sobre o gênero, deixo impressa a trajetória percorrida na indexação e no estudo dos materiais que poderiam servir de pretexto para outras análises não contempladas neste trabalho.

Os anos 70, além de terem sido um período de mudanças, são também um momento de uma nova arquitetura da cultura local. Escolher o *Pasquim* significou olhar um período da história apresentado como *fetiche*. O recorte da década de 70 diz de meu interesse por este período e o *Pasquim* me traz de volta um momento em que ler o meu pasquim marcava minha inserção num grupo de idéias, a uma forma de existir e resistir.

Esta pesquisa foi realizada nos jornais publicados de 26 de junho de 1969, data da primeira edição, a 28 de dezembro de 1979; fizeram parte, portanto, do meu universo de pesquisa, 548 edições.

Escolhido o objeto, comecei o processo de garimpagem do material. De imediato deparei-me com um problema: quem havia guardado o *Pasquim*? Onde? Em que condições? Iniciei a busca pelos sebos, colecionadores e depois em bibliotecas publicas<sup>45</sup>.

---

<sup>45</sup> Os jornais foram cedidos por Elivaldo Soares, Remy Fontana, Fernando Ponte de Sousa, Roberto Abreu, Marcos Amaral, e completada pelos exemplares, em microfilme, da Biblioteca Mario de Andrade/SP. A todos agradeço a colaboração.

No processo de busca do material, conheci alguns jornalistas<sup>46</sup> que, direta ou indiretamente, haviam participado do *Pasquim*, principalmente, do *Pasquim-Sul*, uma espécie de sucursal do jornal, editado em Porto Alegre que, em linhas gerais, reproduzia o *Pasquim-Rio*.

**FIGURA 1.** CAPA DE DOIS NÚMEROS DO PASQUIM-SUL (N.9 DE 29/10/86 E N.14 DE 3/12/86)

Os encontros com esses jornalistas ajudaram a conhecer as tramas internas do *Pasquim*, contadas de fora, não mais pela primeira voz, a dos jornalistas que formaram o 1º time do jornal – Jaguar, Sérgio Cabral, Millôr Fernandes, Tarso de Castro, Claudius, Carlos Prosperi, Luiz Carlos Maciel, Ziraldo e outros. De fato, é relativamente conhecida a trajetória do jornal contada por seus fundadores. A importância desses encontros foi ouvir de

---

<sup>46</sup> Registro meus agradecimentos a HERNANI SSÓ, EDGAR VASQUES e SANTIAGO ABREU (o criador de Rango) pelas entrevistas concedidas e empréstimo de exemplares dos jornais.

pessoas de fora do jornal, uma crítica menos atravessada pela euforia que o *Pasquim* provocava. Conheci, desta forma, uma outra versão sobre o jornal, diferente daquela contada e divulgada pela mídia, e pelo próprio jornal, que em seus primeiros números se anunciava como *Pasquim: um folião no velório*, vendendo a imagem de ser o jornal uma grande festa, uma aventura de meninos travessos brincando de jornalismo em plena ditadura militar. Os depoimentos destes jornalistas mostram um *Pasquim* não tão inocente. As travessuras dos *meninos* deixaram marcas, criaram e instalaram padrões, valores, críticas, diferenciando-se assim do que até então vinha sendo produzido em termos de jornalismo, de formação da opinião pública, do gosto, da crítica, da referência cultural.

A opção pelas entrevistas veio da consideração de que este gênero é o que melhor representa o *Pasquim*. Foi o único que atravessou a longa vida do jornal, apesar das crises, sempre, de forma regular. Para se ter uma idéia desta regularidade, dos 548 números que constituíram o universo da pesquisa, apenas 93 não tinham uma entrevista (alguns jornais traziam duas). O total de entrevistas pesquisadas foi de 455. Essa regularidade permite dizer que o *Pasquim* é um dos mais completos arquivos das mudanças ocorridas na sociedade brasileira na década de 70. A pluralidade, marca do *Pasquim*, sugere que o jornal, tal como existiu, só foi possível nos anos 70.

Reunido o material e feito o recorte da pesquisa, indexei as entrevistas, utilizando para isto um programa criado e desenvolvido pelo *Projeto Poéticas Contemporâneas: histórias e caminhos*<sup>47</sup>.

Primeiramente, indexei as entrevistas, para depois, através da busca por palavras-chave<sup>48</sup>, formar os conjuntos para melhor conhecer o *Pasquim* do ponto de vista dos dados organizados e classificados por segmentos. O banco de palavras-chave propiciou a formação de campos temáticos. Reunidas as palavras-chave afins – por exemplo, jazz, rock, samba, jovem guarda, tropicália, etc. – foi possível reunir todas as entrevistas com pessoas do mundo da música, cujo campo foi, então, denominado pela palavra-chave música.

A atribuição das palavras-chave, feita no momento da indexação, deu-se a partir do assunto focado na entrevista. Assim, para agrupar as palavras-chave, o critério escolhido foi o da relação entre elas e o assunto tratado. No entanto, nem todo campo foi nomeado por palavra-chave pertencente ao conjunto das palavras-chave; por exemplo, chamei de crônica policial as entrevistas resultantes da busca pelas palavras-chave polícia e reportagem.

---

<sup>47</sup> O programa utilizado foi a primeira versão do atualmente utilizado pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos Literários e Culturais – NELIC. O Núcleo desenvolve, desde março de 1996, através do projeto Poéticas Contemporâneas, o trabalho de reunião e indexação de periódicos brasileiros que circularam a partir da década de 70. À Professora Doutora Maria Lúcia de Barros Camargo, coordenadora e orientadora do Projeto Poéticas Contemporâneas e aos membros do NELIC, meus agradecimentos.

<sup>48</sup> As palavras-chave faziam parte do programa utilizado: no entanto, com a indexação das entrevistas do *Pasquim* outras palavras foram agregadas ao banco.

O critério de escolha para a formação dos campos temáticos foi o da frequência com que o assunto era objeto da entrevista. Mesmo abrangente, este critério possibilitou reunir diferentes gestos de entrevista contidos no *Pasquim*, identificados através não só dos temas debatidos, mas também dos diferentes personagens entrevistados e portanto da maneira com o *Pasquim* realizou as entrevistas.

**FIGURA 2.** CAMPOS SELECIONADOS POR PALAVRAS-CHAVE REPRESENTADOS EM PORCENTAGEM.

Um outro produto resultante da indexação através de um banco de palavras-chave foi a construção de histogramas que permitiu ter uma visão geral dos autores mais citados e, por inferência, os temas mais debatidos naquele período.

A indexação, na forma como foi realizada, justifica-se pelas possibilidades de leitura que os dados organizados são capazes de gerar. Por exemplo, pela frequência da citação de nome é possível inferir uma certa visibilidade e uma relação com o contexto. Em 1969, o compositor e cantor mais citado é Chico Buarque de Holanda; já de 1970 até 1972, o nome de Caetano Veloso é o que predomina no campo da música. Em 1973, mesmo continuando a serem os mais citados já não o são exclusivamente; outros nomes ligados a outras atividades começam a aparecer de tal maneira que, em 1977, são os autores de literatura que na lista de citados se destacam: Carlos Drummond de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Paulo Francis, Darcy Ribeiro, Ferreira Gullar. Em 1978, a mudança dos nomes mostra bem a mudança de interesse do *Pasquim*; são os políticos os que passam a liderar integralmente as listas de citados: Magalhães Pinto, Getúlio Vargas, João Figueiredo, Brizola, Jânio Quadros, Carlos Lacerda, Tancredo Neves. Em 1979, é Karl Marx que encabeça a lista dos citados.

A organização dos campos temáticos por palavras-chave demonstrou que alguns temas, frequentes em jornais alternativos, no *Pasquim* não o foram tanto quanto se supunha. Essa constatação no início do trabalho



suscitou algumas questões: a) a censura que atingiu o jornal motivou seus jornalistas a afirmarem ter sido o *Pasquim* o jornal que sistematicamente fez oposição ao regime; esta oposição teria sido, em certa medida, responsável pelo sucesso do jornal, principalmente em seus primeiros anos; b) a censura pode ser vista como um indicador das relações entre o jornal e a indústria cultural; c) O discurso feito pelo jornal acerca da censura, o uso das entrelinhas, o estilo de escrita cifrado, as charges, funcionaram preenchendo de sentido o produto jornalístico alternativo *Pasquim*; d) a pequena presença de temas emergentes na década, como feminismo, homossexualismo e identidade negra, abriam o debate para o respeito às diferenças e para a construção da cidadania; e) no *Pasquim* estes temas foram muitas vezes tratados com ironia, satirizados sob alegação de que este tratamento era *didático* e favorecia a formação de consciência. Tendo estas questões como pano de fundo para minha reflexão, pergunto: que papel tiveram as entrevistas no sentido de confirmar ou negar a *vocação* democrática do *Pasquim*?

As entrevistas do *Pasquim*, publicadas desde 1969 circunscrevem-se em um campo que vai além do jornalismo, de um texto de registro. Elas formam gestos de cultura que substituem as afirmações coletivas, dogmáticas, para abrir-se dentro de uma pluralidade de tantos outros gestos culturais.

## 2.2 – O contexto

Diz Otávio Ianni<sup>49</sup> que, à primeira vista, ao se olhar para a história deste século, ela nos parece impressionista, ou uma história crivada de contradições, errática, caótica, uma história atravessada por grandes períodos de tensões. Mas se nos detivermos a olhar esta mesma história com mais apuro e crítica, ela nos revela estratégias de reorganização que foram marcantes e definidoras na construção, sempre que necessária, de novas forças sociais e culturais num determinado período.

O golpe foi, para muitos, responsável por uma modernização sem precedentes na sociedade brasileira. O processo de racionalização, que se manifesta sobretudo no planejamento das políticas governamentais (em particular, a cultural), não é simplesmente uma técnica mais eficaz de organização, ele corresponde a um momento de desenvolvimento do próprio capitalismo brasileiro<sup>50</sup>.

Assim, se o golpe provocou uma reorganização do modelo econômico que se expandiu por todas as esferas da sociedade, é certo também que provocou uma reorganização de algumas forças sociais impulsionadas pela sobrevivência diante da opressão do Estado e pela busca de alternativas de resistência.

---

<sup>49</sup> IANNI, 1997, p. 137-140.

<sup>50</sup> ORTIZ, 1985, p. 81.

O AI-5 teve entre seus objetivos conter a onda de publicações, textos, peças de teatro cujo conteúdo social e político provocasse polêmica nos meios culturais. Além de dismantelar organizações de atuação política, como os sindicatos, o AI-5 pôs fim a uma certa tranquilidade que até então reinava nos meios culturais<sup>51</sup>. A prática da censura, que desde o golpe já aparecia na demissão de muitos jornalistas, com a edição do AI-5 passou a ter mais força. A partir de então todos os jornais ficaram sob a mira da censura. Foi com base no AI-5 que em 1972 a imprensa ficou submetida ao sistema da tesoura, que se baseava na emissão de notas lacônicas do governo informando o que poderia ou não ser publicado.

Jornalistas, juntamente com intelectuais e artistas, foram os mais visados pela repressão. Zeunir Ventura<sup>52</sup> cita Alberto Dines sobre o impacto do AI-5 na imprensa:

*A imprensa, em particular, o campo das comunicações coletivas, em geral, vinham atravessando no Brasil um processo ascendente de qualidade, vitalidade e amadurecimento. O AI-5 abafou repentinamente esta explosão. Não apenas porque implantou a censura prévia com o seu rol de não menos desagradáveis nuances, mas porque instalou definitivamente o arbítrio na área da informação. Hoje não há mais reportagem no sentido clássico do termo (procura, descoberta, inventiva) há apenas **entrevistas coletivas**<sup>53</sup> ou reportagens acidentais.*

---

<sup>51</sup> No artigo *Repressão e censura no campo das artes na década de 70*, Silviano Santiago fala sobre uma matéria publicada no Jornal do Brasil, em 8 de abril de 1979, em que o jornal publicou uma listagem de peças censuradas pelo regime. A matéria intitulava-se *Os espetáculos que o brasileiro não viu porque a censura não deixou*.

<sup>52</sup> VENTURA, 2000, p. 46.

<sup>53</sup> Grifo meu.

Um outro jornalista, Sebastião Breguêz<sup>54</sup>, opinando sobre as mudanças ocorridas na imprensa após 64 afirma que não há como negar a ruptura provocada pelo golpe na imprensa e é de opinião que, não importa a denominação que se dê ao colapso da experiência democrática – autoritarismo militar, capitalismo dependente ou desenvolvimento associado –, as mudanças provocadas pelo Regime de 64 promoveram profundas fissuras no tecido social e político institucional, assim como grandes mudanças nos meios de comunicação. Uma dessas mudanças, segundo o jornalista, se deu no estilo jornalístico.

Um estudo da Unesco de 1971 apresenta o quadro do estrago feito pelo golpe. O documento revela uma concentração de canais de comunicação nos centros urbanos industrializados em detrimento da quase nenhuma comunicação nas cidades do interior do Brasil; além disso, o acesso aos meios de comunicação estava concentrado nas classes média e alta; perversamente este lado da moeda mostra a maneira como a política de censura e repressão agiu sobre a sociedade confinando muitos cidadãos a viverem à margem da informação, no exílio de sua cidadania, marginalizados dos bens culturais.

Mesmo não sendo uma experiência nova do jornalismo brasileiro, no pós 64, a imprensa alternativa, nanica, ou imprensa de resistência<sup>55</sup>, retorna ao

---

<sup>54</sup> BREGUÊZ, 1978, p.145-163.

<sup>55</sup> O uso destes conceitos varia entre os autores. Bernardo Kucinski, autor de *Jornalistas e revolucionários*, 1991, explica já na apresentação de seu livro os significados explorados nos diferentes nomes, porém ao usá-los não estabelece nenhuma diferença precisa, deixando para o contexto a explicitação do conceito. Ao falar da atuação política de oposição, usa com maior

cenário nacional. Decretado o AI-5<sup>56</sup>, o Estado autoritário se impunha através de suas políticas, e os alternativos passam a representar um espaço mais flexível de trabalho.

A criação de espaço no jornalismo alternativo não é apenas consequência de um período de tensões políticas, foi uma tendência que se manifestou em vários países. O espaço flexível oferecido pela imprensa nanica e/ou alternativa estava ligada à concepção de imprensa que se pauta em conceitos e valores calcados na objetividade e na neutralidade. Este modelo, predominantemente americano, vinha sendo largamente contestado. Os jornais alternativos da década de 70 romperam com esta visão ideológica de neutralidade, que servia para dar suporte às sociedades capitalistas e à indústria cultural.

Questões como as referidas é que fazem a diferença de ideologia e de trabalho entre a imprensa alternativa e a imprensa oficial. A postura crítica em relação aos acontecimentos da indústria cultural, e a tudo o que, a

---

ênfase o termo imprensa alternativa, mas, não vejo em seu trabalho uma regra fixa para estes conceitos. Já Sergio Capareli, em *Comunicação da massa sem massa*, 1980, p. 41-72, define o que considera como imprensa nanica e como imprensa alternativa. Como nanica, define os jornais de pequena tiragem localizados, muitas vezes, em cidades pequenas; portanto, o critério não é político. Quanto a os alternativos que já, no nome, indicam uma relação com o outro Capareli os considera como aqueles que “se desviam do caminho inicial” ou da imprensa tradicional. Define os alternativos, então como os que se sustentam em um conjunto de idéias que se opõem à situação estabelecida, mas também a uma forma de organização do trabalho. Rivaldo Chinem em *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*, 1995, refere-se aos nanicos como jornais de pequena tiragem, reproduzidos em papel ofício, grampeado, enquanto que, os alternativos seriam tablóides ou minitablóides com um mínimo de organização na distribuição. Para Chinem, no livro citado, os critérios para classificar os jornais alternativos é o da resistência cultural, de oposição à cultura de massa.

<sup>56</sup> AI-5 é o marco de análise de muitos teóricos quando se debruçam sobre os anos 70; esta escolha deixa de fora os alternativos de imediatamente pós 64, que Kucinski considera como sendo o primeiro ciclo dos alternativos.

princípio, não contemple o interesse público, é o aspecto crucial das práticas jornalística alternativa. Conseqüentemente, a imprensa alternativa de oposição surge para compensar as restrições e o encolhimento da imprensa oficial. Os jornais alternativos aparecem como um lugar possível para o exercício democrático ou, como dizia a turma do *Pasquim*, *para o exercício lúdico, criativo*.

Surgido em 69, durante o governo Médici, um dos períodos mais repressivos do século XX, no Brasil o *Pasquim* pôs em prática um jornalismo que sabia escapar da paranóia criada pelo regime ao calar toda e qualquer manifestação política ou ideológica oposicionista. Seu ar moleque agradou e desagradou.

A princípio, mais como um jornal de costumes do que político, o jornal foi, aos poucos, deixando de ser simplesmente um porta-voz do *modus vivendi* da esquina da rua Montenegro com a praia, em Ipanema, no Rio de Janeiro – lugar tradicionalmente conhecido como ponto de encontro de artistas, jornalistas e de todo um pessoal bem informado e bem humorado –, para ser um jornal identificado como político.

O *Pasquim* apostava no fato de os militares não estarem preparados para uma política subjacente que eles poderiam realizar com um jornalismo satírico, irreverente, do qual a linguagem seria o ponto fulcral. Esta percepção foi, sem dúvida, a primeira grande marca do *Pasquim*; a segunda estava em sua tática de cumplicidade com o leitor, que também se dava pela linguagem, uma linguagem cifrada, convencionalizada. O *Pasquim* teve

grande sucesso nos seus primeiros anos de vida. Este êxito sustentava-se na forma de operar com a linguagem do humor como arma.

O *Pasquim*, assim como os outros jornais alternativos, tinham o desafio de conviver tanto com a burguesia nacional, quanto com uma esquerda muitas vezes intolerante e preconceituosa. Essa difícil convivência pode ser lida no n.104/1971: este numero é impresso ao contrário, é necessário invertê-lo para ler. Na capa, o aviso: *Este jornal vai virar o Brasil de pernas para o ar*. A frase divisa abaixo do nome do jornal avisa: *Um jornal que se vira para agradar seus leitores*. Dentro do jornal, Millôr Fernandes reafirma: *Se você inverte bem as coisas todo mundo concorda*. É necessário invertê-lo para ler.

**FIGURA 3.** CAPA DO N.104 DE 7/7/71 – SOBRE A CENSURA.

Paulatinamente o foco do *Pasquim* foi se tornando político, atravessado por uma postura nacionalista. Entre outras bandeiras que levantava, o *Pasquim* se colocava contra a abertura generalizada da economia aos capitais estrangeiros. Kucinski, ressalva que a modalidade de nacionalismo, e seu peso na linha do jornal, variavam consideravelmente. Jornais como este de fato representaram, ainda que não declaradamente, uma corrente de pensamento político. É o caso do jornal *Opinião*: parte de um imaginário que propunha a guerra popular prolongada, estratégia compartilhada pela AP (Ação Popular) e pelo PC do B (Partido Comunista do Brasil)<sup>57</sup>.

O *Pasquim* surge alardeando sua independência diante da grande imprensa e de tentativas frustradas de outros jornais de opinião. Este clima de euforia é contestado por Millôr<sup>58</sup> em carta a Jaguar intitulada: *Independente, é? Vocês me matam de rir*. Millôr começa dizendo: *Meu caro Jaguar, você me garante que o Pasquim vai ser independente. Tá bem, Jaguar, pode começar a contagem regressiva...*

---

<sup>57</sup> KUCINSKI, 1991, p. 48.

<sup>58</sup> PASQUIM, n.1, jun.1969.



Millôr conta sua longa trajetória de trabalho no jornalismo independente e como foi sempre atropelado por interesses político-econômicos. Lembra sua experiência no *O Cruzeiro*, na *Voga*, no *Papagaio*, no *Comício*, entre outros, e chama atenção para o que o *Pasquim* enfrentará:

*a) o establishment em geral, que, nunca tendo olhado com bons olhos a nossa atividade, agora, positivamente, não vê nela a menor graça; b) as agências de publicidade que adoram humor desde que, naturalmente, ele seja estrangeiro, lá longe, feito pelo Mad [...]; c) a igreja que, depois de uma guinada de trezentos e sessenta graus, é exatamente liberal em tudo o que seja dito por ela mesma; d) a família, as classes sociais, as pessoas de importância, os quadrados, os TFM<sup>59</sup>, os avant-chatos [...] etcetera. [...] se esta revista for mesmo independente não dura três meses. Se durar não é independente. Longa vida a essa revista.*

As previsões de Millôr concretizaram-se em parte. O processo de falência do *Pasquim* foi muitas vezes assimilado como acomodações do jornal, alinhamento de sobrevivência, daí ser muito difícil falar de um único *Pasquim*; foram vários e com muitas fases<sup>60</sup>.

José Luiz Braga considera como as principais fases do *Pasquim*: a) *período dionisíaco*, que vai da criação à prisão de todos os jornalistas em 1970; b) a *longa travessia*, que é um período de reorganização do jornal no momento seguinte à prisão e que chega até o número 300; e c) o *esforço liberal*, que foi o do enfrentamento das crises entre o grupo e do conseqüente realinhamento político do jornal. De 1978 ao fim, no início da década de 90, o *Pasquim* se equilibra e se reinventa como pode. É o período em que, para

---

<sup>59</sup> TFM, uma referência à Tradicional Família Mineira.

<sup>60</sup> BRAGA, 1991.

sobreviver, o jornal mergulha na luta pelos anistiados, abre espaço para os retornados e para a memória.

## 2.3 – Os fios desta história

Os fios que tecem a rede da longa vida do *Pasquim* ficam mais visíveis quando relacionamos a história da imprensa aos acontecimentos de 1964. Naquele momento se desenvolveram várias experiências de resistência ao regime; entre estas, a dos jornais alternativos. Não há como negar a ruptura histórica que ocorreu com a instalação do regime militar. A imprensa, principalmente, a alternativa, promoveu, além de mudanças na linguagem dos meios e comunicação, mudanças institucionais e comportamentais significativas.

A experiência dos jornais alternativos não é nova. Na realidade, ela surge na história sempre que as liberdades individuais, e a própria democracia, estão sob ameaça. Os jornais, de maneira geral, possuem força para transformar a vida e o mundo. Robert Darnton<sup>61</sup> argumenta que a imprensa passou a existir primeiro na prática, com a queda da Bastilha, depois em princípio, com a Declaração dos direitos do homem e do cidadão. *O que mudou desde então?*

A imprensa alternativa é produto do inconformismo, seu aparecimento é atribuído ao caráter repressivo dos regimes políticos

---

<sup>61</sup> DARNTON e ROCHE, 1996.

fechados, aos excessos das políticas de segurança, à falta de canais de expressão democrática; a imprensa alternativa é uma resposta à repressão, ao Estado autoritário.

A imprensa alternativa não é um fenômeno apenas brasileiro, ela é comum a todas as sociedades liberais<sup>62</sup>, diz Vergniaud, nas quais a liberdade não foi uma concessão, mas uma conquista. No Brasil há uma longa tradição de jornais combativos. *O Correio Braziliense* (1808), fundado por Hipólito José da Costa, nasceu sob a repressão da coroa portuguesa. A princípio impresso em Londres, era distribuído no Brasil clandestinamente. Seguindo a mesma tradição de ser repositório de críticas aos governantes, surgiu *A Malagueta* (1821), fundado por Luiz Augusto May; além de tecer críticas à coroa era intransigente na defesa dos interesses dos brasileiros. No início do século XX, *A lanterna*, *O Debate*, (que contaram com a participação de Lima Barreto), *O Amigo do Povo* foram todos, jornais combativos. A lista dos alternativos é longa.

Desta tradição destaco *A Manhã* (1926), criado por Aparício Torelly - O Barão de Itararé - que circulou até final da década de 40. *A Manhã* foi possivelmente o periódico que mais influenciou o *Pasquim*. Era um jornal de pequeno porte, mas de crítica contundente e linguagem irônica. A caricatura, a charge de Andres Guevara, ocupou lugar de destaque, assim como as fotos montadas e os artigos ardilosos que levaram Aporelli (abreviatura de

---

<sup>62</sup> Na história da construção da sociedade americana do norte circularam mais de 300 jornais alternativos. Na França, o *Lé Carnard En Chainé*; na Itália, *Il Male* foram considerados os melhores jornais alternativos do mundo. No Brasil, os jornais alternativos circularam em maior número durante o Brasil Império e nos anos de 1937, 1964 e 1968. Em VERGNIAUD, 1980.

Aparício Torelly) a visitar, muitas vezes, as delegacias de polícia. Todas estas marcas se reproduzem no *Pasquim*.

### 2.3.1 – Surge o *Pasquim* mais pra oba do que pra epa...

O *Pasquim* surge durante o governo Médici. E a história do jornal nos permite pensar num tempo que se divide entre o antes e o depois do *Pasquim*. No entanto, se pode dizer que o *Pasquim* não cabe simplesmente no modelo de alternativo empregado para definir os periódicos da mesma época como, por exemplo, o *Opinião* – jornal criado por Fernando Gasparian e Raimundo Pereira, de linha política reservada (a Ação Popular<sup>63</sup> tinha forte influência na linha editorial do jornal) e de projeto jornalístico definido. O *Opinião* seria um jornal cuja notícia chegaria ao leitor interpretada, relacionada com outros fatos políticos, não faria propaganda de um movimento político específico. Um jornal que tentava se colocar acima de qualquer suspeita, inspirado no semanário inglês *The Guardian Weekly* que era uma seleção de textos de outros jornais como *The Gaurdian*, *Le monde*, *The New York Times*. Fundamentalmente, o *Opinião* difere do *Pasquim* por ser uma ampla frente de intelectuais, jornalistas com o apoio da burguesia nacional. A crise que levou ao fim o *Opinião* foi interpretada como mera

---

<sup>63</sup> Ação Popular (AP): agremiação política de esquerda, clandestina e ligada à Igreja progressista no Brasil, tendo sua base entre os estudantes universitários e secundaristas. O Jornal Movimento teve sua origem e nome ligado a este grupo político alternativo.

travessia, desta forma Raimundo Pereira não afastava as forças próximas a Gasparian e, ao mesmo tempo, somava outras para a formação de um novo jornal.

O *Movimento* surge então marcado por um programa político também de frente ampla, e trazendo na bagagem uma linguagem de adjetivações políticas que foram incorporadas por seus leitores: *personalidades democráticas, combativo, liberdade democráticas, em defesa dos recursos e da cultura nacional, descrever as condições da vida brasileira*<sup>64</sup>. Este linguajar inaugurava a política de ser um jornal mais popular. O *Movimento* foi um jornal de aglutinação de várias correntes políticas, sendo predominantemente um porta-voz da política da Ação Popular. Assim, considero que as formas de determinar o que era ser alternativo não se podem prender a critérios de classificação como tiragem, o número de pessoas envolvidas com a elaboração do jornal ou a forma de distribuição. A melhor forma de definir os alternativos é considerar a possibilidade que eles oferecem de uma outra escolha em relação à imprensa oficial.

A propósito das definições existentes sobre imprensa alternativa, o Centro de Informação do Exército<sup>65</sup> (CIEEX), a título de normatizar suas ações repressoras sobre a imprensa no período militar, formulou um documento em que expunha sua concepção sobre imprensa alternativa: aparentemente o que rege o nascimento dessa imprensa é a reunião de alguns jornalistas que, não obtendo colaboração adequada nos órgãos existentes,

---

<sup>64</sup> Sobre as diferenças políticas, editoriais e mesmo sobre a trajetória da imprensa alternativa, ver KUCINSKI, 1991.

montam seu próprio jornal geralmente em sistema de cooperativa, o qual, de proporções reduzidas quando à tiragem, tamanho e objetivo, concorreria em faixa especial do mercado oferecendo margem razoável de lucro. Para efeito de estudo do problema, o CIEX concebia a existência de quatro grupos de imprensa: *imprensa tradicional*, *imprensa nanica* (considerada alternativa ou independente), *imprensa universitária* e *imprensa clerical*. Reconhecia também a existência da *imprensa gay* que, segundo o CIEX, se dispunha a defender atitudes homossexuais como atos normais da vida humana.

Quanto às características da imprensa *nanica* ou *alternativa*, o CIEX considerava: a) tiragem reduzida; b) repercussão reduzida (reconhecia como exceção os jornais *Pasquim*, *Movimento* e *Em Tempo*, de distribuição regular em diversas capitais); c) trabalho semi-artesanal; d) ausência de suporte financeiro; e) elevado número de pessoas envolvidas; f) perfil ideológico alinhado com as idéias marxistas.

Uma questão se afirma: a imprensa alternativa mesmo que tenha buscado ser popular, não o foi; ficou restrita a um canal de comunicação de segmentos da classe média, e o *Pasquim* não fugiu desta tradição, foi antes de tudo, um jornal da zona sul, de Ipanema, um jornal da classe media do Rio de Janeiro que atingiu o mesmo segmento médio de outras regiões.

A estrutura do *Pasquim* desde o seu começo era forte. Em torno do projeto de criação do jornal estavam chargistas e jornalista de reconhecida experiência. Quando chegou às bancas o número 27, a tiragem era de 200 mil exemplares, marca superior a muitos jornais oficiais. Durante os cinco

primeiros anos o *Pasquim* contou com a participação de 20 profissionais em regime de trabalho em tempo integral e mais de 40 jornalistas colaboradores. A propaganda foi outro elemento importante. Alguns dos personagens criados para o jornal tiveram sua imagem ligada a um produto, a um grande anunciante (Shell, por exemplo era anunciada por Sig; à Brahma, por Chopinics).

**FIGURA 4.** CAPA DO N.55 DE 15/7/70 – SOBRE A BRAHMA.

A publicidade no *Pasquim* inclui perfume francês, transporte aéreo, a motel; sugere uma opção, um estilo de vida e de consumo da classe média; assim é que dicas de perfume, restaurantes, livros, teatro, bebidas, companhias aéreas, roupas, universidades, revistas, diziam do discreto charme dos consumidores de Ipanema que parecem terem sido os maiores leitores do *Pasquim*.

Isso me parece suficiente para colocar sob suspeita o caráter de *independente*, do *Pasquim* para sugerir que a diferenças em relação aos outros jornais está no uso do humor como linguagem principal, não numa pretendida independência.

Creio que as considerações acima bastam também para despertar a curiosidade sobre o modo como o *Pasquim* sobreviveu às ameaças de bombas, à censura, dentro ou fora da redação, às pressões dos grandes empresários da notícia e mais ao pensamento moralista de parte da classe média. Minha hipótese é que o *Pasquim* teve sua longa vida garantida por sua matéria principal – a entrevista.

### 2.3.2 – O texto: Pasquim, um franco atirador

Congresso fechado, *habeas corpus* abolido – o golpe era uma ditadura. Nesse clima, que nome dar a um jornal que se queria acintoso e irreverente?

*Ora, porque a gente não chama o jornal de Pasquim? Logo que ele sair, as pessoas sérias vão chamar o jornal de pasquim, vão dizer – isso é um pasquim – assim a gente já corta o barato delas*<sup>66</sup>. Foi Jaguar quem bolou o nome.

O pasquim como texto maldito, de provocação, de denúncia, é conhecido na história da escrita e das sociedades como uma *escritura criminal* (em português, criminosa). Antonio Castillo Gomez<sup>67</sup> cita que em 1501 os pasquins já eram conhecidos na Península Ibérica por provocar querelas religiosas, espalhando pelas ruas de diversas cidades portuguesas opiniões a respeito do comportamento dos clérigos e pontos discordantes com a igreja

---

<sup>66</sup> Rego, 1996.p.2.

<sup>67</sup> CASTILLO GOMEZ, citado por BARRIONUEVO, 1996, p. 169.



sobre a fé católica. Em 1685 um tribunal eclesiástico responsabilizou um lavrador por um texto que apareceu com letra disfarçada, colocando em dúvida a pureza do sangue (e) dos familiares do Santo Ofício. Os pasquins eram textos cotidianos que circulavam espalhando opiniões divergentes do poder público, além de propaganda ou mesmo difamações. *El pasquin pretende articular un estado de opinión y, para ello, lo mejor es hacer explícito y visible el mensaje que se quiere transmitir: con letras grandes y por todas partes, para que nadie pudiera dejar de verlos y leerlos.*<sup>68</sup>

É com o espírito de pasquim que o *Pasquim* passa a fazer parte desta história. Patriarca dos demais nasceu carioca e bem-humorado. Em torno desse *Pasquim*, reuniu-se um grupo de chargistas, uma *patota* – alguns intelectuais do jornalismo e da zona boêmia do Rio. Para José Luiz Braga<sup>69</sup>, a patota vai contrapor-se à lógica da ditadura, que é a da eficiência e da produção, com o exercício lúdico motivado pelo gozo – um dos diferenciais do *Pasquim* é o fato singular de ser formado em grande parte por profissionais do humorismo. E é principalmente nesse espírito que a patota do *Pasquim* funciona em seus primeiros anos.

Lançado em 26 de junho de 1969, seus primeiros números não excediam mais de vinte páginas; foi a partir do n. 11/1969 que o jornal definiu sua formatação. A capa

---

<sup>68</sup> CASTILLO GOMEZ, citado por BARRIONUEVO, 1996, p. 169.

<sup>69</sup> BRAGA, 1991. O resultado da tese de doutorado teve como objeto de estudo o *Pasquim* nos anos 70 (70/82); a preocupação foi inventariar o jornal em todos os seus aspectos, dando ênfase, principalmente aos temas jornalísticos. O livro continua sendo o único texto sistematizado publicado sobre o *Pasquim*. Os poucos artigos publicados sobre o *Pasquim* são, de alguma forma, a reprodução de questões levantadas por Braga. Um outro livro, *Pasquim* foi publicado

passa a apresentar as referências de número, ano, data, nome do jornal e lema diagramado. Os lemas diagramados foram importantes, eles definiam e redefiniam o jornal toda semana; funcionavam como um editorial. Alguns lemas foram usados para além da definição do jornal, informando ao leitor que o *Pasquim* não era uma unidade, um grande consenso, mas, pelo contrario, que ele era tão fragmentado quanto o processo social e cultural que buscava registrar. *Um jornal que não tem coragem de se definir* (n. 59/1970); *O Pasquim é o próprio Exército Brancalione da imprensa brasileira* (n. 97/1971); *O Pasquim, o último reduto da molecagem* (n. 284/1974). Outros lemas dialogavam diretamente com os órgãos de repressão: *Um jornal com humor, ironia e até palavrões (CIEX)* (n. 513/1979); *Tesoura sim! Alicates não!* (n. 187/1973) uma referência ao período de vigência da tesoura e a um dos mais usados instrumentos de tortura. Lemas que expressavam o período de medo: *Se alguém pensa que o Pasquim se atemoriza com ameaças e pressões, pode tomar nota de uma coisa: é verdade* (n. 56/1970); *O Pasquim – corajoso como rato* (n. 119/1971). Lemas de referência ao silêncio: *O Pasquim – um jornal que...* (n. 234/1973); ou como disse Ulisses Guimarães: “ ” (n. 342/1976). O *Pasquim* soube usar o silêncio para dizer: esses e outros lemas foram, em tempos de censura, o texto possível, assim como foram as entrevistas.

Os lemas expressavam vozes discordantes. O lema *Desculpe, Dona Betty, mas nós vamos dar cobertura às furadoras da greve do sexo* (n. 94/1971) refletia a posição de parte do jornal. A entrevista com a feminista

---

pela coleção Arena do Rio, de autoria de Norma Pereira Rego, ex-integrante do jornal. Ela

Betty Friedan, foi atravessada por preconceitos de Millôr e Flávio Rangel contra a feminista, tentando mesmo constrangê-la.

***Millôr Fernandes** – Você está mais fascinada pelas mulheres brasileiras ou pelos homens brasileiros?*

***Betty Friedan** – Eu estou apenas fascinada pelo Brasil. Eu prefiro os homens em assuntos sexuais.*

***Flávio Rangel** – Você disse estar se informando sobre a posição da mulher brasileira. Que espécie de posição você já encontrou?*

***Betty Friedan** – Oh! Eu sei exatamente a piada que você está querendo insinuar. Eu estou vendo a situação da mulher brasileira e acho que a única maneira de conseguir uma certa abertura, é falar sobre certas coisas neste país... [...] Mas na questão da mulher nada de piadas. Não é necessário usar “mase” (substância que cega temporariamente) ou gás lacrimogênio para reprimir as mulheres [...] Basta tratar-nos como piada, especialmente tratar o sexo como uma piada. Agora eu levo a minha luta muito a sério e eu tenho que brigar contra a falta de seriedade e, por isso, eu não vou responder a sua pergunta.*

Sou de opinião que o machismo no *Pasquim* funcionou como *marketing*; foi muito mais produzido pela indústria cultural que por posturas individuais, não representando uma atitude que definia a linha do jornal. Assim, considero que afirmar ou negar preconceitos como machismo, homofobia, racismo no *Pasquim* não deve ser questão tão simples e mesmo, considerando que são questões interessantes, não é minha intenção abordá-las neste trabalho. Mas no caso da entrevista de Betty Friedan há um desdobramento; no mesmo jornal Paulo Francis, mostrando independência, escreve um artigo analisando a entrevista de Betty e começa contando que a escritora esteve na redação de porcos chauvinistas masculinos e que fora

Millôr Fernandes todos haviam tido a oportunidade de ouvir da teórica sua análise sobre a questão feminina.

A grande contribuição do jornal foi escrever uma crítica social e política sistemática no período da ditadura. Ao reler o *Pasquim* da década de 70, as referências e posições assumidas pelo jornal não eram radicalmente diferentes de qualquer outro meio de comunicação tradicional. Saltam aos olhos imagens reproduzidas bem a gosto da indústria cultural. A mulher em geral, e em particular a bunda, foi exibida em inúmeras capas do *Pasquim*<sup>70</sup>; as charges com o corpo feminino foram comuns. Referências à mulher como traidora ou caçadora de homem rico são facilmente encontradas. O jornal chegou mesmo a editar uma coluna chamada *dicas de mulher*. Nela uma foto de mulher colocava na vitrine seus atributos físicos. Este apelo de consumo do corpo feminino como mercadoria foi combatido pelo emergente movimento feminista, pois este modelo de exposição representava um tratamento discriminatório dado à mulher.

Entretanto não foram só as mulheres que estiveram na vitrine do *Pasquim* como indústria cultural, como espetáculo mediático: os negros, os homossexuais, os judeus e os portugueses no *Pasquim* foram alvo da linguagem irônica, de um humor que colocava sob a mira do deboche. No entanto, e ao mesmo tempo, os mesmos segmentos que eram desmoralizados pelo *Pasquim* também tiveram voz e espaço nas entrevistas.

---

<sup>70</sup> Em 2001, Ziraldo, coordenando um grupo de jovens jornalistas mineiros, lançou a revista *Bundas*, numa tentativa de revivificar os bons tempos do *Pasquim* e de suas ousadas capas. O projeto da revista durou poucos meses.

O jornal foi um regulador de comportamentos, posturas políticas, moda, hábitos que não se restringiam apenas ao Rio de Janeiro. Poder-se-ia dizer que o *Pasquim* colaborou com uma nacionalização da linguagem local, o carioquismo presente nos estereótipos que exaltavam a boa vida, a malandragem, atravessada por uma crítica sarcástica, algo normalmente compreendido como próprio à vida em todo o país.

O uso do texto chargístico foi reintroduzido pelo *Pasquim* no cotidiano do jornalismo brasileiro. A charge como texto, e não apenas como ilustração, que já havia sido utilizada por Aparício Torelly<sup>71</sup> em *A manha*, um jornal marcado pelo humor e pela ironia que mostrou-se eficiente nos momentos de censura.

Na ironia insinua-se que se aceita o modo de raciocinar do oponente com o fito de expor sua insensatez ou seu erro. Com a ironia é possível desmontar um discurso ideológico que por sua natureza é lacunar, generalizante, omite ao máximo o que deveria ser dito e não o é. A ironia alavanca as contradições do oponente. Já o humor é dúbio e em diferentes momentos parece “acobertar o real”, mas por outro lado faz a denúncia do que parece repugnante. O humor tem o potencial de criar conflitos e gerar

---

<sup>71</sup> Aparício Torelly, gaúcho, era acadêmico de medicina quando iniciou sua vida de jornalista, ligado primeiramente ao Globo. Em 1926, criou o jornal *A manha*, um jornal satírico/político. Tornou famosa a figura do “nosso querido Diretor”, uma auto-referência, já que ele era proprietário, diretor e redator. Dirigiu e fez o jornal sozinho. Após a revolução de 30, Torelly atribuiu-se a comenda de Duque; no entanto, por achar um posto muito alto, rebaixou-se a Barão: Barão da Batalha de Itararé, uma batalha que nunca ocorreu. Assim, tornou-se Barão de Itararé, um Barão sem batalha. Não houve a batalha de Itararé tão falada nos jornais de seus escombros morais e militares emergiu a nobre figura do Barão de Itararé a comandar a vida nacional. Sobre o Barão, Jorge Amado, comentava: O Barão foi um personagem em vivo, atuante uma espécie de Dom Quixote nacional, malandro, generoso e gozador, a lutar contra as mazelas e os malfeitores.

um novo entendimento. Para estabelecer um ponto comum entre o *Pasquim* e *A Manhã* no que se refere ao humor, lembro do lema já citado neste trabalho: *Tesoura sim, alicate não. (n. 187/1973)*. Sobre o Barão e seu humor conta-se o seguinte episódio. Após ouvir atentamente Plínio Salgado falar da importância de *Deus, da pátria e da família*, num ato de zombaria, o Barão declarou sua simpatia com o movimento integralista e principalmente com o lema: *adeus, pátria e família*<sup>72</sup>.

A censura foi um dos principais interlocutores do *Pasquim*. A sobrevivência do jornal pode ser explicada, em parte, pelo uso do humor como recurso principal de linguagem. Humor que, por sua complexidade e polissemia, oferecia estratégias para burlar a censura, como conta Jaguar: *os desenho, você mandava em rascunho para os censores, que aprovavam; quando voltava para arte final a gente mudava a expressão do boneco, aí o sentido era outro.*<sup>73</sup>

No *Pasquim* a ocupação de igual espaço pelo texto escrito e pelo traço foi uma constante, enquanto em outros jornais o desenho era visto como secundário, como o elemento que preenche um espaço vazio da letra. No *Pasquim* o traço era fundamental, enquanto vinculador das mensagens jornalísticas, como texto mesmo<sup>74</sup>. O traço no jornal se manifestou de diversas formas: caricatura, charge, tiras, piadas e no próprio texto escrito;

---

<sup>72</sup> ITARARÉ, 1985, p.26.

<sup>73</sup> Entrevista de Jaguar à revista Escrita, 1976.

<sup>74</sup> BRAGA, 1991 p. 158-159.

muitos dos textos possuem elementos próximos da caricatura e da charge, marcando um estilo.

Algumas colunas como *É isso aí*, de Sergio Augusto, *underground*, de Luis Carlos Maciel, ou *Páginas verdes*, de Edílson Martins ganharam destaque ao longo da vida do *Pasquim*. E opinativas, interpretativas e analíticas. Tratavam de tudo, ou seja, o mesmo artigo abordava o político, o cultural e o econômico. Uma matéria, por exemplo, sobre cinema na coluna de Luis Carlos Maciel era tratada considerando esses três aspectos, demonstrando uma preocupação em atualizar o debate, praticando um jornalismo de interesse geral, interpretativo e de opinião.

O leitor foi o principal cúmplice do *Pasquim*. Edélsio Tavares, personagem criado por Ivan Lessa, era o responsável pelas respostas ao leitor. Edélsio recusa o leitor ingênuo, quer um leitor de texto pasquiniano, ou melhor, edelsiano. Um leitor que aceita a irreverência, a relação canibalizadora que transforme aquele espaço em espaço ficcional<sup>75</sup>. Edélsio e seus leitores rearmam o lugar das cartas, ficcionalizam, criam outros

---

75 BRAGA, 1991, p.153. Sobre o desaparecimento de Edélsio, Ivan Lessa escreveu uma de suas melhores crônicas e críticas de costume. *Edélsio Tavares, o Tava, foi, digamos assim, cria minha no Pasquim. Levei-o para lá em abril de 1972. Conhecia-o da redação do Diário Carioca, onde nunca soube ao certo o que fazia... Mais para o gordo e forte, meio careca, quase um metro e oitenta. Mais velho do que eu, deve estar, se vivo, beirando os setenta. Levei-o para o Pasca (nunca vi ninguém no hebdô, ou mesmo fora, chamá-lo de Pasca, a não ser o Tavares) de pura e simples safadeza....Edélsio Tavares não só insultava os mais desgraçados dos leitores (...sou operário, ganho pouco e ... Ora, vá à merda!, obtemperava o jornalista), como introduzia seus dramas domésticos (Marly, minha filha, volta que eu perdôo teu lenocínio acoplado por adultério...), fajutava missivas assinadas por nomes ilustres, não fazia, em suma, sentido – e não o fazia de forma violenta, ameaçadora mesmo...Veio para Londres seis meses antes de mim, julho de 77... Tavares, aqui em Londres, seguiu à risca o lema de “ir de tudo”: foi de tráfico vários (armas, entorpecentes, influencias), de moda em desuso (punk, camiseta Frankie Says,*

interlocutores; Marly Tavares, filha de Edélsio, e Caldas Marombão são os personagens mais conhecidos.

A interatividade com os leitores está explicitada na seção *Cartas dos leitores*, que aos poucos vão sendo substituídos pelos personagens criados por Edélsio. A saída do leitor das páginas do *Pasquim* e a ficcionalização daquele espaço apresentam-se como uma opção e uma definição do caráter do jornal que por causa da censura volta-se para os textos ficcionais.

## 2.4 – As entrevistas no Pasquim

Para responder o que torna diferentes as entrevistas do *Pasquim* no contexto das entrevistas jornalísticas, primeiramente discuto algumas questões levantadas por Montse Quesada<sup>76</sup>. A primeira diz respeito à superposição entre literatura e jornalismo. Quesada afirma que o jornalista revela-se um escritor em campo híbrido, considerando que as entrevistas cercam-se de gestos e significados que articulam sentidos diferentes. Para entender estas formas de operar com as entrevistas, propõe que se valorize o enunciado; para isso, são feitas distinções entre o que se denomina de *entrevista de informação* e *entrevista de criação*. A primeira centra-se nas declarações do entrevistado e assim justifica sua publicação. A segunda lida com os dotes pessoais do entrevistado, realçando as observações feitas, quer sobre o ambiente, quer sobre a criação e as ressonâncias da fala. A

---

*novos românticos, orientalismos, dieta na base de fibra, desarmamento, retirada das tropas da Irlanda do Norte, apoio a mineiro) e o cátzo-a-quatro*. In: LESSA, 1986, p. 119-128.

<sup>76</sup> QUESADA, 1984.



informação, nesta situação, não constitui um valor acima dos outros que circundam a entrevista. Assim sendo, a *entrevista de criação* dá ênfase à enunciação, podendo ser considerada um discurso de autor e podendo ser vista como entrevista literária. Neste processo, entrevistadores e entrevistados estabelecem, no ato da entrevista, uma função autor, a partir da qual é possível classificar, individualizar, normatizar - *o autor é considerado como princípio de agrupamento do discurso, como uma unidade e origem de suas significações, como um fulcro de coerência*<sup>77</sup>.

Em resumo, a *entrevista de informação* tem como ponto central as declarações do entrevistado, respondendo a uma função que caracteriza o jornalismo – o de informar. A *entrevista de criação* ou *literária* é de interesse para os periódicos, porque mesmo sem deixar de ser informativa, sua preocupação está centrada no próprio personagem da entrevista, portanto, *num produto estético acabado*<sup>78</sup>.

Quesada relaciona o conceito de *entrevista de criação* ao de *obra aberta*. Como Eco, Quesada vê nas entrevistas um centro ativo de relações inesgotáveis. Esta perspectiva faz sentido na medida em que é produtivo considerar as entrevistas como gênero que se realiza na fronteira de múltiplas formas discursivas, muitas delas marginais, como já mencionei. O ato de revitalização destas formas marginais para Beatriz Sarlo está no tratamento do material e se configura como um dos principais aspectos da entrevista.

---

<sup>77</sup> ORLANDI, 1999. p. 75.

*Una mirada ve lo que otras miradas pasan por alto y alguien señala lo que, para otros, es radicalmente inexistente. La frontera de los materiales con los que se construye el discurso no se amplía ni se restringe progresivamente, pero sí cambia a través del tiempo. Territorios que eran invisibles, imperceptibles, se convierten en espacios explorados: otros espacios desaparecen.*<sup>79</sup>

Pode-se supor que a *verdade* dos textos em geral se constrói na costura de outras redes de discurso que se estabelecem e que se diferenciam em espaços discursivos distintos. A entrevista, no momento de sua ocorrência, na dinâmica da relação entre entrevistador e entrevistado, produz um compromisso com essa *verdade*.

Para o público, a entrevista é um gênero privilegiado da situação comunicativa. A esse respeito, Sarlo afirma que *hace hablar en lugar de registrar simplemente lo dicho. Como ningún otro género, la entrevista construye su fuente*<sup>80</sup>. O que torna diferente as entrevistas do *Pasquim* é que estamos diante de uma rede de gestos, de significados, de informações bastante variadas e de um caráter peculiar que se revelam nas diferentes discursividades ali reunidas. A entrevista movimenta assuntos que transitam entre o público e o privado, entre a realidade e a ficção e que instigam a

---

<sup>78</sup> QUESADA, 1984.

<sup>79</sup> SARLO, In: ARFUCH, op. cit., 1995, p.12.

<sup>80</sup> SARLO, In: ARFUCH, op. cit., 1995, p. 15.

curiosidade do leitor, servindo como um termômetro do movimento cultural e intelectual da década de 70.

**FIGURA 5.** CAPA DO N. 300 DE 4/4/75.

**FIGURA 6.** CAPA DO N. 468 DE 21/6/78 – CENSURA.

## 2.5 – A censura e o Pasquim

A longa existência do *Pasquim* – de 1969 ao início da década de 1990<sup>81</sup> - sugere que o jornal não entrou em crise apenas por causa da censura. Pelo contrário, a censura no *Pasquim* funcionou como elemento impulsionador da criação; diferentemente dos que atribuíam à censura a culpa pela desaceleração do motor criativo ocasionando o fenômeno das gavetas vazias.

No jornalismo alternativo, e especialmente no *Pasquim*, a censura acabou por criar um modo de trabalho que acontecia pelo fato de tê-la como um interlocutor. Este filão explorado pelo *Pasquim* – a censura prévia terminou em 24 de março de 1975 - apostava que sempre haveria um descompasso de tempo na compreensão do censor, ou seja, estes levariam um tempo para se dar conta do jornalismo latente, dessa forma de fazer política. Este fato constituía o desafio da criatividade no *Pasquim*. O fim desta fase criativa, de um humor que dialoga com a censura, acaba quando acaba a censura. Esses profissionais aprenderam a fazer jornalismo criativo, irônico, satírico, quando tinham à frente a censura como seu principal leitor e algoz. Estava estabelecido o paradoxo: Como continuar a ser imprensa alternativa de oposição? Esse foi o desafio mais difícil do *Pasquim*.

---

<sup>81</sup> José Luiz Braga cita o *Pasquim* até 1982, não fazendo qualquer referência ao último ano de publicação. O jornalista Rodolfo Neder/SP, conhecedor da história do jornal, garantiu-me que o *Pasquim* existiu até o início dos anos 90 mas que, neste período, apenas o nome restava do antigo jornal. A sociedade e os direitos haviam sido vendidos. Julio Gama, *JB, Caderno 2*, 1999 comenta que o último número foi em 1989.

A história da censura no *Pasquim* foi mais visível quanto ocorreu a prisão de todos os jornalistas. O número 73/1970 talvez tenha sido o jornal do qual o leitor se lembre mais. Sua capa estampava o que havia acontecido à redação do jornal. Na capa um lobo e um cordeiro dialogavam: *Enfim um Pasquim inteiramente automático sem o Ziraldo, sem o Jaguar, sem o Tarso [...] sem redação...*. O lema editado no alto da página dizia: *O Pasquim – um jornal com algo menos*. Na contra-capas, uma espécie de editorial assinado pelo SIG (o rato criado por Jaguar) contando de sua surpresa ao chegar à redação: *Eu queria dizer que estou bem de saúde e que gravei um disco na Itália. Eu queria abraçar vocês, mas não tinha ninguém aqui. Deve ser por causa da gripe. Ninguém segura essa gripe. Assim mesmo, estimo melhora. Um abraço. SIG*. Todas as matérias deste número foram assinadas pelo Rato Sig. O número 74/1970 traz na capa os nomes de Paulo Mendes Campos, Glauber Rocha, Rubem Braga, Chico Buarque, Antonio Callado, Antonio Houaiss, Heitor Cony, Noel Nuttels, entre outros. O *Pasquim* foi socorrido por estes intelectuais e artistas durante a prisão de mais de um mês de todos os seus jornalistas. No número 75/1970, um texto irônico informa o leitor que todos continuavam presos: *Uma coisa é certa: lá dentro deve estar muito mais engraçado do que aqui fora*. Neste número, a estratégia da edição foi recorrer aos amigos do *Pasquim*, que escreveram e assinaram pelos jornalistas sempre com a ressalva: *à maneira de*; ainda neste número, o conto *A extraordinária sabedoria dos extremos idiotas* é assinado com a palavra *Interino* (à maneira de Millôr). Foi no número 78/1970 que a capa do *Pasquim* estampava o anúncio da volta de todos à redação: *Estamos aqui, Ó*.

**FIGURA 7.** CAPA DO N.73, DE 17/11/70 E DO N.74, DE 24/11/70 - SOBRE A PRISÃO DE TODOS OS JORNALISTAS DO PASQUIM.

A prisão da turma do *Pasquim* já era previsível muitos números antes. O *Pasquim* havia aperfeiçoado seu humor contra o regime e o fazia com uma descuidada irreverência, como se duvidasse do poder de fogo do inimigo. Mas esta forma de ser do jornal não significava ingenuidade. No primeiro número (26/06/69) a entrevista é com Ibraim Sued, escolha acertada para um jornal de varejo – moda, sociedade, política, televisão, músicas – tudo tratado de maneira leve. Esse primeiro número foi às bancas seis meses após a entrada em vigor do AI-5. O título *IBRAHIM, imortal sem fardão* abre a entrevista realizada por Jaguar, Tarso, Sérgio Cabral, Claudius. O texto de chamada diz: *Ibrahim Sued, o colunista mais lido do país.*

**Jaguar :** *Quando você interfere em política isso reflete uma certeza de que a sociedade como assunto perdeu o interesse?*

**Ibrahim** : *Exato. Eu acho que não podia fazer durante anos da mesma forma. O mesmo assunto, falar todo o dia de Tereza Campos. Eu não agüento mais...*

**Sérgio** : *Seu faro político indica algum nome especial suceder o general Costa?*

**Ibrahim** : *General Garrastazu Médici.*

**Jaguar** : *Qual o seu escritor preferido?*

**Ibrahim** : *[...] Estrangeiro eu prefiro não dizer. Por exemplo, acho Proust um chato. Guimarães Rosa, literalmente, gosto de Machado de Assis... Modernos eu não posso dizer, porque não tenho pretensões nem sou crítico literário, portanto, vamos deixá-los. Eu só dizer que acho Proust um chato.*

A entrevista com Ibrahim Sued foi bem aproveitada pelo *Pasquim*. O colunista, por sua condição profissional, tinha boas informações e notícias do poder, transitava livre de qualquer censura. E o *Pasquim*, parecendo ingênuo, despretensioso furava a barreira do silêncio sobre o poder.

Após a entrevista com Ibrahim Sued os números que seguem não são tão diferentes, as entrevistas são divertidas, informativas, sem nada que comprometa o jornal. No n. 1, a estratégia do *Pasquim* estava posta, sendo necessário procurar sentido já que a existência da censura indicava que no lugar daquele texto poderia haver um outro, e com outro sentido<sup>82</sup>. Cabia ao leitor fazer sua parte. Somente o leitor daquele momento, assaltado por tantos medos, era capaz de atribuir os muitos sentidos do terror, criar tantas histórias. Ele tinha a seu favor o contexto. Hoje, ler o *Pasquim*, é permitir-se ser traído pela memória e por tantas interpretações; é um exercício de re-

---

<sup>82</sup> ORLANDI, 1992, p.121.



significação. Isso sugere um *Pasquim* profundamente ligado ao seu tempo, um arquivo importante, um texto ainda aberto que facilita outras histórias contadas de diferentes pontos de vista da recente construção democrática do país.

O *Pasquim* viveu seus primeiros anos como um gigante revolucionário, 200 mil exemplares, uma tiragem em nada modesta para um alternativo.

Diferente de tudo o que havia na grande imprensa o *Pasquim* morreu sem deixar herdeiros. Muitos lastimam, ainda hoje, a orfandade deixada por ele.

## Capítulo III

### EM FOCO AS ENTREVISTAS

### 3.1 – A importância das entrevistas.

A entrevista esteve presente no *Pasquim* desde o primeiro número, constituindo matéria principal, e foi a seção mais regular. Ela se diferenciou do estilo tradicional por criar um deslocamento do ponto focal que, nesta situação, recaía sobre o entrevistado.

Estabelecendo significativa diferença entre a entrevista jornalística e os outros usos, Medina<sup>83</sup> diz: *Se quisermos aplacar a consciência do jornalista, discuta-se a técnica; se quisermos trabalhar pela comunicação humana proponha-se o diálogo*. Esta opinião demarca uma concepção de entrevista dentro do campo jornalístico, da qual o *Pasquim* foi, na década de 70, um porta-voz.

No *Pasquim* o espaço conversacional – o da entrevista é apresentado ao leitor de maneira difusa, com vários entrevistadores para um entrevistado. A concepção de entrevista do jornal partia do princípio que a entrevista era mais o espaço do diálogo do que o da busca da informação. Com a entrevista, o *Pasquim* acreditava estar exercitando o diálogo<sup>84</sup> da palavra democrática, e este exercício é percebido nos entrevistados, que foram os mais diversificados: intelectuais, profissionais liberais, prostitutas, marginais, artistas, meninos de rua, religiosos, todos o *Pasquim* transformou em notícia.

---

<sup>83</sup> MEDINA, 1995, p.5.

<sup>84</sup> Este papel de diálogo da entrevista jornalística, Medina chama de pluralógo: lugar onde se realiza o diálogo possível.

A entrevista no *Pasquim*, enfim foi antes de tudo um lugar de troca de idéias que à primeira vista parecem desfrutar de uma igualdade<sup>85</sup> de tratamento, pois ocupam o mesmo espaço formal, mas que se diferenciam no tratamento, na abordagem. Foi o lugar onde o *Pasquim* fincou suas marcas e possivelmente a marca mais dura, a do deboche, a do escárnio aos desafetos. Acredito que o lugar democrático das entrevistas nem sempre foi o do respeito. Concedeu a palavra a todos, mas na medida do possível a censurou, também, com um humor perverso que a desqualificava.

### 3.2 – As estratégias do texto

Mesmo trazendo para o jornal o que era marginal, ou pelo menos de gosto discutível para boa parte da classe média, o *Pasquim* trabalhou com preconceitos, critérios de valores, atitudes dicotômicas. Leituras sobre o jornal mostram práticas preconceituosas. Contra esta constatação e, em sua defesa, os jornalistas lembravam que o *Pasquim* foi o primeiro semanário a abrir espaço para questões como feminismo, homossexualismo, racismo, e que o deboche com que tratava estas questões constituía um *ato pedagógico*. A intenção, dizia Jaguar, era levar estes grupos a refletirem mais sobre sua condição e suas contradições. A estratégia é discutível. Muitos artigos,

---

<sup>85</sup> A idéia de igualdade dispensada pelo *Pasquim* a seus convidados será discutida em outro momento do trabalho, mais precisamente na análise das entrevistas.

matérias, entrevistas e até mesmo as cartas aos leitores são grotescas ou, como define Richilet<sup>86</sup>, *agradavelmente ridículas*.

### 3.3 – Entrevistas: um lugar de riscos.

As entrevistas do *Pasquim* foram a principal matéria do jornal. Mesmo repetindo algumas vezes fórmulas e gestos tradicionais, a inovação estava em fazer isso com humor. O jornal inovou ao usar as entrevistas de formas bem pouco ortodoxas. A maioria delas conduzida por vários entrevistadores, com a edição preservando as marcas da oralidade, ou seja, na *transcrição*, a conversa paralela, sons exteriores, as brigas entre os entrevistadores ou qualquer ocorrência durante a entrevista eram transcritos, e muitas vezes os jornalistas escreviam suas críticas nas margens da transcrição. Tudo era publicado, sugerindo que o jornal não usava copidescar suas entrevistas. Não sendo copidescado, o texto editado mantinha a estrutura do diálogo falado, recuperando, para o leitor, o momento da interlocução, criando um envolvimento interpessoal. Assim é que, as marcas da oralidade manifestam-se em diversos momentos, inclusive pelo uso de vocábulos giriescos e obscenos.

---

<sup>86</sup> Dicionário *Richilet*, citado por SODRÉ, 2002.

### 3.3.1 – O simulacro como entrevista

O conjunto das entrevistas, além da diversidade e dos diferentes interesses de entrevistadores e entrevistados, apresentou inovações, entre elas uma tentativa de representar o que não podia ser representado. A entrevista *realizada* com o poeta *Carlos Drummond de Andrade* (n. 106/1971) é um exemplo desta representação. A entrevista começou no número 103/1971, quando o jornal publicou o pedido feito ao poeta.

*Ilmo. Sr.*

*Poeta Carlos Drummond de Andrade*

*Pela presente dica, suplico ao Senhor a gentileza de conceder uma entrevista a “O Pasquim”. Sei que o Senhor não tolera dar entrevistas, mas a gente gostaria muito de fazê-la. Diz que dá pé, poeta.*

*Aguardando resposta favorável, subscrevo-me, atenciosamente, em nome da patota.*

*Sérgio Cabral*

Esta carta-pedido foi respondida por Drummond através do *Jornal do Brasil*, em 29 de junho de 1971.

*Prezado Sérgio Cabral, há mais de 50 anos não tenho feito outra coisa na vida senão dar entrevistas: em verso, em crônica, em carta, em papo. O que penso, o que sinto, o que imagino, o que me dói, me alegra, me aborrece, tudo está dito e contado por este autocontador incorrigível. E você ainda quer que eu repita o repeteco, bicho? Como leitor do Pasquim, não quero que publique matéria gasta.*

*Um abraço à patota.*

Diante do não do poeta, o *Pasquim* simulou uma entrevista, com base em *Carlos Drummond de Andrade: obras completas*, editada pela Aguilar, 1964. Ilustra a matéria uma foto montada onde aparecem Drummond e a patota sentados em um sofá, numa sala com mesa de centro, onde estão dispostas bebidas, mostrando que o *clima* das entrevistas tinha como ingredientes a descontração entre entrevistado e entrevistadores. A raiz verbal de simulacro significa *re-(a)-apresentar*, e é esse o sentido da simulação; ao simular não só o texto escrito, mas também a imagem (fotografia), o *Pasquim* ampliou a dimensão do simulacro.

**FIGURA 8.** FOTO MONTAGEM DA ENTREVISTA COM DRUMMOND. N. 106 DE 21/7/71.

A entrevista com Drummond não foi a única simulada. O *Pasquim* simulou outras entrevistas, com pessoas já falecidas: com *Madame Satã* (n. 357/1976) com *Noel Rosa* (n. 201/1973) e como o *Barão de Itararé* (n. 127/1971), editor de *A Manhã*.

O personagem de Miéle, *Doutor Straightlove* (n. 64/1970), é apresentando ao leitor como cientista da universidade de Columbia, antropólogo e sociólogo, autor de um recente livro: *Let's do it*.. O personagem foi entrevistado por Flávio Rangel e Leila Diniz. Durante toda a entrevista insinuações levam o leitor a acreditar que o assunto central é a prática sexual: *Straightlove: tome nota: aos povos do mundo: não se acanhem em fazer quantas vezes e do jeito que quiserem. Deve-se fazer porque dá prazer, e a vida fica mais bela, e fazendo se encontra a paz interior.*

Entrevistas como essas, com o Dr. Straightlove, com Drummond, Aporelli, Madame Satã, Noel Rosa, Clarice Índio do Brasil, com a lata de feijoadá e com as ruas do Alto Leblon conduzem à pergunta: *Que papel assume a simulação no Pasquim?* O personagem de Miéle foi entrevistado em 1970, período de vigência da censura prévia e de generalização do terror. A censura teve seus efeitos multiplicados pelo medo da tortura e da morte. Érico Veríssimo falava que a censura era bem pior quando se instalava dentro de nós, sem que a percebêssemos. Este sentimento de medo criou condições para que se desenvolvessem formas variadas de comunicação e de resistência. Em um primeiro momento, o vazio indicava um protesto à censura; depois, quando o



espaço vazio tornou-se ameaçador, os editores passaram a preencher o vazio com outras formas de vazio, como receitas de bolos, fragmentos de poemas, textos que normalmente não pertenciam àquele espaço. Estas estratégias de substituição eram recebidas pelo leitor como portadoras de mensagens; o leitor, já freqüentador da leitura nas entrelinhas, vê nestes textos mensagens a serem decifradas. Em vez dos espaços vazios ou de receitas de bolo, o *Pasquim* opta pelo simulacro.

O simulacro, necessariamente, não responde a uma situação criada pela existência da censura no *Pasquim*, mas funciona com um produto a ser consumido pelos leitores na caça de desvendar se Drummond, avesso a entrevistas, não teria cedido ao *Pasquim* ou se a neta de *Clarice Índio do Brasil* (n. 92/1971), a rua onde ficava a redação do jornal, seria real.

A entrevista com o *Barão de Itararé* (n. 127/1971) foi redigida a partir dos números do jornal *A manhã*. Na entrevista *Devastação humana* (n. 317/1975), as entrevistadas são as ruas do Alto Leblon que, reunidas, denunciam a devastação ecológica da área. A entrevista é legitimada pelo apoio de intelectuais como Antonio Callado e Helio Pellegrino. No entanto, a mais bizarra de todas entrevistas foi a realizada com uma lata de feijoada: *O Pasquim entrevista uma lata de feijoada e outras latas* (n. 150/1972), debochando dos efeitos pouco sociais do produto. O *Pasquim* inventa, usa e ocupa um espaço. Assim, acredito que, no *Pasquim*, a censura criou condições de criatividade ao fazer um jornalismo debochado, irônico e com muito humor. Se, para outros periódicos, a censura constituiu-se em um problema, no *Pasquim*, foi seu oxigênio. Além disso, o *Pasquim* soube conciliar o coloquial com setores mais sofisticados da cultura, descobrindo

na linguagem coloquial seu grande filão, tanto que sua linguagem veio influenciar boa parte do jornalismo brasileiro. A linguagem no *Pasquim* agradava tanto o leitor ingênuo quanto o leitor mais instrumentalizado para ler as regras do culto. Chinem<sup>87</sup> diz que o *Pasquim* foi a Lei Áurea da imprensa.

### 3.3.2 – Outras entrevistas, outras maneiras de dizer...

A língua falada, produzida através de impulsos ou unidades de pensamento, é menos vulnerável à censura de vocábulos, sendo isto o que a caracteriza, segundo Chafe, que a descreve como uma produção de jatos<sup>88</sup>. Um dos melhores exemplos disso, é a entrevista com *Leila Diniz* (n. 22/1969), em que o uso do asterisco entra no lugar dos palavrões – uma solução do *Pasquim* para driblar a censura. Na entrevista, realizada em 1969, quando Leila tinha 23 anos, o *Pasquim* dá destaque ao comportamento pouco convencional de Leila, que discute sua independência ante regras sociais, usando palavrões para adjetivar o que gostava e o que não gostava. O *Pasquim*, que possuía uma tiragem de 20.000 exemplares com o nº 22, alcançou 117.000 exemplares. A entrevista tem o tom *confessional*, o que, nas entrevistas, funciona tanto para esconder como para revelar o entrevistado, criando uma expectativa e uma intimidade com o leitor. Leila

---

<sup>87</sup> CHINEM, 1996.

<sup>88</sup> CHAFE, citado por OLIVEIRA, 2001, p. 114.

revela muito sobre sua carreira, sua sexualidade, seus sentimentos e sobre sua maneira de ver e construir a mulher pública Leila Diniz.

***Tarso:** Quer dizer que o pessoal de televisão tem exigências não-profissionais? Ficam querendo faturar as moças, é isso?*

***Leila:** Não está tanto mais assim, não. Já estive muito. A mim, nunca quiseram, porque eu mando logo tomar no (\*). Quando eu quero, eu vou com o cara. Quer dizer: pra mim, não tem. Talvez tenha pras mocinhas que estão começando. Eu não sei, não. Tem é muita zona em volta que não é negócio do (\*), que talvez fosse até mais fácil, você chegava lá e pronto, afinal, (\*), não é tão ruim mesmo. O que tem é toda uma paparicação que é desagradável entende? Você tem de jantar com fulano, conviver com sicrano, bater papo, tomar uisquinho, nhem, nhem e tal. Isso existe muito mais do que o dar. Está até fora de moda esse negócio de (\*).*

***Sérgio:** Você é uma mulher extraordinariamente bonita e faz papel sexy no cinema. Em consequência, você recebe muitas cantadas aí pelas ruas, nos bares da vida, praias etc.?*

***Leila:** Recebo muitas. Aliás, acho uma (\*) fazer papel sexy. O negócio não tem nada a ver com fazer boquinha, carinha etc. O negócio é outro: um negócio de pele, olho, um negócio que eu não sei bem o que é, não. Mas recebo cantadas, sim. É muito engraçado. Às vezes, enche. Em São Paulo, você recebe muito mais. Se eu quisesse fazer (\*) eu estava rica. Em São Paulo, o que liga pro hotel é industrial, fazendeiro etc. pra dizer: então vamos jantar e tal. A gente tem de dizer: companheiro, o caso não é esse, não é bem assim etc. Eu fico danada. Um dia disse pra um cara: meu amigo, se você por acaso me encontrasse, fosse ao cinema, fosse jantar etc. eu podia até dar pra você, mas assim não. O cara naquela de vamos e tal, aí já fica chato paca, não é? O cara está querendo pagar fica uma (\*), deve ser um (\*) de cama.  
[...]*

***Sérgio:** Uma pergunta piegas: você foi professorinha e...*

***Leila:** Professorinha uma (\*). Fui professora.*

O *Pasquim* soube explorar os sub-gêneros que atravessavam suas entrevistas. Elas colocam em movimento uma série de expressões interativas que se traduzem pelo lugar de onde falam os personagens, ou até mesmo pela auto publicidade. Estas expressões que são componentes da subjetividade

servem, como já me referi, para expandir a narração. As subjetividades expressam-se compartilhando o espaço narrativo das entrevistas com outros gêneros como biografia, autobiografia, memória, relatos que podem ser ficcionais ou de testemunho entrevistas com exilados por exemplo.

Quero dizer que as entrevistas não se prenderam a limites e/ou a fórmulas acabadas. Eram elaboradas enquanto texto no ato mesmo da entrevista, a partir de *uma relação* de influência recíproca entre entrevistados e entrevistadores, ou seja, entre várias personalidades em jogo.

Entrevistadores e entrevistados operam de diferentes maneiras, mesclando a entrevista não só com outros gêneros, mas também com as fórmulas de construção jornalística. Nas entrevistas com *Alceu de Amoroso Lima* (n. 13/1969 e 429, 430/1977), já na chamada de capa algumas marcas se destacam: ficam evidenciados a admiração e respeito pelo intelectual referido simplesmente como *Dr. Alceu*, o que confere uma imagem de seriedade e prestígio ao jornal. *Alceu merece a admiração e respeito unânimes de todo mundo neste país, amigos ou inimigos, crentes ou não, por sua integridade intelectual sua rigorosa honestidade e sua lúcida coragem.*<sup>89</sup>

A entrevista com *Dr. Alceu* é diferente, não recorre à ironia e ao deboche, fórmula usada pelo jornal para tornar seu produto visível. O *Pasquim*, em nota, esclarece o leitor. *Será que estamos perdendo o brilho, a*

---

<sup>89</sup> PASQUIM, n. 13, 1969.

*graça, a irreverência? Não importa. Afinal pode parecer que não, mas a gente sabe onde mete o nariz.*<sup>90</sup>

Esta nota avisa que o tom sério com que o *Pasquim* conduziu a entrevista com o *Dr. Alceu* seria a marca das entrevistas com alguns intelectuais, jornalistas, artistas etc, pessoas que, na década de 70, independentemente de credo, profissão, opções políticas, usaram a palavra para se opor, para se indignar diante do arbítrio.

Nesta linha, além do debate político acerca do estado de direito, discutiram-se temas diversos como a crítica literária feita por Alceu de Amoroso Lima<sup>91</sup> e outros intelectuais, além de religião, direitos humanos, etc.

**Sérgio Cabral:** *Por que o senhor deixou a crítica literária?*

**Alceu:** *Eu deixei por que senti que realmente a gente tem que sair do palco quando ainda tem alguma coisa a dizer, assim como se deve deixar o almoço com fome [...]. Eu senti que estava começando a ficar estéril.*<sup>92</sup>

A postura de Alceu de Amoroso Lima em relação a seu distanciamento da crítica se inscreve em um momento de mudanças nos rumos da crítica nacional, marcada por inúmeras polêmicas que, para Sússekind<sup>93</sup>, no período

---

<sup>90</sup> PASQUIM, n. 13, 1969.

<sup>91</sup> ALCEU DE AMOROSO LIMA assinava suas críticas literárias com o pseudônimo de Tristão de Athayde.

<sup>92</sup> Idem.

<sup>93</sup> SÜSSEKIND, 1985, p. 28-42.

autoritário, serviam como motor propulsor da vida cultural. Mas toda essa discussão já se alimentava desde os anos 40 e 50, marcada por uma série de questões acerca da autoridade, do crítico. Já naquela época surgem importantes nomes ligados à crítica, como Antonio Candido e Afrânio Coutinho.

O rodapé, editado nos pés de páginas dos jornais, reunia intelectuais de formação diversificada. Uma das críticas feitas a esta produção era a de ser superficial, de natureza opinativa, de linguagem, colada ao jargão jornalístico, de leitura rápida e simples - nem todos que escreviam no rodapé, porém, praticavam a crítica desta forma.

Estudiosos que defendiam a crítica universitária procuravam definir o papel do crítico. No final da década de 50, a crítica de rodapé passa a ser rechaçada em virtude da formação de uma outra atitude crítica – a crítica universitária.

Foram os diferentes exercícios de crítica desenvolvida por grupos de intelectuais, num mesmo espaço, que deram origem aos primeiros confrontos entre a crítica marcadamente impressionista e a pautada pelo discurso acadêmico, praticada por uma geração de intelectuais, saídos da universidade. O crítico de formação universitária privilegiou a linguagem teórica e o diálogo com as normas e valores.

O debate entre estas duas vertentes foi tenso. A passagem dos anos 50 para os anos 60 testemunhou lutas em defesa de posições no campo da crítica. Afrânio Coutinho, Álvaro Lins e Antonio Cândido foram personagens

destes embates que, nos anos 60, marcaram de forma definitiva diferentes posições na crítica.

Fato é que estas décadas são consideradas pela crítica como anos de predomínio da crítica universitária, passando a vigorar um modelo de crítica que Sússekind chama de tese-tratado<sup>94</sup>, que tinha sua produção presa às regras do trabalho acadêmico. Uma outra questão que se somou a esta foi um certo refluxo, uma redução do espaço jornalístico, antes ocupado pela crítica. À supressão de espaços para o exercício da crítica, Flora Sússekind denomina de *vingança do rodapé*. A vingança mostrou-se perversa, pois, tendo a crítica universitária exilado-se na academia perdeu seu espaço tradicional – o jornal. O que ocorreu nos anos 70 foi a retomada de uma crítica, cujo poder de análise foi aos poucos sendo minimizada, ocasionando uma ausência da teoria e fragilizando-a.

As diferenças, por exemplo, entre Afrânio Coutinho e Antonio Candido, que suscitaram varias polêmicas entre seus discípulos, não se resumiam apenas às tensões metodológicas e orientações teóricas. Para Sússekind<sup>95</sup>, elas refletiam diferentes exercícios do fazer da crítica.

Antonio Cândido defendia a necessidade de diferenciar a crítica-crônica, produzida no exercício jornalístico, da produzida com base no comentário da crítica-scholar ou crítica universitária. Para ele, a crítica não necessariamente deveria ser produzida apenas pelos que possuíssem

---

<sup>94</sup> SÜSSEKIND, 1993, p.13.

<sup>95</sup> SÜSSEKIND, 1993, p.21-27.

habilitação universitária, deveria, principalmente, desenvolver um maior grau de complexidade em suas abordagens e análises quanto à produção cultural da sociedade. Fato era que, alguns críticos, mesmo buscando relacionar, ler a conjuntura política e seus reflexos na produção cultural, deixavam de confrontar as polêmicas, as lutas de poder entre os intelectuais que levaram a cisões ideológicas e estéticas. Sússekind, ao analisar estas polêmicas, diz que

*... os textos se apresentam como da autoria de anjos da guarda, vigias da literatura, defensores de uma crítica sem imperialismos metodológicos, do ensino voltado, mas para a criação literária do que para o estudo teórico, e do prazer da leitura antes de tudo*<sup>96</sup>.

A *querela estruturalista*<sup>97</sup>, de 1975, que mais pareceu uma cruzada contra a teoria da literatura, foi uma das polêmicas mais duras enfrentadas pelos críticos. Vejo os ecos deste debate que se prolongou por quase duas décadas na fala de Alceu Amoroso Lima ao preferir ficar de fora desta história de exclusão e inclusão do campo da crítica. Nas entrevistas com Alceu, ainda, discutiu-se problemas do reconhecimento da cultura nacional, religião, educação, a questão urbana, assuntos pertinentes aos caminhos e descaminhos da sociedade brasileira naquele período.

As entrevistas do *Pasquim*, além de questões da hora, uma característica desse gênero, também trataram de resgatar depoimentos sobre a turbulenta história do Estado Novo. *Antônio Houaiss (n. 51/1970)*, Noel

---

<sup>96</sup> SÜSSEKIND, 1985, p33.



*Nutels* (n. 49/1970), *Austregésilo de Athayde* (n. 210/1973), *Aurélio Buarque de Hollanda* (n. 300/1975), *Hélio Bicudo* (n. 415/1977), *Darcy Ribeiro* (n. 426/1977), *Paulo Freire* (n. 462/1978), *Sobral Pinto*<sup>98</sup> (n. 409/1977), *Barbosa Lima Sobrinho* (n. 465/1978), *Raymundo Faoro* (n. 468/1978), *Moniz Bandeira* (n. 480/1978), *Evandro Lins e Silva* (n. 518/1979) foram entrevistados pelo *Pasquim* dando depoimentos testemunhais sobre a luta pela construção da democracia no Brasil.

O *Pasquim* realizou entrevistas também com alguns intelectuais estrangeiros que na década de 70 freqüentavam os centros de pesquisas e as universidades nacionais. *Kurt Rudolf Mirow* (n. 433/1977) (economista) e *Ralph Della Cava* (n. 437/1977)<sup>99</sup> (cientista político) foram alguns dos brasilianistas que, no *Pasquim*, discutiram o subdesenvolvimento.

*Elizeo Verón* (n. 493/1978), *James Baldwin* (n. 157/1972), *Martin Feinrider* (n. 398/1977), sociólogos, e *Ângela Gillian* (n. 227/1973), antropóloga, falaram ao *Pasquim* de questões ligadas à discriminação social, sexual e, principalmente, racial, particularmente da discriminação dos negros nas sociedades americanas. Sobre a questão negra no Brasil o *Pasquim* entrevistou *Abdias do Nascimento* (n. 471/1978). Uma questão que reforça a compreensão da entrevista como gênero, e aqui me refiro, especialmente, à

---

<sup>97</sup> Sobre esta questão, ver SÜSSEKIND, 1985 e 1993.

<sup>98</sup> Na entrevista Sobral Pinto conta a história de sua grande amizade, ele um católico praticante, anticomunista, e Prestes um ateu convicto. Sobral fala com respeito de Luis Carlos Prestes, de quem foi advogado.

<sup>99</sup> Na entrevista com o cientista político Ralph Della Cava um dos entrevistadores foi Fernando Henrique Cardoso.

entrevista periodística, é o fato de ser, mais claramente do que outros textos de jornal, ela responsável pela ruptura na concepção de ser o periódico algo efêmero. O caso da entrevista com Abdias Nascimento é exemplar. A entrevista periodística é um arquivo de memória da sociedade cuja importância não se esgota com o tempo. Em 1978, convidado a dar uma entrevista ao *Pasquim*, Abdias discutiu a inexistência de políticas na América Latina de enfrentamento à questão racial e mostrou equívocos da *democracia racial*. Contou, por exemplo, que mesmo no campo da esquerda o negro teve suas possibilidades de desenvolvimento social tolhidas.

*Ana – Que tipo de repressão sofreu o negro no Teatro?*

*Abdias – A União Nacional dos Estudantes foi o órgão repressor do Teatro Negro. Nos cederam salões mas na medida em que crescemos e queríamos afirmar nossos próprios problemas fomos expulsos de lá, tanto o teatro como o comitê. Quando o negro se recusa a ser usado não serve: Vocês são racistas [...] A desculpa é sempre esta.*

Abdias refere-se a alguns elementos do discursos da *democracia racial* que apenas dificultaram ao negro afirmar-se como negro na sociedade. A recente publicação de Joel Zito Araújo<sup>100</sup> traz dados sobre a visibilidade dos negros famosos e das dificuldades que estes, mesmo de reconhecida competência e talento, possuem para firmar-se no mercado das *estrelas*, dominado pela Rede Globo. Cita, como exemplo, que as mais de 400 telenovelas editadas pela Globo de 1964 a 1997, coube sempre aos negros o papel dos empregados domésticos. Portanto, essa ação reforça todo um paradigma construído sobre a presença do negro na sociedade. Ruth de

---

<sup>100</sup> ARAÚJO, 2000.

Souza, por exemplo, nunca desempenhou outro papel que não fosse o de doméstica.

Debates como este é que tornam as entrevistas do *Pasquim* um material vivo. E me surpreende a cada leitura o fato de que, em um período de mordaca, estas questões de alguma forma estiveram presentes no *Pasquim*.

**FIGURA 9.** CAPA DO N.481, DE 21/9/78 - A QUESTÃO DO PRECONCEITO.

Entrevistas como as realizadas com intelectuais, privilegiando um registro de *saber* foram numerosas. Cumpriram um papel de *divulgação propriamente dita*<sup>101</sup>. A maioria teve como pauta a história nacional, ou temas emergentes da década, como o subdesenvolvimento, a teoria da dependência etc. Nestas entrevistas, há a confrontação paradigmática, mesmo considerando não estarem direcionadas a seu público alvo, especializado; as entrevistas permitiam o acesso de um número maior de leitores ao conjunto de idéias que davam suporte às questões sociais, ou seja, elas ampliaram o debate.

Arfuch fala de uma *mobilidade* promovida pelas entrevistas no âmbito da produção do pensamento intelectual. Essa mobilidade tem relação tanto com a forma de publicação – *artigos, ensaios, entrevistas* – como com o tipo – *revista, periódico* – que atuam como *espaço complementar*. Para a autora, há um risco nestes espaços que vem da *velocidade*, inerente à dinâmica comunicativa, interativa. Esses lugares podem propiciar uma perda, uma redução na complexidade dos elementos do enunciado que não devem ser

---

<sup>101</sup> ARFUCH, 1992, p.38.

tributados à forma em si, mas ao uso que muitas vezes apontam para a massificação.

A efemeridade da entrevista é superada, primeiro, pela relação com o contexto: o momento histórico e o papel da imprensa alternativa. Em segundo, pelo fato de ser a entrevista perpassada por outros gêneros, o que ajuda em sua prolongação temporal, independentemente de ter sua publicação ligada a um periódico. Neste sentido, o nome das pessoas entrevistadas é um fator de permanência da entrevista.

As entrevistas de conteúdo estritamente *jornalístico-informativo*, como as realizadas com médicos acerca do Serviço Nacional de Saúde, foram poucas. Estas entrevistas informativas tinham um caráter de denúncia, revelando certa objetividade. Com estas entrevistas, o *Pasquim* colocava em circulação o caráter de imprensa comprometida com a denúncia, com a idéia de prestadora de serviços de interesse público. Ficaram famosas as reportagens levadas pelo jornal, na década de 70, sobre os serviços médicos prestados à população; estas reportagens ocuparam várias edições, sempre com chamadas de capa bem a gosto do espetáculo, como *A máfia de branco*.

Outras entrevistas também constituíram no *Pasquim* um ato de inovação: foram as realizadas com policiais e por policiais. As entrevistas-quase-reportagem foram apresentadas ao público em seqüência. A série abriu-se com a entrevista com o policial *Bechara Jalkh* (n. 307/1975), um investigador, dono de uma escola de investigação por correspondência que conta como o crime corrompe o sistema policial. Do n. 349 até o n. 356/1976, o *Pasquim* entrevistou o repórter-policial *Otávio Ribeiro*. Do n.

367 ao 370/1976, o entrevistado é o policial *Sivuca*. Esta série de entrevistas narra vidas marginais que ali são contadas em capítulos/entrevistas, cada uma mostrando uma faceta do crime e seus heróis. Na série realizada com Otávio Ribeiro, conhecido também por *Pena Branca*, o entrevistado conta, de maneira fantástica, as buscas e apreensões de marginais como Lúcio Flávio Villar (assaltante conhecido por suas fugas da prisão) e Leopoldo Heitor (assassino de Dana de Teffé).

Otávio Ribeiro, narra as histórias, imprimindo ao relato uma técnica de descrição bastante usada em jornalismo que é a *narração pictórica*, onde o narrador, um observador imóvel na cena, conta com detalhes o que observa. Esse tipo de narração é comum na prática jornalística, principalmente quando o repórter participa diretamente da observação dos fatos. Ele era, na situação descrita, repórter/policial, participante e observador da cena do crime.

*Quando tô falando, aí entra uma turma. Era Mineirinho, Caveirinha, Fidel Castro, Tião Neguinho e Orelinha. Tudo com chapéu enterrado na cabeça. Mineirinho viu e ficou cabreiro. Parou na porta e disse: Quem é esse aí?*

*A Zilda disse: É um mineiro que tá comendo.*

*Aí entrou. Puxou a cadeira e sentou a minha frente. Chapéu enterrado. Fiquei olhando pra ele... Perna tremendo, joelho tremendo, tudo tremendo [...] Tô ali naquela, tô no fogo [...] A nega velha bota carne seca, abóbora... E eu comendo aquela abóbora meio amarrada porque tô vendo Mineirinho.<sup>102</sup>*

De entrevistado, Otávio Ribeiro passou, a pedido do *Pasquim*, a entrevistador, realizando várias entrevistas com polícias como as de *Sivuca*.

A entrevista, com mais de 10 horas de gravação, foi editada em quatro números; nela o policial, apresentado como *O Gladiador* da Polícia Especial, aparece como o homem responsável pelo extermínio de considerável número de pessoas suspeitas de envolvimento com o crime.

Durante a entrevista Sivuca distribuiu panfletos, chaveiros e cédulas de candidato a vereador. Em todos estes materiais de propaganda estava impressa a caveira da morte e as iniciais E.M, que ele, na entrevista, traduzia por *Esquadrão Motorizado*<sup>103</sup>. Sua entrevista é um contundente depoimento das arbitrariedades e da violência praticada por integrantes do Esquadrão da Morte, coordenados pelo detetive Le Coq que, na fala do policial, aparece como o grande herói, o destemido e o tímido homem da polícia especial do Rio nos anos 70.

O *Pasquim* realizou doze entrevistas que funcionaram como denúncia das práticas arbitrárias da polícia e da omissão do regime militar; elas ocorreram entre 1975 e 1976, período em que relatos e denúncias de tortura foram intensos.

Essas entrevistas, com policiais e marginais da década de 70, foram as únicas que no *Pasquim* foram apresentadas em série, uma espécie de folhetim anti-romântico da sociedade; o texto no *Pasquim* dá visibilidade a uma

---

<sup>102</sup> PASQUIM, n. 349, 1976.

<sup>103</sup> Uma referência ao Esquadrão da Morte, milícia paralela à polícia criada por policiais que se auto-proclamavam justiceiros. Esta organização criminosa tinha como objetivo exterminar pessoas suspeitas de envolvimento com o crime; torturadas e mortas, as vítimas tinham seus corpos abandonados nas periferias da cidade, sempre marcados com a sigla EM. Essa organização atuou no Brasil, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo com a

história que a sociedade conhece, mas que não ousa comentar e que, no *Pasquim*, torna-se notícia, enfim, vende. Ali, criminosos e o órgão cumpridor da justiça – a polícia – se confundiam no esquadrão da morte, na pessoa do policial como vereador representante dos que ele mata; no *Pasquim*, a lei, como princípio organizador da sociedade, é desmascarada, mostra-se frágil.

Considerando o contexto repressor da época, interpreto as entrevistas do *Pasquim* a partir da idéia de Eni Orlandi de encarar o silêncio como condição para o movimento dos sentidos, de ler os interditos como silêncios que se deslocam para contar a história. O silêncio, na época, se manifestou na censura dos jornais, nas artes que se tornaram hábeis na execução do que a autora chamou de *perfídia da interpretação*<sup>104</sup>, que *consiste em considerar o conteúdo (suposto) das palavras e não - como deveria ser, - o funcionamento do discurso na produção dos sentidos*, ou seja, a prática do *conteudismo*, que é a atribuição de sentido. Para entender um determinado discurso é necessário entender o sujeito e a ideologia, até porque *não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia*.

O *Pasquim* trabalhou com a possibilidade de o leitor ser versátil, capaz de ir além do texto impresso, podendo facilmente traduzir os interditos, os silêncios de suas páginas. Este hábito, para Orlandi, foi o resultado de uma construção histórica, determinada, de uma relação com a linguagem em que estão em causa o sujeito como intérprete (na relação com o saber) e o sentido (em sua relação com as coisas).

---

silenciosa benevolência do Estado. Helio Bicudo, um dos entrevistados do *Pasquim*, foi a principal voz na luta contra essa violação dos direitos humanos praticados por estas milícias.



O *Pasquim* concedeu o mesmo espaço, nas entrevistas a profissionais, a pessoas da sociedade e a marginais; assim é que *Meneghetti*, ao ser entrevistado teve como chamada *Meneghetti: o bom ladrão* (n. 57/1970). A abertura da entrevista mostra Meneghetti como um herói, leitor de Lombroso e de Camões, ao ser preso, levou com ele 700 livros, todos de orientação positivista. Em contra- partida, entrevistou dois marginais brasileiros: *Madame Satã* (n. 95/1970), com longa folha corrida no crime, uma edição genuína do malandro brasileiro da Lapa, e *Coelhão* (n. 50/1970), conhecedor dos porões do submundo das prisões e das polícias.

Madame Satã foi duas vezes entrevistado. Na primeira entrevista, a chamada é assinada por Sig (o rato) referindo-se a *O encontro histórico de dois marginais: Madame Satã e Monsieur Pasquim*. Os entrevistadores foram Chico Júnior, Sergio Cabral, Jaguar, Paulo Garcez, Fortuna e Paulo Francis. A entrevista se desenvolve a partir da história pessoal para chegar à vida pública de Satã, passada em grande parte na prisão (27 anos e 8 meses). Fala de seus amigos Chico Alves, Noel Rosa, Orlando Dias, Vicente Celestino, Araci de Almeida e de sua amizade com Gregório Bezerra e Osvaldo Nunes. Madame Satã faz um retrato do Rio de Janeiro da primeira metade do século passado; fala da cultura com um olhar de quem está fora dela, que participa de uma outra realidade social e cultural – a malandragem. Na segunda entrevista Satã já havia morrido; o *Pasquim*, então, monta uma entrevista, começando com a frase final da primeira entrevista: *Enquanto eu viver, a Lapa viverá*. O jornal reproduz a primeira entrevista acrescentando alguns

fatos; as respostas escritas na primeira pessoa emprestam à entrevista o sentido da atualidade.

O *Pasquim* usou o espaço das entrevistas para registrar lutas emergentes na década de 70. Quanto ao feminismo, tema em ascensão, ouviu *Betty Friedan* (n. 94/1971), citada anteriormente, e *Rose Marie Muraro* (n. 91/1971). O problema indígena, além dos artigos de Edilson Martins, foi tema de várias entrevistas que tratavam da invasão das terras dos índios, incentivada pela política de fronteiras agrícolas, que deslocou um contingente grande de colonos para áreas de colonização dirigida, sem ter uma política agrícola e de colonização sustentável.

As entrevistas com políticos são como narrativas históricas. Referem-se a um tempo passado e valorizam a interpretação pessoal que cada entrevistado possui do fato relatado. Entre elas pode-se destacar a realizada com *Tenório Cavalcante*, o *homem de capa preta* (n. 194/1973); *Miguel Arraes* (n. 454/1978), na época exilado em Portugal; *Francisco Julião* (n. 497 e 498/1979), líder camponês; *Gregório Bezerra* (n. 500/1979), *Vladimir Palmeira* (n. 508/1979), *Apolônio de Carvalho* (n. 532/1979), guerrilheiro da luta armada, salvo pelo governo francês da ditadura brasileira; *João Amazonas* (n. 544/1979), líder do PC do B; *Luiz Carlos Prestes* (n. 540/1979), do PCB.

Vários políticos foram entrevistados de 1969 a 1979. No entanto, a maioria aconteceu em 1978 e 1979, quando já se vivia um clima de abertura política, e alguns destes políticos retornavam ao Brasil.

As entrevistas realizadas com os militantes da esquerda, que viveram parte de suas vidas na clandestinidade, aconteceram em 1979 e foram realizadas no exílio, quando, para alguns, a volta ao Brasil já era fato e, para outros, não passava de uma perspectiva.

Sobre este período, Heloisa Buarque de Hollanda<sup>105</sup> comenta que o período pós-78, animado pela queda da censura e pelo projeto de abertura, inaugurou uma produção literária que respondia ao momento – uma literatura de relato. Os que haviam participado do processo político, principalmente, da luta armada, na volta escreveram suas memórias, resgatando assim parte da história sobre a qual pairava o silêncio. Falar ou publicar estas memórias significava romper com um tabu de contar o que não podia ser contado. Foi na forma de literatura de relato que as memórias tornaram-se públicas. Este tipo de literatura deu início a uma série de publicações que foram chamadas de literatura de exílio, literatura dos retornados.

Políticos como *Teotônio Vilela* (n. 382/1976), *Paulo Brossard* (n. 448/1978), *Saturnino Braga* (n. 461/1978), *Lysâneas Maciel* (n. 459/1978), *Pedro Simon* (n. 494/1978), *Jarbas Vasconcelos* (n. 495/1978), *Seixas Dória* (n. 485/1978), *Alencar Furtado* (n. 524/1979), *Moreira Franco* (n. 538/1979), *Leonel Brizola* (n. 537/1979) e o então sindicalista *Luis Inácio da Silva (Lula)* (n. 456/1978) e mais alguns políticos estrangeiros como *Samora Machel* (n. 506/1979) (Moçambique), *José Luandino Vieira* (n. 345/1976) (Angola) foram também entrevistados.

---

<sup>105</sup> Em *A luta dos sufocados e o prazer dos retornados*, artigo escrito para o *Jornal do Brasil* (13/02/1982).

O *Pasquim* abriu espaço nas entrevistas para familiares e amigos de presos políticos. Estes depoimentos foram analisados pela a Anistia Internacional, com a mediação de Gerald Thomas, diretor de teatro residente em Paris, e serviram para que este órgão intercedesse junto ao governo brasileiro e a outros governos da América Latina a favor dos presos políticos. Este foi o caso de *Denise Crispim* (n. 527/1979), *Inês Etienne* (n. 526/1979) e de Dércio Freitas advogado de *Flávia Schilling* (n. 501/1979).

Os temas tortura e presos políticos renderam ao *Pasquim* e a *Fernando Gabeira* (n. 490/1978) a entrevista mais comentada. Primeiro porque o jornalista Gabeira transformou sua entrevista em um contundente depoimento sobre as humilhações que eram submetidas às pessoas presas, nas longas sessões de tortura; em segundo lugar, pelo fato de ter sido o sucesso da entrevista responsável pelo livro *O que é isso, companheiro*.

O futebol, seus atletas e técnicos também foram alvo das entrevistas, curiosamente e principalmente entre 1970 e 1973, quando a censura prévia funcionava como editor auxiliar. Neste período o *Pasquim* entrevistou vários nomes do futebol, como os técnicos *Yustrich* (n. 42/1970) e *João Saldanha* (n. 16/1969)<sup>106</sup> este último, defensor da abertura de novos canais de televisão no momento em que a Globo solidificava seu império.

---

<sup>106</sup> João Saldanha foi um dos convidados a participar da entrevista com Oscar Niemeyer, n. 422 / 1977 de quem era muito amigo. Em conversa particular, sua filha Ruth Saldanha contou-me que seu pai deu aos presos políticos exilados no México seu prêmio da copa de 1974, no valor de 30 mil dólares. Este fato foi recentemente relatado por Miéle que estava presente naquele momento no México.

As entrevistas com religiosos de destacado comportamento político e ou religioso nos anos 70 também fizeram parte deste acervo. Nestas, o que claramente é percebido é que o espaço das entrevistas foi utilizado diferenciadamente, segundo o lugar que o entrevistado ocupava na sociedade. No campo religioso, essa questão é especialmente visível. Nas entrevistas com os religiosos, o tratamento dispensado aos representantes da igreja católica não é o mesmo dado a representantes de outras correntes religiosas. Esta diferença é percebida na forma como o *Pasquim* estrutura e faz as perguntas. O jornal pressupõe que algumas religiões são muito mais manifestações culturais relacionadas com as *heranças* africanas do que religiões de fato, descaracterizando assim o caráter religioso de outras religiões que não a católica. Duas dessas entrevistas aconteceram em 1970. As capas dos jornais (figuras 3 e 4) já marcavam a diferença: o n. 40/1970 retrata o rosto de *Dom Helder Câmara*; no n. 56/1970, a palavra *EXU*, em letra de forma, ocupa todo o espaço, acenando para uma visão estereotipada do que seria a cara do bem e do mal.

A entrevista com Dom Helder Câmara é realizada por três jornalistas, coordenados por Cristina Tavares. O lead<sup>107</sup> destaca Dom Helder como

*importante personagem na atual fase do mundo... importante no destino do homem... na sociedade... . O Pasquim se orgulha de apresentar a entrevista do Dom Helder, que se constitui num documento que precisa ser analisado por tantos quantos se interessem pelo destino do homem... (n. 40/1970).*

---

<sup>107</sup> *Lead*: cabeça de matéria, técnica de redação, consagrada pelos manuais norte-americanos quer dizer: guiar, conduzir. O lead resume a notícia, identifica pessoas, lugares e eventos.

**FIGURA 10.** CAPA DOS N<sup>OS</sup> 56 E 40 (22/7/70 E 1/4/70). SOBRE A RELIGIÃO.

A entrevista com Joãozinho da Gomeia, líder umbandista, é antecedida por uma matéria que traça uma cartografia da Umbanda e da Quimbanda; a entrevista propriamente dita começa sem nenhuma chamada de apresentação sobre o entrevistado. Se o foco da entrevista com Dom Helder se dá em torno das questões sociais e políticas, o eixo da entrevista com Joãozinho da Gomeia é o da informação sobre o que é a Umbanda.

*Chico: A Umbanda é misticismo?*

*Joãozinho: Eu não sei se é misticismo, é uma coisa mal começada. [...].*

*Sergio: O candomblé reconhece Cristo?*

*Joãozinho: Reconhece [...]*

**Maciel:** *Obatalá não é Deus?*

**Joãozinho:** *Não, porque quando Obatalá surgiu já existia Deus. [...].*

**Joãozinho:** *Obatalá tinha dois sexos e se fecundou nele mesmo. Ai teve vários filhos como Iemanjá que se casou com Oxalá.*

**Sergio:** *Quer dizer que estas leis morais que nos temos [...] pecados, adultérios, homossexualismo não existem no Candomblé. [...].*

**Chico:** *Como você encara a omissão de Deus? [A pergunta se refere aos jovens no Vietnam].*

**Joãozinho:** *Deus com certeza envelheceu.*

**Sergio:** *Deus está velho?*

**Joãozinho:** *Isso só vai saber quem for à lua porque quem for à lua vai ao céu.*

O *Pasquim* pergunta a Dom Helder se existe ou não o inferno. A longa resposta se fundamenta em Pascal; retoma questões propostas pelo Papa João XXIII e vincula a análise à idéia de que, ao se conceber o inferno como dogma, seria esta apenas uma questão pedagógica

A mesma pergunta sobre o inferno, dirigida a Joãozinho da Gomeia, é respondida com um tom irônico e debochado.

**Sérgio Cabral:** *quando você morrer você vai para onde?*

[Joãozinho que, na pergunta anterior, admitiu a existência do céu, responde: *vou para uma missão diferente*].

**Chico:** *Quer dizer que pensando no Candomblé você vai pra essa missão diferente e, pensando na Igreja católica você vai para o céu ou para o inferno?*

**Joãozinho:** *Depois de morto ninguém sabe que rumo vai tomar o espírito, se vai seguir uma seita ou a outra.*

As entrevistas com outros religiosos convidados colocam, de um lado, *Dom Pedro Casaldáliga* (n. 424/1977), *Dom Evaristo Arns* (n. 434/1977), *Dom Hipólito* (n. 477/1978), *Dom Pelé* (n. 506/1979), todos bispos da igreja católica reconhecidos por seu compromisso com a Teologia da Libertação. Estes bispos da década de 70 discutiam pontos polêmicos, tanto para a Igreja como para o Estado brasileiro, tais como comunismo, reforma agrária, educação, esquadrão da morte, tortura, temas considerados perigosos à segurança nacional. Do outro lado, estavam representantes de diversas manifestações religiosas como *Olga de Alaketo* (n. 156/1979), *Elvira Pagã* (n. 393/1977), *um grupo de Hare-Krisnas* (n. 404/1977).

O *Pasquim* entrevistou um grande número de pessoas que faziam suas observações sobre o Rio de Janeiro. O cotidiano da grande cidade foi o tema das entrevistas com urbanistas, arquitetos, ecologistas e artistas plásticos. Nomes como *Burle Max* (n. 220/1973), *Oscar Niemeyer* (n. 53/1970), *Segadas Viana* (n. 283/1974), *Di Cavalcanti* (n. 7/1969) nas páginas do jornal reafirmaram o que era um dos lemas do *Pasquim* – *Um ponto de vista carioca*.

Muitas das entrevistas são relatos apaixonados acerca da cidade do Rio de Janeiro. A suposta magia do Rio de Janeiro sobre as pessoas é uma questão presente nas entrevistas; na fala aparece a necessidade de se socorrer, naquele momento, a cidade do Rio com um projeto social e urbano mais conseqüente.

Um outro grupo de entrevistados foi o que reuniu artistas do teatro brasileiro. O *Pasquim* entrevistou praticamente todos os chamados grandes



nomes. Discutiu a sobrevivência do teatro sem incentivo do Estado. Na fala de muitos artistas uma questão parece ser unânime, a reivindicação por uma política cultural capaz de revitalizar o teatro e pelo fim da censura. *Paulo Autran* (n. 3/1969) falou da influência do cinema no teatro e de parceiros como Glauber Rocha, Chico Buarque, Paulo José, Dina Sfat, Grande Otelo, Tônia Carreiro, Marília Pêra, Nelson Pereira dos Santos, Fernanda Montenegro, Mario Lago, Paulo Gracindo, Fauzi Arap, Ruth Escobar, também entrevistados pelo *Pasquim*, assim como *Anselmo Duarte* (n. 19/1969), *Oscarito* (n. 38/1970), *Ruy Guerra* (n. 104/1971), *Cacá Diegues* (n. 205/1973), *Leila Diniz* (n. 22/1969).

Como estas, outras entrevistas que não foram citadas neste capítulo podem ser conhecidas através do texto de indexação que faz parte do banco de dados constituído para esta pesquisa. Este banco sugere que as entrevistas do *Pasquim* constituem um arquivo bastante completo da história recente deste país. Muitas vezes falando com pessoas que leram o *Pasquim*, ouço o mesmo depoimento em que revelam terem sido as entrevistas do *Pasquim* importantes para a geração anos 70, porque mesmo no período da censura formavam opiniões. Se sabíamos quem era Sobral Pinto, a MPB, Chico Buarque, a censura, o pensamento dos intelectuais que se opunham ao regime ou de outros temas, o *Pasquim* e especialmente as entrevistas tinham sua parte de responsabilidade nisso. Portanto, o arquivo aqui organizado permite, pelo menos, que se possa contar muitas outras histórias, com outras vozes.

### 3.4 – As querelas da música no *Pasquim*

A escolha do conjunto de entrevistas sobre música obtida pela reunião de palavras-chave que pertenciam ao campo da música deu-se, principalmente, porque o tema foi freqüentemente abordado pelo *Pasquim*, não só nas entrevistas, como também em outras seções do jornal. A música foi o tema preferido de Sérgio Cabral, cuja opinião era respeitada pelos membros do grupo. Foram 84 entrevistas realizadas pelo *Pasquim* com músicos no período de 1969 a 1979, quando o jornal, nesta década, publicou 455 entrevistas.

A presença significativa de entrevistas com músicos pode ser entendida, em parte, pela proximidade temporal com um dos mais discutidos momentos da música popular brasileira, o movimento tropicalista do final dos anos 60, cujas idéias acerca da situação política do país era diferente das idéias centrais da esquerda tradicional. O tropicalismo apostava na formação de uma *consciência* política que ia além dos setores de reprodução da vida social e da visão normativa, pedagógica, principalmente a respeito da arte. Era contra a idéia do *engajamento*, critério que subordinava a arte a ter como referente uma noção tradicional de povo brasileiro, sob pena de ser considerada alienada.

O tropicalismo colocou em questão a relação entre cultura e política até então dominante. Construindo uma versão alternativa para essa relação, ainda que privilegiando uma visão completa da realidade brasileira, sua diferença era apresentar essa *realidade* a partir de uma outra *estética*. Este

fato estabeleceu no campo da própria esquerda uma divisão, o que implicou na reação explosiva entre alguns tropicalistas e alguns intelectuais da esquerda tradicional. Esse confronto é traduzido pelo acontecimento do TUCA, em 1968, quando, nas eliminatórias do Festival Internacional da Canção, Caetano foi impedido de cantar *É proibido proibir* devido às vaias e gritos de militantes de esquerda situados na platéia, e respondeu com um discurso onde comparou esses militantes com os fascistas do Comando de Caça aos Comunistas (CCC), que haviam espancado os atores de *Roda-Viva*, peça de Chico Buarque de Holanda, afirmando, que eles estavam ultrapassados, que iriam *sempre matar amanhã o velhote inimigo que morreu ontem*, e que suas concepções prenunciavam políticas perigosas: *Se vocês em política forem como são em estética, estamos feitos!*<sup>108</sup>

A relação entre os tropicalistas e a esquerda foi bem diferente da relação da esquerda com a Jovem Guarda. Na jovem guarda as composições falavam de um universo negado pelas esquerdas: conflitos sentimentais, automóveis, gatinhas e gatos. No Tropicalismo, a sociedade brasileira é moderna, organizadora, paradoxal, misturando o nacional e o internacional. A estética tropicalista mostra um Brasil que a esquerda nega por teimar em permanecer presas ao paradigma clássico da revolução, que se demarca por oposições: campo versus cidade, nacional versus internacional etc.

Todas essas questões passam pelo *Pasquim* nas entrevistas com os compositores, cantores, intérpretes das mais diferentes tendências da música popular brasileira. As entrevistas não só revelam diferentes ritmos,

---

<sup>108</sup> Veloso, 1977.

expressões musicais, histórias daquele período, mas revelam, principalmente, como a entrevista, enquanto diálogo e processo interativo, caracteriza, diferencia e contextualiza melhor seus participantes, ou seja, os personagens da história a ser construída.

Participaram das entrevistas do *Pasquim* cantores muito diferentes de Waldik Soriano a Chico Buarque de Holanda, não deixando de registrar a voz da malandragem dos cantores do samba de breque como Moreira da Silva, as vozes do samba-canção de Ângela Maria a Maysa; vozes da velha guarda do samba com Lupicínio, de sertanejos com Alvarenga, com ou sem Ranchinho; do polêmico Luiz Gonzaga, sanfoneiro do mangue<sup>109</sup> eleito o Rei do Baião; dos então novos sambistas como Martinho da Vila; as vozes da Bossa Nova, da Jovem Guarda, do *rock and roll* e do Tropicalismo. Segundo Tarik de Souza, as entrevistas, vão da *estática à estética, da teoria ao desestruturalismo; um prato feito sortido, acompanhado de Moët et Chandon e caviar; baba de quiabo e licor de jenipapo*<sup>110</sup>.

Mas a que corresponde esta eleição tão variada? O que primeiro chama atenção é que ao reunir estas entrevistas, estou diante de um arquivo diversificado sobre música popular brasileira. A história que começa a ser contada nos anos 60 fala da briga da Bossa Nova com os sambistas, ou seja, dos que defendiam as *raízes nacionais* com os criadores de uma nova música

---

<sup>109</sup> Sobre o Mangue, Bandeira escreveu uma de suas belas prosas, contando como o mangue se transforma em o Mangue, em 1860, com a inauguração das obras do Gasômetro feitas por Mauá. Destaco um trecho do texto de BANDEIRA, (1958, p.303): *Qual segunda Veneza Americana! O novo bairro ficou fiel à inércia da lama original. O canal encheu-se de piche, onde encalhavam as barcaças que o deveriam limpar; as ruas largas ladearam-se de casinhas baixas de porta e janelas; residência de gente pobre, que vive porque é teimosa.*

brasileira cosmopolita, feita sob influência norte-americana, mais precisamente do jazz. A ruptura de estilo levada pela Bossa Nova propiciou, definitivamente, um corte na hegemonia do samba. A Bossa Nova não é apenas uma mudança de estilo. A partir de um começo redundante de *amor, sorriso e flor*, traduzido em letras amenas, inocentes, alguns não tardaram a aderir à idéia de arte engajada; numa variante da perspectiva nacionalista, esta expressão musical assumiu posições em defesa da tradição musical popular – o samba, o frevo, o choro, etc. –, a partir deste momento, suas letras como *Sem, Deus com a família; Zé do Trem* de César Roldão, falam de reformas sociais e de problemas nacionais, retratando o que acreditava ser o desejo popular. Suas letras elaboradas, intelectualizadas, não chegaram a fazer sucesso junto ao grande público – um paradoxo; seu sucesso e prestígio ficou restrito à parte da classe media que, no entanto, na análise de Martins<sup>111</sup>, foi responsável pela diluição da própria Bossa Nova após a queda de Goulart: o mesmo grupo apoiou a Revolução de 1964, e o governo militar desaprovava a Bossa Nova. Além do mais, ao se firmar o poder autoritário, aquele anseio por reformas, cantado nas letras da Bossa Nova, torna-se cada vez mais inviável. As euforias foram se dissipando, e é neste momento que o iê-iê-iê<sup>112</sup> começa a tomar seu lugar.

A Jovem Guarda, a principio, também foi alvo de ataques. A nova onda do iê-iê-iê era desvinculada de qualquer tradição nacional; filha das

---

<sup>110</sup> JAGUARIBE (Jaguar), 1976.

<sup>111</sup> MARTINS, 1966.

<sup>112</sup> Iê-iê-iê foi uma referencia ao yeah-yeah-yeah cantado no sucesso "She loves you" dos Beatles .

traduções do ritmo, entra na briga para garantir seu lugar no cenário nacional e sua liberdade de expressão. Primeiro, manda *tudo pro inferno* e depois desafia num *pode vir quente que eu estou fervendo*, a todos que lhe ameaçavam – principalmente as esquerdas, que viam na jovem guarda um elemento a mais da dominação imperialista. A *agressividade* da Jovem Guarda, para Lopes<sup>113</sup>, tinha a função de criar uma imagem *marginal, diferente*, que valorizasse provisoriamente o estado de impotência em que se encontrava o herói dessa corrente – pobre, sem estudo e jovem<sup>114</sup> –, à espera de uma oportunidade para entrar no mundo do sucesso e do seleto grupo da música popular.

#### 3.4.1 – O tom e o som nas entrevistas do *Pasquim*

Via de regra os convidados iniciam a entrevista contando ao leitor sua condição social, com ênfase na bagagem cultural. No caso da Jovem Guarda, a entrevista reafirma serem jovens, sem muita informação cultural e reacionários. Esses preconceitos aparecem também quando os entrevistados são músicos mais velhos, ligados ao samba; preconceitos reforçados pela esquerda, que se horrorizava diante do desejo de consumo daqueles jovens, pecados declarados em quase toda a composição musical da jovem guarda.

---

<sup>113</sup> LOPES, 1999.

<sup>114</sup> LOPES, 1999.

#### 3.4.1.1 – O *rock* e a Jovem Guarda

O *Pasquim* entrevistou os nomes mais significativos do rock e da Jovem Guarda, a começar por *Celly Campello*<sup>115</sup> (n. 165/1972). Contando histórias vividas pela cantora e afirmando que sua carreira foi meramente acidental. Celly Campelo, a primadona do rock brasileiro, diz não ter tido a mesma sorte de tratamento dado a Roberto Carlos, cujo sucesso teria sido muito mais fruto de um investimento da mídia do que um reconhecimento da qualidade da obra e do cantor. A queixa é uma constatação de que, na virada dos anos 60 para os anos 70, a indústria cultural, bem mais agressiva, escolhe os dotados para o sucesso. Se a entrevista de Celly Campelo não é um elogio a sua performance artística, as realizadas com os artistas centrais da Jovem Guarda não deixam dúvidas quanto à posição preconceituosa do jornal.

A entrevista com *Erasmão Carlos* (n. 28/1970) começa explicando os critérios que o jornal levava em consideração para convidar alguém a participar de uma de suas entrevistas: *a seleção é feita na base das pessoas que acertaram na sua profissão e que têm algo a dizer... o Erasmão Carlos, um sujeito que, ao lado de suas qualidades conhecidas, se revelou um bom entrevistado e uma boa praça.*

---

<sup>115</sup> Os primeiros ídolos do rock brasileiro foram os irmãos Campello de Taubaté : São Paulo. Os irmãos Campello deixaram de atuar juntos em 1962.

As perguntas feitas ao cantor são conduzidas por preconceitos acerca dos integrantes da jovem guarda, preconceitos que os caracterizava como alienados, incultos, sem postura política ou mesmo artística e cultural.

***Tarso:** Já leu o Pasquim?*

***Erasmão:** Já, mas claro, pôxa!*

***Tarso:** Porque, é que você lê o Pasquim e não lê os outros jornais?*

***Erasmão:** Por que o Pasquim fala a minha linguagem, sem demagogia. Eu adorei um anúncio de camisa que diz: se você não é bicha compre a camisa [...] eu esperava ver esta palavra publicada [...]*

***Tarso:** Então, eu quero saber uma coisa: como é o nome do auxiliar de Ted Multipli?*

***Erasmão:** Ah, eu não gosto de Ted Multipli.*

***Tarso:** Qual é o nome do pai do super homem?*

***Erasmão:** Karrel.*

***Tarso:** Perdão meu amigo é Jorel.*

Cristina Autran, perseguindo a questão feminista, pergunta se ele partilhava da idéia de ser o homem superior a mulher.

***Erasmão:** É assim por que Deus mandou. Acho que toda mulher inteligente se finge de burra pra fazer o homem se sentir naturalmente inferior. [...] os grandes médicos, jogadores, políticos são homens [...] a mulher estuda, é Caxias a bessa, atrapalha os homens, se formam e depois se casam [...] e o pobre do homem vai trabalhar e elas gastam fazendo compras. [...] toda mulher deveria estudar só um pouco...*

Ao final da entrevista Jaguar desabafa: *Olha, eu acho você um grandessíssimo reacionário...*

Na entrevista com Wanderléia (n. 121/1971), o *Pasquim* usou de jogos de palavras, ora para realçar sua futilidade e colocar sua existência profissional atrelada ao fato de ser *amiga do rei*, ora para deixar dúvidas quanto grau de futilidade que o *Pasquim* lhe atribuíra; a dubiedade atravessa



esta entrevista, que começa quando Ziraldo afirma que a cantora tem um filho em Governador Valadares. A cantora responde que saiu de sua cidade com dois meses e se queixa da forma preconceituosa e sensacionalista com que o *Pasquim* conduz a entrevista.

Nem mesmo as perguntas de praxe da entrevista que abrem a intimidade do artista para o leitor são feitas à cantora. As perguntas centram-se na pessoa e no perfil profissional, sempre marcadas pela intenção de expor ao ridículo a representante feminina da jovem guarda, grupo musical em relação ao qual o *Pasquim* fazia questão de expor suas diferenças, valores e opinião.

**Jaguar:** *Wandeca, eu queria que você respondesse uma pergunta que se faz no show business. Você atribui o seu sucesso a seu talento ou à suas pernas esculturais.*

**Wanderléia:** *Às duas coisas. A meu talento e às minhas maravilhosas pernas.*

[...]

**Sergio:** *Você se preocupa com o que está acontecendo no Vietnam?*

**Wanderléia:** *Com a paz do mundo eu me preocupo. [...]. A compreensão que eu tenho não é uma compreensão intelectual, mas a compreensão do ente humano.*

**Ziraldo:** *Doente? Você se considera neurótica?*

**Wanderléia:** *Eu falei do ente humano.*

**Ziraldo:** *Ah, do ser humano.*

Na transcrição da entrevista está o registro da troca de palavras ásperas entre Wanderléia e Ziraldo; e a irônica intervenção de Jaguar dizendo desconhecer a rivalidade entre Lavras e Caratinga, cidades mineiras

onde nasceram os dois, respectivamente. Quando o assunto foram as brigas de Wanderléia como o pai, Ziraldo comenta:

**Ziraldo:** *Mas apesar das brigas com seu pai você parece vidrada nele porque você já falou mil vezes nele.*

**Wanderléia :** *Ah, eu sou apaixonada pelo meu pai.*

**Ziraldo:** *O seu apelido é Electra?*

**Wanderléia :** *Electra?*

**Ziraldo:** *Electra é uma moça da ponte aérea, irmã do Édipo.*

Ao final da entrevista, Wanderléia, aproveitando o espaço de que todo entrevistado dispõe – afinal a entrevista é como um jogo em que as partes acordam sobre o direito do outro à falar –, a cantora diz que o jornal é preconceituoso com a Jovem Guarda, como foi o tratamento dado a ela pelos entrevistadores.

**Wanderléia :** *[...]. Eu sou tão sem condicionamentos que estou aqui sem conhecer vocês. Estou aqui sem imagens pré-estabelecidas de vocês. [...] vão me perguntar coisas condicionadas à imagem que vocês fazem de mim?[...] Se ficar nesta de pernas lindas, de mimosa e tal vocês não vão me conhecer porcaria nenhuma. [...] Acho que seria muito mais inteligente da parte de vocês se vocês fossem além das palavras.*

Usando seu humor sarcástico e ironizando o desabafo da cantora na entrevista, aparece registrada a nota: *a patota se entreolha consternada.*

Com *Roberto Carlos* (n. 68/1970), a atitude adotada na entrevista é de outra natureza, e a entrevista se desdobra em outros textos. No número seguinte (n. 69/1970), um artigo de Tarso de Castro, escrito em forma de diário íntimo, conta *Minha vida íntima com Roberto Carlos*. Neste artigo,

Tarso conta ao leitor um pouco da vida do cantor e dos momentos que antecederam a entrevista publicada no n. 68/1970.

A entrevista, diferentemente da realizada com Wanderléia ou mesmo com Erasmo Carlos, opera com outras referências. Conduzida com seriedade, poucas foram as perguntas direcionadas à vida privada do cantor ou mesmo a temas polêmicos. E quando formuladas, a estrutura se diferenciava da formulada. Por exemplo, a Erasmo Carlos o *Pasquim* perguntou: *Você fuma maconha?* A mesma questão formulada a Roberto Carlos por Martha Alencar é construída indiretamente.

*Em relação ao tóxico, etc., a sua posição é de conservador, um homem de direita.*

**Roberto** responde ao equivoco do *Pasquim*: *Eu não acho que isso tem a ver com direita ou com esquerda [...]*

**Sergio**: *Você gosta de beber?*

**Roberto**: *Eu bebo de vez em quando.*

A carreira de cantor de iê-iê-iê aparece como o tema central da entrevista, principalmente no contra – ponto com carreiras como a de Caetano Veloso, por quem Roberto declara grande admiração. Ele faz também alguns elogios a Gil, Chico e Tim Maia. Mas é sobre sua parceria com Erasmo Carlos que o cantor foca suas questões, dizendo ser Erasmo o grande injustiçado pela crítica.

Perguntado sobre a carreira dos cantores Wanderlei Cardoso e Jerry Adriani, considerados pelo *Pasquim* como muito ruins, Roberto Carlos diz não ser ético comentar, recusando-se assim a fazer o jogo da fofoca sempre estimulado nas entrevistas do jornal.

O *Pasquim* reconhece no título que a entrevista de Roberto Carlos não cabia na vala comum a que ele condenava a jovem guarda. Com o título *Um banho de Roberto Carlos*, a entrevista é publicada, e no *lead* Tarso comenta a *dificuldade* que foi entrevistar o cantor, assim como, o medo deste de ser entrevistado.

Falar das dificuldades encontradas para a realização das entrevistas fez parte das estratégias do *Pasquim*; este argumento funcionava como elemento de valorização do jornal, do grupo de jornalistas. Este discurso reforçava a tese de que ser entrevistado pelo *Pasquim* constituía uma questão de status pessoal, de prestígio.

Em nenhum momento da entrevista o *Pasquim* coloca em evidência que Roberto Carlos ou mesmo a Jovem Guarda são produtos da indústria cultural. A ausência dessa crítica possivelmente se deve ao fato de ser também o *Pasquim* parte desta indústria cultural, refletindo assim a permanente contradição que ocorre em seu interior.

*Tarso: Roberto, a gente está querendo entrevistá-lo há muito tempo, mas foi um negócio dramático: ele vem hoje, não vem. Depois com o pessoal do Pasquim, achando que nós íamos te agredir como se nós fossemos uns  $f(*)$  da  $p(*)$  iguais ao pessoal de Quem tem medo da verdade. Que grilo é esse?*

A resistência de Roberto Carlos em dar entrevista ao *Pasquim* não era sem razão; seu parceiro, Erasmo Carlos, havia sido exposto ao ridículo pelo mesmo grupo de entrevistadores. O medo de Roberto Carlos, no entanto, não se justificava, pelo menos se visto pela ótica da indústria cultural, que o *Pasquim* representava tão bem. Roberto era um ícone da Jovem Guarda, um

produto comercial expressivo, não seria vantajoso desferir um ataque marcadamente preconceituoso a um ídolo da classe média.

O *Rei* era dono da maior *festa de arromba* no comportamento dos jovens bem comportados e alegres dos anos 60-70, para os quais máximo da transgressão era roubar brucutus dos carros da classe média; ataca-lo com os mesmos preconceitos utilizados com Wanderleia ou Erasmo não era possível. Afinal, Roberto Carlos não podia ser tão reacionário assim, dono da mais cantada frase que habitava o inconsciente coletivo naqueles tempos tão duros – *quero que vá tudo pro o inferno*. Essa frase havia sido guindada por sofisticadas manobras de análise ao status de expressão do desejo reprimido, rebeldia cifrada do povo contra o regime militar, explicações que justificavam o fascínio cada vez maior da classe média diante da voz suave e da singular interpretação de músicas simplórias. Roberto Carlos era sucesso.

A imagem de bom moço, de filho amoroso e de profissional honesto funcionava, e a criação do ídolo envolvia grandes interesses. O canal 7, por exemplo, com a proibição da transmissão do futebol, havia tido uma queda de audiência. O fenômeno Roberto Carlos, entre outras coisas, foi então pensado para preencher este hiato das tardes de domingo. Esta empreitada ficou por conta de Paulo Machado de Carvalho e da empresa de publicidade Magaldi, Maia & Prosperi. A escolha de Roberto Carlos se deu por conta de seu *charme*; o jovem deveria ter um *certo ar de tristeza misturado com ternura e bondade*<sup>116</sup>.

---

<sup>116</sup> MARTINS, 1966.

No entanto, mesmo sendo produzido pela indústria cultural, a imagem do cantor não foi logo aceita, tanto que nenhuma empresa quis ligar seu nome ao cantor; foi então que os publicitários envolvidos resolveram lançar a marca *Calhambeque* para dar suporte ao cantor. A marca entrou no mercado com produtos juvenis tipo pastas escolares, botas, roupas, bijuterias etc. Assim o fenômeno Roberto Carlos não foi apenas musical, mas também de mercado.

#### 3.4.1.2 – Outros gestos: as entrevistas com músicos da MPB

Mesmo que o *Pasquim* tenha garantido a quase todos um lugar nas entrevistas, cedendo espaço para vozes tão diferentes, o fato é que não o fez sem realizar gestos de valorização. As entrevistas, na forma como o *Pasquim* as realizava, com vários entrevistadores para um entrevistado, resultava em um texto atravessado por subjetividades muitas das vezes conflitantes. Muitas vezes entrevistadores discordavam entre si, deixando o entrevistado literalmente de fora da entrevista. O *Pasquim* trabalhou com valores, e um deles está, sem dúvida, ligado às normas do culto que seus entrevistadores movimentavam para opinar sobre assuntos como música, literatura etc.

As entrevistas com nomes da MPB, em oposição àquelas com membros da Jovem Guarda, indicam que as abordagens variavam conforme a inserção do entrevistado dentro do campo, do debate cultural.

Ao entrevistar artistas legitimados no registro culto, como Chico Buarque de Holanda, o *Pasquim* manipula com informações de como se dá

sua construção. Começa reunindo dados sobre a formação da família, a estrutura familiar, a infância, informações que, no jornal, desempenham um papel de reafirmar um código onde estas relações, se bem resolvidas, são consideradas como o ponta pé inicial que pode determinar o sucesso. Na entrevista, o prévio conhecimento do entrevistado funciona alavancando o debate e, muitas vezes, reforçando um modelo de sucesso. Este procedimento que na situação de entrevista é comum no *Pasquim* não foi usada indistintamente.

Duas foram as entrevistas de *Chico Buarque de Holanda*. A primeira publicada no n. 41/1970 começa com uma chamada que ocupa a página inteira escrita por Vinícius de Moraes, a pedido de Tarso de Castro, para apresentar o compositor ao leitor. A chamada é bastante generosa em elogios a Chico. Temas como a difusão da MPB, da indústria fonográfica ou direitos autorais ocupam boa parte da entrevista, que é também marcada por informações sobre o Brasil dos anos 70, tendências musicais e a convivência com as influências. Chico fala também da influência da Bossa Nova, do *processo de criação* e da crítica literária. A relação Chico e Caetano, ou seja, de duas tendências da MPB ocupou particularmente espaço significativo.

**Chico:** *Aí a conversa vai se estender muito. O Gil e o Caetano eu conheço há muito tempo, antes dêsse negócio de tropicalismo, do movimento dêles. Eu sempre adorei o que êles faziam e o que êles fazem, embora eu não tenha acompanhado ultimamente o que êles têm feito, só uma coisa ou outra. Agora, essa espécie de ruptura, de opção que foi criada no público, não digo que foram êles que criaram, mas tôda a divulgação que foi criada em tôrno do movimento dêles. [...] Os jornais diziam: amanhã a grande decisão entre a revolução dos Mutantes e o tradicionalismo de Chico Buarque. Nesse festival êles nem estavam, eram os Mutantes que representavam o movimento tropicalista. Eu nunca quis ser tradicional e nunca pretendi ser, apesar de fazer samba, entende?... eu nunca quis*

*levantar uma bandeira em nome da tradição da música e da integridade da música popular brasileira. Muito pelo contrário.*

Além de esclarecer o confronto entre MPB e tropicalismo, Chico conta ao *Pasquim* que foi a interpretação de Zé Celso ao texto de *Roda Viva*, destacando a questão sexual como expressão da vida dos personagens, o que no texto de Chico não existia que o liberou da imagem de bom moço.

A outra entrevista aconteceu quando o *Pasquim* quis reunir algumas entrevistas para publicar pela editora Codecri no o livro *O Som o Pasquim*<sup>117</sup>. Chico reivindicou a atualização da entrevista a ser publicada.

A entrevista com *Antônio Carlos Jobim* (n. 20/1969), assim como aquela com Chico, se caracteriza pelas falas estruturadas e pelas idéias organizadas. O *Pasquim* começa dizendo ser Tom Jobim a *única unanimidade*<sup>118</sup> artística neste semanário, que o considera o maior compositor brasileiro.

***Pasquim:*** *O sabiá ou a sabiá?*

***Tom:*** *A palavra é para nós do gênero masculino: em algumas regiões do Brasil, como diz o Caldas Aulette, é gênero feminino. Quando se diz a*

---

<sup>117</sup> A entrevista publicada n' *O som do Pasquim* não será objeto de análise. Mas algumas anotações parecem interessantes. A entrevista foi realizada em 28/11/1976, obedecendo a uma estrutura tradicional. Desenvolve primeiramente um núcleo de informações sobre infância, família e amigos. Neste núcleo de informações, Chico conta que quase foi um delinqüente juvenil; em contra - partida, fala de sua intensa participação nos jornais escolares; em um segundo bloco de depoimentos, Chico fala de sua carreira; a entrevista passa então a ser costurada por citações canônicas. Jaguar comenta ser aquele momento o da erudição. Chico defende a idéia de ser o processo de criação letra/música dependentes, mesmo que ocorram em momentos diferentes. Para o compositor, estes dois momentos não andam juntos necessariamente. Quanto à crítica literária, diz ser esta problemática, pois que é *invasora, descuidada e inconseqüente* para com o artista polivalente.

<sup>118</sup> Grifo meu.



*onça não quer dizer que a onça seja fêmea: com a sabiá é a mesma coisa...*

As perguntas feitas a Tom Jobim não deixam dúvida: o *Pasquim* o insere dentro de uma norma do culto. A pergunta acima, por exemplo, não parte de uma dúvida, ela tem a função de abrir o debate, assinalando ao leitor tratar-se de um debate erudito.

Nessa entrevista não é reproduzido o padrão encontrado na maioria das entrevistas com artistas, ou seja, não há nenhuma questão acerca da vida pessoal do cantor/compositor. A entrevista entra diretamente nas questões profissionais de Tom Jobim, que tece críticas aos festivais e aborda temas polêmicos como o purismo cultural, bandeira de luta dos que se opunham às invasões da cultura americana.

***Sergio:*** *O contato com a música americana não lhe influenciou?*

***Tom:*** *Olha, esse negócio já aconteceu com Carmem Miranda, antes de mim. Quando ela voltou ao Brasil pediu ao Dorival para fazer aquele samba: já disseram que eu voltei americanizada etc. Acontece o seguinte, americano pode passar vinte anos no Brasil quando ele volta ninguém chama ele de brasileiro. Mas ao nativo, o indígena, o aborígine é proibido sair da taba, não é?*

A entrevista com Tom Jobim, realizada em 1969, traz para o debate outra questão polêmica na década de 70 quando o conceito mais discutido era o de dependência. O compositor sugere pensar a cultura não mais só relacionada à idéia do *invasor*, do *imperialismo* americano. Mesmo que reconhecidamente a cultura esteja atravessada pelo viés do político e do econômico, aquelas idéias não são suficientes para explicá-la, como já não estariam sendo suficientes as categorias de análise como

subalterno/hegemônico, tradicional/moderno, usadas para explicar o processo cultural na década de 70. Tom Jobim coloca em perspectiva o sair do lugar, o repensar o que é original, o nacional. Tom fala do direito de sair e se expor ao universal, reconhecendo que, para isso, é necessário contaminar-se, o que implica em deixar de ser uma negatividade para se tornar um traço de diferença, criando um lugar para cultura nacional, um reconhecimento a uma cultura original da *Restinga da Marambaia*.

***Tom:** Olha aqui: o negócio de você fazer um acorde menor ou aumentar ou diminuir a quinta, é mais velho que o mundo. O prelúdio n. 4 de Chopin está aí em cima do piano para provar que Tom Jobim não é original, que Baden Powell não é original, mas que todos somos originais por que estamos na Restinga da Marambaia e o ritmo é samba.*

Na entrevista com *Vinícius de Moraes* (n. 6/1969), os assuntos gravitam em torno da opinião de Vinícius quanto ao fato de a poesia estar em baixa e de ser o *poeta* o principal culpado da poesia ruim. Essa declaração de Vinícius, em 1969, foi também a de outros críticos e poetas na década de 70, quando se discutia a qualidade da poesia (concretismo, poesia marginal etc.) e a relação desta com a censura, ou seja, se esta constituía razão suficiente para explicar o que os críticos viam de tão ruim na produção poética.

O texto de Iumna Simon e Vinícius Dantas<sup>119</sup>, publicado em 1985, recupera em parte este debate sobre a poesia nos anos 70 e faz um contraponto entre a chamada poesia jovem e a poesia marginal, surgida no início daqueles anos, mas que perdeu o vigor, nivelando-se às mercadorias homogenizadoras e padronizadas. Um outro problema abordado pelo texto é

o que diz respeito ao próprio contexto em que a poesia se realiza. Fato é que, quando leio em Vinícius, no final da década de 60, seu desabafo sobre o estado ruim da poesia, este não me parece igual ao desabafo dos críticos da década de 70. Assim como Vinícius deslocou sua poesia para a música, outros poetas, como ele próprio, estavam em plena produção – falo das composições de Tom Jobim, de Chico Buarque, de Caetano, de Gilberto Gil e de muitos outros parceiros destes.

***Vinícius:** O último grande poeta foi João Cabral com quem a poesia atingiu um ponto alto. E o Gullar tem qualidades muito grandes como poeta mas ainda não se realizou verdadeiramente. A poesia dele ainda está à procura...*

***Jaguar:** E você viu a poesia dele que publicamos no Pasquim?*

***Vinícius:** Vi sim, muito boa, mas as pessoas atingiram o máximo de perplexidade neste momento. O problema é geral daí o desespero em que as pessoas vivem. Vamos ver se com essa dos cara irem para a lua não haverá uma resposta para desmistificar de uma vez os problemas religiosos com os quais o ser humano vive cercado e tolhido, e uma série de coisas assim, não sei.*

***Jaguar:** Voltando para a poesia queria que você me falasse de Drummond.*

***Vinícius:** Eu acho que é o único poeta brasileiro que atingiu o universal. Eu acho que o Drummond é um sujeito que sabe muito mesmo. Eu acho que justamente ele sabe nas linhas intermediárias da pauta. Quer dizer ele não é um poeta da comunicação explícita, é um poeta dos intervalos. Aí é que eu acho que está a grande ciência do conhecimento dele. Eu acho que é o nosso maior poeta. Eu talvez tivesse uma aproximação maior com o Bandeira porque acho a obra do Bandeira, mais redonda, mais perfeita do ponto de vista ... digamos da vida e da poesia misturada, ... mas acho que Drummond como poeta foi mais longe.*

Poesia ruim parece ser, na opinião de Vinícius, a poesia concretista.

Vinícius refere-se aos festivais de música discutindo-os muito mais como um

fenômeno da indústria cultural na época do que como uma contribuição para a descoberta de outros cantores e compositores.

As idéias de Vinícius fazem eco na discussão da cultura de massa em sua relação com as mudanças que ocorrem sem trégua nos meios de comunicação. A inserção fica mais clara quando se considera uma das diferenças entre Raymond Williams e Adorno; o primeiro, longe de ver a mudança como uma negatividade, busca perceber os avanços da comunicação no processo de inversão de valores da produção cultural; o segundo demoniza, rejeita tudo o que é produto da indústria cultural. Para Adorno, a sociedade moderna é atravessada pelo falseamento, o que impossibilita a produção de críticas culturais e, neste sentido, reforça os elementos homogenizadores, massificadores da cultura no interior das sociedades. Vinícius olha a música pelo viés da massificação.

*Vinícius: Nos Estados Unidos a música atual é um fenômeno de massa. Acho difícil viver lá. Eu acho a música brasileira mais importante que o jazz... Sabino acha que o jazz é a maior contribuição musical do século... Eu acho que o jazz acabou.*

A entrevista com Vinícius como com Jobim, se circunscreve no campo do culto, do erudito. As perguntas *clichês* usadas para chamar a atenção do leitor não aparecem. A vida pessoal, familiar ou mesmo sua reputação de sedutor dão lugar a um sofisticado debate sobre música, poesia e crítica cultural.

O tratamento dado a Vinícius é explicado por Tarso de Castro durante a entrevista: *Você sabe, o Pasquim é parcial, tem umas pessoas que são da gente, você, por exemplo. Outra dessas pessoas é a Nara Leão [...]. A*

declaração de Tarso ajuda a entender os procedimentos adotados nas entrevistas, por exemplo, com Wanderleia, Erasmo Carlos e outros artistas, motivado muito mais pelo fato de elas serem notícia.

A entrevista com *Gilberto Gil* (n. 16/1969), realizada na Itália por Odete Lara, logo depois do sucesso de *Aquele Abraço*, leva Gil a comentar que a imprevisibilidade do sucesso é um fenômeno como outro qualquer, principalmente, no mundo da música. Para ele, músicas melhores não tiveram sucesso como *Aquele Abraço*, ele debita o sucesso a sua saída do Brasil e à polêmica criada em torno da autoria da expressão *Velho Guerreiro* – uma saudação ao Chacrinha.

A entrevista não fala do movimento tropicalista, porta de entrada de Gilberto Gil no âmbito nacional da música. O mesmo silêncio consta na entrevista publicada com *Caetano Veloso* (n. 17/1969); nesta, como naquela, a entrevistadora é Odete Lara. A primeira pergunta feita a Caetano é em relação à cultura e às trocas culturais entre os países da América Latina. Caetano considera *terrível* o fato de não ocorrer uma facilitação no campo da cultura e da América latina viver isolada dentro dela mesma. Na entrevista ele deixa transparecer seu desinteresse pelo debate que cercava não só o movimento tropicalista, mas principalmente a acusação que lhe era feita de deboche do estilo romântico do samba de Chico.

**Odete:** *Você já ouviu seu último LP?*<sup>120</sup> *Você está satisfeito com ele?*

**Caetano** [...] *Gostei, sim. Esse disco eu não ia fazer, sabe? Eu fiz o disco de maneira inteiramente irresponsável. Eu não estava dando a menor atenção à música no Brasil. Eu acho inclusive que são coisas*

---

<sup>120</sup> Pannis et circensis.

*que não me interessam agora [...] Eu nem fiz esse disco profissionalmente. [...] Na verdade eu não quero que meu disco diga nada. Não quero que ninguém entenda nada do meu disco [...] Eu me sentia purificado para fazer o disco. Tanto que eu só resolvi fazer o disco quando resolvi gravar Carolina do Chico.*

**Odete:** *Por quê?*

**Caetano:** *Porque a partir de gravar Carolina eu me sentia realmente purificado. Achei que não ia ser mais um disco de comentário, um disco de movimento. Achei que ia ser um disco pessoal, meu, sem ligar pra nada, sem coerência com o que eu vinha fazendo antes. Não tem tropicália, entende? É uma coisa completamente irresponsável[...]*

**Caetano:** *desde que eu disse que o disco não tem nenhuma intenção de comentário, está excluída a possibilidade de fazer gozação de Chico. [...]*

**Caetano:** *Foi a música que mais despropositadamente displicente foi gravada em todo o disco. Inclusive, eu tinha pedido ao Rogério Duprat pra não botar nem contrabaixo. Não queria nem bateria só queria violão. Eu gosto daqueles violinos que entram só no fim, dá uma coisa misteriosa. Agora aquela coisa de cantar de maneira displicente quando me veio a idéia de cantar a música, já veio assim.[...]*

A segunda entrevista com Caetano, publicada no n. 84/1971, é realizada depois do *exílio*. A chamada, escrita por Luiz Carlos Maciel, destaca a gentileza com que Caetano recebeu o pessoal do *Pasquim*. A entrevista é longa. Caetano, que voltara de férias para a Bahia, externa sua *baianidade*, que o *Pasquim* tentou traduzir ao transcrever e reproduzir a entrevista com os mínimos detalhes.

A começar pela fala de Caetano, cheia de expressões como *Pode ser... pode não ser, Eu sei não, Pra mim tanto faz*, expressões que normalmente, seriam interpretadas como indicadores do pouco interesse de Caetano em discutir o que acontece com a MPB e seus intérpretes. Sua fala dá a medida de sua ausência no debate e as fofocas nacionais, deixando claro que não lhe interessa aferrar-se a qualquer bandeira de defesa da cultura nacional. Ao

declarar-se *cidadão do mundo*, Caetano diz ao *Pasquim* que a fase do Tropicalismo diluiu-se

*Caetano: [...] eu escrevi antes de sair um artigo para uma revista que se chamava Ângulo. É um artigo em que eu falo da diluição que se fez do João Gilberto. Você disse que se fez de uma certa forma no Brasil uma espécie de maneirismo tropicalista. Neste artigo eu dizia ser inevitável a confusão das características pessoais, estilísticas de um artista com a verdadeira informação nova que ele trazia. Então as pessoas confundiam a novidade da inovação com a novidade do estilo do sujeito. O João Gilberto, e é claro todo mundo tem, uma série de coisas pessoais que chamam atenção [...].*

*As primeiras coisas que foram seguidas quando a bossa-nova explodiu foram os maneirismos pessoais, estilísticos de João Gilberto e não a nova informação que ele trazia. Não é preciso parecer pessoalmente com ele para entender o que ele diz nem para estar contribuindo para concluir o que ele propõe. [...]*

*[...] O que me interessa a princípio foi o problema da música comercial no Brasil. Antes disso o que me interessou foi quebrar o cerco do bom gosto então vigente, então todas as coisas que estavam fora desse cerco começaram a me fascinar mais do que o que estava dentro e eleito, o que estava dentro e eleito começou a me desinteressar*

A entrevista de Caetano, assim como a de Gil, não possui elementos do espetáculo midiático que muitas vezes aparece nas entrevistas do periódico; expondo a intimidade e a vida do entrevistado, esses elementos do espetáculo atraem o leitor quando, sob o foco da entrevista, está um personagem público. Essas marcas, próprias do texto midiático da indústria cultural, não estão presentes em entrevistas do *Pasquim* quando o entrevistado é um personagem que goza de notoriedade. As entrevistas são processos interativos e podem ser manipuláveis. Assim, conforme o entrevistado e o modelo que ele representa, na entrevista desenvolvem-se estratégias capazes de criar um produto mais consumível. Não há uma determinação fixa para fazer a abordagem em uma entrevista. Caetano, por

exemplo, usa a palavra não apenas como músico, compositor, mas a usa principalmente como crítico, como uma voz autorizada. E assim desloca as fronteiras ou, como fala Nestor Garcia Canclini<sup>121</sup>, deixa de lado a *exclusividade*, o pertencimento a um único território.

*Gal Costa* e *Jards Macalé* (n. 25/1969) foram os entrevistados, na chamada, o *Pasquim* pede desculpa por ter perdido parte das fitas da entrevista; avisa que só publica por se tratar de depoimento de figuras importantes da MPB. A pergunta que abre a entrevista é feita a Gal e é sintomática.

***Tarso de Castro:*** *você é filha de Caetano Veloso ainda ou já tem vida própria?*

A entrevista parece ter sido realizada para provar que Gal só existe na medida em que sua imagem está ligada a Caetano Veloso. Afirmam e reafirmam que Gal Costa é apenas uma produção da mídia. A maneira de vestir, cantar, falar são maneiras de usufruir de uma imagem que deu certo em Caetano Veloso e Gilberto Gil. O que sobrou da entrevista que o *Pasquim* diz ter perdido foi apenas a parte de Gal Costa. Parte do que expõe Gal com toda veia ferina do humor pasquiniano muitas vezes é tão autoritário quanto o regime que o jornal criticava.

Além dos tropicalistas Caetano e Gil, o *Pasquim* também faz silêncio acerca deste importante momento da música brasileira. O Tropicalismo distingue-se pelo uso do deboche, da irreverência e de improvisação;

---

<sup>121</sup> CANCLINI, 1998.



revolucionou a música popular brasileira, até então dominada pela estética da Bossa Nova. Caetano Veloso e Gilberto Gil usaram as idéias do *Manifesto Antropofágico* de Oswald de Andrade para aproveitar elementos estrangeiros que entram no país e, por meio de sua fusão com a cultura brasileira, criaram um produto cultural – a Tropicália. Apoiando-se no movimento de contracultura, a Tropicália lançou mão de valores diferentes dos até então aceitos pela cultura dominante.

Sua apresentação ao grande público foi no Festival da Música Popular Brasileira, em 1967, com as canções *Alegria, Alegria*, de Caetano, e *Domingo no Parque*, de Gil. Ao se apresentarem acompanhadas de guitarras elétricas, estas duas canções criaram polêmica, principalmente entre os defensores de uma perspectiva nacionalista tradicional, que se colocava contrária às influências estrangeiras nas artes brasileiras.

No disco *Tropicália*, ou *Panis et Circensis* (1968), Caetano manifestava sua *displícência* com a estética. O disco ia do brega dramalhão *Coração Materno*, de Vicente Celestino, à influência dos Beatles e do rock, passando por Chico Buarque de Holanda com a polêmica interpretação de *Carolina*.

O refinamento da Bossa Nova estava presente no disco através de Rogério Duprat e nos vocais de Caetano e Nara Leão. Mas o Tropicalismo não esteve presente só na música; sua estética foi também expressa em outras artes, na instalação *Tropicália*, do artista plástico Hélio Oiticica, obra que acabou dando nome ao movimento e na montagem de *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade, pelo diretor José Celso Martinez Corrêa.

Com a decretação do Ato Institucional n. 5 (AI-5), em dezembro de 1968, Caetano e Gil são presos e logo depois optam por sair do Brasil e viver na Europa. Foi neste período que eles concederam a entrevista a Odete Lara e estranhamente silenciaram acerca do movimento cultural mais importante do final da década de 60. Em 1997, na comemoração aos 30 anos do Tropicalismo, foram lançados dois livros que contam a história do movimento: *Verdade tropical*, de Caetano Veloso, e *Tropicália - a história de uma revolução musical*, do jornalista Carlos Calado.

*Nara Leão* (n. 96/1971) e *Carlinhos Lyra* (n. 86/1971) foram os entrevistados de maior destaque ligados à Bossa Nova. Carlinhos lembra que a Bossa Nova foi um momento de exclusão. Mesmo que por vezes tenha parecido um movimento agregador, na realidade, a Bossa Nova foi coisa de poucos, foi individualista.

Caetano havia argumentado em sua entrevista que a Bossa Nova tomou de empréstimo os maneirismos de João Gilberto; neste sentido, não foi só individualista, foi também personalista. Esses movimentos da MPB aconteceram respondendo à necessidade de defesa de uma concepção do nacional frente à invasão da música estrangeira, ou mesmo para dar evidência a uma visão estreita de certas correntes da cultura nacional.

O *Pasquim* aborda não só o grupo de músicos que estavam em visibilidade no movimento cultural, como também figuras de menos expressão na música. As entrevistas se constituem como textos da memória, do testemunho.

*Paulinho da Viola* (n. 236/74) entrevista Copinha, compositor de músicas para o cinema mudo, que fala de Pixinguinha como flautista e saxofonista, afirmando ser um dos melhores saxofonistas do Brasil e que, se estivesse nos Estados Unidos, seria um grande sucesso. Dá seu depoimento sobre o Rio de Janeiro dos anos 30, 40 e 50, quando a música era capaz de manter muitos compositores e *músicos da noite*; diz que é com muita tristeza que vê a música eletrônica ocupando o lugar do músico clássico. Seu lamento é, principalmente, pela perda do encanto da música clássica diante de tantas novas tecnologias, processo que corresponde ao que Adorno descreve como estandardização da música pelos *hits* musicais que mantêm o usuário enquadrado, por assim dizer, aceitando escutar o *pré-digerido* <sup>122</sup>.

A entrevista com *Lupicínio Rodrigues* (n. 225/73) reuniu o maior número de entrevistadores (20 ao todo), que se revezaram durante horas em lugares e bares diferentes e que, segundo Jaguar, terminou com Lupicínio cantando em grego. A entrevista começa pelas perguntas tradicionais – família, amigos, lugares da infância. Lupicínio conta como e quando ele compôs canções antológicas como *Nervos de Aço e Vingança*.

***Lupicínio:*** *Eu não tenho nada com o ambiente artístico brasileiro. Eu não sou músico, não sou compositor, não sou cantor, não sou nada. Eu sou boêmio.*

***Jaguar:*** *Mas você é um artista brasileiro. E você tem que se colocar nesta posição.*

***Lupicínio:*** *Eu sou boêmio. O meu negócio é estar assim como estou agora com o violão do lado de dentro do bar com vocês, e tomando minhas biritas e cantando. Não faço comércio.*

---

<sup>122</sup> ADORNO, 1986, p.115-146.

Um tema recorrente nas entrevistas com músicos da velha guarda era o modo como eles atribuíam valor à sua arte e como se colocavam na relação com o espaço que ocupavam na cidade. Ao se definir como boêmio, Lupicínio não fala apenas de uma maneira de viver. Fala, sobretudo, de uma forma de relacionar-se marginalmente com o mercado. O boêmio, para Angel Rama,<sup>123</sup> não tinha nada a ver com o imaginário burguês pejorativo sobre poetas e artistas de modo geral. O boêmio, para Rama, resulta de uma equação impossível de ser resolvida, envolvendo a pobreza, a falta de recursos pessoais mínimos para manter a vida, combinada com a decisão de dedicar-se à arte e à literatura como ocupação central da vida. Nesta perspectiva, a boemia não é uma escolha, é uma imposição. E em Lupicínio isso é muito claro.

A visão de boêmio de Lupicínio cruza com a idéia de malandro de Haroldo Barbosa<sup>124</sup> (n. 249/74) que, ao referir-se à condição de malandro, torna-a equivalente à condição de ser sambista.

*Millôr: O Nássara, na nossa entrevista, falou uma coisa interessante: nesta época ninguém dava importância ao que fazia. Fazia com sentido lúdico e ninguém sabia o que era lúdico, nem pensava na glória.*

*Haroldo: A minha mãe chegava assim (grita): “Você andou fazendo samba aí pela rua?” Eu dizia “Não mamãe, esse samba não é meu” [...]. Era o conceito de samba.*

---

<sup>123</sup> RAMA, 1985, p. 121-122.

<sup>124</sup> Haroldo conta ao Pasquim porque se chama Haroldo Rui Barbosa e porque todos os seus irmãos possuem o sobrenome Rui Barbosa, dizendo que foi uma homenagem a Rui Barbsa, grande amigo de seu pai.

Para Antonio Candido, o malandro, uma espécie de gênero mais amplo de aventureiro astucioso e que é comum a todos os folclores, é um anti-herói, *é a aceitação do homem como ele é, mistura de cinismo e bonomia que mostra ao leitor uma equivalência entre o universo da ordem e o da desordem; entre o que se poderia chamar convencionalmente o bem e o mal*<sup>125</sup>.

Na entrevista com *Antônio Gabriel Nássara* (n. 243/74), o tema da boemia está presente como marca de geração. A boemia, para este sambista, representa muito mais do que noites e mesas de bar. É um estilo de vida. Funciona como código de amizade. Para esse grupo de velhos companheiros, a moeda forte está nas relações de amizade. Nássara, além de músico por acidente, foi jornalista e chargista. Na entrevista de *Teixeirinha* (n. 492/78), a charge é de Nássara e mostra um burro conversando com Teixeira.

---

<sup>125</sup> CANDIDO, 1993 p.19-51.

**FIGURA 11.** CHARGE DE NÁSSARA SOBRE TEIXEIRINHA (N.492, DE 7/12/78).

Nas entrevistas feitas com os sambistas de tradição, a seriedade e o resgate de uma memória histórica eram privilegiados, e o conhecimento da música e dos músicos se tornava motivo de respeito e admiração do pessoal do *Pasquim*. Na entrevista com Teixeira, ao contrário, o jornal expõe o cantor e compositor, sublinhando sua personalidade petulante, personalista e alienada, não só da vida política, como também do movimento cultural brasileiro.

Não creio que o tom da mudança da entrevista seja apenas uma consequência da inserção do músico em um determinado campo da música popular brasileira, no caso, como diz Lupicínio, na música regionalista. A entrevista com Teixeira ocupa apenas uma página do jornal. É assinada pelo *Pasquim*, não sendo identificados os entrevistadores.

As diferenças de procedimento estão profundamente ligadas ao nível cultural e político do entrevistado. O *Pasquim* se abre para todos, dá a todos o mesmo espaço democrático nas entrevistas, mas inscreve nelas suas diferenças, seus valores estéticos, usando do mais ferino e requintado humor. Luiz Fernando Veríssimo, certa vez, definiu o humor como *faca de três gumes*: dois deles são definidos e respondem ao caráter ambíguo da

linguagem; o terceiro não é visível e tem a ver com a função de fazer o leitor rir de si mesmo, capaz neste sentido, de mascarar tanto quanto qualquer outro discurso ideológico.

A entrevista com *Jararaca* (n. 383/76) traz um outro aspecto que marcou a geração desses velhos músicos: o abandono de Jararaca (1896). Autor de *Mamãe eu quero*, sucesso nos Estados Unidos, com 27 diferentes gravações, ele foi procurado e encontrado pelo *Pasquim* em 1976, em situação de miséria. Jararaca conta sua vida de menino de engenho, cunhado de Floriano Peixoto, conhecido de Delmiro Gouveia e Virgolino, o Lampião, além de amigo de Getúlio Vargas. Sua fala é marcada por um tempo passado, um tempo em que a solidariedade era comum. Ele lembra, por exemplo, da formação do grupo musical *Os turunas pernambucanos*, que recebeu apoio de Ernesto Nazaré, Cornélio Pires, Catulo da Paixão Cearense e do então presidente, Epitácio Pessoa.

Esta foi uma outra forma de funcionamento da entrevista no *Pasquim*: a do resgate, ou de uma história ou da identidade. Neste sentido foram significativas as entrevistas que o *Pasquim* realizou com vendedores de jornais, meninos de rua, prostitutas, moradores de rua e outros despossuídos ou que sofreram perdas.

Entre as cantoras, a sambista *Leci Brandão* (n. 269/1974) fala de uma outra faceta do samba – a hierarquia. Ela reconhece ser a ordem hierárquica do masculino sobre o feminino no mundo do sambista uma questão particular, tanto que ao ser convidada para presidir a ala dos compositores,

declinou dizendo: *Uma mulher não tem condições de comandar trinta homens.*

A entrevista realizada com a cantora *Araci de Almeida* (n. 23/1969) contraria a imagem pré-concebida de muitos; nela, uma mulher inteligente, amada por Noel Rosa, Denner, Joubert de Carvalho e discriminada por Lamartine Babo, Ari Barroso e César Ladeira é mostrada. Na entrevista, Denner, amigo de Araci, revela ser ela dona de uma coleção invejável de biscuits, cristais, objetos de arte, tapetes e quadros europeus dos séculos 16 e 17. Esta face elegante, do bom gosto para a arte, nunca foi revelada pela mídia, que preferiu sempre expor a cantora através da imagem grotesca, alinhada a uma sexualidade não explicitamente definida.

*Araci: No momento eu não trato mais desses assuntos. No momento, eu estou colecionando plantas difíceis. Fiquei com mania de plantas.*

*Denner: Mas você tem uma das maiores coleção de art nouveau, que é a maior moda na Europa.*

*Pacote : E dos pintores brasileiros? De quem você gosta?*

*Araci: Eu não tenho muita autoridade para falar. Eu tenho uma grande quantidade de Clovis Graciano, gosto dele. Tenho Di Cavalcanti, Ademir Martins, uma porção de coisas.*

Os então novos sambistas também estiveram nas entrevistas. *Martinho da Vila* (n. 27/1969), segundo o jornal, foi o grande responsável pela volta do samba às paradas de sucesso. Na chamada, o *Pasquim* avisa: *Martinho revela-se, nessa entrevista, perfeitamente consciente da situação em que vive.* Martinho, compositor de escola de samba, é retratado de maneira muito diferente: nada ingênuo e ciente de sua responsabilidade para com o samba.



O fato de os novos sambistas terem tido sucesso na década de 70 despertou, em determinados setores da velha guarda do samba, um sentimento de concorrência que acabou por gerar muitas polêmicas. O sucesso de Martinho da Vila tornou-o alvo de duras críticas por parte Elis Regina, Araci de Almeida, Maysa e do jornalista Flávio Cavalcanti, que o consideravam um cantor ruim e um compositor medíocre acusando-o de *ter se tornado rico com o samba*.

Um outro grupo de músicos entrevistado foi o dos instrumentistas, como Luiz Eça, Turíbio Santos, Hermeto Pascoal, Edu da Gaita, Arthur Moreira Lima; todos, apesar de vivenciarem sólidas carreiras internacionais, demonstram uma profunda mágoa com o não reconhecimento do público nacional a seus trabalhos.

As entrevistas com estes músicos apresentam algumas diferenças em relação às anteriormente mencionadas. Estas são menores e nem sempre ocupam o mesmo lugar da maioria das entrevistas com os compositores da MPB – as páginas centrais. O caso da entrevista com *Egberto Gismont* (n. 37/1970) é exemplar. A entrevista com ele ocupa um lugar secundário; a entrevista que ocupa as páginas centrais é a de Chico Anísio, contando o mundo da fofoca, do showbussines. Egberto, ao contrário fala sobre a maneira de sobrevivência do músico instrumental brasileiro, tão desvalorizado em nossa cultura e valorizado no estrangeiro. E faz uma crítica aos que, segundo ele, perdem tempo em acusar Sérgio Mendes de tecnocrata, produtor de música voltada para o aspecto técnico. Para Egberto, Sérgio Mendes não deveria ser tratado tão emocionalmente; o fato de fazer música

apoiando-se em tecnologia não deve ser entendido como pecado; além do mais, diz Egberto, música boa não é sinônimo de música espontânea, nem mesmo engajada, e o músico brasileiro deve ser mais tolerante com a cultura e com a arte.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa voltou-se para os primeiros dez anos do *Pasquim*. Nesse período, o jornal contou com jornalistas como Paulo Francis, Paulo de Tarso, Ziraldo, Ivan Lessa, Jaguar, Millôr Fernandes, Luiz Carlos Maciel, Sérgio Augusto, Flávio Rangel, Sérgio Cabral, Claudius, Carlos Prospérie, Henfil, Nani e Redi, entre outros. A convivência destes personagens foi difícil, segundo Paulo Francis, pois todos se auto-proclamavam gênios.

O grande momento da união deu-se por ocasião da prisão de todos os jornalistas, mas, paradoxalmente, este foi o momento que marcou o início da longa dissolução do *Pasquim*.

O jornal foi muito mais do que um jornal divertido, de informação ou mesmo de oposição. Para Millôr, o *Pasquim* abriu um novo momento no uso da língua portuguesa: *surge onde se poderia escrever, indiferentemente, uma senhora efemeridade, ou uma puta efemeridade* (n. 487, 1978). Millôr falava da língua, dos adjetivos, porque nem tudo no *Pasquim* foi mudança, ruptura; basta que recordemos o uso da imagem da mulher nas capas. O *Pasquim* resistiu a seu mais combatível inimigo – a censura. O AI-5 com a censura, que tomou de assalto a vida nacional terminou como começou, por decreto. Os jornais da época, dia 31/12/1978, anunciavam: *a partir de amanhã não haverá mais censura*. Foi o coronel Carlos Pinto que foi às redações avisar de forma gentil e educada *sem deixar cair o ar de cortesia*<sup>126</sup> que a censura havia terminado.

---

<sup>126</sup> GASPARI, 2000.

É neste contexto que o *Pasquim* enfrenta a década de 70, marcado pela polaridade de um regime de exceção, e perda da liberdade, e ao mesmo tempo do crescimento econômico. Boa parte do país vivia a euforia desse crescimento, com os *shoppings centers* ajudando a levar a identidade cultural nacional para além das fronteiras. O consumo, enfim, estava socializado. O milagre existiu, disse Chico Buarque, e *o santo que produziu esse milagre é conhecido e atende pelo nome de concentração de renda*.

As entrevistas do *Pasquim* nos põem diante de uma enciclopédia, como diz Tarik de Souza: *um prato feito sortido, acompanhado de Moet et Chaudon caviar; baba de guaiabo e licor de genipapo*. Elas podem ser vistas como uma espécie de lista de nomes de referência daquele período; ao entrevistado, era pedido que incluísse ou excluísse nomes de artistas, intelectuais, músicos e outros personagens que de alguma forma estivessem em evidência para fazer ou não parte deste *paideuma*. O jornal colocava em exposição o que, em cada entrevistado, parecia constituir sua singularidade, o que, de certa forma, se configurava ou não como um valor social discutível – o chulo de Dercy Gonçalves, a sexualidade de Araci de Almeida, a ingenuidade de Elke Maravilha, o machismo de Jece Valadão, as idéias reacionárias de Yustrich. São papéis que o *Pasquim* rearticula dentro do campo da cultura.

O *Pasquim* imprime às entrevistas um certo gesto, segundo a pessoa entrevistada. Essa atitude funciona como um elemento de catalogação, cujo critério de suporte passa pelo conceito de baixa/alta cultura. Pelas perguntas feitas percebe-se os valores operados. É possível perceber como o jornal

opera sua atribuição de valores e como dela se defendem os que sofreram a classificação. Por exemplo, dentro do grupo de músicos:

a) a ironia, o deboche do *Pasquim* não ocorreu quando o entrevistado era intelectualizado ou reconhecido como porta-voz de uma expressão cultural;

b) quando o grupo *Pasquim* esteve diante de um entrevistado reconhecido como igual, a entrevista fluía e era respeitosa;

c) quando um entrevistado não possuía o mesmo capital cultural, o grupo de entrevistadores lançava mão da linguagem irônica, debochada, exercendo controle sobre ele.

Essas atitudes reafirmam o caráter autoritário do jornal, mesmo colocando na vitrine a entrevista como um ato dialógico e tido como democrático.

Adorno propõe que a indústria cultural monta seu negócio sobre os traços de uma *arte inferior*, que inclui o humor. Para ele, a indústria cultural *foi sempre um testemunho do fracasso da cultura e converteu esse fracasso em vontade própria, o mesmo que faz o humor*<sup>127</sup>. Esta parece ser uma faceta do humor à qual recorreu o *Pasquim*. O humor serviu tanto para intimidar como para reafirmar preconceitos, bem como para produzir um produto vendável, agradável ao leitor.

Ortiz<sup>128</sup> lembra que a cultura expressa valores nem sempre afetos ao poder. Olhando a distribuição das entrevistas ao longo dos dez anos

---

<sup>127</sup> ADORNO, CITADO POR BARBERO, 1997, p. 69-70.

<sup>128</sup> ORTIZ, 1998.

analisados, percebe-se que o *Pasquim* realizou grande parte de suas entrevistas, nos primeiros anos de sua existência, com personagens importantes da música, do jornalismo e da literatura; este período de euforia e de criação sofreu com o endurecimento do regime e modificou a produção cultural. Essa modificação acena para a possibilidade que a promissora indústria cultural do início dos anos 70 tenha encontrado na censura o projeto político do poder que atuava inibindo os excessos. O Estado cria a censura. Ortiz se refere às duas faces da censura: uma que é repressiva, negativa, e outra que é disciplinadora. Foi no meio deste campo do permitido e do proibido do processo cultural dos anos 70 que tentei analisar a entrevista como um texto que ganhou espaço e importância junto a outros textos.

No *Pasquim* a entrevista funcionou como diálogo possível para o debate das idéias, para o debate político, que em virtude da censura tornou-se reduzido e difícil. O sucesso das entrevistas pode ser creditado ao fato de serem elas um registro simples, um arquivo, a princípio, um texto efêmero, onde inúmeros gestos podem ser registrados.

Este trabalho registra apenas alguns dos gestos. Pela riqueza e resistência essas entrevistas merecem ainda outros olhares e novas leituras porque revisitar os discursos recria os fatos na memória coletiva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio: Zahar, 1985.

ADORNO, T. W. Sobre música popular. In: COHN, G. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986, p.115-146.

ADORNO, T. W. Ensaio como forma. In: COHN, G. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986, p.167-187 .

ADORNO, T. W. Teses sobre a sociologia da arte. In: COHN, G. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986, p. 108-114.

ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 113-153.

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Tradução de Augustin Wernet e Jorge Mattos B. de Almeida. São Paulo: Ática, 1998, p. 7-90.

ALTAMIRANO, C.; SARLO, B. *Conceptos de sociologia literária*. Buenos Aires, p. 53-56. jun. 1980a.

ALTAMIRANO, C. e SARLO, B. *Literatura y sociedad*. Buenos Aires: Libreria Hachette, 1983.

ALTAMIRANO, C.; SARLO, B. *Conceptos de sociologia literaria*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1980, p.25-33.

ANOS 70. Rio de Janeiro: Europa Emp. Gráficos e Editora Ltda, 1979-1980, 7 v. IL.

ANTELO, R. & DE GRANDIS, R. La ficción crítica en los noventa: nuevos textos, nuevas series – posiciones y reacomodos. Entrevista realizada em Porto Alegre em agosto de 1992. *Luso Brazilian Review*, v. XXXII, n.1.

ANTELO, R.; CAMARGO, M. L. B.; ANDRADE, A. L. e ALMEIDA, T. V. (Orgs.). *O declínio da arte: ascensão da cultura*. Florianópolis (SC): Editora Abralic/Letras Contemporâneas, 1998.

ARAÚJO, J. Z. A negação do Brasil: os negros na telenovela brasileira. São Paulo: SENAC, 2000.

ARFUCH, L. *La interioridad pública: la entrevista como género*. Buenos Aires: Ed. Facultad de Ciencias Sociales, 1992.

ARRIGUCCI Jr, D. Fragmentos sobre a crônica. In: *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BABBA, H. K. *O local da cultura*. Tradução de Miryan Ávila et al.. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BANDEIRA, M. Flauta de papel. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Ed. Aguilar Ltda, 1958. p.303.

BARBERO, J. M. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997, p.69-70.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, Editora Universidade de Brasília, 1987.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1992.



BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.279-280.

BARTHES, R. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BELTRÃO, L. *Sociedade de massa: comunicação e literatura*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1972.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução Sergio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BORELLI, S. H. S. *Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: EDUC, Estação Liberdade, 1996.

BORELLI, S. H. S. Gêneros ficcionais: matrizes culturais no Continente. In: BORELLI, S. H. S. (org.), *Gêneros ficcionais, produção e cotidiano na cultura popular de massa*. São Paulo: INTERCOM: CNPq: FINEP, 1994, p. 129-145.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Edusp, 1987.

BOSI, E. *Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOUDON, R. e BOURRICAUD, F. *Dicionário crítico de Sociologia*. Tradução de Maria Letícia G. Alcoforado. São Paulo: Ática, 1993.

BOURDEU, P.; ACCARDO, A.; BAZALS, G. et al. *Miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997. p.693-713.

BOURDIEU, P. *Ce que parler veut dire*. Paris: Fayard, 1982.

BOURDIEU, P. e PASSERON, J. C. *A reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, P., CHAMBOREDON, J. C. e PASSERON, J. C. *Le metier de sociologue*. Paris: Mouton/Bordes, 1969.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. Tradução de Sergio Miceli et al. São Paulo: Edusp, 1996.

BOURDIEU, P. *As coisas ditas*. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegoni. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BRAGA, J. L. *O Pasquim e os anos 70: mais pra epa do que pra oba*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1991.

BRAIT, B. *Irônia em perspectiva polifônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

BRANDÃO, C. R. (org.). *Pesquisa participante*. 3. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2ª reimpressão da 7ª edição, Campinas: Ed. da Unicamp, s.d.

BREGUÊS, S. G.. A imprensa brasileira pós-64. *Encontros com a Civilização Brasileira*, 1978, n.2, p.145-163.

CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CAMARGO, M. L. B. *Poéticas contemporâneas: marcos para uma pesquisa. Continente Sul Sur* (Revista do Instituto Estadual do Livro), ano 1 (2), 1996, p.111-120.

CAMARGO, M. L. B. Resistir: quem há de? In: ANTELO, R. et al. *Declínio da arte: ascensão e cultura. Abralic / Letras Contemporâneas*, Florianópolis, 1998, p.169-175.

CAMARGO, M. L. B. Escrita, José, almanaque: leituras de romance. *Boletim de Pesquisa do Projeto Poéticas Contemporâneas: histórias e caminhos*, Florianópolis, n..2, UFSC, 1997, p.12-17.

CAMARGO, M. L. B. Não há sol que sempre dure. Revistas literárias brasileiras: anos 70. *Boletim de Pesquisa do Projeto Poéticas Contemporâneas: histórias e caminhos*, Florianópolis, n.3, UFSC, 1998, p. 5-9.

CAMPOS, H. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. In: *Meta linguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva. 1992.

CAMPOS, H. *Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

CANCLINI, N. G. Teoria da super estrutura e sociologia das vanguardas artísticas. *Encontros com a Civilização Brasileira*, n. 18, p. 71-98, 1979 .

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloisa P. Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1998.

CANCLINI, N. G. ¿De que estamos hablando cuando hablamos de lo popular? *Punto de Vista*, v.7, n. 20, Mayo, 1984.

CANCLINI, N. G. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CANCLINI, N. G. Los estudios culturales de los 80. *Punto de vista*, Buenos Aires, v. 40, p. 41 – 48, jul./set. 1991.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

CANDIDO, A. et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas (SP): Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CANDIDO, A. Dialética da malandragem. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CAPARELLI, S. *Comunicação de massa sem massa*. São Paulo: Cortez, 1980.

CARDOSO, I. A. R. Memórias de 68: Terror e interdição do passado. *Tempo social*, v. 2 n.2, 1990, p. 101-112.

CERTEAU, M. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, M.. *A invenção do cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAUÍ, M. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CHAUÍ, M. *Introdução à história da Filosofia*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHINEM, R. *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1996.

COELHO, C. N.P. A tropicália: cultura e política nos anos 60. *Tempo Social*, 1989, v.1, n.2.

COHN, G. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Biblioteca básica de Ciências Sociais. T.A. Queiroz, editor, 1987.

COMPAGNON, A. *O demônio da teoria*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

COTTA, P. *Calandra: o sufoco da imprensa nos anos de chumbo*. Rio de Janeiro: Beltrand, Brasil, 1997.

COUTINHO, C. N. Cultura e democracia no Brasil. *Encontros com a Civilização Brasileira*, n. 17, nov. 1979.

COWLEY, M. (org.). *Escritores em ação: as famosas entrevistas à Paris Review*. Tradução Brenno Silveira, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.

DARNTON, R. *O beijo do Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DARNTON, R. e ROCHE, D. (Orgs.). *Revolução impressa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

EAFTHOPE, A. *Literary into cultural studies*. Ed. London: Routledge, 1991.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução Waltensair Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ECO, U. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ECO, U. *Os limites da interpretação*. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ENZENSBERGER, H. M. Elementos para uma teoria dos meios de comunicação. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 56.

ERBOLATO, M. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação captação e edição no jornalismo diário*. Petrópolis / Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1978, p. 137 – 152.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1995.

FLORESTAN, F. *Capitalismo dependente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

FLORESTAN, F. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

FERNANDES, M. *Millôr no Pasquim*. Rio de Janeiro: Nórdica Ltda. 1997.

FIORIN, J. L. Tendências da análise do discurso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 19, p.1-179, 1990.

FLAX, J. Pós-modernismo e as relações na teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. (Org.), *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FOUCAULT, M. *¿Qué es um autor?* Colección textos mínimos. Universidad Autónoma de Thaxcala, México.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1987.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 1998.

FOUCAULT, M. *A palavra e as coisas*. Tradução de Salma Tannus. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, M. *O pensamento do exterior*. Tradução de Nurimar Falci. São Paulo: Princípio, 1990.

FRANK, A. G. *Capitalism and underdevelopment in Latin America*, New York: Monthly Review Press, 1967.

FRATTINI, E.; QUESADA, M. *La entrevista: el arte y la ciencia*. Madrid: Eudema, 1994.

GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Maria Bethania S. Mariani [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

GHIANO, J. C. *Los géneros literarios*. Buenos Aires: Nova, s/d.

GOMEZ, A. C. Amanecieron en todas las partes públicas...un viaje al país de las denuncias. In: BARRIONUEVO, J., *Avisos del Madri de los Austrias y otras noticias*. Madri: Editorial Castalia-Comunidad de Madri, 1996, p. 169.

GOULDNER, A. W. *La crisis de la sociologia occidental*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1970.

GRAMSCI, A. *Literatura e vida nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978.

GRAMSCI, A. *Obras escolhidas*. Tradução por Manoel Cruz. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio: Civilização Brasileira, 1982.

HAGUETE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

HAGUETTE, T. M. F. Dialética, dualismo epistemológico e pesquisa empírica. In: HAGUETTE, T. M. F. (Org.), *Dialética hoje*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 145-175.

HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

HOLLANDA, H. B. de. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

HOLLANDA, H. B. de. *Cultura e participação na década de sessenta*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HOLLANDA, H. B. de. *Impressões de viagem*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

HUYSEN, A. *Mapeando os anos 60. Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, p.15-80.

IANNI, O. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

IANNI, O. As estratégias de desenvolvimento. In: TOLEDO, C. N. (Org.), *Visões do golpe*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

IANNI, O. O Estado e a organização da cultura. *Encontros com a Civilização Brasileira*, v.1, 1978, p. 216-241.

ITARARÉ, Barão de. *Máximas e mínimas do Barão de Itararé*. Coletânea org. por Afonso Félix de Souza. Rio de Janeiro: Editora Record, 1985. p.26.

JAGUARIBE, S. (Jaguar). *As grandes entrevistas do Pasquim*. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

JAGUARIBE, S. (Jaguar). *O som do Pasquim: grandes entrevistas com os astros da musica popular brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1976.

JAGUARIBE, S. (Jaguar). Informação: sete anos de Pasquim. *Escrita*, ano 1, n.11, 1976.

JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1996.



KOYRÉ, A. *Introduzione a Platone*. Tradução de Selvino José Assmann. Firenze: Vellechi, 1973. p. 3-9 e 65-84.

KUCINSKI, B. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

LENIN, V. I. *Que fazer?* São Paulo: Hucitec, 1978.

LESSA, I. *Garotos da fuzarca*. Seleção de Diogo Mirardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

LESSA, I. Que fim levou Edelsio Tavares. In: MAINARDI, D. *Garotos da fuzarca*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 119-128.

LIMA, E. P. *Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP, 1995.

LIMA, L. C. Dependência cultural e estudos literários. In: *Pensando nos trópicos* (Dispersa Demanda II). Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

LINS e SILVA, C. E. Indústria cultural e cultura brasileira. *Encontros com a Civilização Brasileira*, n. 25, 1980. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

LOPES, P. E. *A desinvenção do som: leituras dialógicas do tropicalismo*. Campinas (SP): Anpoll/Pontes, 1999.

MACIEL, L. C. *Negócio seguinte*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

MACIEL, L. C. *Nova consciência: jornalismo contra – cultural, 1970 – 72*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Ltda. 1983, p. 117-120.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução Freda Indursky. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP, Pontes, 1989.

MAINGUENEAU, D. *O contexto da obra literária*. Tradução de Marina Appenzelle. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MANN, P.H. *Métodos de investigação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MANNHEIM, K. *Sociologia da cultura*. Tradução de Roberto Gambini. São Paulo : Perspectiva, 1974.

MARCUSE, H. Sobre o caráter afirmativo da cultura. *Cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MARTINS FILHO, J. R. O movimento estudantil na conjuntura do golpe. In: TOLEDO, C. N. (org.), *Visões críticas do golpe: democracia e reforma no populismo*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997, p.75-82.

MARTINS, R. *A rebelião romântica da jovem guarda*. São Paulo: Ed.Fulgor, 1966.

MEDINA, C. A. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

MEDINA, C. A. *Jornalismo na sociedade urbana industrial*. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1978.

MEIHY, J. C. S. B. História de vida. São Paulo: *Neho-História: Revista do Núcleo de Estudos em História Oral*, n.1, nov.1999.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1998.

MELLO, J. M. *Ideologia, cultura e comunicação*. São Paulo: Cortez, 1982.

MICELI, S. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil: 1920-1945*. São Paulo : Difel, 1979.

MONDADA, L. *A entrevista como acontecimento interacional: abordagem lingüística e conversacional*. *Rua - Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade*, Campinas (S.P), UNICAMP, v. 1, n. 3, mar. 97, p. 59-86.

MORICONI, I. *A provocação pós-moderna: Razão histórica e política da teoria hoje*. Rio: Diadorim, 1994.

MORIN, E. In: MEDINA, C. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Editora Ática, 1995, p.11.

NASSIF, L. A patota do Pasquim. *Folha de São Paulo*, Caderno de Economia, 24 jan. de 1997.

NOVAES, A. O debate ideológico e a questão cultural. *Encontros com a Civilização Brasileira*, n. 12, Civilização Brasileira, 1979.

OLIVEIRA, A. T. P. Idade Mídia. *Revista da Faculdade de Comunicação*, v. 1, n.1, 2001, p.114.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1992.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimento*. Campinas (SP): Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORTIZ, R. *A consciência fragmentada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

ORTIZ, R. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OESTERREICHER, W. Pragmática del discurso oral. In: BERG, W. B.; SCHÄFFAUER, M. K. (orgs.). *Oralidad y argentinidad: ensayos sobre la función del lenguaje hablado en la literatura argentina*. Tübingen: Gunternarr, 1997. p.86-97.

PALLARES-BURKE, M. L. G. *As muitas faces da história*. São Paulo: UNE, 2000.

PELEGRINI, T. Anos 70: repensando a crítica. *Remate de Males*, Campinas: v.10, 1990, p. 41- 45.

PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTECA, L. *Gavetas vazias: ficção política dos anos 70*. São Carlos: Mercado de Letras e UFSCar, 1996.

PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação e nova retórica*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Marins Fontes, 1996

PERRONE, M. L. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PIETROCOLA, L.G. Anos 60-70: Do sonho revolucionário ao amargo retorno. *Tempo Social*, 1996, v.8, n.2.

PONTES, H. *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

QUESADA, M. *La entrevista: obra creativa*. Barcelona: Mitre, 1984.

RAMA, A. Transculturação na narrativa latino-americana. *Cadernos de Opinião*, Rio de Janeiro, 1975, n.2, jan. s/d.

REBOUL, O. *Introduction à la rhétorique*. Paris: Presses Universitaire de France, 1991.

REGO, N. P. *Pasquim: gargalhantes pelejas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, Prefeitura, 1996.

RIDENTE, M. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: UNESP, 1993.

ROCHE, D. A censura e a indústria cultural. *Revolução impressa: a imprensa na França - 1775-1800*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 21- 48.

ROUANET, P. S. O novo irracionalismo brasileiro. In: *As razões do iluminismo*. Companhia das Letras. 1987, p. 124-146.

ROWE, W. La crítica cultural problemas y perspectivas. *Nuevo Texto Critico*, v. VII, n. 14-15, julio 1994/junio 1995.

RUBIM, A. A. C. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. In: MORAES, J. Q. (Org.), *História do marxismo no Brasil*. São Paulo: UNICAMP, v.. III, 1998, p. 305-376.

SAID, E. W. *Representaciones del intelectual*. Buenos Aires: Paídos Studio. 1996.

SANTIAGO, S. O entre – lugar no discurso latino – Americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva: Secretaria de Cultura e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

SANTIAGO, S. Repressão e censura no campo das artes na década de 70. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, 1979, n. 17, p. 187-194.

SANTIAGO, S. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político - culturais*. Rio: Paz e Terra, 1982.

SANTIAGO, S. Crítica literária no jornal. *Nuevo texto crítico*, v.VII, n. 14-15, julio 94 a junio 95.

SANTIAGO, S. Democratização no Brasil – 1979 – 1981 (Cultura versus Arte). In: *Declínio da arte: ascensão da cultura*, Letras Contemporâneas e ABRALIC, Florianópolis, 1998, p.11 – 24.

SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1999.

SARLO, B. La teoria como chatarra: Teses de Oscar Landi sobre la television. *Punto de Vista*, n. 4, Buenos Aires, nov. 1992.

SARLO, B. Lo popular en la história de la cultura. *Punto de Vista*, n. 35. Buenos Aires, set./nov., 1989.

SARLO, B. *Una modernidad periférica: Buenos Aires, 1920 y 1930*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, Coleção Cultura e Sociedade, 1988.

SCHWARZ, R. Nacional por subtração. In: *Que horas são?*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SIMON, I. M. e DANTAS, V. Poesia ruim, sociedade pior. *Remate dos Males*, Campinas, 1987, n.7, p. 95-108.

SODRÉ, M. *Reinventando @ cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SODRÉ, M. e PAIVA, R. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOUZA, E. M. A teoria em crise. *Revista ABRALIC*, n. 4, 1998, p. 19-29.

STAM, R. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 1992.

STEPAN, N. L. Raça e gênero: o papel da analogia na ciência. In: HOLLANDA, H. B (org.), *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SÜSSEKIND, F. *Papeis colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

SÜSSEKIND, F. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos*. Rio: Zahar, 1985.

SÜSSEKIND, F. *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1984

TABA, M. *A cultura da resistência*. Cadernos de opinião.[197-], p. 62-70.

THIOLLENT, M. J.M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1981.

THIOLLENT, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1980.

TODOROV, T. A face escura do engajamento. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 9 fev. 97, Mais.

TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

TOURAINÉ, A. O método da sociologia da ação: a intervenção sociológica. In.: *Novos Estudos CEBRAP*, v.1, n.3, jul. 1982, p.36-45.

VENTURA, Z. O vazio cultural. In: GASPARI, E., HOLLANDA, H. B. e VENTURA, Z., *70/80 cultura em transito: da repressão à abertura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p.46.

VERGNIAUD, L. As nanicas cresceram. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, 1980, n. 27, p. 189-201.

VIEIRA, E. A. Literatura e liberdade de expressão. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, 1980, n.21, p.111-126.

VIEIRA, F. P. *Cultura e dependência: formação de um intelectual subdesenvolvido*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

WHITE, H. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994.

WILLIAMS, R. *Marxismo e literatura*. São Paulo: Zahar, 1979.

WILLIAMS, R. *Cultura e sociedade*. Tradução de Leônidas H.B. Hegenberg, Octanny S. Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

WILLIAMS, R. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, R. *Cultura*. Tradução de Lourenço de Oliveira. Rio: Paz e Terra, 1992.



## ANEXOS

ANEXO 1: Indexação das entrevistas que formaram o banco de dados.

O PASQUIM – Ano de 1969

SUED, Ibrahim; CASTRO, Tarso de; JAGUAR, ; CABRAL, Sérgio. Ibrahim: sou imortal sem fardão. O Pasquim, nº.001, 2-3, 26, jun./jul., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SUED, Ibrahim

**Palavras Chave:** Jornalismo; Imprensa; Televisão; Crítica; Sociedade; Polêmica; Cinema Novo

**Resumo:** Jornalista, colunista social, considerado como o mais lido e informado do Rio. Ibrahim Sued foi o primeiro personagem público a ser entrevistado pelo Pasquim. Nesta entrevista comenta como deixou de ser carregador de máquina fotográfica para ser dono de uma coluna no "Diário Carioca" e em mais de 18 jornais em todo o país. Fala da importância da crônica social para a educação de um povo, da família, das mulheres brasileiras e da vida que leva a burguesia carioca do "Country Club". Sued se refere à Academia de Letras com desdém, diz que Proust é um chato e que Guimarães é um produto da crítica jornalística. Nesta entrevista, Ibrahim Sued diz que Garrastazu Médici seria o próximo presidente militar, como de fato o foi.

**Citados:** CHACRINHA, (Abelardo Barbosa); ARINOS, Afonso; PORTO, Sérgio (ver Stanislaw Ponte Preta); ROSA, (João) Guimarães; PROUST, Marcel; MORAES, Vinícius de;

**Iconografia:** Foto de Ibrahim Sued, sem crédito, s/d.

MAYSA, (gata mansa); JAGUAR, ; CABRAL, Sérgio; CASTRO, Tarso de;

Esta é a Maysa de todos nós. O Pasquim, nº.002, 2-3, jul., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MAYSA, (gata mansa)

**Palavras Chave:** Música; MPB; Teatro; Mídia; Direitos autorais

**Resumo:** Desmistifica o sucesso feito pelas cantoras e cantores nos anos 60 no "Olímpia" de Paris, dizendo que não passam de shows de segundo nível. Fala do teatro, dos direitos autorais, dos artista, do mal caráter de Elis Regina. Diz que a Bahia não começa com Gal e que esta não passa de plágio. Quanto a Sérgio Mendes, diz que este é como uma fábrica de música. Comenta as parcerias nos seus discos [ Rasuras na entrevista feitas à caneta: "dá-lhe Maysa" e outras várias "entradas" no texto indicando que o não uso da copidescagem pelo jornal já era desde os primeiros números uma estratégia. Do número 002 ao número 010 os exemplares do jornal saem sem o intervalo da data.]

**Citados:** JOBIM, Tom; HOLANDA, Chico Buarque de; POWELL, Baden; BARROSO, Ary;

LOBO, Edu; CARLOS, Roberto; BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de; MOTTA, Nélson;

**Iconografia:** Foto de Maysa sem crédito.

LEÃO, Danuza; CASTRO, Tarso de; CABRAL, Sérgio; JAGUAR; DIEGUES, Cacá; MICHALSKY, Yan. "Eu sou é divina". O Pasquim, nº.003, 2-5, jul., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** LEÃO, Danuza

**Palavras Chave:** Sociedade; Comportamento; Mídia

**Resumo:** Mulher de vivência nas rodas do "hight society" carioca, reconhecida por sua elegância.

**Iconografia:** Fotos da Danuza Leão por Carlos Prósperi.

AUTRAN, Paulo; MACIEL, Luís Carlos; CASTRO, Tarso de; JAGUAR,. Paulo Autran. O Pasquim, nº.003, 12-13, jul., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** AUTRAN, Paulo

**Palavras Chave:** Teatro; Cinema; Cultura; Censura; Política

**Resumo:** Paulo Autran, ator de teatro. Nos anos 70 encenou "Morte e Vida Severina", "Liberdade, Liberdade", peça proibida pela censura em alguns Estados do Nordeste. Fala da influência do cinema nacional no teatro, dos incentivos à cultura que são parte do pacote da ditadura e comenta seu trabalho com parceiros como Glauber, Chico, referindo-se às críticas feitas por Décio de Prado. [ É a segunda entrevista, não é a principal.]

**Citados:** RODRIGUES, Filinto; HOLANDA, Chico Buarque de; VELOSO, Caetano; PRADO, Décio de Almeida; OSCAR, Henrique; FERREIRA, Procópio; ROCHA, Glauber; MARX, Groucho;

**Iconografia:** Foto de Paulo Autran, sem crédito.

SIMONAL, Wilson; CABRAL, Sérgio; JAGUAR, ; CASTRO, Tarso de.

Simonal não sou racista (Simonal conta tudo). O Pasquim, nº.004, 5-7, jul., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SIMONAL, Wilson

**Palavras Chave:** Polêmica; Música; MPB; Mídia; Comportamento

**Resumo:** A pilantragem como performance de época. Um estilo. O Pasquim atribui a Simonal a criação do perfil de "pilantra" que deu certo. Para Simonal a pilantragem é um grande "golpe de mídia". Sobre Chico diz: "suas músicas são muito ruins". Caetano "é a tropicália". E Gil é nota 10 em letra e 9 em música. Nara Leão "canta mal". A entrevista é , assim, o conjunto de opiniões de Simonal sobre seus pares.

**Citados:** ALVES, Lúcio; FARNEY, Dick; MENESCAL, Roberto; CARDOSO, Elisete; SANTOS, Agostinho dos; DUTRA, Altemar; GILBERTO, João; CAVAQUINHO, Nelson;

REGINA, Elis; BUZAR, Nonato; IMPERIAL, Carlos; TIMÓTEO, Agnaldo;  
**Iconografia:** Foto de Simonal, crédito atribuído ao "Pasquim".

SANTOS, Nilton; CABRAL, Sérgio; MACIEL, Luís Carlos; DABUS, Marilene. Nilton Santos: A polacha que eu dei em Armando Marques. O Pasquim, n°.005, 5-7, jul./agos., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** SANTOS, Nilton

**Palavras Chave:** Futebol; Esporte

**Resumo:** Fala da efemeridade do futebol, da vida que acaba sem nada render, dos jogadores que depois do sucesso conheceram a miséria e o esquecimento; fala especialmente de Garrincha. [ Neste número Marta de Alencar constrói o perfil da mulher moderna / jornalista. ]

**Citados:** CARDOSO, Elisete; CALDAS, Sívio; MONTEIRO, Doris; MONTEIRO, Ciro;

**Iconografia:** Foto de Nilton Santos por Pedro Morais.

MORAES, Vinícius de; CASTRO, Tarso de; MACIEL, Luís Carlos; JAGUAR.

Um analista tentou me pasteurizar.

O Pasquim, n°.006, 4-7, agos., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** MORAES, Vinícius de

**Palavras Chave:** Poesia; Política; Estética; Música; Literatura

**Resumo:** Fala de sua poesia e da relação com o ato de escrever, da relação entre a música e a poesia, de suas influências estilísticas, da guerra de Vietnã, de sua carreira de diplomata e das relações políticas. [ Neste número há um poema de Vinícius de Moraes P(B)A(O)I, dedicado a Carlos Drummond. Na p.15, Chico Buarque escreve um artigo "Eu, Jornalista". ]

**Citados:** HOLANDA, Chico Buarque de; VELOSO, Caetano; NIEMEYER, Oscar; PIXINGUINHA, ; RODRIGUES, Nelson; CORÇÃO, Gustavo;

**Iconografia:** Fotos de Vinícius e o pessoal do Pasquim por Pedrinho de Moraes.

CAVALCANTI, (Emiliano) Di; CASTRO, Tarso de; JAGUAR.

A avenida atlântica precisa ser fulminada. O Pasquim, n°.007, 2-3, agos., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** CAVALCANTI, (Emiliano) Di

**Palavras Chave:** Cidade; Mulher; Filosofia; Pintura; Artes plásticas; Teatro; Política; Literatura

**Resumo:** Fala do Rio "verdadeiro" - o Catete de Machado de Assis, Lima Barreto, das cidades grandes e do provincianismo de São Paulo, dos artistas e das bienais. [ A entrevista de Di Cavalcanti é considerada chata e "snob". Na minha opinião é cheia de referências interessantes sobre o Rio de Janeiro. ]

**Citados:** ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de; BARRETO, Lima (cineasta); MILLER, Henry; COSTA, Gal; MESQUITA, Julio de; ALMEIDA, Guilherme de; REBELO, Marques; HUGO, Victor; RABELAIS, François;

**Iconografia:** Foto de DI sem crédito.

LEÃO, Nara; TARSO, Paulo de. Nara Leão: as dez mais são loucas. O Pasquim, n°.007, 4-5, agos., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** LEÃO, Nara

**Palavras Chave:** Cinema; Bossa-nova; Cidade; Música

**Resumo:** Fala de sua decisão de parar de cantar, das difíceis relações com a mídia, com o público e principalmente com o regime que dificultava o processo criativo, referindo-se, ainda, a sua inadaptação à agitada vida de artista. [ A entrevista não é a principal. ]

**Citados:** COSTA, Gal; PIAFF, Edith; DIEGUES, Cacá; VISCONTI, Luchino; VELOSO, Caetano; ROCHA, Glauber; CROSBY, ; SINATRA, Frank; PEREIRO, Paulo César; WERNECK, Moacir; PINHEIRO, Albino;

**Iconografia:** Fotos de Nara Leão por Pedro Moraes.

REBELO, Marques; JAGUAR, ; FERNANDES, Millôr. Millôr Fernandes e Jaguar entrevistam Marques Rebêlo: Ibrahim Sued tem razão; Proust é um chato. O Pasquim, n°.008, 5-7, agos., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** REBELO, Marques

**Palavras Chave:** Literatura; Comunicação; Modernidade; Música; Teatro; Crítica

**Resumo:** Fala sobre a literatura, de sua posição confortável como acadêmico da "Academia Brasileira de Letras" (ABL). Crítica um seguimento da literatura que, para ele, é uma literatura de elite. Comenta a entrevista do Di Cavalcante no Pasquim n.7. Fala das conquistas do homem e de como elas foram democráticas. Fala da música e dos músicos que considera bons profissionais e de sua organização para o trabalho. [ Neste número há uma "super-entrevista" com todos os já entrevistados do Pasquim compondo uma entrevista. ]

**Citados:** ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de; BARRETO, (Afonso Henriques de) Lima; ANDRADE, Carlos Drummond de; VELOSO, Caetano; HOLANDA, Chico Buarque de; VIOLA, Paulinho da; ROSA, (João) Guimarães; PROUST, Antonin; MANN, Thomas; MEREDITH, George; JOYCE, James; NAZARETH, Ernesto;

**Iconografia:** Foto de Rebelo, sem crédito.

BULKAN, Florinda; HOLANDA, Chico Buarque de. O que é que o Brasil tem contra esta mulher? O Pasquim, n°.009, 8-11, agos., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** BULKAN, Florinda

**Palavras Chave:** Cinema; Cinema Novo; Mídia; Imprensa

**Resumo:** Florinda Bulkan, atriz brasileira que vive na Europa. Reclama do tratamento que a imprensa brasileira lhe dispensa e das difíceis relações com os artistas envolvidos com o cinema novo. Fala também de sua amizade com diretores do cinema italiano.

**Citados:** MORAVIA, Alberto; ROCHA, Glauber; BARRETO, Luís Carlos; PETRI, Elio; LUCCHINO, ; NERO, Franco;

**Iconografia:** Foto de Bulkan sem crédito.

BENGELL, Norma; MACIEL, Luís Carlos; CASTRO, Tarso de; JAGUAR,.

Norma: Não saio de moda porque não sou estrela. O Pasquim, n°.010, 8-11, agos./set., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** BENGELL, Norma

**Palavras Chave:** Teatro; Cinema; Cultura; Comportamento; Política cultural

**Resumo:** Comenta a necessidade de se revitalizar o teatro que, segundo ela, "está morrendo". Do nú no teatro não como apelação, mas, com expressão artística. Fala dos incentivos governamentais à cultura dos prêmios que recebeu no cinema, dos personagens que mais gostou de desempenhar e de algumas de suas escolhas.

**Citados:** MACHADO, Carlos; GENET, Jean; GARCIA, Vitor; AUTRAN, Paulo; CARREIRO, Tônia; MORAES, Vinícius de; PORTO, Sérgio (ver Stanislaw Ponte Preta); POWELL, Baden; ROCHA, Glauber; BRESSANE, Júlio; GONÇALVES, Milton; MONTALDO, Giuliano; LOBO, Edu; HOLANDA, Chico Buarque de; GILBERTO, João; JOBIM, Tom; CARDOSO, Sérgio; AZEVEDO, Waldir; SALVATORI, Renato; MONTENEGRO, Fernanda;

**Iconografia:** Foto de Benguel por Pedro Moraes.

BETHANIA, Maria; FERNANDES, Millôr; JAGUAR, ; CASTRO, Tarso de; MACIEL, Luís Carlos. Bethania. O Pasquim, n°.011, 8-11, 5, set., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** BETHANIA, Maria

**Palavras Chave:** Música; Teatro; Televisão; Mídia; Religião; MPB

**Resumo:** Conta sua carreira, seu modo de ver a sua relação de cantora com a televisão e com a mídia de modo geral. Fala de outros cantores e de pessoas com quem fez shows, de sua religiosidade ligada à umbanda e à Bahia. [A partir de setembro começou a ser datado o jornal do período semanal correspondente.]

**Citados:** MIRANDA, Carmem; VELOSO, Caetano; BOAL, Augusto; GIL, Gilberto; ZÉ, Tom; GULLAR, Ferreira; MENESCAL, Roberto; ARAP, Fauzi;

**Iconografia:** Foto de Bethania sem crédito

ABREU, Denner Pamplona de; CASTRO, Tarso de. Denner. O Pasquim, n°.012, 6-9, 11, set., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** ABREU, Denner Pamplona de

**Palavras Chave:** Moda; Comportamento; Estilista; Cultura

**Resumo:** Fala do que é ser elegante. De mulheres e homens que podem ser considerados elegantes no Brasil. Coloca-se como pessoa de bom gosto e de cultura e "usa" seus amigos intelectuais para "ornamentar" sua sala de jantar.

**Citados:** BECKER, Cacilda; ROCHA, Glauber; CALLAS, Maria; TIMBERG, Nathália; MARIA, Angela; PACOTE, Edivaldo; ZING, David;

**Iconografia:** Foto de Denner por David Zing.

LIMA, Alceu Amoroso; CABRAL, Sérgio; CLAUDIUS, Mathias.

Uma aula do Doutor Alceu. O Pasquim, n°.013, 8-11, 18, set., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** LIMA, Alceu Amoroso

**Palavras Chave:** Romantismo; Literatura; Modernismo; Crítica; Religião; Cultura

**Resumo:** Fala dos grandes nomes da Literatura, da crítica literária que ele vem abandonando por considerar que sua crítica começa a ficar "estéril". Fala de sua descoberta de José Américo de Almeida revelado por sua crítica, do modernismo na literatura. Diz das suas expectativas quanto à literatura Latino-Americana e fala da sua experiência em uma América culturalmente marcada por tantas "colonizações" e dos temas de suas próximas produções, da Encíclica e da sexualidade. Para Dr. Alceu, o anticoncepcional é uma invenção burguesa [O Pasquim diz: esta é uma entrevista "séria" e avisa que não perderam a irreverência].

**Citados:** ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de; AMADO, Jorge; MORAES, Vinícius de; ANDRADE, Carlos Drummond de; TREVISAN, Dalton; DOURADO, Autran; GULLAR, Ferreira; VASCONCELOS, José Mauro de; ALMEIDA, José Américo de; ROSA, (João) Guimarães; BANDEIRA, Manuel; BONIFÁCIO, José; ORWELL, Georg; MARCUSE, Herbert; AGOSTINHO, Santo; CARNEIRO, Fernando Lobo; FIGUEIREDO, Jackson de; FARIAS, Otávio de;

**Iconografia:** Foto de Dr. Alceu, sem crédito.

BEN, Jorge; MACIEL, Luís Carlos; CASTRO, Tarso de; CABRAL, Sérgio; FERNANDES, Millôr; SAVARY, Olga.

Sou sensual mas não sou tarado. O Pasquim, n°.014, 8-11, 25, set./out., 1969.

**Vocabulário Controlado: ENTREVISTA****Nom. Pess. como Assunto:** BEN, Jorge**Palavras Chave:** Música; Racismo; Mulher; MPB; Comportamento; Mídia**Resumo:** Conta o início de sua carreira, fala de amigos músicos e cantores, da "malandragem" de suas músicas e do Chacrinha, o ídolo desta faixa de cantores. Fala do racismo e dos outros preconceitos. Nesta entrevista, O Pasquim aposta a "fofoca" Chico X Caetano X Jorge Bem forçando o cantor a citar os "frios" e os "quentes" do meio artístico como uma questão proposta pelo jornal; se o entrevistado não cita o Pasquim, refaz a pergunta; o jornal persegue a questão afim de

estabelecer a "fofoca". Jorge Bem tenta se esquivar destas fofocas falando de suas produções, das mulheres com quem conviveu, da sua atividade sexual e defende-se da acusação de ser violento.

**Citados:** HOLANDA, Chico Buarque de; GILBERTO, João; CARLOS, Roberto; ARAÚJO, Guilherme; MENDES, Sérgio; CAVALCANTI, Flávio; CHACRINHA, (Abelardo Barbosa); TIMÓTEO, Agnaldo;**Iconografia:** Fotos de Bem por Cláudia Dutra Landin.REGINA, Elis; CABRAL, Sérgio; FERNANDES, Millôr; MACIEL, Luís Carlos; FRANCIS, Paulo; CASTRO, Tarso de. **Elis.** O Pasquim, n°.015, 11-16, 2, out., 1969.**Vocabulário Controlado: ENTREVISTA****Nom. Pess. como Assunto:** REGINA, Elis**Palavras Chave:** Música; MPB; Televisão; Mídia; Discriminação**Resumo:** Elis diz que faz reflexologia para superar as neuroses de sua carreira como cantora. Comenta seus gostos pessoais e os problemas com a televisão e a discriminação entre os artistas. A entrevista de Maysa foi pivô da briga entre elas. Elis compara a psicanálise a "gigolagem" espiritual.**Citados:** GILBERTO, João; HOLANDA, Chico Buarque de; CARLOS, Roberto; LYRA, Carlos; LOBO, Edu; PIXINGUINHA, ; JOBIM, Tom; CAVAQUINHO, Nelson; BEN, Jorge; CARTOLA, ; PORTER, Cole; ROSA, Noel; ROCHA, Glauber; PEDRO, Joaquim; SANTOS, Nelson Pereira dos; SGANZERLA, Rogério; MIÉLE, Luís Carlos; BETHANIA, Maria; KETI, Zé; VILA, Martinho da;**Iconografia:** Fotos de Paulo Garcez.GIL, Gilberto. **Gilberto Gil.** O Pasquim, n°.016, 2-3, 9, out., 1969.**Vocabulário Controlado: ENTREVISTA****Nom. Pess. como Assunto:** GIL, Gilberto**Palavras Chave:** Música; Polêmica; Sucesso popular; Cinema; MPB; Tropicalismo**Resumo:** O cantor participou do festival de cinema de Pesaro/Itália. Fala de seu recente sucesso "Aquele Abraço", do tropicalismo e do Chacrinha e das polêmicas em torno de sua

música. [ Entrevista realizada na Europa; a polêmica existente é quanto à expressão "Aquele Abraço" que Lírico, comico da TV, reclama a autoria.]

**Citados:** VELOSO, Caetano; ARAÚJO, Guilherme; CHACRINHA, (Abelardo Barbosa); LARA, Odete;**Iconografia:** Fotos de GIL por José Antônio Ventura.SALDANHA, João; MACIEL, Luís Carlos; JAGUAR, ; CASTRO, Tarso de; FERNANDES, Millôr; CABRAL, Sérgio. **João sem medo.** O Pasquim, n°.016, 10-13, 9, out., 1969.**Vocabulário Controlado: ENTREVISTA****Nom. Pess. como Assunto:** SALDANHA, João**Palavras Chave:** Política; Futebol; Televisão; Mídia**Resumo:** Conta sobre sua carreira como técnico e comentarista de futebol. Fala do futebol como espetáculo, da televisão brasileira e de sua concepção política acerca da abertura de novos canais e da política vigente, quer nas agremiações, como no país.**Citados:** BRAGA, Rubem; ARINOS, Afonso;**Iconografia:** Fotos de Saldanha por Cláudia Dutra Landin.VELOSO, Caetano. **Caetano.** O Pasquim, n°.017, 09-17, 16, out., 1969.**Vocabulário Controlado: ENTREVISTA****Nom. Pess. como Assunto:** VELOSO, Caetano**Palavras Chave:** América Latina; Música; Rock and roll; Cultura; Censura; Comportamento; Mídia; História**Resumo:** Fala de "Soy loco por ti América", relacionando em importância a "Cem anos de solidão". Considera a música o "hino" de formação da nação. Comenta da vida sem "sol", sem "vida" na Inglaterra mas cheia de "encontros". Fala do prazer em gravar suas escolhas. Comenta as histórias de "Proibido proibir". [ Entrevista realizada em Londres.]**Citados:** ROCHA, Glauber; HOLANDA, Chico Buarque de; ROLLING STONES, ; BEATLES, ; PRESLEY, Elvis;**Iconografia:** Fotos de Caetano, sem crédito e Charges de VilmarGARRINCHA, Mané; JAGUAR, ; CASTRO, Tarso de; FRANCIS, Paulo; CABRAL, Sérgio; MACIEL, Luís Carlos. **Elza e Garrincha.** O Pasquim, n°.018, 08-11, 23, out., 1969.**Vocabulário Controlado: ENTREVISTA****Nom. Pess. como Assunto:** GARRINCHA, Mané**Palavras Chave:** Futebol; Música; Esporte; Comportamento; Sucesso popular**Resumo:** Elza e Garrincha contam seus encontros e desencontros na vida. Fala do abandono que viveu depois de tanta glória, da falta de apoio dos dirigentes esportivos, mas a entrevista é um depoimento do amor que eles

viveram.

**Citados:** PEDRO, Joaquim; CARDOSO, Elisete; HOLANDA, Chico Buarque de; VELOSO, Caetano; CARLOS, Roberto; JESUS, Clementina de; REGINA, Elis; COSTA, Gal;

**Iconografia:** Foto de Garrincha e Elza, sem crédito.

DUARTE, Anselmo; SOUZA, Afonso Félix de; KALILI, Narciso; BARRETO, Eduardo.

Anselmo Duarte, O Pasquim, n°.019, 8-11, 30, out./nov., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** DUARTE, Anselmo

**Palavras Chave:** Cinema; Cultura; Cinema Novo; Literatura; arte popular; cultura popular

**Resumo:** Conta sua vida nos bastidores do cinema nacional; fala das filmagens do "Auto da Compadecida" e de suas polêmicas com Suassuna.

**Citados:** CARNEIRO, Nelson; MORAES, Vinícius de; WELLES, Orson; GOMES, (Alfredo) Dias; ROCHA, Glauber; FARIAS, Roberto; OLIVEIRA, Domingos de; SUASSUNA, Ariano;

**Iconografia:** Foto de Anselmo por Zé Pinto

JOBIM, Tom; FRANCIS, Paulo; FERNANDES, Millôr; CASTRO, Tarso de; CABRAL, Sérgio; JAGUAR, Tom (Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim), O Pasquim, n°.020, 11-14, 6, nov., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** JOBIM, Tom

**Palavras Chave:** Música; Nacionalismo; MPB; Mídia; Educação; música erudita; Cultura

**Resumo:** Tom conta sua relação com outros músicos, compositores e cantores. Fala da música Sabiá, das influências de cantores estrangeiros, principalmente franceses e de grandes nomes do repertório nacional. Comenta sobre os festivais e mais, comenta que depois de Prelúdio n.4 de Chopin ninguém mas foi original.

**Citados:** MORAES, Vinícius de; SABINO, Fernando; BRAGA, Rubem; CHOPIN, ; PIXINGUINHA, ; VALLE, Marco do; BRAHMS, ; BACH, (Johann Sebastian); ROSA, Noel; MESQUITA, Custodio; SAND, George; CAVAQUINHO, Nelson; HOLANDA, Chico Buarque de; VILLA-LOBOS, Heitor; NAZARETH, Ernesto; DEBUSSY, Claude Achille; RAVEL, (Maurice); DEODATO, Eumir;

**Iconografia:** Fotos de Tom por Paulo Garcez.

CHACRINHA, (Abelardo Barbosa); CASTRO, Tarso de; JAGUAR, ; CABRAL, Sérgio. Chacrinha, O Pasquim, n°.021, 09-13, 13, nov., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CHACRINHA, (Abelardo Barbosa)

**Palavras Chave:** Racismo; Política; Televisão;

Mídia; Tropicalismo; Censura; Indústria cultural

**Resumo:** Fala do seu contrato com a Globo, da produção dos seus programas para a TV e do seu salário, das relações entre os fatos criados pelo seu programa e a recepção na mídia. Relaciona os partidos políticos e as pessoas na sua prática cotidiana. Fala dos produtores culturais e suas maneiras de "classificar" o artista, defendendo a existência da censura. Na entrevista de Chacrinha se declara um apaixonado pela comunicação e levanta algumas questões polêmicas da década de 70 na televisão.

**Citados:** HOLANDA, Chico Buarque de; VELOSO, Caetano; PIXINGUINHA, ; McLUHAN, Marshall; BEN, Jorge; AMORIM, Jair; MARTINS, Herivelto; ROCHA, Glauber; FARIAS, Roberto; PORTO, Sérgio (ver Stanislaw Ponte Preta); BARROSO, Ary;

**Iconografia:** Foto de Chacrinha por Charges de Vilmar e outras fotos sem crédito.

DINIZ, Leila; CABRAL, Sérgio; CASTRO, Tarso de; JAGUAR, ; GARCEZ, Paulo; MACIEL, Luís Carlos; ALMEIDA, Araci de. Leila Diniz, O Pasquim, n°.022, 8-13, 20, nov., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** DINIZ, Leila

**Palavras Chave:** Cinema; Teatro; Biografia; Censura; Cinema Novo; Mídia; Mulher; Comportamento

**Resumo:** A entrevista que durou horas foi feita numa linguagem, segundo o Pasquim, alegre. Leila Diniz aos 23 anos fala de sua independência diante das convenções sociais. Fala de seu trabalho, do ritmo alucinante de sua vida e do cinema novo. A entrevista com Leila inaugura, no Pasquim, o escracho, a pornografia que sai registrada em pontinho. A entrevista é pontuada por críticas aos esquemas do teatro, da televisão e do cinema.

**Citados:** JOSÉ, Paulo; BUÑUEL, Luis; OLIVEIRA, Domingos de; VASCONCELOS, José Mauro de; SANTOS, Nelson Pereira dos; VALADÃO, Jece; DUARTE, Anselmo; BABO, Lamartine; VANDRÉ, Geraldo;

**Iconografia:** Fotos de Leila por Paulo Garcez.

ALMEIDA, Araci de; CASTRO, Tarso de. Araci, O Pasquim, n°.023, 12-13, 27, nov./dez., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ALMEIDA, Araci de

**Palavras Chave:** Arte; MPB; Música; Crítica; Comportamento; Sexualidade

**Resumo:** Araci comenta sua predileções pelos compositores nacionais. O Pasquim pergunta sobre homossexualidade e sobre suas amizades, ao que ela responde tranquilamente sem dar ao jornal espaço para o deboche. Araci fala de seus amigos. [sobre ela, Denner destaca o fato de ser possuidora de obras e objetos de artes.]

**Citados:** VELOSO, Caetano; HOLANDA, Chico

Buarque de; ROSA, Noel; BARROSO, Ary; CARVALHO, Joubert; LADEIRA, Cesar; GIL, Gilberto; CAVALCANTI, (Emiliano) Di; MARTINS, Aldemir;  
**Iconografia:** Fotos e charges de Araci sem crédito.

SOARES, Jô; FRANCIS, Paulo; FERNANDES, Millôr; MACIEL, Luís Carlos; CABRAL, Sérgio; CASTRO, Tarso de. Jô Soares. O Pasquim, n°.024, 15-19, 1, dez., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SOARES, Jô

**Palavras Chave:** Jornalismo; Comédia; Televisão; Humor; Teatro; Literatura; Cinema

**Resumo:** Jô conta como seus personagens são criados, de sua vida profissional, dos papéis que escreveu para a televisão, teatro e cinema. Fala também de sua educação clássica e desta influência no ser fazer de escritor.

**Citados:** BECKER, Cacilda; CHAGAS, Walmor; FERNANDES, Helio; RODRIGUES, Nelson; CARDOSO, Sérgio; SHAKESPEARE, William; COSTINHA, ; WELLES, Orson; ATHAYDE, Austrágisilo de; GRIECO, Agripino; VICENTE, Gil; CARLOS, Roberto; BEN, Jorge; GIL, Gilberto; SGANZERLA, Rogério; GOLIAS, Zeloni; ANÍSIO, Chico;

**Iconografia:** Charge de Jô por Vilmar e outras fotos sem crédito.

COSTA, Gal; MACALÉ, Jards; JAGUAR, ; CASTRO, Tarso de; ASSUNÇÃO, Álvaro; PACOTE, Edivaldo; ZING, David. Gal Costa e Macalé. O Pasquim, n°.025, 13-15, 11, dez., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MACALÉ, Jards

**Palavras Chave:** Música; MPB; Mídia; Tropicalismo; Comportamento

**Resumo:** Gal Costa fala de sua carreira e da relação com os outros baianos, de suas preferências musicais e da forma de vestir, do cabelo, marca da geração baiana na década de 70. E conta a influência dos outros baianos.

**Citados:** VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto; CARLOS, Roberto; RODRIGUES, Nelson; JOPLIN, Janis; GILBERTO, João; JOBIM, Tom; BEAUVOIR, Simone de; ROCHA, Glauber; SGANZERLA, Rogério;

**Iconografia:** Foto de Gal e Macalé por Daniel Zing.

CHAVES, Jurandir; CASTRO, Tarso de; FERNANDES, Millôr; CABRAL, Sérgio. Juca Chaves (Jurandir Chaves). O Pasquim, n°.026, 08-11, 18, dez., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CHAVES, Jurandir (Juca Chaves).

**Palavras Chave:** Humor; Música; MPB; Mídia; Imprensa

**Resumo:** Juca Chaves faz seu desabafo ao Pasquim contado sobre a entrevista que deu ao

"O Cruzeiro" e da deturpação que ocorreu na edição de sua entrevista.

**Citados:** RICARDO, Sérgio; GILBERTO, João; HOLANDA, Chico Buarque de; JOBIM, Tom; BABO, Lamartine; GONZAGA, Luis; VILLALOBOS, Heitor; ALVES, (Antonio de) Castro;

**Iconografia:** Fotos sem crédito. Charges de Juca por Juarez Machado .

ROZEMBURGO, Regina. Regina Rozemburgo. O Pasquim, n°.026, 21-22, 18, dez., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ROZEMBURGO, Regina.

**Palavras Chave:** Burguesia; Comportamento; Moda

**Resumo:** Mulher da sociedade carioca que casou com empresário parisiense do ramo de sapatos. Fala do seu "cotidiano" de mulher rica, de sua convivência com o poder internacional, com cineastas e intelectuais. Opina sobre liberdade feminina.[Entrevista realizada em Paris.]

**Citados:** BEAUVOIR, Simone de;

**Iconografia:** Fotos de Regina, sem crédito.

VILA, Martinho da; CABRAL, Sérgio. Martinho. O Pasquim, n°.027, 05-07, 25, dez./jan., 1969.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** VILA, Martinho da

**Palavras Chave:** MPB; Sociedade; Música; Mídia

**Resumo:** Conta um pouco sobre sua trajetória na mídia e nos bastidores do mundo artístico. Fala de seu samba e do respeito à velha guarda do samba, da "derrubação" existente entre os artistas. [ Último número de 1969.]

**Citados:** GIL, Gilberto; BEN, Jorge;

**Iconografia:** Foto de Marinho sem crédito.



## O PASQUIM – Ano de 1970

CARLOS, Erasmo; CABRAL, Sérgio; JAGUAR, ; CASTRO, Tarso de; AUTRAN, Cristina; AQUINO, Ângelo. Erasmo Carlos. O Pasquim, n°.028, 08-11, 1, jan., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CARLOS, Erasmo

**Palavras Chave:** Feminismo; Música; Mídia; Mulher; MPB; jovem guarda; Comportamento

**Resumo:** Fala da ajuda de "marketing" dado à "jovem guarda" pela agência de Magaldi Maia e do Prospéri para efeito de mídia. A roupa usada como forma de comercializar e vender uma imagem. Erasmo Carlos "esbanja" sua concepção machista sobre o lugar da mulher e o seu papel junto ao homem. [No Pasquim sempre há uma associação como imagem da "jovem guarda" e determinados comportamentos.]

**Citados:** BARROSO, Ary; CARLOS, Roberto; BEN, Jorge; GILBERTO, João; VELOSO, Caetano;

**Iconografia:** Foto de Erasmo, s/ crédito.

JOSÉ, Paulo; CASTRO, Tarso de; FERNANDES, Millôr; CABRAL, Sérgio; FRANCIS, Paulo; SFAT, Dina. Paulo & Dina. O Pasquim, n°.029, 13-17, 8, jan., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** JOSÉ, Paulo

**Palavras Chave:** Literatura; Teatro; Política; Público; Cinema; Humor; Indústria cultural; Crítica

**Resumo:** Falam da crítica feita a literatura do Teatro. Comentam as posições políticas que assumem no cotidiano. Falam da indústria cinematográfica e dos problemas ligado à produção. A entrevista é interessante, pois que, tecem os artistas, considerações importantes acerca do debate sobre o Teatro.

**Citados:** GUERRA, Ruy; MARCUSE, Herbert; CHAPLIN, Charles; MANN, Thomas; DUARTE, Anselmo; WILDE, Oscar; PEDRO, Joaquim; LUKÁCS, Georg; RICHERS, Herbert; FARNEY, Dick; BALZAC, Honoré de; OSCARITO, ;

**Iconografia:** Foto de Dina e Paulo, s/ crédito.

CAMPOS, Paulo Mendes; CASTRO, Tarso de; CABRAL, Sérgio; MACIEL, Luís Carlos; JAGUAR, ; SAVARY, Olga. Paulo Mendes Campos. O Pasquim, n°.030, 16-19, 15, jan., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CAMPOS, Paulo Mendes

**Palavras Chave:** Crônica; Escritores; Cinema; Literatura; Justiça; Jornalismo

**Resumo:** Fala da dificuldade de viver do que escreve. Que o jornalismo no Brasil não é de boa qualidade e o jornalista não é pago decentemente, assim como, o escritor. Paulo Mendes fala do prazer de traduzir poemas.[ O Pasquim pede ao

entrevistado que cite nomes que estão de alguma forma sendo "lançados" pelo jornal - é o caso de Vinícius de Moraes, Caetano Veloso...]

**Citados:** BRAGA, Rubem; SABINO, Fernando; PORTO, Sérgio (ver Stanislaw Ponte Preta); JOYCE, James; MAILER, Norman; VASCONCELOS, José Mauro de; HUXLEY, Aldous; VELOSO, Caetano; CARNEIRO, Geraldo; NUNES, Dulce; CARVALHO, José Cândido de; ROSA, Noel; MORAES, Vinícius de; LAVIN, Philip; TOLEDO, Zezinho;

**Iconografia:** Foto de Paulo Mendes, s/ crédito.

OTELLO, Grande. Pasquim. Grande Otelo. O Pasquim, n°.031, 15-17, 22, jan., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** OTELO, Grande

**Palavras Chave:** Cinema; Teatro; Política cultural; Mídia; Política

**Resumo:** Trata a entrevista da carreira do ator de sua trajetória. Fala das desilusões com a política do cinema nacional. Comenta sobre o reconhecimento do público e da situação financeira.

**Citados:** WELLES, Orson; PEDRO, Joaquim; ROCHA, Glauber;

**Iconografia:** Foto de Otelo, s/ crédito.

BERNARDES, Sérgio; FRANCIS, Paulo; CASTRO, Tarso de; CABRAL, Sérgio; FERNANDES, Millôr; GARCEZ, Paulo. Ver bem - segundo o arquiteto brasileiro, Dr. Sérgio Bernades. O Pasquim, n°.032, 12-15, 29, jan./fev., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BERNARDES, Sérgio

**Palavras Chave:** Democracia; Cidade; Política; Arquitetura; Cinema; Comportamento

**Resumo:** Fala das condições de moradia do brasileiro, da democracia que é inexistente no planejamento das cidades. Do problema habitacional. Da arquitetura e de seus projetos que não atendem a demanda do social..

**Citados:** COSTA, Lucio; ROCHA, Glauber; NIEMEYER, Oscar;

**Iconografia:** Foto de Bernardes por Paulo Garcez.

SGANZERLA, Rogério; CABRAL, Sérgio; FERNANDES, Millôr; CASTRO, Tarso de; JAGUAR, ; FRANCIS, Paulo; INÊZ, Helena. Helena - Rogério. O Pasquim, n°.033, 11-15, 5, fev., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SGANZERLA, Rogério

**Palavras Chave:** Cinema Novo; Cinema; Polêmica; Política; Literatura; Subdesenvolvimento; Mulher

**Resumo:** Rogério faz críticas ao cinema novo e especialmente a Glauber Rocha. As críticas são

endossadas por Helena Inês ex-Glauber, ex-Bressane ,atualmente, naquele momento, Sganzerla que fala de política e das relações entre homens e mulheres. [No número 032 artigo sobre cinema novo de Glauber Rocha.]

**Citados:** BARRETO, Luís Carlos; ROCHA, Glauber; SANTOS, Nelson Pereira dos; PEDRO, Joaquim; WELLES, Orson; MARINS, José Mojica;

**Iconografia:** Foto do casal, s/ crédito

BARATA, Agildo; CABRAL, Sérgio; MACIEL, Luís Carlos; JAGUAR,. Agildo O Pasquim, nº.034, 09-11, 12, fev., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BARATA, Agildo

**Palavras Chave:** Idealismo; Revolução de 1930; Partido comunista; Humor; Televisão; Teatro

**Resumo:** Agildo conta um pouco da sua relação com o Rato italiano TOPO GIGIO. Fala de seu pai Agildo Barata, homem do P.C. que na revolução de 1930 foi preso ficando 10 anos na prisão. [ Nesta entrevista aparece Sig (Rato) como entrevistador.] [ O Pasquim - um pequenino enganador.]

**Citados:** ANÍSIO, Chico; AMARAL, Ricardo; SOARES, Jô; JOSÉ, Paulo; SIG, (Rato Sigmundo); MIÉLE, Luís Carlos;

**Iconografia:** Foto de Agildo, s/ crédito.

POWELL, Baden; JAGUAR, ; MACIEL, Luís Carlos; CABRAL, Sérgio; FORTUNA, ; FRANCIS, Paulo. Baden Powell O Pasquim, nº.035, 12-15, 19, fev., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** POWELL, Baden

**Palavras Chave:** Jazz; Tropicalismo; Música popular; MPB; Música

**Resumo:** Baden Powell fala de sua música, seus parceiros. Da vida de violonista de consagração nacional e internacional. Mas, Baden dá especial destaque as suas influências nacionais.

**Citados:** PINHEIRO, Paulo César; MORAES, Vinícius de; GETZ, Stan; HENDRIX, J.; KESSEL, Barney; SANTOS, Turíbio; JOBIM, Tom; BARROSO, Ary; BÔSCOLI, Ronaldo;

**Iconografia:** Foto de Baden, s/ crédito.

MARQUES, Armando; CASTRO, Tarso de; CABRAL, Sérgio; FRANCIS, Paulo; FORTUNA, ; MACIEL, Luís Carlos;. Armando Marques O Pasquim, nº.036, 15-19, 26, fev./mar., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MARQUES, Armando

**Palavras Chave:** Futebol; Esporte

**Resumo:** Juiz de futebol, ex-jogador, a entrevista trata da trajetória e das polêmicas em torno de Armando Marques.

**Citados:** JOBIM, Tom;

**Iconografia:** Foto de Tarso de Castro, s/

crédito.

ANÍSIO, Chico; CASTRO, Tarso de; MACIEL, Luís Carlos; FORTUNA, ; FRANCIS, Paulo; CABRAL, Sérgio; GISMONTI, Egberto. Chico Anísio O Pasquim, nº.037, 14-17, 5, mar., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ANÍSIO, Chico

**Palavras Chave:** Contracultura; Humor; Política; Mídia; Televisão

**Resumo:** Chico Anísio, fala de sua relação com o mercado empresarial e como produto de show para artista do Rio Janeiro e São Paulo. E de sua preferência como humorista e criador de vários personagens.

**Citados:** PETERSON, Oscar;

**Iconografia:** Foto de Chico, s/crédito.

GISMONTI, Egberto; CABRAL, Sérgio; CARNEIRO, Geraldo. Egberto Gismonti Mais um que se foi. O Pasquim, nº.037, 22-23, 5, mar., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GISMONTI, Egberto

**Palavras Chave:** Música popular; MPB; Cultura; Literatura; Música erudita

**Resumo:** A entrevista trata da saída de Egberto do Brasil para a França a convite de Maria Laforêt, cantora francesa. Na entrevista uma discussão entre Egberto e Sérgio Cabral quanto ao que deve ser a música brasileira. Para Sérgio Cabral a MPB passa pela questão da "representação" do nacional.

**Citados:** JOBIM, Tom;

**Iconografia:** Foto de Gismonti, s/ crédito.

OSCARITO; CASTRO, Tarso de; FORTUNA, ; MACIEL, Luís Carlos; JAGUAR,. Oscarito O Pasquim, nº.038, 14-17, 12, mar., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** OSCARITO,

**Palavras Chave:** Televisão; Censura; Cinema; Política; Indústria cultural; cultura popular

**Resumo:** Oscarito fala de sua trajetória no cinema de chanchada; de seus personagens e de sua relação com a censura de Governo Dutra.

**Citados:** VELOSO, Caetano; BEN, Jorge;

**Iconografia:** Foto de Oscarito, s/credito.

CARREIRO, Tônia; CASTRO, Tarso de; JAGUAR, ; CABRAL, Sérgio; FORTUNA,. Tônia Carreiro O Pasquim, nº.039, 12-15, 19, mar., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CARREIRO, Tônia

**Palavras Chave:** Televisão; Censura; Teatro; Mídia; Política

**Resumo:** A atriz fala sobre o teatro nacional (TBC); das relações entre o teatro e a televisão. Faz um crítica ao Pasquim como um jornal que quer " transcender Ipanema " mas que é "

cansativo".

**Citados:** VELOSO, Caetano; ALBEE, Edward; IBSEN, Henrik; SHAKESPEARE, William; VICENTE, José; DÜRRENMATT, Friedrich;  
**Iconografia:** Foto de Tônia, s/ crédito.

CAMARA, Dom Helder; CORREIA, Cristina Tavares; FRANKLIN, Geovar. Helder. O Pasquim, n°.040, 19-23, 23, mar./abr., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CAMARA, Dom Helder

**Palavras Chave:** Religião; Imprensa; Política; Educação; Cultura; Censura

**Resumo:** Dom Helder debate das questões dos entendimentos religiosos, das questões nacionais, da pedagogia do medo, da cidadania na religião. Fala da postura conservadora de Gilberto Freyre. Nesta entrevista os participantes não são identificados na pergunta, na edição, aparece como Pasquim.

**Citados:** FREYRE, Gilberto; RODRIGUES, Nelson; HOLANDA, Chico Buarque de; VELOSO, Caetano; MOTTA, Nélson;

**Iconografia:** Foto de D. Helder, s/ crédito.

HOLANDA, Chico Buarque de; MORAES, Vinícius de; CABRAL, Sérgio; JAGUAR, ; MACIEL, Luís Carlos; FORTUNA, ; AMARAL, Ricardo. Vinícius Chico. O Pasquim, n°.041, 14-19, 2, abr., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** HOLANDA, Chico Buarque de

**Palavras Chave:** Tropicalismo; Literatura; MPB; Música; Censura; Crítica

**Resumo:** Chico fala das cisões entre os músicos e compositores do período, do tropicalismo, da música de Milton Nascimento, de uma nova visão MPB. Discute a idéia de que a criação para muitos compositores passa necessariamente pela liberdade de expressão, o que não implica dizer que todos podem fazer o que quiserem; Chico não acredita nesta postura. Para ele a década de 70 é plural, muitas tendências estão na MPB. Fala do sucesso da poesia brasileira e das dificuldades de sua divulgação por causa da língua nacional.

**Citados:** VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto; JOBIM, Tom; CARLOS, Roberto; GORKI, Máximo; GILBERTO, João; BRAGA, Rubem; NASCIMENTO, Milton; GISMONTI, Egberto; ROSA, Noel;

**Iconografia:** Fotos de Chico, s/ crédito.

YUSTRICH; CASTRO, Tarso de; CABRAL, Sérgio; MACIEL, Luís Carlos; ZIRALDO,;. Yustrich. O Pasquim, n°.042, 16-22, 10, abr., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** YUSTRICH,

**Palavras Chave:** Futebol; Esporte; Nazismo; Homossexualidade

**Resumo:** A entrevista expõe idéias conservadoras, preconceituosas e polêmicas

do técnico em relação à sua filha e aos homossexuais.

**Citados:** CARNEIRO, Fernando Lobo;

**Iconografia:** Foto de Yustrich, s/ crédito.

CAYMMI, Dorival; MORAES, Vinícius de; FRANCIS, Paulo; CABRAL, Sérgio; ZIRALDO, ; FERNANDES, Millôr; CASTRO, Tarso de. Caymmi. O Pasquim, n°.043, 14-17, 18, abr., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CAYMMI, Dorival

**Palavras Chave:** Mulher; Música popular; MPB; Cultura

**Resumo:** Caymmi fala de sua "preguiça" de compor, do tempo de maturação de sua criação. Fala de Chico Buarque e dos cantores da Bahia, assim como, de outros cantores da MPB.

**Citados:** HOLANDA, Chico Buarque de; BARROSO, Ary; ANDRADE, Mário de; MARTINS, Herivelto;

**Iconografia:** Foto de Caymmi, s/ crédito.

PEIXOTO, Luiz; ZIRALDO, Luiz Peixoto. Sócio No 1 do Clube dos Sazões. O Pasquim, n°.044, 15-17, 26, abr./maio., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PEIXOTO, Luiz

**Palavras Chave:** Caricatura; Jornalismo; Dramaturgia; Censura; Contracultura

**Resumo:** Luis Peixoto, contra sua vida como caricaturista e jornalista; sua participação em vários momentos da vida nacional como dramaturgo. Sua relação com a censura.

**Citados:** ANDRADE, Carlos Drummond de; ALENCAR, Martha; DABUS, Marilene;

**Iconografia:** Foto de L. Peixoto, s/ crédito.

TOSTÃO; CABRAL, Sérgio; ZIRALDO, ; FORTUNA, ; JAGUAR, ; TARSO, Paulo de; ALENCAR, Martha; DABUS, Marilene. Tostão. O Pasquim, n°.045, 14-17, 3, maio., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** TOSTÃO,

**Palavras Chave:** Futebol; Esporte; Política

**Resumo:** Tostão conta sua carreira como jogador de futebol. Fala de companheiros como Pelé e das injustiças com Garrincha e do Vietnã.

**Iconografia:** Foto de Tostão, s/ crédito.

MARZO, Cláudio; CASTRO, Tarso de; CABRAL, Sérgio; MACIEL, Luís Carlos; FRANCIS, Paulo; CARVANA, Hugo; AIZEN, Naumim; PEIXOTO, Luiz; SIG, (Rato Sigmundo); HANNON, Michel. Cláudio Marzo. O Pasquim, n°.046, 13-17, 7, maio., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MARZO, Cláudio

**Palavras Chave:** Televisão; Teatro; Novela; Cultura; Mídia; Comportamento

**Resumo:** Cláudio fala do trabalho no teatro e sua escolha pela televisão por ser um lugar que paga melhor, do fato de ser

considerado um homem bonito. [Sig é um dos entrevistadores de Cláudio Marzo e no jornal varias notas de "exaltação" a beleza do ator.]

**Iconografia:** Foto de Cláudio, s/ crédito.

MANSON, Charles. Pasquim. Charles Manson. O Pasquim, n°.046, 22-23, 7, maio., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MANSON, Charles

**Palavras Chave:** Publicidade

**Resumo:** Assassino de Sharon Tate. Questões sobre o processo de julgamento sumário da Opinião pública. Manson, músico recusou ser defendido, defendeu-se. Seu julgamento como espetáculo que rende muito dinheiro.

**Citados:** SHAW, (George) Bernard;

**Iconografia:** Foto de Manson, s/ crédito.

ANÍSIO, Chico; SOARES, Jô; SGANZERLA, Rogério; CHACRINHA, (Abelardo Barbosa); POWELL, Baden; JOSÉ, Paulo; DINIZ, Leila; CAMPOS, Paulo Mendes; CABRAL, Sérgio; TARSO, Paulo de; MACIEL, Luís Carlos; JAGUAR, ; FORTUNA, ; FRANCIS, Paulo; LARA, Odete; CHAVES, Juca (Jurandir); CARLOS, Erasmo; YUSTRICH, ; MARQUES, Armando; OTELO, Grande; CARREIRO, Tônia.

Super entrevista. O Pasquim, n°.047, 14-17, 14, maio., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Futebol; Cinema; Literatura; Mulher; Política cultural; Comportamento; Mídia

**Resumo:** A entrevista é uma composição de todas as outras entrevistas já realizadas no PASQUIM.

**Iconografia:** Fotos dos entrevistados, s/ crédito.

MURILINHO; FRANCIS, Paulo; CABRAL, Sérgio; CASTRO, Tarso de; Murilinho. O Pasquim, n°.048, 11-13, 21, maio, 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MURILINHO,

**Palavras Chave:** Mulher; Burguesia; Comportamento

**Resumo:** Playboy que resolveu escrever um livro pra falar da decadência das noites cariocas e paulistas. Do desinteresse sexual da nova geração; da perda do charme em ser "bicha" (homossexual).

**Iconografia:** Foto de Murilinho, s/ crédito.

NUTELS, Noel ; CASTRO, Tarso de; MORAES, Vinícius de; CABRAL, Sérgio; MACIEL, Luís Carlos; FORTUNA, ; . Noel Nutels (Médico de Saúde Pública). O Pasquim, n°.049, 14-17, 28, maio./jun., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** NUTELS, Noel

**Palavras Chave:** Cultura; Literatura; Política; Saúde; Sociedade

**Resumo:** Profissional da saúde. Participou das marchas para o oeste em 1942/43 para o Xingú. Faz crítica às políticas de atendimento

aos povos indígenas. Foi músico, maestro e dançarino. Contemporâneo de Rubem Braga, Capiba, Osório Borba.

**Citados:** BRAGA, Rubem; BORBA, Osório; HOLANDA, Chico Buarque de; BORBA, Osório; CAPIBA, ;

**Iconografia:** Foto de N. Nutels, s/ crédito.

COELHO, João da Silva (Coelhão). Coelhão. O Pasquim, n°.050, 13-17, 4, jun., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** COELHO, João da Silva (Coelhão)

**Resumo:** "Coelhão" ou João da Silva Coelho pertence a um grupo de extermínio que tentou matar o babalorixá Cosias Silveira. Preso, dá entrevista ao Pasquim deixando evidente as regalias que possui na prisão. [A entrevista sai como Pasquim.]

**Iconografia:** Foto do Coelhão, s/ crédito.

HOUAISS, Antonio; FRANCIS, Paulo; MORAES, Vinícius de; TARSO, Paulo de; CABRAL, Sérgio; JR., Chico; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder; PEIXOTO, Arlindo; HUBNER, Jorge. Houaiss. O Pasquim, n°.051, 13-17, 11, jun., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** HOUAISS, Antonio

**Palavras Chave:** Cultura; Subdesenvolvimento; Vanguarda; Literatura; Tradução; Sexualidade

**Resumo:** Antônio Houaiss, intelectual, tradutor de " Ulisses ". Fala do " mesmismo gustativo" comum nas comidas Americanas e Européias diferente da comida Nacional; da explosão demográfica versus a sexualidade; da formação da idéia de norma. [ Houaiss demonstra equívocos conceituais da "patota" chama, Vinícius de reacionário.]

**Citados:** CHILDE, Gordon; CASTRO, Josué de; CRUZ, Oswaldo; ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de; JUNG, Carl-Gustav;

**Iconografia:** Foto de Houaiss, s/ crédito.

MARINS, José Mojica; CABRAL, Sérgio; CAMPOVILA, Maurício; FERNAN, Marc; RIBEIRO, Hamilton. Zé do Caixão. O Pasquim, n°.052, 18, jun., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MARINS, José Mojica

**Palavras Chave:** Cultura; Cinema; Underground; Kitsch; Comportamento

**Resumo:** Zé Mojica autor de vários filmes, dedicou-se a fazer filmes de terror e com eles enfrentar o mercado filmitico. Fala de suas produções e da aceitação junto ao público principalmente nas cidades do interior.

**Citados:** ROCHA, Glauber;

**Iconografia:** Foto de Zé do Caixão, s/ crédito.

NIEMEYER, Oscar; FRANCIS, Paulo;

CABRAL, Sérgio; MACIEL, Luís Carlos; MORAES, Vinícius de; FORTUNA, . Oscar Niemeyer. O Pasquim, n°.053, 13-17, 25, jun./jul., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** NIEMEYER, Oscar

**Palavras Chave:** Arquitetura; Teatro; Arte; Literatura; Política; Urbanismo; Cultura

**Resumo:** Niemeyer, fala de sua formação e de suas idéias. Expõe seu pensamento sobre a arquitetura e sobre a relação entre política e arte. E fala de uma arquitetura mais democrática. Brasília.

**Citados:** GREENE, Graham; MARCUSE, Herbert; GARAUDY, Roger; MALRAUX, André; SARTRE, Jean-Paul; NERUDA, Pablo; ARAGON, Louis; GILLEN, Nicolás; LEFEBVRE, Henri; JEAN, Deroche;

**Iconografia:** Foto de Niemeyer, s/ crédito.

JOFRE, Eder; ALMEIDA, Hamilton; CABRAL, Sérgio; FERNAN, Marc. Eder Jofre. O Pasquim, n°.054, 16-19, 2, jul., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** JOFRE, Eder

**Palavras Chave:** Política; Esporte

**Resumo:** Eder Jofre primeiro campeão mundial do Brasil na categoria boxe. Jogador profissional que viveu do boxe, no Brasil.

**Citados:** HOLANDA, Chico Buarque de; JOBIM, Tom; ROSA, Noel; ALVES, Ataulfo;

**Iconografia:** Foto de Eder, s/ crédito.

GERSON; CABRAL, Sérgio; FRANCIS, Paulo; CASTRO, Tarso de; HENFIL, .: Gerson. O Pasquim, n°.055, 11-13, 9, jul., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GERSON,

**Palavras Chave:** Futebol; Esporte

**Resumo:** Gerson jogador de futebol bem sucedido na copa de 70. Fala da sua vida pessoal e profissional. Gerson se define como uma pessoa " não política". E diz que não possui sequer uma posição a cerca da Guerra do Vietnã. (sic)

**Iconografia:** Foto de Gerson e do pessoal do Pasquim, s/ crédito.

GOMEIA, Joãozinho da; MACIEL, Luís Carlos; CABRAL, Sérgio; JR., Chico. A umbanda é mentira. Joãozinho da Gomeia. O Pasquim, n°.056, 12-13, 16, jul., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GOMEIA, Joãozinho da

**Palavras Chave:** Umbanda; Religião

**Resumo:** Joãozinho da Gomeia, seguidor do candomblé fala das entidades; da formação da fé; dos praticantes do candomblé; seita primitiva que vem da África. No jornal a capa é Exu e dentro uma cartografia dos rituais de Umbanda no Brasil.

**Iconografia:** Foto de Joãozinho, s/ crédito.

MENEGHETTI, ; CABRAL, Sérgio; FERNAN, Marc; ALIGHIERI, Dante. Meneghetti. O bom ladrão. O Pasquim, n°.057, 15-19, 23, jul., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MENEGHETTI,

**Palavras Chave:** Positivismo; Marginalidade

**Resumo:** Meneghetti, ladrão que preso várias vezes empreendeu fugas espetaculares. Quando preso levou para a prisão 700 livros todos de autores positivistas.

**Citados:** ALVES, (Antonio de) Castro; CAMÕES, Luiz Vaz de; LOMBROSO, Cesare;

**Iconografia:** Foto de Meneghetti, s/ crédito.

MARIA, Angela. Angela Maria : meu negócio é inferninho. O Pasquim, n°.058, 12-15, 30, jul./agos., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MARIA, Angela

**Palavras Chave:** Rádio; MPB; Música; Mídia

**Resumo:** Angela conta um pouco da sua vida, de sua passagem pelo Rádio; da sua relação com os empresários e com outras cantoras

**Citados:** BARROSO, Ary;

**Iconografia:** Foto de Angela, s/ crédito.

CAPINAM, José Carlos; OITICICA, Hélio; MACIEL, Luís Carlos; RANGEL, Flávio; CABRAL, Sérgio; FRANCIS, Paulo; MOTTA, Nélson; ALENCAR, Martha. Capinam e Oiticica. O Pasquim, n°.059, 09-12, 6, agos., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CAPINAM, José Carlos

**Palavras Chave:** Poesia; Artes plásticas; Tropicalismo; Indústria cultural; Pop art

**Resumo:** Oiticica e Capinam falam das artes plásticas e da poesia no Brasil. Dizem de seu interesse pelas manifestações dos estrangeiros, assim como, falam do fim da pintura e da escultura.

**Citados:** CAMÕES, Luiz Vaz de; MIRANDA, Sá de; ANDRADE, Carlos Drummond de; DJANIRA, ; MARTINS, Aldemir; GILBERTO, João; GONZAGA, Luis; ROCHA, Glauber; BRESSANE, Júlio; SGANZERLA, Rogério; CAVALCANTI, (Emiliano) Di;

**Iconografia:** Fotos de Oiticica e Capinam, s/ crédito.

VIOLA, Paulinho da; RANGEL, Flávio; MORAES, Vinícius de; CAPINAM, José Carlos; ALENCAR, Martha. Paulinho da Viola. O Pasquim, n°.060, 07-10, 13, agos., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** VIOLA, Paulinho da

**Palavras Chave:** Música; Carnaval; Indústria cultural; Política cultural; MPB

**Resumo:** Fala da música popular na disputa do mercado com as produções estrangeiras. Fala samba, de letras que consagraram cantores

como ele, Caetano, Chico, etc.

**Citados:** PIXINGUINHA, ; GILBERTO, João; JOBIM, Tom; ROSA, Noel; VELOSO, Caetano;  
**Iconografia:** Foto de Paulinho da Viola, s/ crédito.

KOCH, Thomas; ALMEIDA, Hamilton; Thomas Koch O Pasquim, n°.061, 20, agos., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** KOCH, Thomas

**Palavras Chave:** Esporte

**Resumo:** Tenista brasileiro conhecido internacionalmente. Preso pela polícia gaúcha por ter longos cabelos. Fala do tênis como profissão e de seu gosto pela música.

**Citados:** VELOSO, Caetano; HOLANDA, Chico Buarque de; JOPLIN, Janis; ZEPPELLIN, Led; FRANKLIN, Aretha;

**Iconografia:** Foto de Koch, s/ crédito.

O Pasquim, n°.062, 27, agos./set., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Resumo:** Neste número não foi publicada entrevista.

EÇA, Luizinho; CABRAL, Sérgio; FRANCIS, Paulo; RANGEL, Flávio; CASTRO, Tarso de; MACIEL, Luís Carlos. Luizinho Eça O Pasquim, n°.063, 13-17, 3, set., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** EÇA, Luizinho

**Palavras Chave:** Música; Cultura; Música popular; MPB; Jazz; Música erudita; Indústria cultural

**Resumo:** A citação da música erudita no Brasil, a opção pelo jazz e pelo estrangeiro como uma das formas de sobreviver de música. Os músicos brasileiros, a produção nacional e a sua relação com alguns nomes "sagrados" do cenário internacional como Bill Evans. [ Neste número nas páginas 2 e 3 a um "bolão" com categorias deste século: homem X mulher; pobres X ricos; subdesenvolvido X desenvolvido; judeus X árabes, etc.]

**Citados:** BEETHOVEN, Ludwig van; GIL, Gilberto; GILBERTO, João; MOZART, Wolfgang Amadeus; NASCIMENTO, Milton; GONZAGA JR., Luís; VELOSO, Caetano; LOBO, Edu; JOBIM, Tom; GERSHWIN, George; GUERRA, Ruy; PEIXE, Guerra; STRAVINSKY, Igor; RAVEL, (Maurice); CARLOS, Roberto;

**Iconografia:** Foto de Eça, s/ crédito.

STRAIGHTLOVE, Walter; RANGEL, Flávio; DINIZ, Leila. Dr. Straightlove (Miéle) O Pasquim, n°.064, 11-13, 10, set., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** STRAIGHTLOVE, Walter (Miéle)

**Palavras Chave:** Cinema; Ficção

**Resumo:** A entrevista é montada com um personagem fictício e o entrevistador é Miéle que fala de "uma coisa" que se deve fazer sempre, mas que não é sexo. Mas na entrevista

não é revelado o que é.

**Citados:** PICASSO, Pablo; CHAPLIN, Charles; FELLINI, Federico; MUSSOLINI, Benito;  
**Iconografia:** Foto do Miéle por Paulo Garcez.

LEE, Rita; MACIEL, Luís Carlos; CABRAL, Sérgio; FORTUNA, ; RANGEL, Flávio; MAIA, Tim.

Entrevista. Rita Lee e Tim Maia O Pasquim, n°.065, 12-15, 16, set., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** LEE, Rita

**Palavras Chave:** Bossa-nova; Cultura; Música; Contracultura; Mídia; MPB

**Resumo:** Dois cantores de MPB falam: de suas influências, da relação da MPB com outros repertórios; de sua trajetórias pessoais.

**Citados:** JOBIM, Tom; CARLOS, Roberto; VELOSO, Caetano; HOLANDA, Chico Buarque de;

**Iconografia:** Foto de Rita Lee, s/ crédito.

BECK, Julian; MALINA, Judith; RANGEL, Flávio; MACIEL, Luís Carlos. Underground (Beck / Malina) O Pasquim, n°.066, 23, set., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** BECK, Julian

**Palavras Chave:** Política; Violência; Subdesenvolvimento; Contracultura; Underground; Comportamento

**Resumo:** Julian e Judith teatrólogos que discutem uma proposta de criação de comunidades, entendido por eles, como o melhor lugar para facilitar a criação. [ Neste número Flávio Rangel faz considerações sobre a grande imprensa (Luiz Braga comenta o artigo na p. 254 de seu livro)]

**Iconografia:** Foto de Julian e Judith por Paulo Garcez.

CAVALCANTI, Flávio; FRANCIS, Paulo; MACIEL, Luís Carlos; CABRAL, Sérgio; RANGEL, Flávio; CASTRO, Tarso de.

Flávio Cavalcanti O Pasquim, n°.067, 8-11, 30, set./out., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** CAVALCANTI, Flávio

**Palavras Chave:** Televisão; Repressão; Imprensa; Golpe militar; Censura; Patrulha Ideológica; Mídia

**Resumo:** Flávio Cavalcanti fala de sua atitude pró-regime militar, das "ajudas" que concedeu ao regime, como a invasão e tomada da TV RIO, de sua perseguição aos jornalista. Nega o episódio que envolve seu nome na invasão da "ULTIMA

HORA". [ A capa é significativa quanto ao pensamento do Pasquim a cerca do entrevistado.]

**Citados:** CALLADO, Antonio;

**Iconografia:** Foto de Flávio, s/ crédito.

CARLOS, Roberto; CASTRO, Tarso de; CABRAL, Sérgio; RANGEL, Flávio; MACIEL, Luís Carlos; JAGUAR, . Roberto Carlos. O Pasquim, n°.068, 8-11, 7, out., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CARLOS, Roberto

**Palavras Chave:** Ética; Música popular

**Resumo:** Roberto Carlos conta sua vida; fala de seus amigos e mostra que apesar de sua "carece" possui uma ética para conviver no mundo artístico.

**Citados:** VELOSO, Caetano; GILBERTO, João;

**Iconografia:** Foto de Roberto Carlos por Paulo Garcez.

CARLOS, Roberto; CASTRO, Tarso de. Minha vida íntima com Roberto Carlos. Tarso de Castro (vida íntima com Roberto Carlos). O Pasquim, n°.069, 14, out., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CARLOS, Roberto

**Palavras Chave:** Sátira; Humor; Ficção

**Resumo:** Uma "entrevista" cheia de sátira, insinuando uma relação entre o Tarso e Roberto Carlos. Roberto aparece em uma foto deitado em uma banheira. [A entrevista é ficcional, parece ter sido montada para preencher um lugar vazio no jornal - o lugar da entrevista.]

**Iconografia:** Foto de Roberto por Paulo Garcez.

GOTIEB, Jorgen; WOLFF, Fausto. Jorgen Gotieb. O Pasquim, n°.070, 2-3, 21, out., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GOTIEB, Jorgen

**Palavras Chave:** Erotismo; Cultura; Mídia; Ocidente

**Resumo:** Na entrevista com Jorgen Gotieb, o pornógrafo dinamarquês, define o que para ele é cultura: "cultura e mentira", representa sempre o pensamento dominante. Gotieb fala de seus "pornô club", da falsa democracia do primeiro mundo, da cultura opressora ocidental.

**Iconografia:** Fotografias, s/ crédito.

CLODOVIL; RANGEL, Flávio; CABRAL, Sérgio; . Clodovil. O Pasquim, n°.071, 10/11, 28, out./nov., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CLODOVIL,

**Palavras Chave:** Moda; História; Comportamento; Design

**Resumo:** Clodovil diz que o charme e criatividade de Pierre Cardin está no fato dos brasileiros gostarem do sotaque francês. Que a moda é internacional e que no Brasil existem grandes estilistas. Fala da produção nacional.

**Iconografia:** Foto de Clodovil por David Drew Zing.

PEDROSO, Bráulio; RANGEL, Flávio; CABRAL, Sérgio; ALENCAR, Martha; FERMAN, Marc. Beto Rockefeller é um saco. Bráulio Pedroso. O Pasquim, n°.072, 3-4, 4,

nov., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PEDROSO, Bráulio

**Palavras Chave:** Novela; Realismo; Televisão; Cultura; Cinema; Comportamento

**Resumo:** Para o autor a crise do mundo é uma relação com a produção. Todos os países, independentemente do sistema político/econômico, tendem superar-se pela produção. Bráulio discute a produção nacional do ponto de vista de sua importância no contexto nacional.

**Citados:** ROSA, (João) Guimarães; BALZAC, Honoré de; SHAKESPEARE, William; SHAW, (George) Bernard; CORTÁZAR, Julio;

**Iconografia:** Foto de Bráulio Pedroso, s/ crédito.

O Pasquim, n°.073, 11, nov., 1970.

**Resumo:** O jornal é assinado pelo SIG (rato) - SIG NIFI CATIVO. A capa sugere o pessoal do Pasquim em apuros com a polícia - "um jornal com algo menos", "enfim um Pasquim automático". SIG escreve uma carta pela a redação que, segundo ele, está com "gripe".

O Pasquim, n°.074, 18, nov., 1970.

**Resumo:** O período é de "gripe" no Pasquim. O jornal é editado com matérias tipo "dicas" ou seja nota pequenas e alguns artigos, colaboração dos intelectuais solidários à prisão de quase todos os jornalista pela ditadura.

O Pasquim, n°.075, 25, nov./dez., 1970.

**Resumo:** O jornal, ainda sem seus jornalistas, sai com a assinatura de cada jornalista, mas com a explicação - "interino". Nas matérias aparecem a chamada: "à maneira de....". [Estes números saíram sem entrevista]

MARCOS, Plínio; Pasquim. LARA, Odete. Plínio

Marcos. O Pasquim, n°.076, 2, dez., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MARCOS, Plínio

**Palavras Chave:** Teatro; Televisão; Filosofia; Dramaturgia; Literatura; Cultura

**Resumo:** Plínio Marco fala de suas percas e das suas convicções e de seu trabalho no teatro. Do trabalho que não foi aceito na televisão por causa da censura. Da malandragem sua marca registrada. Comenta a espiritualidade de Odete Lara. Diz que não tem cultura de "citação".

**Citados:** MENDES, Cassiano Gabus; PEDROSO, Bráulio;

**Iconografia:** Foto de Plínio, s/ crédito.

GODARD, Jean-Luc. Pasquim. Godard. O Pasquim, n°.077, 3-5, 9, dez., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GODARD, Jean-Luc

**Palavras Chave:** Cinema; Ideologia; Burguesia;

Política; Sociedade; Crítica; Literatura

**Resumo:** Fala da relação das classes sociais com a produção artística; do conceito de autor, das mudanças revolucionárias que podem ocorrer com a ruptura do conceito de autor na literatura.

**Citados:** PICASSO, Pablo;

**Iconografia:** Foto de Godard, s/ crédito.

Miéle. Pasquim **Luiz Carlos Miéle** O Pasquim, nº.078, 10-11, 30, dez./jan., 1970.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MIÉLE, Luís Carlos

**Palavras Chave:** Televisão; Teatro; Rádio; Mídia; Comportamento; Comédia

**Resumo:** Miéle conta sobre suas produções para o teatro e televisão. Lembra de seus tempos de "durango" da falar de sua vida pessoal e de suas conquistas culturais.

**Iconografia:** Foto de Miéle, s/ crédito.



## O PASQUIM – Ano de 1971

O Pasquim, n.º. 079, 6, jan., 1971.

**Resumo:** Sem entrevista.

AMADO, Jorge; RANGEL, Flávio; ROCHA, Glauber; FRANCIS, Paulo; MACIEL, Luís Carlos; JAGUAR.

Jorge Amado O Pasquim, n.º. 080, 10-13, 14, jan., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** AMADO, Jorge

**Palavras Chave:** Tropicalismo; Música popular; Censura; Religião; Literatura; Romance; Crítica.

**Resumo:** Jorge Amado fala de sua produção literária, de seus personagens, especialmente de Gabriela. Fala da crítica literária e de sua relação com ela. Define-se como um escritor que "faz umas histórias", "não sou um literato...".

**Citados:** ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de; VERÍSSIMO, Érico; ALVES, (Antonio de) Castro; RAMOS, Graciliano; ROSA, (João) Guimarães; MORAIS, Eneida de;

**Iconografia:** Foto de Jorge por P. Garcez.

MORAIS, Eneida de; CABRAL, Sérgio; MACIEL, Luís Carlos; RANGEL, Flávio. Eneida. O Pasquim, n.º. 081, 21, jan., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MORAIS, Eneida de

**Palavras Chave:** Mulher; Literatura; Crítica; Política; Censura; Crônica; MPB.

**Resumo:** Fala do seu ato de ler livro "preto" e de sua organização de leitura, de suas prisões no período de 1945/64, da música popular brasileira e dos novos movimentos culturais, da emancipação da mulher e da literatura brasileira.

**Citados:** ANDRADE, Carlos Drummond de; MORAES, Vinícius de; MACHADO, Aníbal; RAMOS, Graciliano; VELOSO, Caetano; NASCIMENTO, Milton; TELLES, Lygia Fagundes; QUEIRÓS, Rachel de;

**Iconografia:** Foto de Eneida, sem crédito.

MÁRQUEZ, Gabriel García; ROCHA, Glauber; CORTÁZAR, Julio; ASTURIAS, Miguel Angel. Gabriel García Marquez. O Pasquim, n.º. 082, 2-3, 18, jan./fev., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MÁRQUEZ, Gabriel García.

**Palavras Chave:** Novela; América Latina; Intelectual; Cinema; Literatura; Nação.

**Resumo:** Fala da renúncia de Jânio: "tragicômica inútil, irresponsável ... que capacidade patética", de escritores que, como Cortazar, facilitaram o sucesso de Borges, Astúrias na América Latina e nos Estados Unidos. Para o autor, "Cem anos de solidão" marca o auge da vontade de "vomitar" nossa madre América.

**Citados:** CERVANTES, Miguel de; RABELAIS, François; FUENTES, Carlos (Arreola); LLOSA, Mário Vargas; CARPENTIER, Alejo; BORGES, Jorge Luis; RULFO, Juan; JOYCE, James; FAULKNER, William; MUNOZ, Ricardo;

**Iconografia:** Foto de G. Márquez, sem crédito.

FITTIPALDI, Emerson; CABRAL, Sérgio; GARCEZ, Paulo. Fittipaldi O Pasquim, n.º. 083, 3-5, 4, fev., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FITTIPALDI, Emerson.

**Palavras Chave:** Imprensa; Esporte; Futebol.

**Resumo:** Comenta sobre o grande circo que é a Formula 1.

**Iconografia:** Foto de Fittipaldi, sem crédito.

VELOSO, Caetano; CASTRO, Tarso de; MACIEL, Luís Carlos; VENTURA, Zuenir. Caetano O Pasquim, n.º. 084, 2-8, 11, fev., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** VELOSO, Caetano.

**Palavras Chave:** Nacionalismo; Música; Mercado editorial; Jazz; Subdesenvolvimento; Concretismo; MPB;

Tropicalismo

**Resumo:** Caetano fala do mercado editorial de discos, de sua produção ter ou não um caráter internacionalista, do significado de ser desenvolvido ou subdesenvolvido, do atraso no campo da música, do valor que determinadas composições e da comercialização. [A chamada da entrevista é feita por Luiz C. Maciel. Seguem artigos escritos por: Tarso de Castro, Cabral, Rangel, Francis, Glauber Rocha sobre Caetano].

**Citados:** JOBIM, Tom; ANDRADE, Oswald de; GILBERTO, João; CAMPOS, Augusto de;

**Iconografia:** Várias fotos de Caetano Veloso, sem crédito.

O Pasquim, n.º. 085, 18, fev., 1971.

**Resumo:** Sem entrevista.

LYRA, Carlos; CASTRO, Tarso de; RANGEL, Flávio; MACIEL, Luís Carlos; CABRAL, Sérgio. Carlos Lyra O Pasquim, n.º. 086, 2-5, 25, fev./mar., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** LYRA, Carlos.

**Palavras Chave:** Música; Bossa-nova; Jazz; MPB; Mídia.

**Resumo:** Fala da carreira no estrangeiro e a situação do músico no Brasil, da relação entre a linguagem utilizada pela música e o seu local de criação e como estas questões influenciam a construção da identidade cultural.

**Citados:** GILBERTO, João; LOBO, Edu; CARLOS, Antonio; JOBIM, Tom; NASCIMENTO, Milton; VELOSO, Caetano; CARLOS, Roberto; HOLANDA, Chico Buarque

de;

**Iconografia:** Foto de Lyra por P. Garcez.

O Pasquim, n°. 087, 4, mar., 1971.

**Resumo:** Sem entrevista.

NERY, Adalgisa; FRANCIS, Paulo; CABRAL, Sérgio; WOLFF, Fausto. Adalgisa Nery O Pasquim, n°. 088, 14-15, 11, mar., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** NERY, Adalgisa.

**Palavras Chave:** Mulher; Cultura; Sociedade; Educação.

**Resumo:** Discute o status da mulher na sociedade, porém, nega a perspectiva do feminismo dos anos 70. A questão, para Adalgisa, não é da mulher, mas da sociedade, fundamentalmente, dos valores educacionais, da cultura.

**Iconografia:** Foto de A. Nery por P. Garcez.

FERNANDES, Millôr; JAGUAR; FRANCIS, Paulo; ZIRALDO; CABRAL, Sérgio. Millôr Fernandes O Pasquim, n°. 089, 2-5, 18, mar., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FERNANDES, Millôr.

**Palavras Chave:** Música; Linguagem; Humor; Poesia; Literatura.

**Resumo:** Discute se o ato de produzir música é apenas uma questão sensorial ou é também uma questão intelectual. A música, para Millôr, é uma expressão menor da capacidade intelectual. "A palavra morreu, agora é imagem": para Millôr, a palavra é ainda a melhor forma de explicar o inexplicável - valor (poesia).

**Citados:** FREUD, Sigmund; JOBIM, Tom; LINS, Ivan; MARCUSE, Herbert; BERGSON, Henri.

**Iconografia:** Foto de Millôr por P. Garcez.

NASCIMENTO, Milton; CABRAL, Sérgio; JAGUAR; ZIRALDO. Milton Nascimento O Pasquim, n°. 090, 3-5, 25, mar./abr., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** NASCIMENTO, Milton.

**Palavras Chave:** Música; MPB; Arte; Mídia; Literatura.

**Resumo:** A música de Milton Nascimento inova; um cantor sem "estudo" musical que domina a arte de cantar. Fala dos Beatles e do fim da banda como algo positivo.

**Citados:** GUERRA, Ruy; JOBIM, Tom; GILBERTO, João.

**Iconografia:** Foto de Milton por P. Garcez.

MURARO, Rose Marie; FRANCIS, Paulo; RANGEL, Flávio; CABRAL, Sérgio; ROCHA, Glauber.

Rose Marie Muraro denuncia: Paulo Francis é híbrido O Pasquim, n°. 091, 2-5, 1, abr., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MURARO, Rose

Marie.

**Palavras Chave:** Classe média; Mulher; Feminismo; Urbanismo; Globalização; História; Sexualidade.

**Resumo:** Fala das relações homem X mulher na sociedade de consumo, da sexualidade reprimida histórica e economicamente. Discute os arquétipos feministas. Rose fala de sua família e da relação com seus estudos.

**Citados:** MARX, Karl; HEGEL, (Georg Wilhelm Friedrich); ENGELS, Friedrich; BEAUVOIR, Simone de; FRIEDAN, Betty; NERY, Adalgisa; FREUD, Sigmund.

**Iconografia:** Foto de Rose por P. Garcez.

BRASIL, Clarisse Índio do; ZIRALDO; JAGUAR; FRANCIS, Paulo; FERNANDES, Millôr; RANGEL, Flávio; FORTUNA. Clarisse Índio do Brasil O Pasquim, n°. 092, 4-6, 8, abr., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BRASIL, Clarisse Índio do.

**Palavras Chave:** Biografia; Ficção.

**Resumo:** A entrevista é com um personagem criado pela "patota", identificada como sendo a neta da rua Clarisse Índio do Brasil. [Clarisse Índio do Brasil é a rua onde funcionava o jornal.] [A coluna Underground entrevista os novos baianos.]

**Iconografia:** Foto de Clarisse, sem crédito.

VALADÃO, Jece; FRANCIS, Paulo; ZIRALDO; FERNANDES, Millôr; RANGEL, Flávio. Jece O Pasquim, n°. 093, 2-5, 15, abr., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** VALADÃO, Jece.

**Palavras Chave:** Mulher; Mercado; Mídia; Feminismo; Nacionalismo; Cinema; Poder.

**Resumo:** Jece ataca Rose M. Muraro e as teses feministas e resume todo o seu pensamento na tese da mulher mal amada. Conta a sua boa relação com o poder no regime militar.

**Citados:** MURARO, Rose Marie; ROCHA, Glauber;

**Iconografia:** Foto de Jece por P. Garcez.

FRIEDAN, Betty; FRANCIS, Paulo; MURARO, Rose Marie; MACIEL, Luís Carlos; FERNANDES, Millôr; RANGEL, Flávio; FORTUNA. Betty Friedan O Pasquim, n°. 094, 4-6, 22, abr., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FRIEDAN, Betty.

**Palavras Chave:** Feminismo; Política; Contracultura; Sexualidade; Educação; Comportamento.

**Resumo:** Betty Friedan reduz a pó o pessoal do PASQUIM. A questão do humor aparece com a salvação do discurso do jornal, no entanto, Betty demonstra como eles manipulam o discurso e acabam por ser tão ideológicos na questão da mulher quanto qualquer outro jornal da grande mídia.

**Iconografia:** Foto de Betty por P. Garcez.

SANTOS, João Francisco dos (Madame Satã); CABRAL, Sérgio; FERNANDES, Millôr; SANTOS, Madame Satã. O Pasquim, n°. 095, 2-5, 29, abr./maio., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SANTOS, João Francisco dos (Madame Satã).

**Palavras Chave:** Marginalidade; Homossexualidade; Violência; Música popular; Discurso; Mito.

**Resumo:** Marginal do crime, homossexual e com inúmeras prisões, cumpriu 28 anos de pena. Foi amigo de Noel Rosa, Orlando Silva, Vicente Celestino, Chico Alves e outros. A fala de Madame Satã é uma desconstrução de sua "culpa", dos crimes que lhe são atribuídos. Madame Satã fala de vários personagens do mundo do crime, contando histórias da malandragem carioca. Conta também como matou seus desafetos e sobre sua fama de ser valente. [ Paulo Francis diz na entrevista que Madame Satã "é muito mais autêntico e sofisticado que Jean Genet".] [ Nesse número há um artigo de PF sobre contracultura.]

**Iconografia:** Foto de Satã por P. Garcez.

LEÃO, Nara; CABRAL, Sérgio; RANGEL, Flávio; ZIRALDO; Nara Leão. O Pasquim, n°. 096, 3-5, 6, maio., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** LEÃO, Nara.

**Palavras Chave:** Bossa-nova; Psicanálise; Música; MPB; Comportamento; Mídia.

**Resumo:** Nara Leão fala de sua opção em não participar de novas produções, de não querer se apresentar em público e da sua vida calma com Cacá Diegues.

**Iconografia:** Foto de Nara por P. Garcez.

PERA, Marília; FORTUNA; FRANCIS, Paulo; AUGUSTO, Sérgio; Marília Pêra. O Pasquim, n°. 097, 2-4, 13, maio., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PERA, Marília.

**Palavras Chave:** Teatro; Televisão; Censura.

**Resumo:** Marília Pêra fala do medo do palco, de ser atriz, da relação com outros artistas e da censura.

**Citados:** PEDROSO, Bráulio; MONTENEGRO, Fernanda; GONÇALVES, Dercy; CORTEZ, Raúl;

**Iconografia:** Foto de M. Pêra por P. Garcez.

LEWGOY, José; AUGUSTO, Sérgio; FRANCIS, Paulo; MACIEL, Luís Carlos; JAGUAR; FORTUNA; RANGEL, Flávio; José Lewgoy. O Pasquim, n°. 098, 2-4, 20, maio., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** LEWGOY, José.

**Palavras Chave:** Comédia; Carnaval; Cinema; Chanchada; Televisão; Mídia.

**Resumo:** Lewgoy conta com muito humor sua história no cinema nacional e de sua passagem pelo cinema francês. Fala da valorização do artista na década de 70 pela Globo. [Neste número, nas p.10/11, no artigo "Nasce uma máfia", há depoimentos de Carlos Lira, Sergio Ricardo, Edu Lobo, Theo sobre a MPB.].

**Citados:** ROCHA, Glauber; VIANA, Zelito; BARRETO, Luís Carlos; DUARTE, Anselmo; OTELO, Grande; OSCARITO; SALES, Válder Moreira;

**Iconografia:** Foto de Lewgoy por P. Garcez.

BINOT, Victor; MACIEL, Luís Carlos; FORTUNA; CABRAL, Sérgio; JAGUAR; GARCEZ, Paulo. Victor Benoit. O Pasquim, n°. 099, 2-5, 27, maio./jun., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BINOT, Victor.

**Palavras Chave:** Índia; Oriente; Comportamento.

**Resumo:** Binot conta sua experiência na Índia. Relata uma experiência não tão espiritual nos meios Yoges.

**Iconografia:** Foto de Binot por P. Garcez.

GONÇALVES, Dercy; FORTUNA; FERNANDES, Millôr; CABRAL, Sérgio; ZIRALDO; JR., Chico. Dercy. O Pasquim, n°. 100, 3-6, 3, jun., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GONÇALVES, Dercy.

**Palavras Chave:** Censura; Teatro; Televisão; cultura popular; Mídia; Marginalidade.

**Resumo:** Dercy fala de sua vida e das coisas que ama. Fala da censura e das safadezas de que foi vítima da Globo no período do BONI, WALTER CLARK.

**Iconografia:** Foto de Dercy por P. Garcez.

O Pasquim, n°. 101, 10, jun., 1971.

**Resumo:** Sem entrevista.

FRANCIS, Paulo; FERNANDES, Millôr; CABRAL, Sérgio. Paulo Francis. Paulo Francis vai para a matriz! O Pasquim, n°. 102, 3-7, 17, jun., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FRANCIS, Paulo.

**Palavras Chave:** Cultura; Literatura; Política; Democracia; Sociedade; Relações sociais.

**Resumo:** Paulo Francis fala porque vai para a "matriz"; fala de comportamentos e de seu olhar estético sobre as questões sociais; fala de literatura, de censura, de publicação, de amizade e declara-se reacionário.

**Citados:** TOYNBEE, Arnold; FERNANDES, Helio; SHAW, (George) Bernard; FAUSTINO, Mário; MAGNO, Paschoal Carlos; PROUST, Marcel; ELLIOT, T. S. (Thomas Stearns);

**Iconografia:** Foto de Francis por P. Garcez.

CÉSAR, Paulo; Pasquim. Paulo César. O

Pasquim, nº. 103, 2, 26, jun./jul., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CÉSAR, Paulo.

**Palavras Chave:** Futebol; Esporte.

**Resumo:** Paulo César, jogador de futebol do Botafogo.

**Iconografia:** Foto de César por P. Garcez.

GUERRA, Ruy; FORTUNA; CABRAL, Sérgio; ZIRALDO; JR., Chico; LEONAN, Carlos. Ruy

Guerra: o que você tem que nós não temos? O Pasquim, nº. 104, 11-12, 1, jul., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GUERRA, Ruy.

**Palavras Chave:** Cinema Novo; Humor; Mulher; Cinema; Crítica; Música; Indústria cultural.

**Resumo:** Ruy Guerra fala do cinema nacional, do fato de produzir filmes de autor e de não ser entendido pelo público.

**Citados:** RAMOS, Graciliano; AMADO, Jorge; ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de;

**Iconografia:** Foto de Guerra por P. Garcez.

NEUMA (da Mangueira); CABRAL, Sérgio; JAGUAR; CAVAQUINHO, Nelson; PINHEIRO, Albino; LEONAN, Carlos.

Neuma da Mangueira O Pasquim, nº. 105, 19-21, 8, jul., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** NEUMA (da Mangueira).

**Palavras Chave:** Carnaval; Música; Mídia; Sucesso popular; Política.

**Resumo:** Neuma fala da Mangueira e da estrutura política da favela, do fato de sua casa funcionar como fórum de debate e resolução dos problemas locais. Comenta a questão do código de linguagem existente entre os favelados. [A capa polêmica "todo paulista (que não gosta de mulher) é bicha"] [Ivan Lessa monta uma entrevista com "Paulo Francis" mais Joyce, Keynes, Weber, Maupassant e outros, p. 6/7.].

**Citados:** CARTOLA.

**Iconografia:** Foto de Neuma por P. Garcez.

ANDRADE, Carlos Drummond de; CABRAL, Sérgio; JAGUAR; FERNANDES, Millôr; GARCEZ, Paulo; MACIEL, Luís. Carlos; RANGEL, Flávio; LESSA, Ivan; FORTUNA; ZIRALDO; LEONAN, Carlos; JR., Chico.

Aqui está a entrevista de Drummond O Pasquim, nº. 106, 3-6, 15, jul., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ANDRADE, Carlos Drummond de.

**Palavras Chave:** Tempo; Literatura; Poesia; Crítica; Ficção.

**Resumo:** Drummond "fala" da crítica frágil feita à poesia: "o poeta é mais que um versejador de dor-de-cotovelo". A entrevista segue cheia de "citação" do Drummond. No final, o Pasquim informa a bibliografia que usou para montar a

entrevista. [O time todo do Pasquim com Drummond em foto montada].

**Citados:** AZEVEDO, Álvares de; BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Oswald de;

**Iconografia:** Foto de Drummond com a patota, montada por P. Garcez.

ROGÉRIA (Astolfo Barroso). Rogéria (Astolfo Barroso) O Pasquim, nº. 107, 6-7, 22, jul., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ROGÉRIA (Astolfo Barroso).

**Palavras Chave:** Homossexualidade; Mídia; Comportamento.

**Resumo:** Não é uma entrevista como as outras; são cartas "da" Rogéria, contando suas apresentações pela África e Europa.

**Iconografia:** Foto de Rogéria por P. Garcez.

MONTENEGRO, Fernanda; ZIRALDO; JAGUAR; CABRAL, Sérgio; FERNANDES, Millôr. Fernanda Montenegro O Pasquim, nº. 108, 7-9, 29, jul./agos., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MONTENEGRO, Fernanda.

**Palavras Chave:** Teatro; Televisão; Literatura; Comportamento.

**Resumo:** Fala do teatro brasileiro e das peças que foram importantes e de comportamentos. [Na coluna underground desse número há uma entrevista com John Lennon.].

**Citados:** SHAW, (George) Bernard; OLIVIER, Lawrence; SANTOS, Nelson Pereira dos;

**Iconografia:** Foto de F. Montenegro por P. Garcez.

SANTOS, Turíbio; FORTUNA; GARCEZ, Paulo; CABRAL, Sérgio; JAGUAR; PINHEIRO, Albino. Turíbio Santos O Pasquim, nº. 109, 6-7, 3, agos., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SANTOS, Turíbio.

**Palavras Chave:** Música; MPB; Música erudita.

**Resumo:** Violonista brasileiro, residente na França, fala de ser músico no Brasil e na América Latina e da cultura musical. Na entrevista, Turíbio fala sobre o Pasquim: "O Pasquim beira a alienação".

**Citados:** SEGÓVIA, André; JESUS, Clementina de; CARVALHO, Hermínio Bello de; REBELO, Antonio; REIS, Dilermando;

**Iconografia:** Foto de T. Santos por P. Garcez.

CHAPLIN, Sydney; LESSA, Ivan; AUGUSTO, Sérgio; PAIVA, Miguel; LEONAN, Carlos. Sydney Chaplin O Pasquim, nº. 110, 6-9, 10, agos., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CHAPLIN, Sydney.

**Palavras Chave:** Cinema; Comunismo; Mulher; História; Humor; Literatura.

**Resumo:** Conta as relações de William Faulkner com Charles Chaplin; fala de sua participação no filme "Luzes da Ribalta", sobre o macartismo e de sua relação com seu pai e outros artistas do cinema americano. [ Capa " Todo Paulista é macho" (o Pasquim retifica)].

**Citados:** FAULKNER, William;

**Iconografia:** Foto de S. Chaplin, sem crédito.

GONZAGA, Luis; ZIRALDO; AUGUSTO, Sérgio; CABRAL, Sérgio; LEONAM, Carlos. Luis Gonzaga O Pasquim, n°. 111, 5-9, 17, agos., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GONZAGA, Luis.

**Palavras Chave:** Música popular; MPB; cultura popular; Rádio; Política.

**Resumo:** Luiz Gonzaga diz não compreender o porque de sua música provocar tanto debate. A única coisa que diz entender é gostar de cantar. [ As p. 8/9 apresentam uma antologia das músicas de Luiz Gonzaga.].

**Citados:** BEATLES; MIRANDA, Carmem; CAPINAM, José Carlos; CAYMMI, Dorival; VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto;

**Iconografia:** Foto de Luís Gonzaga por P. Garcez

O Pasquim, n°. 112, 24, agos., 1971.

**Resumo:** Sem entrevista.

LECLERY, Regina Rosemburgo; FERNANDES, Millôr; ZIRALDO; GARCEZ, Paulo; CABRAL, Sérgio; LEONAN, Carlos. Regina Rosemburgo Leclery O Pasquim, n°. 113, 4-7, 31, agos./set., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** LECLERY, Regina Rosemburgo.

**Palavras Chave:** Burguesia; Poder; Alienação; Mídia; Comportamento; Política.

**Resumo:** Regina, emergente da década de 70, é frequentadora dos "salões" do poder: Simonsen, Kennedy, Rubirosa, Glauber, Leclery e outros são nomes que desfilam em sua entrevista, mostrando a intimidade dela e de Florinda Bulkan com o poder, inclusive com Bob Kennedy e o então Presidente Kennedy. [Neste número há um artigo sobre Chacrinha e um artigo, na revista Exame, julho/71, p.54-55, sobre o Pasquim como uma empresa.]

**Iconografia:** Foto de Regina R. Leclery por P. Garcez.

BULKAN, Florinda; ZIRALDO; FERNANDES, Millôr; LEONAN, Carlos. Florinda Balcão O Pasquim, n°. 114, 3-7, 7, set., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BULKAN, Florinda.

**Palavras Chave:** Cinema; Poder; Mídia; Marketing.

**Resumo:** Atriz brasileira de relativo sucesso nas telas do cinema europeu. Foi citada na

entrevista anterior por uma suposta relação com Bob Kennedy; fala de sua vida de menina pobre que decidiu ser um dia famosa. [a sugestão de tempo gasto por esta entrevista é de 33 minutos].

**Citados:** ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de; BALZAC, Honoré de; PROUST, Marcel; ZOLA, Émile; QUEIROZ, Eça de;

**Iconografia:** Foto de F. Bulkan por P. Garcez.

THOMAS, Jeff; CABRAL, Sérgio; FERNANDES, Millôr; JAGUAR; GARCEZ, Paulo; LEWGOY, José. Jeff Thomas O Pasquim, n°. 115, 6-7, 14, set., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** THOMAS, Jeff.

**Palavras Chave:** Jornalismo; Mídia.

**Resumo:** O Pasquim expõe ao ridículo este colunista social que, nos anos 70, era uma espécie de concorrente de Ibraim Sued. A entrevista é feita de perguntas curtas para respostas menores, não havendo um eixo, um assunto e, muitas das perguntas, Jeff responde em um inglês macarrônico. [ Nas p. 2-3, há um artigo onde o Pasquim diz não representar a "cultura" oficial, preferindo enquadrar-se em uma "cultura do lixo".

**Citados:** Ziraldo, Millôr, José Lewgoy, Santos Fernando, Miguel Paiva, Edney Silvestre, Jaguar, Carlos Leonam, Fortuna, Sérgio Cabral, a matéria é assinada por Millôr Fernandes.

**Iconografia:** Foto de Jeff Thomas por P. Garcez.

SHANKAR, Ravi; LEONAN, Carlos; BINOT, Victor; Ravi Shankar O Pasquim, n°. 116, 5-7, 21, set., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SHANKAR, Ravi.

**Palavras Chave:** Cultura; Música; Oriente; Música erudita.

**Resumo:** Fala do grande equívoco desta geração em querer encontrar, na Índia, apenas o místico, o iogue, o haxixe. A Índia é a cultura do fragmento. A Índia não se dá a conhecer apenas em um mês de vivências. [O Pasquim divulga o código de ética contra o "baixo nível" na TV, p.9].

**Citados:** BEETHOVEN, Ludwig van; BACH, (Johann Sebastian); VERDI, Giuseppe; HAYDN, Hiram; PAGNINI, Marcelo;

**Iconografia:** Foto de Ravi Shankar por P. Garcez

MARZAGÃO, Augusto; MACIEL, Luís Carlos; GARCEZ, Paulo; JAGUAR; CABRAL, Sérgio; LEONAN, Carlos. Augusto Martagão O Pasquim, n°. 117, 3-5, 28, set./out., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MARZAGÃO, Augusto.

**Palavras Chave:** Cultura; Televisão; Mídia; Música popular.

**Resumo:** Organizador e promotor dos festivais

internacionais da canção popular. Fala dos bastidores dos festivais. [Esta entrevista também vem com sugestão de tempo que o leitor deve gastar para ler].

**Citados:** BEN, Jorge; HOLANDA, Chico Buarque de; JOBIM, Tom;

**Iconografia:** Foto de Augusto Marzagão p/ P. Garcez

PORTO, Sérgio (ver Stanislaw Ponte Preta). Pasquim. Sérgio Porto. O Pasquim, n°. 118, 12-14, 5, out., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PORTO, Sérgio (ver Stanislaw Ponte Preta).

**Palavras Chave:** Personagem; Mídia; Ironia; Manifesto; Teatro; Indústria cultural.

**Resumo:** A história do FEBEAPÁ data de 1965, com alguns episódios folclóricos, entre eles, o documento do juiz Whitaker; magistrado por correspondências define "meretíssimo" que vem de mérito e "meretríssimo" de uma coisa sem mente... "Tristão de Athayde reclama "a mais inflação nacional é a burrice...". "O Brasil é um país de problemas urgentes, ingentes e sem "gente"... Em Belo Horizonte, um delegado declarava que vai prender o autor da mini-saia Pierre Cardin por atentado ao pudor.

**Iconografia:** Foto de Sérgio Porto por P. Garcez

SANTOS, Sílvia; CABRAL, Sérgio; JAGUAR. Sílvia Santos. O Pasquim, n°. 119, 12-13, 12, out., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SANTOS, Sílvia.

**Palavras Chave:** Televisão; Mídia; Marketing.

**Resumo:** Sílvia Santos conta sua vida de camelô e sua chegada à televisão. Opina sobre o movimento de libertação da mulher.

**Iconografia:** Foto de Sílvia Santos por P. Garcez.

WILSON, Nancy; ZIRALDO; AUGUSTO, Sérgio; CABRAL, Sérgio; LEONAN, Carlos; ALBUQUERQUE, João Luiz. Nancy Wilson e Robert Hooks. O Pasquim, n°. 120, 12-13, 19, out., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** WILSON, Nancy.

**Palavras Chave:** Negros; Racismo; História; Discriminação; Comportamento; Música; Jazz.

**Resumo:** Cantores de influência jazzística criticam os comportamentos segregacionistas e tecem comentários sobre a situação do negro e de outras minorias.

**Iconografia:** Foto dos entrevistados por P. Garcez

WANDERLEIA; JAGUAR; ZIRALDO; AUGUSTO, Sérgio; PAIVA, Miguel. Wanderleia. O Pasquim, n°. 121, 17-19, 20, out./nov., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** WANDERLEIA,

**Palavras Chave:** Televisão; jovem guarda; Música; Mídia; Indústria cultural; Comportamento.

**Resumo:** Cantora do período da Jovem Guarda, fala de sua luta no meio artístico, da família e de seus amigos Roberto e Erasmo Carlos.

**Citados:** JOBIM, Tom; CARLOS, Roberto; CARLOS, Erasmo;

**Iconografia:** Foto de Wanderleia por P. Garcez.

MELO, Antonio Silva; FERNANDES, Millôr; ZIRALDO; HOUAISS, Antonio; Antônio Silva Melo. O Pasquim, n°. 122, 7-8, 2, nov., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MELO, Antonio Silva.

**Palavras Chave:** Razão; Educação; Religião; Sexualidade; Saúde.

**Resumo:** Antônio Silva Melo, biólogo, escreveu sobre religião, misticismo, sexo do início do século. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras. [Na entrevista, um artigo sobre a altura do vaso sanitário em prosa. Publicado na Revista Brasileira de Medicina.].

**Iconografia:** Foto de Melo por P. Garcez.

SANTOS, Djalma. Pasquim. Vavá, Garrincha. Djalma Santos. O Pasquim, n°. 123, 2-3, 9, nov., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SANTOS, Djalma.

**Palavras Chave:** Futebol

**Resumo:** Jogador de sucesso fala do futebol brasileiro, da violência no campo e das copas do mundo.

**Iconografia:** Foto de Djalma por P. Garcez.

GATICA, Lucho; ZIRALDO; AUGUSTO, Sérgio; Te acuerdas de Lucho Gatica?. O Pasquim, n°. 124, 10-11, 16, nov., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GATICA, Lucho.

**Palavras Chave:** América Latina; Música.

**Resumo:** Fala do México, do Chile, de sua vida de cantor latino americano e do sucesso nos Estados Unidos.

**Citados:** NERUDA, Pablo;

**Iconografia:** Foto de Gatica, por P. Garcez.

ROCHA, Glaucê. Pasquim. Glaucê Rocha. O Pasquim, n°. 125, 12-13, 23, nov., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ROCHA, Glaucê.

**Palavras Chave:** Teatro; Cultura; Cinema Novo; Cinema; Mídia.

**Resumo:** Entrevista transcrita para o Pasquim. Foi feita por alunos de escola de teatro. O Pasquim edita em homenagem a Glaucê que morreu. A atriz fala da profissão.

**Iconografia:** Foto de Glaucê, sem crédito.

JASMIN, Luiz; MACIEL, Luís Carlos; ZIRALDO; FORTUNA; AUGUSTO, Sérgio; LEWGOY, José. **Luiz Jasmim**

O Pasquim, n°. 126, 11-13, 30, nov./dez., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** JASMIN, Luiz.

**Palavras Chave:** Cultura; Burguesia; Design; Arte; Música; MPB.

**Resumo:** Fala de sua relação com a arte de desenhar e com outros artistas, como por exemplo, Dali e Nureiev.

**Iconografia:** Foto de Jasmin por P. Garcez.

TORELLY, Aparício Briqueroff (Aporely/Barão de Itararé); MACHADO, Djanira; RAMOS, Graciliano; LIMA, Hermes Herman; FRANCO, Afonso Arinos de Mello; GILLEN, Nicolás; **Barão de Itararé**. O Pasquim, n°. 127, 6-7, 12, dez., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** TORELLY, Aparício Briqueroff (Aporely/Barão de Itararé).

**Palavras Chave:** Humor; Jornalismo; Mídia; Crítica; Ironia; Política.

**Resumo:** Entrevistas montadas com depoimentos sobre Aparício Briqueroff Torelly, Aporelly ou Barão de Itararé. O Pasquim é um herdeiro do humor do jornal "A manha". [No período de 1971, ano de maior repressão, o Pasquim lançou mão do artifício de produzir "entrevistas" com personagens mortos ou ficcionalizados].

**Iconografia:** Foto reproduzida de Torelly, sem crédito.

BIVAR, Antônio. Pasquim. **Odete Lara** entrevista Antônio Bivar. O Pasquim, n°. 128, 6, 14, dez., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BIVAR, Antônio.

**Palavras Chave:** Teatro; Underground; Romantismo; Cultura; Mídia.

**Resumo:** Fala de sua volta ao Brasil e da peça "Longe daqui, aqui mesmo". Na entrevista, Bivar comenta sobre suas experiências teatrais.

**Iconografia:** Foto de Bivar por P. Garcez.

KLABIN, Beki; FERNANDES, Millôr; ZIRALDO; FORTUNA; LEONAN, Carlos. **Beki Klabin**. O Pasquim, n°. 129, 12-14, 21, dez., 1971.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** KLABIN, Beki.

**Palavras Chave:** Burguesia; Novela; Folhetim; Comportamento.

**Resumo:** Entrevista com Beki é uma espécie de folhetim que versa sobre a menina pobre que se deu bem, casada com um homem rico e generoso. Beki faz o gênero e o Pasquim "aposta" neste tipo de entrevista.

**Iconografia:** Foto de Beki por P. Garcez.

O Pasquim, n°. 130, 28, dez./jan., 1971.

**Resumo:** O jornal termina com a frase "Que 72

seja bem melhor que 71".

## O PASQUIM – Ano de 1972

O Pasquim, nº. 131, 4, jan., 1972.

**Resumo:** Sem entrevista.

ALMIR, HENFIL; ZIRALDO; FORTUNA; JAGUAR; AUGUSTO, Sérgio. Almir. O Pasquim, nº. 132, 14-15, 11, jan., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ALMIR,

**Palavras Chave:** Futebol; Esporte.

**Resumo:** Atacante conhecido no futebol pelas confusões e brigas.

**Iconografia:** Foto de Almir, sem crédito.

SANTOS, Nelson Pereira dos; JAGUAR; AUGUSTO, Sérgio; FORTUNA. Nelson Pereira dos Santos. O Pasquim, nº. 133, 12-13, 18, jan., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SANTOS, Nelson Pereira dos.

**Palavras Chave:** Teatro; Tropicalismo; Cinema Novo; Cultura; Cinema; Comportamento.

**Resumo:** Nelson Pereira dos Santos fala de suas produções, de seus vários trabalhos, da cultura nacional, do vazio cultural e de um período de experimentação dos jovens.

**Citados:** SILVA, Hélio; DIEGUES, Cacá; LECLERC, Gérard;

**Iconografia:** Foto de Nelson Pereira, sem crédito.

O Pasquim, nº. 134, 25, jan./fev., 1972.

**Resumo:** Sem entrevista. Neste número, o Pasquim revela a "boneca" do Pasquim, história na qual o jornal vinha incentivando o leitor a achar um nome na patota para representar o bicha do Pasquim.

O Pasquim, nº. 135, 2, fev., 1972.

**Resumo:** Sem entrevista.

NATALINO, José Nascimento (Natal); ZIRALDO; JAGUAR; FERNANDES, Millôr. Aqui está o espírito de Natal.

O Pasquim, nº. 136, 4-7, 10, fev., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** NATALINO, José Nascimento (Natal).

**Palavras Chave:** Imprensa

**Resumo:** Natal, um provedor de Madureira, uma espécie de cacique do morro, respeitado por todos e protetor de todos. Criador do Império Serrano.

**Iconografia:** Foto de Natal, por P. Garcez.

O Pasquim, nº. 137, 15, fev., 1972.

**Resumo:** Sem entrevista.

PUIG, Manuel; SAVARY, Olga; FORTUNA; RODRIGUES, Danúbio; ZIRALDO; CALLADO, Antonio; PIÑON, Nélida;

LISPECTOR, Clarice; HOUAISS, Antonio. Manuel Puig. O Pasquim, nº. 139, 4-5, 29, fev./mar., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PUIG, Manuel.

**Palavras Chave:** Folhetim; Novela; Escritura; América Latina.

**Resumo:** Fala da vocação de escritor, de sua adolescência. [Esta entrevista foi feita através de perguntas enviadas a Manuel Puig].

**Iconografia:** Foto de M. Puig, sem crédito.

ECKSTINE, William Clarence (Billy); LESSA, Ivan;. Billy Eckstine. O Pasquim, nº. 140, 7, mar., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ECKSTINE, William Clarence (Billy).

**Palavras Chave:** Música; Rock and roll; Jazz.

**Resumo:** Cantor Americano com passagem pelo Brasil. Autor de sucessos desde a década de 40 como "jelly, jelly", "Over the Rain-bow", "Nobody Knows". Fala de sua trajetória como cantor de sucesso na América do Norte e de seu convívio com outros nomes de sucesso e de sua admiração pelos compositores brasileiros.

**Citados:** JOBIM, Tom; CAYMMI, Dorival; ELLINGTON, Duke.

**Iconografia:** Fotos de Bernado Kucinski, por P. Garcez.

JAGUAR; MARAT; ZIRALDO. A banda passando. A Banda de Ipanema. O Pasquim, nº. 141, 14-15, 14, mar., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Carnaval

**Resumo:** A história e as pessoas que participam de Banda de Ipanema.

AIZEN, Adolfo; ZIRALDO; JAGUAR; AUGUSTO, Sérgio; FORTUNA; CAULOS; FERNANDES, Millôr;

Adolfo Aizen. O Pasquim, nº. 142, 4-6, 21, mar., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** AIZEN, Adolfo.

**Palavras Chave:** Humor; Cultura; Suplementos literários; Indústria cultural.

**Resumo:** Adolfo, em 1934, lançou, na Bahia, o "suplemento juvenil" no jornal "A Nação", inaugurando, no Brasil, a história em quadrinhos. [A história do quadrinho no Brasil, do Humor, da Charge, do suplemento estão relacionadas com a história do "Bom Humor" uma espécie de Pasquim.]

**Citados:** SALLES, Herberto; ALENCAR, José de; REGO, José Lins do;

**Iconografia:** Foto de A. Aizen, por P. Garcez.

LE BLANC, André; AUGUSTO, Sérgio; FORTUNA; ZIRALDO; Andre Le Blanc. O Pasquim, nº. 142, 7-9, 21, mar., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA



**Nom. Pess. como Assunto:** LE BLANC, André.  
**Palavras Chave:** Humor; História em quadrinhos; Indústria cultural; Suplementos literários; Cultura.

**Resumo:** Le Blanc, ilustrador das capas do Monteiro Lobato, criador de suplementos, histórias em quadrinhos. Ilustrou, para Stan Lee, Mandrake, Lee Falk e também ilustrou "O guarani", de José de Alencar. Sua entrevista versa sobre seu trabalho de ilustrador e a convivência com alguns escritores.

**Iconografia:** Foto de André Le Blanc, por P. Garcez.

O Pasquim, n.º. 143, 28, mar./abr., 1972.

**Resumo:** Sem entrevista. 1: Neste número um excelente artigo de Telmo Marinho sobre o show de Caetano e Gil em 1972, p.4/5.

LIMA, Francisco Negrão de; NERY, Sebastião; ZIRALDO; FERNANDES, Millôr; CABRAL, Sérgio;

Francisco Negrão de Lima O Pasquim, n.º. 144, 4-6, 4, abr., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** LIMA, Francisco Negrão de.

**Palavras Chave:** Política; Educação; Poder; História.

**Resumo:** Político, diplomata e Governador da GB; fala de suas relações com Jânio Quadros, com Tancredo e outros políticos históricos.

**Citados:** PORTO, Sérgio (ver Stanislaw Ponte Preta);

**Iconografia:** Foto de Negrão de Lima, por P. Garcez.

O Pasquim, n.º. 145, 11, abr./maio., 1972.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n.º. 146, 18, abr., 1972.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n.º. 146, 18, abr., 1972.

**Resumo:** Sem entrevista.

BORORÓ, (pseudônimo. de Alberto de Castro Simoens da Silva); ZIRALDO; JAGUAR. Bororó. O Pasquim, n.º. 147, 04-06, 25, abr./maio., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BORORO, Homero.

**Palavras Chave:** Tradição; Cultura; Música; História; Memória; MPB; Música popular.

**Resumo:** A entrevista com Bororó leva a uma viagem pelo Rio do início do século, pelas suas calçadas e por seus personagens que fazem parte da história do Brasil. 1: Aparece o Ziraldo nas entrevistas. Era um depoimento de D. Maria, mulher de Bororó, sobre seu marido.

**Citados:** BARBOSA, Rui; BILAC, Olavo; NAZARETH, Ernesto; VELOSO, Caetano; HOLANDA, Chico Buarque de;

CAVAQUINHO, Nelson; RIO, João do (Pseud. de Paulo Barreto); CEARENSE, Catulo da Paixão; BARROSO, Gustavo; OVALLE, Jaime; MESQUITA, Custodio; ROSA, Noel; MEDEIROS, Anacleto de; LARANJEIRA, Quincas;

**Iconografia:** Foto de Charge e fotos, sem créditos.

CALLADO, Antonio; FERNANDES, Millôr; JAGUAR; ZIRALDO; AUGUSTO, Sérgio. Fala Antônio Callado.

O Pasquim, n.º. 148, 04-06, 2, maio., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CALLADO, Antonio.

**Palavras Chave:** Literatura; Escritores; Jornalismo; Viagem; Cidade; Teatro; Romance.

**Resumo:** Callado relembra suas viagens pelo mundo como correspondente; fala de sua convivência no Xingu com o índios, de seu livro Quarup e de suas idéias sobre copidescagem. [A entrevista é cheia de razuras feita à mão, dando sempre a idéia de não copidescagem].

**Citados:** PORTINARI, Candido; PICASSO, Pablo; RIBEIRO, Darcy; VILLA-LOBOS, Heitor; REZENDE, Otto Lara; ROCHA, Glauber; CUNHA, Euclides da; GUERRA, Ruy; RODRIGUES, Nelson; STENDHAL, (Pseud. Henri-Marie Beyle);

**Iconografia:** Fotos de Antônio Callado por Joubert.

O Pasquim, n.º. 149, 9, maio., 1972.

**Resumo:** Sem entrevista.

FERNANDES, Millôr; ZIRALDO; JAGUAR; AUGUSTO, Sérgio; LESSA, Ivan. O Pasquim entrevista uma feijoada e outras latas. O Pasquim, n.º. 150, 04-06, 16, maio., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Ficção

**Resumo:** A turma do Pasquim se reuni para entrevistar uma "lata" de feijoada e come a lata de marca "armour", comentando todos os efeitos possíveis de uma lata de feijoada.

**Iconografia:** Fotos da lata de feijoada por Joubert.

MARAVILHA, Elke; JAGUAR; FERNANDES, Millôr; LESSA, Ivan; ZIRALDO; AUGUSTO, Sérgio; Elke: "Eu não sou uma mulher séria". O Pasquim, n.º. 151, 4-7, 23, maio., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MARAVILHA, Elke.

**Palavras Chave:** Carnaval; Mídia; Contracultura.

**Resumo:** A entrevista é irônica. A "patota" põe em dúvida tudo que Elke fala, pedindo sempre, para que prove o que diz. Mostra Elke como um blefe.

**Iconografia:** Foto de E. Maravilha, por P. Garcez.

JESUS, Clementina de; FERNANDES, Millôr; LESSA, Ivan; JAGUAR; VIOLA, Paulinho da.

Clementina de Jesus.

O Pasquim, n.º 152, 9-11, 30, maio./jun., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** JESUS, Clementina de.

**Palavras Chave:** Dança; Música popular; Literatura; MPB; Mídia.

**Resumo:** Clementina fala de sua vida, dos shows, de sua descoberta por Hermínio Bello de Carvalho, da África. [Neste número, a coluna de Ziraldo: Cortizona].

**Citados:** DONGA, (Pseud. de Ernesto dos Santos);

**Iconografia:** Foto de C. de Jesus, por P. Garcez.

MANGA, Carlos; AUGUSTO, Sérgio; LESSA, Ivan; JAGUAR; FERNANDES, Millôr; ZIRALDO.

Culpado!!! Carlos Manga. O Pasquim, n.º 153, 4-7, 6, jun., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MANGA, Carlos.

**Palavras Chave:** Televisão; Cinema; Mídia.

**Resumo:** Carlos Manga, produtor de show, homem de TV e cinema, faz várias críticas ao cinema novo, aos modelos utilizados pelo cinema. Fala de recepção pelo público.

**Iconografia:** Foto de C. Manga, por P. Garcez.

O Pasquim, n.º 154, 13, jun., 1972.

**Resumo:** Sem entrevista.

SORIANO, Waldik; JAGUAR; LESSA, Ivan. Q

machão do society = Waldick Soriano. O Pasquim, n.º 155, 5-9, 20, jun., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SORIANO, Waldik

**Palavras Chave:** Gênero; Música; Mídia; Música popular; Comportamento.

**Resumo:** Conta na sua vida como formou a sua imagem de "macho", de seu sucesso como cantor e com as mulheres. [Leila Diniz foi a mulher mais fotografada pelo Pasquim nos anos 70/71/72].

**Citados:** VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto; CARLOS, Roberto;

**Iconografia:** Foto de Leila Diniz, por P. Garcez.

ALAKETO, Olga de; Pasquim. Olga de Alaketo

O Pasquim, n.º 156, 8-9, 27, jun./jul., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ALAKETO, Olga de.

**Palavras Chave:** Poder; África; Umbanda; Religião.

**Resumo:** Mãe de santo, fala de suas influências nos meios políticos. [3 anos do Pasquim, na p.3 todas as chamadas anteriores do Pasquim].

**Iconografia:** Foto de Olga de Alaketo, por P. Garcez.

BALDWIN, James; FRANCIS, Paulo. James

Baldwin O Pasquim, n.º 157, 12-14, 4, jul., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BALDWIN, James.

**Palavras Chave:** Negros; Homossexualidade; Guerra; Racismo; Discriminação; Nazismo.

**Resumo:** Negro, homossexual, intelectual, fala que, na década de 50, estabeleceu um ensaio discutindo o "sociologismo" e Robert Whight sobre a questão negra. [A entrevista foi realizada por Paulo Francis].

**Citados:** CLEAVER, Eldrige.

**Iconografia:** Foto de Baldwin, sem crédito.

BREA, Sandra; JAGUAR; LESSA, Ivan. Sandra

Brea: Beijo é um sarro. O Pasquim, n.º 158, 06-07, 11, jul., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BREA, Sandra.

**Palavras Chave:** Teatro; Televisão; Comédia; Novela; Mídia.

**Resumo:** Sandra Brea conta o início da sua carreira e a importância do Teatro de Revista na formação do artista. [Ivan Lessa aparece na entrevista pela primeira vez.] [ "Um jornal mais pra EPÂ do que para OBÂ" ].

**Citados:** HAILEY, Arthur; MORAES, Vinícius de; CHOPIN; VELOSO, Caetano; TCHAIKOWSKY; HOLANDA, Chico Buarque de; MICHALSKY, Yan; MÁRQUEZ, Gabriel García; KAYAM, Omar;

**Iconografia:** Fotos de Sandra Brea, sem créditos, não só da entrevista como dos citados por ela.

ZIEMBINSKI; JAGUAR; FERNANDES, Millôr; LESSA, Ivan; MICHALSKY, Yan; AUGUSTO, Sérgio.

Ziembinsk: "Eu inaugurei o palavrão no teatro"

O Pasquim, n.º 159, 04-07, 19, jul., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ZIEMBINSKI,

**Palavras Chave:** Teatro; Televisão; Cinema; Cultura; Literatura; Arte.

**Resumo:** Polonês que veio para o Brasil, fazendo parte dos dois principais movimentos do teatro brasileiro: "Os Comediantes" e o "TBC". Fala sobre os grandes espetáculos teatrais que ajudou a montar. [Nesta entrevista, Ivan Lessa trabalha uma questão de identificar na peça "Vestido de Noiva", de Nelson Pereira dos Santos, um Pasquim, definido com sua maneira de ser "cotidiano"].

**Citados:** RODRIGUES, Nelson; MONTERLANDT, Henri;

**Iconografia:** Foto de Ziembinski, por Joubert.

CÉSAR, Henrique; Pasquim. César é louco O Pasquim, n.º 160, 22-23, 24, jul./agos., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CÉSAR, Henrique.

**Palavras Chave:** Futebol; Esporte.

**Resumo:** Conversa com o jogador de futebol César, contando sobre o seu "espírito" rebelde

diante dos clubes poderosos.

**Iconografia:** Foto de César e Charges, sem crédito.

O Pasquim, n°. 161, 1, agos., 1972.

**Resumo:** Sem entrevista. [Neste número "as dicas" com Ivan Lessa].

CÉSAR, Paulo; Pasquim. **Enfim: um preto de alma preta: Paulo César.** O Pasquim, n°. 162, 22, 8, agos., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CÉSAR, Paulo.

**Palavras Chave:** Futebol; Esporte.

**Resumo:** Paulo César conta como é difícil no meio de jogadores de futebol tentar uma vida "diferente", como ir a boate, ter amigas, boa situação financeira, ter carro, passear...

**Iconografia:** Foto de Paulo César, sem crédito.

O Pasquim, n°. 163, 15, agos., 1972.

**Resumo:** Na página 23/24 aparece, em forma de entrevista, um artigo sobre FEOLA, montada pelo Pasquim.

O Pasquim, n°. 164, 22, agos., 1972.

**Resumo:** Sem entrevista.

CAMPELLO, Celly; Pasquim. **Celly Campello** O Pasquim, n°. 165, 9-11, 29, agos./set., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CAMPELLO, Celly.

**Palavras Chave:** Música; Bossa-nova; jovem guarda; Mídia; Comportamento; Rock and roll.

**Resumo:** Celly, a primadona de rock nacional. 1958.

**Citados:** VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto; CARLOS, Roberto;

**Iconografia:** Foto de Celly, por P. Garcez.

O Pasquim, n°. 166, 5, set., 1972.

**Resumo:** Neste número, nas p. 22/23, uma "entrevista" informativa ao leitor do artilheiro do Santos - Toninho que foi para o São Paulo. Autor da entrevista: Jesse Chapadão.

RAMONDINI, Marby; Pasquim. **Marby Ramondini** O Pasquim, n°. 167, 9-11, 12, set., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RAMONDINI, Marby.

**Palavras Chave:** Futebol; Esporte; Mídia; Política.

**Resumo:** Ramondini, empresário que comprou de Pelé os direitos autorais do livro biográfico por 150 milhões e o vendeu à editora Abril por 310 milhões.

**Iconografia:** Foto de Marby, por P. Garcez.

O Pasquim, n°. 168, 19, set., 1972.

**Resumo:** Sem entrevista.

PASCOAL, Hermeto; Pasquim. **Entrevistim Hermeto: Músico brasileiro é um complexado** O Pasquim, n°. 169, 10-11, 29, set./out., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PASCOAL, Hermeto.

**Palavras Chave:** Jazz; Subdesenvolvimento; Música erudita; MPB; Mídia.

**Resumo:** Músico conhecido mundialmente mas esquecido no Brasil pelas divulgadoras. Fala da boa música que se produz no Brasil. [Neste número, a "entrevista" não é mais identificada pelo nome, agora todos sob o nome Pasquim].

**Citados:** NASCIMENTO, Milton; LOBO, Edu; GISMONTI, Egberto; VANDRÉ, Geraldo;

**Iconografia:** Foto de Hermeto, por P. Garcez.

D'APARECIDA, Marria; FERNANDES, Millôr; ZIRALDO; JAGUAR; BITTENCOURT, João. **Marria D'Aparecida**

O Pasquim, n°. 170, 8-11, 3, out., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** D'APARECIDA, Marria.

**Palavras Chave:** Ópera; Televisão; Futebol.

**Resumo:** Soprano, estrela da Ópera de Paris, intérprete de "Carmem", mulata que ganhou Paris; segundo ela, por sua beleza e talento. Marria fala de suas conquistas e reconhecimento na Europa.

**Citados:** NASCIMENTO, Abdias do; BARRAULT, Jean-Louis;

**Iconografia:** Foto de M. D'Aparecida, por P. Garcez.

MARAVILHA, Dario; Pasquim. **MARAVILHA, Dario** O Pasquim, n°. 171, 9-11, 10, out., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MARAVILHA, Dario.

**Palavras Chave:** Futebol; Esporte.

**Resumo:** A entrevista assinada por Jesse Chapadão, possivelmente mais um pseudônimo do Pasquim. Dario é o entrevistado, jogador do Atlético Mineiro. Considerado ingênuo, relaxado, sentimental, gozador, no entanto, foi um grande jogador. Dario fala da arte do futebol, da política e de sua "capacidade" de fazer gols.

**Iconografia:** Foto de Dario, sem crédito.

IBRAIM, Emílio; FERNANDES, Millôr; FERNANDES, Helio. **Emílio Ibrahim** O Pasquim, n°. 172, 13-16, 17, out., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** IBRAIM, Emílio.

**Palavras Chave:** Política; Cidade; Poder; Urbanismo.

**Resumo:** Secretário de Obras da Guanabara, preocupado com o paisagismo e com a urbanização. Dá seu depoimento de como implementar políticas urbanas para a melhoria do Rio.

**Citados:** COSTA, Lucio;

**Iconografia:** Foto de Ibraim, sem crédito.

VIANNA, Mário Gonçalves; FERNANDES, Millôr; LESSA, Ivan; HENFIL; AUGUSTO, Sérgio; JAGUAR.

Mário Vianna O Pasquim, n°. 173, 9-13, 24, out., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** VIANNA, Mário Gonçalves.

**Palavras Chave:** Futebol; Polícia; Política; Esporte; Mídia.

**Resumo:** Juiz de futebol, também pertencente à polícia especial que, segundo ele, era violenta apenas quando era necessário.

**Iconografia:** Foto de Vianna, por P. Garcez.

LINS, Ivan; HENFIL. Ivan Lins O Pasquim, n°. 174, 9-12, 31, out./nov., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** LINS, Ivan.

**Palavras Chave:** Censura; Música popular; MPB; Indústria cultural; Mídia; Televisão.

**Resumo:** Cantor lançado durante o festival internacional da canção, fala de sua "ingenuidade" ao tratar de seus contratos com a Globo e de como foi enganado no início de sua carreira.

**Citados:** HOLANDA, Chico Buarque de; JOBIM, Tom; PIXINGUINHA; GILBERTO, João; NASCIMENTO, Milton;

**Iconografia:** Foto de Ivan, por P. Garcez.

ALVARENGA, Murilo; Pasquim. Alvarenga (Sem Ranchinho) Fim de uma época O Pasquim, n°. 175, 6, nov., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ALVARENGA, Murilo.

**Palavras Chave:** Música; Política; Censura; Estado Novo.

**Resumo:** Alvarenga fala de seus parceiros (Ranchinho), de suas músicas de paródia, sempre expondo um político e de sua relação "amistosa" com Getúlio Vargas. [A entrevista é subscrita pelo Pasquim].

**Citados:** VARGAS, Getúlio; BARROS, Adhemar de; QUADROS, Jânio;

**Iconografia:** Fotos dos cantores e charges, sem créditos.

ALBERTO, Carlos; Pasquim. Carlos Alberto vai entrando e vai falando O Pasquim, n°. 176, 15, nov., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ALBERTO, Carlos.

**Palavras Chave:** Futebol; Esporte.

**Resumo:** Carlos Alberto, juntamente com Djalma Santos foi considerado um dos maiores laterais do futebol brasileiro. Fala da pressão que é fazer muitos jogos em um ano e da Lei Passarinho. [A entrevista sai sob o nome de Pasquim (coletivo)].

**Iconografia:** Foto de Carlos Alberto e charge, sem crédito.

TIMÓTEO, Agnaldo; JAGUAR; FERNANDES, Millôr; ZIRALDO. Agnaldo Timóteo O Pasquim, n°. 177, 9-14, 21, nov., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** TIMÓTEO, Agnaldo.

**Palavras Chave:** Música; MPB; Imprensa; Mulher; Cultura; Política.

**Resumo:** Mostra seu descontentamento com o mercado que paga melhor a Chico/Caetano quando ele é muito mais popular. Fala do racismo e compara Nova York ao Rio; expõe o que pensa sobre a mulher, sobre cultura, política, música popular, etc... A entrevista é uma "pérola" do chovinismo e de reacionarismo. Refere-se à revolução de 64 como a "gloriosa", a "redentora" e atribui ao progresso as desigualdades sociais que são necessárias, segundo ele.

**Citados:** CARLOS, Roberto; HOLANDA, Chico Buarque de; NASSER, David; VELOSO, Caetano; ANDRADE, Mário de;

**Iconografia:** Foto de Timóteo, por Sérgio Bernado.

NANDI, Ítala; HENFIL; FERNANDES, Millôr; JAGUAR; LESSA, Ivan; AUGUSTO, Sérgio; PRATA, Mario. Ítala Nandi O Pasquim, n°. 178, 16-19, 28, nov./dez., 1972.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** NANDI, Ítala.

**Palavras Chave:** Teatro; Cinema; Censura; Televisão.

**Resumo:** Ítala Nandi, primeira atriz a fazer o uso da nudez no cinema e no teatro. Debate com o Pasquim a questão da "pureza" do nú artístico que, para ela, é apenas um olhar estético do momento.

**Citados:** BRECHT, Bertolt; PEIXOTO, Fernando; PINTO, Walter;

**Iconografia:** Fotos de Ítala, sem crédito.

O Pasquim, n°. 179, 5, dez., 1972.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°. 180, 12, dez., 1972.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°. 181, 19, dez., 1972.

**Resumo:** Sem entrevista.

O PASQUIM – Ano de 1973

MARAVILHA, Fio; ZIRALDO; AUGUSTO, Sérgio; JAGUAR; LESSA, Ivan. **Preto Que Ri. Quá, Quá, Quá.**

O Pasquim, n°. 182, 11-15, 26, dez. /jan., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MARAVILHA, Fio.

**Palavras Chave:** Futebol; Racismo.

**Resumo:** Fio Maravilha conta sua história de jogador indisciplinado, brincalhão e que nem sempre foi reconhecido.

**Iconografia:** Foto de Fio Maravilha, crédito do jornal dos sports.

O Pasquim, n°. 183, 2, jan., 1973.

**Resumo:** Sem entrevista.

RICARDO, Sérgio; HENFIL. **Hermético é a PQPI!** O Pasquim, n°. 184, 10-12, 9, jan., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RICARDO, Sérgio.

**Palavras Chave:** Capitalismo; Oriente; Política; Bossa-nova; Música; MPB.

**Resumo:** Fala das questões políticas que envolveram os Festivais Internacionais da Canção, da divisão entre Oriente e Ocidente que é a mesma divisão entre o mundo capitalista e socialista, em que as performances são idênticas. Discorre também sobre a resistência da mídia às outras produções. [A entrevista dá uma idéia bastante geral do trabalho de vanguarda que Sérgio Ricardo tentou fazer na música e não deu certo].

**Citados:** VILLA-LOBOS, Heitor; BACH, (Johann Sebastian); VELOSO, Caetano; HOLANDA, Chico Buarque de; STRAVINSKY, Igor.

**Iconografia:** Fotos de Sérgio Ricardo, por Sérgio Bernardo.

AVELINO, João. Pasquim. **Gentil Cardoso morreu? Viva João Avelino.** O Pasquim, n°. 185, 12-15, 16, jan., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** AVELINO, João.

**Palavras Chave:** Futebol; Esporte.

**Resumo:** João Avelino fala dos bastidores do futebol, de um mundo de trapças e dos times pequenos que dirigiu.

**Iconografia:** Fotos de João Avelino, sem crédito.

PITANGUY, Ivo; FERNANDES, Millôr; LESSA, Ivan; ZIRALDO; JAGUAR; KERR, Yllen. PITANGUY, Ivo. **Pitanguy! Nunca pedi nota em coluna social!** O Pasquim, n°. 186, 10-13, 23, jan., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PITANGUY, Ivo.

**Palavras Chave:** Medicina; Comportamento; Saúde; Estética.

**Resumo:** Pitanguy fala de sua realização na medicina. Diz que possui um estilo de vida

próprio que o sucesso lhe impôs.

**Iconografia:** Fotos de Pitanguy, por Sérgio Bernardo.

O Pasquim, n°. 187, 30, jan. /fev., 1973.

**Resumo:** Sem entrevista.

COELHO, Luis Lopes; FORTUNA; GUIMARÃES, Fernando Bueno; BARBOSA, Rui; PESSOA, Fernando. **Famoso advogado paulista metralhado em Ipanema.** O Pasquim, n°. 188, 9-12, 6, fev., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** COELHO, Luis Lopes.

**Palavras Chave:** Conto; Humor; Polícia; Arte; Literatura; Direito.

**Resumo:** Luis Lopes fala do conto policial, gênero pouco desenvolvido no Brasil; conta de sua inclinação para fazer humor e de suas apresentações em lugares públicos. Advogado e colecionador de obras de arte (Di Cavalcante, Pancettis, etc...).

**Citados:** CUNHA, Fausto; COUTO, Ribeiro; RAMOS, Graciliano; DALI, Salvador; CHRISTIE, Agatha; MONTELLO, Josué; FARIAS, Otavio de.

**Iconografia:** Fotos de Luis Coelho por Fernando Guimarães, charge de Jaguar.

O Pasquim, n°. 189, 13, fev., 1973.

**Resumo:** Sem entrevista.

TINHORÃO, José Ramos; FERNANDES, Millôr; JAGUAR; LESSA, Ivan; AUGUSTO, Sérgio; ROCHA, Mariozinho. **Tinhorão enterra todo mundo.** O Pasquim, n°. 190, 9-13, 20, fev., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** TINHORÃO, José Ramos.

**Palavras Chave:** Polêmica; Imprensa; Folclore; Vanguarda; Música; MPB; Mídia; Cultura.

**Resumo:** Tinhorão foi jornalista crítico da MPB. Há polêmica com Caetano acerca de "Araça Azul". Questiona o estatuto da cultura popular.

**Citados:** FARNEY, Dick; ALVES, Lúcio; VELOSO, Caetano; MORAES, Vinícius de; CAVAQUINHO, Nelson; GILBERTO, João; JOBIM, Tom; BARROSO, Ary; HOLANDA, Chico Buarque de; GNATTALLI, Radamés; SILVA, Ismael;

**Iconografia:** Fotos de Tinhorão, por José Duayer.

O Pasquim, n°. 191, 27, fev. /mar., 1973.

**Resumo:** Sem entrevista. "Um jornal abaixo de qualquer suspeita as aventuras de Machado de Assis (Jaguar)"

O Pasquim, n°. 192, 6, mar., 1973.

**Resumo:** Sem entrevista.

ARAÚJO, Guilherme; JAGUAR; LESSA, Ivan; AUGUSTO, Sérgio; HUNGRIA, Julio; ROCHA, Mariozinho.

Guilherme Araújo. O Pasquim, n°. 193, 12-13, 13, mar., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ARAÚJO, Guilherme.

**Palavras Chave:** Música; MPB; Mídia; Televisão.

**Resumo:** Guilherme Araújo conta com quem deixou de ser homem de televisão para se tornar produtor e empresário de cantores como Caetano Veloso, Maria Betânia, Gilberto Gil, Gal Costa.

**Citados:** VELOSO, Caetano; COSTA, Gal; REGINA, Elis; CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; GIL, Gilberto.

BETHANIA, Maria;

**Iconografia:** Foto de Araújo, sem crédito.

CAVALCANTE, Tenório; FERNANDES, Millôr; JAGUAR; ZIRALDO; KERR, Yllen. Tenório

Cavalcante. O Pasquim, n°. 194, 8-11, 20, mar., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CAVALCANTE, Tenório.

**Palavras Chave:** Violência; História; Política; Cultura; Memória.

**Resumo:** Tenório era alagoano, homem bastante controverso em suas atitudes políticas que tinha na violência, todo o peso de suas ações. Tenório conta sua genealogia mostrando ser sua família descendente dos Cavalcantis da Itália, expulsos pela família dos Médicis. Conta sua história e sua vinda para Caxias - Nova Iguaçu / RJ por onde foi eleito deputado. Tenório cita militares políticos do período em que ficou conhecido como o "homem da capa preta".

**Citados:** BARBOSA, Rui; NABUCO, Joaquim;

**Iconografia:** Foto de Tenório, sem crédito.

O Pasquim, n°. 195, 27, mar. /abr., 1973.

**Resumo:** Sem entrevista.

ARAÚJO, Manuel Pereira; DANTAS, Audálio; ZIRALDO. Cumê o nome dele: Manezinho

Araújo. O Pasquim, n°. 196, 10-11, 3, abr., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ARAÚJO, Manuel Pereira.

**Palavras Chave:** Cultura; Música popular; MPB; Regionalismo.

**Resumo:** Araújo é um cantador nordestino (Pernambuco) que, como a maioria dos cantadores, mudou-se para o Rio. Teve suas composições gravadas sem que delas tenha recebido direitos autorais.

**Citados:** MIRANDA, Carmem; BARROS, José de; GONZAGA, Luis; SUASSUNA, Ariano; BARBOSA, Paulo; VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto; RICARDO, Sérgio;

**Iconografia:** Foto de Araújo, por Fernando Guimarães.

RÚBIA, Mara; JAGUAR; FERNANDES, Millôr; PINHEIRO, Albino. Delírio da turma do

Gargarejo: entra em cena Mara Rúbia. O Pasquim, n°. 197, 08-11, 10, abr., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RÚBIA, Mara.

**Palavras Chave:** Teatro; Música; Mercado; Mídia; Comportamento.

**Resumo:** Mara Rúbia, vedete do Teatro Rebolado, iniciou sua carreira em 1945. Contemporânea de Virgínia Lane, fala do teatro musicado e da valorização da vedete no mercado artístico. Fala também dos preconceitos sociais em relação à sua carreira.

**Citados:** PINTO, Walter;

**Iconografia:** Foto de Mafra e charge do Jaguar.

BERTOLUCCI, Bernardo; Pasquim. Bernado Bertolucci. O Pasquim, n°. 198, 10-13, 17, abr., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BERTOLUCCI, Bernardo.

**Palavras Chave:** Cinema; Cultura; Censura.

**Resumo:** Mostra-se intolerante, agressivo. Fala pouco de sua vida. Acusa a entrevista de não ser séria, igual a todo brasileiro, pelo fato de ainda não ter visto o filme proibido de exibição na Inglaterra, onde ocorreu a entrevista.

**Iconografia:** Foto de Bertolucci, sem crédito.

O Pasquim, n°. 199, 24, abr. /maio. 1973.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°. 200, 1, maio. 1973.

**Resumo:** Sem entrevista. Esse número comemorativo saiu com 56 páginas e, na página 38-39, há uma poesia de Carlos Drummond de Andrade: "Dia mundo ou 24h de informação na vida de um leitor de jornal".

ROSA, Noel; CABRAL, Sérgio. Entrevista póstuma com Noel Rosa. O Pasquim, n°. 201, 15, 8, maio. 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ROSA, Noel.

**Palavras Chave:** MPB; Amor; Música; Música popular.

**Resumo:** Noel fala do sofrimento, do amor, da mulher, do sol, das escolas de samba. Todos esses temas pertencem às suas músicas que foram a fonte bibliográfica para essa entrevista.

**Iconografia:** Fotos e fotos de pintura de Noel Rosa, sem crédito.

MOURÃO, Gerardo Mello; FERNANDES, Millôr; AUGUSTO, Sérgio; JAGUAR; LESSA, Ivan. Gerardo Mello Mourão. O Pasquim, n°. 201, 08-11, 8, maio. 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MOURÃO, Gerardo Mello.

**Palavras Chave:** Comunismo; História;

Nacionalismo; Cultura; Fascismo; Literatura.

**Resumo:** Figura misteriosa, visto como um gênio por muitos; para o autor, um imitador de Ezra Pound. Conheceu e pertenceu a uma história de tráfico de influências do coronelismo do Nordeste. No Rio, onde viveu, foi preso pelo Estado Novo.

**Citados:** ARANHA, Oswaldo; LINS, Álvaro de Barros; ATHAYDE, Tristão de (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima); LIMA, Alceu Amoroso; VARGAS, Getúlio; NASSER, David; DOSTOIEVSKI, (Fiodor Mikailovich); CROCCE, Benedetto;

**Iconografia:** Charge sem crédito.

SILVA, Moreira da; JAGUAR; CABRAL, Sérgio. Moengueira dá o serviço. O Pasquim, n°. 202, 8-12, 15, maio. 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SILVA, Moreira da.

**Palavras Chave:** Música; MPB; Mídia; Música popular.

**Resumo:** Moreira da Silva se declara um autodidata. Cantor e compositor de samba de breque mais conhecido no Brasil; cita outros compositores menos conhecidos que também fizeram samba de breque. Moreira fala do Pasquim como um jornal de "esculacho".

**Citados:** BARBOSA, Orestes; BABO, Lamartine; CALDAS, Silvio; LADEIRA, César; RODRIGUES, Lupicínio; BATISTA, Wilson; PEREIRA, Geraldo Santos;

**Iconografia:** Charges sem crédito.

O Pasquim, n°. 203, 22, maio. 1973.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°. 204, 29, maio./jun., 1973.

**Resumo:** Sem entrevista.

PERSON, Luís Sérgio; MAYRINK, Geraldo.

Cacá Diegues e Jabor justificam seus filmes como os Uruguaios justificaram comer cadáver.

O Pasquim, n°. 205, 10-13, 5, jun., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PERSON, Luís Sérgio.

**Palavras Chave:** Cinema Novo; Cultura; Intelectual; Mito; Indústria cultural.

**Resumo:** Luís Sérgio começa elogiando a entrevista de Tenório Cavalcanti. Autor de filmes como: "O Caso dos Irmãos Naves"; "São Paulo Sociedade Anônima" etc. Discute o cinema novo e se diz anterior a este. Fala da postura da crítica (Geraldo Mayrink) e é bastante duro com a Revista Veja. Diz que Ipanema é um mito que vive no grito das pessoas. Diz que Ipanema vai acabar. Defensor do novo cinema brasileiro.

**Citados:** D'AVERSA, Alberto; ROCHA, Glauber; SARACENI, Paulo César; LEITE, Maurício Gomes; REICH, Wilhelm;

BERNADET, Jean-Claude;

**Iconografia:** Charges sem crédito

COSTA, Carmem; JAGUAR. Carmem Costa  
Essa é que é Divina. O Pasquim, n°. 206, 9-11, 12, jun., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** COSTA, Carmem.

**Palavras Chave:** Música; Negros; MPB.

**Resumo:** Cantora negra conta sua trajetória de artista e seu casamento com Hans Van Cole.

**Citados:** GILBERTO, João; HOLANDA, Chico Buarque de; VELOSO, Caetano; ALVES, Chico;

**Iconografia:** Foto de Carmem Costa, sem crédito.

BLAIR, Brigitte; SAVARY, Olga; LESSA, Ivan; JAGUAR; CAULOS. "Eu ficava nua em cima do barril" - Brigitte Blair. O Pasquim, n°. 207, 10-12, 19, jun., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BLAIR, Brigitte.

**Palavras Chave:** Teatro; Público; Televisão; História.

**Resumo:** Vedete do Teatro de Revista. A entrevista remonta histórias desde a década de 40 sobre o Teatro de Revista com seus grandes cenários. Conta as histórias que depreciavam o trabalho do artista e revela o roubo que sofreu de Sérgio Mansur (TV Globo). [Ao artista, até a década de 70 (SP), era proibido o acesso ao cartão de crédito.].

**Citados:** PORTO, Sérgio (ver Stanislaw Ponte Preta); MACHADO, Carlos; DORIA, Jorge; MIRANDA, Carmem; VANUCCI, Augusto César;

**Iconografia:** Charge de Caulos.

MAGNO, Paschoal Carlos; ZIRALDO; JAGUAR; SAVARY, Olga. Paschoal Carlos Magno. O Pasquim, n°. 208, 06-13, 26, jun./jul., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MAGNO, Paschoal Carlos.

**Palavras Chave:** Censura; Crítica; Literatura; Teatro; Política; Mídia; História; Cultura.

**Resumo:** Paschoal conta sua rica trajetória como lutador pelo teatro dos estudantes, como embaixador. Conta sobre suas produções do grupo de escritores de teatro e dá o seu testemunho sobre a história da cultura do início do século. Carlos Magno foi um nome inventado, segundo ele, pelo fato de não ter nome de família e de sua orfandade.

**Citados:** CARVALHO, Joubert; VALENTE, Assis; BILAC, Olavo; FRANCIS, Paulo; BRAGA, Rubem; BARRAULT, Jean-Louis; MARTINS, Ivan Pedro; ROCHA, Glauce; DUARTE, Anselmo; AMADO, Gilberto; PEIXOTO, Luiz; BARRETO, (Afonso Henriques de) Lima; BARBOSA, Francisco de Assis; HOUAISS, Antonio; CAMARGO, Agy; NASCIMENTO, Abdias do; SOUZA, Ruth Villela Alves de; CALLADO, Antonio; COELHO NETO, Henrique (Maximiliano); MOREIRA, Álvaro; QUEIRÓS, Rachel de; BORBA FILHO, Hermilo; CORREA, José Celso Martinez;

**Iconografia:** Fotos de Paschoal Carlos Magno,

sem crédito.

LEITE, Carlos (Beleza); JAGUAR; LESSA, Ivan. Carlos "Beleza" Leite: Pra comer eu roubava as moedas dos santos. O Pasquim, n.º. 209, 09-12, 3, jul., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** LEITE, Carlos (Beleza).

**Palavras Chave:** Teatro; Televisão; Sindicalismo; Marginalidade; Mídia.

**Resumo:** Carlos Leite conta sua vida de dificuldades e o que enfrentou para chegar a ser um cômico reconhecido.

**Citados:** ANÍSIO, Chico; MACHADO, Carlos; PORTO, Sérgio (ver Stanislaw Ponte Preta);

**Iconografia:** Fotos de Carlos Leite, por José Duayer.

ATHAYDE, Austragésilo de; FERNANDES, Millôr; JAGUAR; LESSA, Ivan. "Morre um acadêmico e meio por ano".

O Pasquim, n.º. 210, 11-13, 10, jul., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ATHAYDE, Austragésilo de.

**Palavras Chave:** Cultura; Escritores; Etnografia; Censura; Literatura.

**Resumo:** Austragésilo fala especialmente da ABL, das relações de poder e do estatuto ainda igual ao modelo francês.

**Citados:** ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de; BARBOSA, Rui; BILAC, Olavo; AMADO, Gilberto; LIMA, Alceu Amoroso;

DIAS, (Antonio) Gonçalves; HOUAISS, Antonio; MAGNO, Paschoal Carlos; ARANHA, (José) Graça; TAHAN, Malba;

BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de; BARRETO, (Afonso Henriques de) Lima; COELHO NETO,

Henrique (Maximiliano); ALVES, (Antonio de) Castro; VERÍSSIMO, José; HOLANDA, Sérgio Buarque de;

**Iconografia:** Fotos de Athayde, por José Duayer.

VALE, João do; Pasquim. João do Vale. O Pasquim, n.º. 211, 09-11, 17, jul., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** VALE, João do.

**Palavras Chave:** Música popular; Sucesso popular; MPB; Música; Mídia.

**Resumo:** Autor do sucesso "Carcará"; na década de 60 chegou a ser considerado o único autor de músicas de protesto com mais de 500 composições. De origem rural, no Maranhão compôs indiscriminadamente jingles para todos os partidos. João conta que suas criações não são elaboradas, são produtos de sua "inspiração" e de sua vida. [O livro dos pensamentos de Millôr, p. 7/6].

**Citados:** LOBO, Edu; TEIXEIRA, Humberto;

**Iconografia:** Foto de João do Vale, por Antônio Ferrara (João do Vale).

SCORZA, Manuel; Pasquim. Manuel Scorza. O Pasquim, n.º. 212, 06-08, 24, jul., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SCORZA, Manuel.

**Palavras Chave:** Cultura; Política; Religião; Língua; Obra; Escritores; Literatura; Realismo.

**Resumo:** Escritor peruano, político, autor de "Bom dia para os defuntos". Fala de sua condição de índio peruano, latino, escritor de sucesso e professor na Europa. Fala da língua espanhola, da igreja e da cultura. [O Pasquim publicou esta entrevista que foi feita pelo jornal L'Express].

**Citados:** NIETZSCHE, Friedrich;

**Iconografia:** Foto de Scorza, sem crédito.

O Pasquim, n.º. 213, 31, jul./agos., 1973.

**Resumo:** Sem entrevista.

RANGEL, Lucio; FERNANDES, Millôr; JAGUAR; LESSA, Ivan; AUGUSTO, Sérgio; CABRAL, Sérgio; ZIRALDO. Eu beije João Gilberto: Lúcio Rangel. O Pasquim, n.º. 214, 08-11, 7, agos., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RANGEL, Lucio.

**Palavras Chave:** Música popular; Cultura; Crítica; MPB; Literatura.

**Resumo:** Crítico da música popular brasileira que influenciou uma geração de leitores. Fala das influências sofridas pela MPB e de suas leituras, e do esporte...

**Citados:** GILBERTO, João; CAMPOS, Paulo Mendes; MIRANDA, Murilo; HOLANDA, Chico Buarque de; VELOSO, Caetano; SEIXAS, Raul; BARBOSA, Orestes; CARTOLA; PORTO, Sérgio (ver Stanislaw Ponte Preta); PEIXOTO, Afrânio; ANDRADE, Oswald de; FRANCIS, Paulo; BANDEIRA, Manuel; CASTRO, Moacir Werneck de; ANDRADE, Mário de; ALVES, Chico;

**Iconografia:** Fotos de Lúcio Rangel pertencem: Nelson Vidal, Lúcio Rangel e João Gilberto.

MARLENE; FERNANDES, Millôr; JAGUAR; CABRAL, Sérgio; ZIRALDO. "Eu sou uma viúva cheia de problemas".

O Pasquim, n.º. 215, 10-13, 14, agos., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MARLENE,

**Palavras Chave:** Música; Rádio; Trabalho; Público; Carnaval; Mídia.

**Resumo:** Fala de sua infância difícil, do fato de ter que trabalhar para ajudar nos estudos, da relação respeitosa e cheia de afeto que teve com sua mãe, com o público e com Eneida de Moraes.

**Citados:** ZEFIRELLI, Franco; BORBA, Emilinha; TOQUINHO; GIL, Gilberto; SEIXAS, Raul; CARLOS, Roberto; NASCIMENTO, Milton; HOLANDA, Chico Buarque de; MIRANDA, Carmem; ALENCAR, César de; REGINA, Elis;

**Iconografia:** Foto de Marlene, sem crédito.



PIAZZOLLA, Astor; FORTUNA, . **Astor Piazzolla**. O Pasquim, n°. 216, 11-13, 21, agos., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PIAZZOLLA, Astor

**Palavras Chave:** Música; Política; Argentina; Sucesso popular.

**Resumo:** Músico argentino, tocador de bandoneon / tangos. Conta as dificuldades do artista viver do tango na Argentina, dos preconceitos e das políticas nacionais para a cultura. Fala de seu trabalho com Borges.

**Citados:** PASCOAL, Hermeto; GERSHWIN, George; GILBERTO, João; CAYMMI, Dorival; BORGES, Jorge Luis; SÁBATO, Ernesto; BEATLES; HOLANDA, Chico Buarque de; GARDEL, Carlos; LOBO, Edu; GISMONTI, Egberto; POWELL, Baden; GUEVARA, Ernesto Che; STRAVINSKY, Igor; HENDRIX, J.

**Iconografia:** Foto de Astor Piazzolla, por José Ferreira de Silva e Amelita Baltar.

O Pasquim, n°. 217, 28, agos./set., 1973.

**Resumo:** Sem entrevista.

GAITA, Edu da; ZIRALDO; LESSA, Ivan; FERNANDES, Millôr; SOUZA, Tárík de.

**Edu da Gaita: Sou o artista mais desempregado do país.** O Pasquim, n°. 218, 10-13, 4, set., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GAITA, Edu da.

**Palavras Chave:** Música; Televisão; Rádio; Música erudita.

**Resumo:** O artista fala da estrutura da gaita para tocar música clássica, da sua dificuldade em ser reconhecido no Brasil como um músico instrumental.

**Citados:** VIVALDI, Antonio; PIXINGUINHA; VILLA-LOBOS, Heitor; TEIXEIRA, Humberto; GNATTALLI, Radamés.

**Iconografia:** Fotos de Edu da Gaita, por Nelson Vidal.

O Pasquim, n°. 219, 11, set., 1973.

**Resumo:** Sem entrevista.

MARX, Roberto Burle; FERNANDES, Millôr; AUGUSTO, Sérgio; JAGUAR. **Burle Marx.** O Pasquim, n°. 220, 10-13, 18, set., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MARX, Roberto Burle.

**Palavras Chave:** Urbanismo; Arquitetura; Educação; Cultura; Comportamento.

**Resumo:** Fala da relação homem x natureza, do processo de urbanização das cidades e da educação do homem para conviver com o meio ambiente.

**Citados:** GROPIUS, Walter; COSTA, Lúcio; MOREIRA, Jorge; REMBRANDT; NIEMEYER, Oscar;

**Iconografia:** Foto de Marx, sem crédito.

SECA, Volta; ZIRALDO; FERNANDES, Millôr; JAGUAR; CABRAL, Sérgio. **Volta Seca, o cangaceiro.** O Pasquim, n°. 221, 04-09, 25, set./out., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SECA, Volta

**Palavras Chave:** História; Cultura; Luta de classes.

**Resumo:** O cangaceiro, nascido em Sergipe em 1918, fala do sertão e do cangaço e dos homens que matou. Volta Seca pertenceu ao grupo de Lampião desde os dez anos. Volta Seca lembra de nomes como Corisco, Boa Fama, Maria Bonita. [Uma grande entrevista, um documento histórico.].

**Iconografia:** Foto de V. Seca, por Nelson Vidal.

FONTANA; CABRAL, Sérgio; AUGUSTO, Sérgio. **Fontana Cuspindo Fogo! O Submundo do futebol.** O Pasquim, n°. 222, 10-13, 2, out., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FONTANA,

**Palavras Chave:** Futebol

**Resumo:** Jogador de futebol, fala da precariedade que a profissão submete os jogadores. Do trânsito de influências e da omissão de Pelé na luta pela melhoria do jogador de futebol e das difíceis relações entre jogadores, juizes e dirigentes.

**Citados:** VELOSO, Caetano; HOLANDA, Chico Buarque de;

**Iconografia:** Fotos de Fontana, por Nelson Vidal.

ROGÉRIA, Astolfo Barroso; JAGUAR; ZIRALDO. **Rogéria.** O Pasquim, n°. 223, 4-7, 9, out., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ROGÉRIA, Astolfo Barroso.

**Palavras Chave:** Mulher; Homossexualidade; Sexualidade; Televisão; Teatro; Mídia.

**Resumo:** Rogéria, artista transformista fala do respeito que ganhou do público e de outros artistas por sua luta pessoal no mundo do show.

**Citados:** MACHADO, Carlos; PIAFF, Edith; CARDOSO, Elisete; MIRANDA, Carmem;

**Iconografia:** Foto de Rogéria, sem crédito.

AGUIAR, Armando Fernandes de (Mamão); Pasquim. **Só deu mamão.** O Pasquim, n°. 224, 06-07, 16, out., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** AGUIAR, Armando Fernandes de (Mamão).

**Palavras Chave:** Música; Música popular; Sucesso popular; MPB.

**Resumo:** Cantor popular que aparece no festival da música de Juiz de Fora junto com Vinícius de Moraes e outros artistas já famosos. Foi o vencedor do Festival, com sua música interpretada por Clara Nunes.

**Citados:** NASCIMENTO, Milton; HOLANDA, Chico Buarque de; VIOLA, Paulinho da; CANDEIA; NOGUEIRA, João; VELOSO, Caetano; CARDOSO, Elizete;  
**Iconografia:** Fotos de Mamão, do "Diário Mercantil" de Juiz de Fora.

RODRIGUES, Lupicínio; FERNANDES, Millôr; JAGUAR. Lupicínio: A dor de cotovelo é um barato. O Pasquim, n.º. 225, 10-13, 23, out., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RODRIGUES, Lupicínio.

**Palavras Chave:** Música; Música popular; MPB; Sucesso popular; Amor.

**Resumo:** Conta a sua história de vida. Fala de sua família de 21 filhos, do Bar / Restaurante "Batelão", famoso por abrigar artistas. Estabelece algumas diferenças entre Música Popular e Música Regional (Teixeirinha).

**Citados:** VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto; HOLANDA, Chico Buarque de; REIS, Mário; PINHEIRO, Paulo César; BARROSO, Ary; LOBO, Haroldo; ALVES, Chico;

**Iconografia:** Fotos de Lupicínio por Antônio Domingos e ilustração de Cassio Loreano.

ORFEI, Orlando; Pasquim. Orlando Orfei dose pra leão. O Pasquim, n.º. 226, 8-9, 30, out./nov., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ORFEI, Orlando.

**Palavras Chave:** Cultura; História; Humanismo.

**Resumo:** Orfei fala do circo, da amizade, do espetáculo da vida. Mostra-se como um humanista e um empresário tradicional. [Chamada da capa: O Pasquim um jornal fundado por Irineu Marinho.].

**Citados:** ZOLA, Émile;

**Iconografia:** Foto de Orfei, sem crédito.

GILLIAN, Angela; NEVES, Luiz Felipe Baeta; JAGUAR. Angela Gillian. O Pasquim, n.º. 227, 10-13, 6, nov., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GILLIAN, Ângela.

**Palavras Chave:** Folclore; Racismo; Cultura; Antropologia; Intelectual.

**Resumo:** Ângela é antropóloga americana e professora da Univ. de Nova York. Fala do racismo no Brasil e de uma imagem de convívio das diferenças que o Brasil exporta e que não corresponde à realidade. [Luiz Felipe Baeta traduziu Foucault.].

**Citados:** FERNANDES, Florestan; VIOLA, Paulinho da; DIAS, Henrique; GAMA, Luís;

**Iconografia:** Foto de Gillian, por Nelson Vidal.

SEIXAS, Raul; FORTUNA; ANDRADE, Luiz Edgard de; JAGUAR; SOUZA, Tárík de; LESSA, Ivan; ARAÚJO, Guilherme. Raul Seixas "O mito du-dia". O Pasquim, n.º. 228, 11-13, 13, nov., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SEIXAS, Raul.

**Palavras Chave:** Música popular; Classe média; Teatro; Mito; Mídia; Indústria cultural.

**Resumo:** Fala de suas composições, de sua trajetória de artista/cantor, de seus planos e influências, do rock e da relação da música com o mundo, com a sociedade de consumo. [Ao lado da entrevista, o Pasquim faz algumas observações em rascunho tipo: "Paranóia? Vai nessa" "O quê?" "Nada não", frases que põe em dúvida o que está sendo dito pelo entrevistado.] [Pasquim: um verdadeiro Butantã, cheio de cobras sem veneno. Pasquim: um ponto de vista carioca.].

**Citados:** GONZAGA, Luis; GILBERTO, João; LENNON, John;

**Iconografia:** Foto de Raul, por Nelson Vidal.

MPB4. E o MPB4 como vai? Vai navegando. O Pasquim, n.º. 229, 12-13, 20, nov., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MPB4,

**Palavras Chave:** MPB; Música; Público; Censura; Sucesso popular; Década de 70.

**Resumo:** Grupo musical de repertório MPB que fez sucesso na década de 70. O grupo que teve início em 1963, conta como foi o começo da carreira e a opção pelo repertório. Fala da influência e ajuda que teve de pessoas como Chico e outros.

**Citados:** HOLANDA, Chico Buarque de; VILLA-LOBOS, Heitor; ROSA, Noel; SILVA, Ismael; CAVAQUINHO, Nelson; BLANCO, Billy;

**Iconografia:** Foto de MPB4, por Nelson Vidal.

OLIVEIRA, Aloysio de; FERNANDES, Millôr; LESSA, Ivan; AUGUSTO, Sérgio; SOUZA, Tárík de. Aloysio de Oliveira (homem dos 77 instrumentos). O Pasquim, n.º. 230, 8-10, 27, nov./dez., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** OLIVEIRA, Aloysio de.

**Palavras Chave:** Teatro; Música; Cultura; Mídia; Sucesso popular.

**Resumo:** Aloysio de Oliveira pertenceu ao Bando da Lua. Fala principalmente de Carmem Miranda e das "tournées" do Bando da Lua.

**Iconografia:** Foto de Oliveira, por Nelson Vidal.

O Pasquim, n.º. 231, 4, dez., 1973.

**Resumo:** Sem entrevista. [O jornal é uma apologia de Bundas um ponto de vista carioca.].

SILVER, Horace; LESSA, Ivan; JAGUAR; SOUZA, Tárík de. Horace "Português" Silver um carregador de Piano de Jazz. O Pasquim, n.º. 232, 8-10, 11, dez., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SILVER, Horace.

**Palavras Chave:** Cultura; Jazz; Música; Bossa-nova.

**Resumo:** Músico jazístico, filho de Português,

americano, diz ter sofrido influências da bossa-nova em sua performance de música. [ Nos números anteriores e neste uma grande propaganda do "Popô-Look". É o Pasquim lançando moda.].

**Citados:** GETZ, Citam;

**Iconografia:** Foto de Horace, sem crédito.

GABAGLIA, Marisa Raja; FERNANDES, Millôr; JAGUAR; GARCEZ, Paulo; LESSA, Ivan; AUGUSTO, Sérgio. Marisa Raja Gabaglia (uma noite com...). O Pasquim, n°. 233, 10-12, 18, dez., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GABAGLIA, Marisa Raja.

**Palavras Chave:** Intelectual; Sexualidade; Novela; Marginalidade; Cinema; Mídia; Comportamento.

**Resumo:** Fala da sua experiência no jornalismo de coluna social, de temas tabus para a "burguesia" como impotência e homossexualidade.

**Citados:** BANDEIRA, Manuel; MORAES, Vinícius de; FRIEDAN, Betty; VIANA FILHO, Oduvaldo; FRANCIS, Paulo; CLAIR, Janete; GOMES, (Alfredo) Dias;

**Iconografia:** Foto de Mariza, por Nelson Vidal.

MARX, Groucho; Pasquim. Groucho. O Pasquim, n°. 234, 6-10, 25, dez./jan., 1973.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MARX, Groucho.

**Palavras Chave:** Público; Humor; História; Memória; Teatro; Literatura.

**Resumo:** A "entrevista" remonta a história dos irmãos Groucho e de sua entrada para o palco de Hollywood. Na entrevista há referências a Richard F. Anobile "Why a Duck", uma espécie de biografia dos irmãos Marx e da família. Groucho conta sua trajetória em Hollywood. É possível que o primeiro show do teatro vaudeville tenha sido estrelado por Groucho em 1905. A entrevista é longa, um documento histórico.

**Iconografia:** Charges de IF, Angeli, Samuel, Demo, Redi, Duayer.

## O PASQUIM – Ano de 1974

QUINO, ; ZIRALDO, ; FERNANDES, Millôr; JAGUAR,. Quem é Quino? Eu sei. O Pasquim, n°.235, 6-11, 7, jan., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** QUINO,

**Palavras Chave:** Cultura; Literatura; Humor; História em quadrinhos; Mercado; Mídia; Argentina

**Resumo:** Quino foi o criador de uma das mais famosas personagens das histórias em quadrinho: Mafalda. Publicada em quase todo o mundo e em vários idiomas. Fala do Rio, da cultura argentina, do tango e da literatura.

**Citados:** ECO, Umberto; RAMOS, Graciliano; BORGES, Jorge Luis; RICARDO, Sérgio; POWELL, Baden; CORTÁZAR, Julio;

**Iconografia:** Foto de Demo, Charges, tiras de Quino, "Mafalda".

VIOLA, Paulinho da; AUGUSTO, Sérgio; JAGUAR,. Paulinho da Viola, Copinha da Flauta. O Pasquim, n°.236, 8-9, 14, jan., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** VIOLA, Paulinho da

**Palavras Chave:** Cinema; Música; MPB; Música popular; Sucesso popular

**Resumo:** Iniciou sua carreira no cinema mudo. Foi companheiro de Noel Rosa; fala sobre os anos 30 no Rio, sobre a boêmia e da vida de artista.

**Citados:** BEETHOVEN, Ludwig van; BACH, (Johann Sebastian); HAYDN, Hiram; PEREIRA, Geraldo Santos; PIXINGUINHA, ;

**Iconografia:** Foto de Paulinho da Viola e Copinha, por Nelson Vidal.

RAMIREZ, Carlos; FERNANDES, Millôr; Te acuerdas de Carlos Ramirez. O Pasquim, n°.237, 08-10, 15, jan., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RAMIREZ, Carlos

**Palavras Chave:** Jazz; Rádio; Música; Música popular

**Resumo:** Tenor colombiano que ficou conhecido como "El Gran Cantante". Fala de sua infância de cantor em igrejas, no rádio e da sua carreira como cantor popular e de ópera.

**Citados:** BARROSO, Ary; CARLOS, Roberto; PIAFF, Edith;

**Iconografia:** Fotos de Ramirez, s/ crédito.

RIACHÃO, ; BATATINHA, . Riachão e Batatinha. Aqui começa com muita cerveja, samba, baianice a entrevista com.

O Pasquim, n°.238, 5-7, 22, jan., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RIACHÃO,

**Palavras Chave:** Música popular; Rádio; MPB; Sucesso popular

**Resumo:** Fala dos músicos populares que

tiveram grande prestígio na Bahia. Influenciaram as gerações de novos cantores, produtores musicais e compositores.

**Citados:** ROSA, Noel; VALENTE, Assis; CARTOLA, ; CAYMMI, Dorival; MARIA, Antonio;

**Iconografia:** Fotos de Riachão e Batatinha e de uma salada de abacate, retirada da Revista Claudia, sobre ela, uma Charge do Ziraldo. As demais fotos, s/ crédito.

BERNARDES, Sérgio; ROBERTO, Maurício; FERNANDES, Helio; FERNANDES, Millôr;

JAGUAR,. Entrevista: existe uma saída para o crescimento desordenado de nossas cidades.

O Pasquim, n°.239, 04-11, 29, jan./fev., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BERNARDES, Sérgio

**Palavras Chave:** Urbanismo; Cidade; Comportamento; Arquitetura; Comunicação

**Resumo:** Comenta temas ligados aos problemas de política urbana do Rio de Janeiro. E dos meios de informação.

**Iconografia:** Fotos de Bernardes, por Nelson Vidal.

ANDRADE, Renato; Pasquim. Fala, viola O Pasquim, n°.240, 13, 5, fev., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ANDRADE, Renato

**Palavras Chave:** Música popular; Televisão; MPB; Sucesso popular; Comportamento

**Resumo:** Renato Andrade, caipira de Minas Gerais, fala da vida de músico, mas que tem, antes de tudo, um compromisso com a qualidade de sua vida como homem do campo.

**Citados:** CHOPIN, ; PEIXE, Guerra; MIGNONE, Francisco; KRIEGER, Edino; GNATTALLI, Radamés;

**Iconografia:** Foto de Renato Andrade e sua viola por Nelson Vidal.

O Pasquim, n°.241, 12, fev., 1974.

**Resumo:** Sem entrevista.

MIDANI, André; JAGUAR, ; CABRAL, Sérgio; SOUZA, Tárk de; VENTURA, Zuenir; AUGUSTO, Sérgio; ZIRALDO, ;

Midani O Pasquim, n°.242, 04-12, 19, fev., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MIDANI, André

**Palavras Chave:** Música popular; Rock and roll; Publicidade; Mídia; Política; Jazz

**Resumo:** André Midani, produtor fonográfico, foi responsável por boa parte das produções em disco dos cantores da MPB. Ligado à "Phonogran", fala das políticas de editoração e da produção de disco. [A entrevista sempre é marcada na casa do entrevistado, o que foi uma das características do Pasquim]

**Citados:** VERLAINE, Paul; BEETHOVEN, Ludwig van; MENESCAL, Roberto; RICARDO,

Sérgio; GILBERTO, João; LYRA, Carlos; ALMEIDA, Araci de; CAYMMI, Dorival; REGINA, Elis;

**Iconografia:** Fotos da sede do Pasquim na Saint-Roman por Nelson Vidal.

NÁSSARA, Antônio Gabriel; FERNANDES, Millôr; JAGUAR, ; ZIRALDO, ; SOUZA, Tárík de. Nássara "Tipo acabado do Folião total" O Pasquim, n°.243, 3-5, 26, fev., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** NÁSSARA, Antônio Gabriel

**Palavras Chave:** Música popular; Carnaval; Sucesso popular; MPB; História; Humor

**Resumo:** Compositor brasileiro, funcionário público do DIP, fala de Luis Barbosa, também compositor, que inventou tirar ritmo da caixa de fósforo - "o Stradivarius do morro"; conta como é o seu processo criador.

**Citados:** SEIXAS, Raul; GIL, Gilberto; HOLANDA, Chico Buarque de; MARTINS, Herivelto; LOBO, Haroldo; ROSA, Noel;

**Iconografia:** Fotos e Charges de Nássara, por Nelson Vidal.

O Pasquim, n°.244, 5, mar., 1974.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.245, 12, mar., 1974.

**Resumo:** Sem entrevista. [Tanto neste número quanto no anterior (244) tem um debate sobre "o eterno feminino" de Ney Matogrosso tratado como o Kitch.]

PEREIO, Paulo César; JAGUAR, ; LESSA, Ivan;. "A Picaretagem e a magia do Teatro" Paulo César Pereio O Pasquim, n°.246, 6-9, 19, mar., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PEREIO, Paulo César

**Palavras Chave:** Teatro; Público; Cinema; Underground; Ficção; Literatura; Crítica

**Resumo:** Ator, diretor, produtor, empresário. Pereio fala de sua trajetória e das pessoas que o influenciaram desde que começou no Teatro de Equipe em Porto Alegre. O julgamento crítico que faz dos outros é bastante controverso. [As entrevistas enquanto estrutura chamam atenção pelo corte brusco do assunto.]

**Citados:** MACIEL, Luís Carlos; JOSÉ, Paulo; SHAKESPEARE, William; GUERRA, Ruy; AZEVEDO, Artur; CARVANA, Hugo; ALMEIDA, Mário Alberto de;

**Iconografia:** Foto de Paulo César, por Demo.

ALF, Johnny. Pasquim. Johnny Alf: o cara que todo mundo curte! O Pasquim, n°.247, 09-11, 26, mar./abr., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ALF, Johnny

**Palavras Chave:** Cultura; Jazz; Música popular; Mercado; Mídia

**Resumo:** Cantor da década de 60, conta sua vida como músico, a relação com o álcool e a dificuldade de criar um espaço dentro da música popular brasileira, um mercado ocupado por poucos.

**Citados:** GISMONTI, Egberto; NASCIMENTO, Milton; GIL, Gilberto; MOURA, Paulo Rolim de; LINS, Ivan; TISO, Wagner; CALDAS, Sílvio; SILVA, Orlando; BATISTA, Dircinha; KERN, Jerome; MESQUITA, Custodio; ALVES, Chico;

GONZAGA JR., Luís;

**Iconografia:** Foto de Alf, s/ crédito.

VILLAR, Esther; FERNANDES, Millôr; ZIRALDO, ; LAFAYETTE, Núbia. Os homens querem ser escravos das mulheres O Pasquim, n°.248, 05-07, 2, abr., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** VILLAR, Esther

**Palavras Chave:** Literatura; Feminismo; Mulher; Escritores; Polêmica

**Resumo:** Esther Villar, autora de "O homem domado", livro que, na década de 70, foi bastante polêmico. Tem como tese principal a "escravidão" masculina em relação às mulheres; defende a relação econômica como sendo predominante no amor entre homens e mulheres.

**Citados:** FRIEDAN, Betty; MILLET, Kate; STEINEM, Gloria; FREUD, Sigmund; MARX, Karl; LENIN, (Vladimir Ilitch Ulianov); BEAUVOIR, Simone de;

**Iconografia:** Fotos de Esther Villar, por Nelson Vidal.

BARBOSA, Haroldo; FERNANDES, Millôr; AUGUSTO, Sérgio; LESSA, Ivan. Haroldo Barbosa O Pasquim, n°.249, 07-11, 9, abr., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BARBOSA, Haroldo

**Palavras Chave:** Humor; Música popular; Cultura; Indústria cultural; MPB

**Resumo:** Conta como começou sua vida de contra-regra no programa do Cazé. Haroldo diz que Vila Isabel tem uma importância sociológica - como centro dinamizador da cultura. Fala que fazer samba era sinônimo de malandragem.

**Citados:** CALDAS, Sílvio; MESQUITA, Custodio; PIXINGUINHA, ; ROSA, Noel; MARX, Groucho; WELLES, Orson; GNATTALLI, Radamés;

**Iconografia:** Foto de Haroldo Barbosa, do "O Dia" / A Notícias".

COSTINHA, ; ZIRALDO, ; JAGUAR, . Costinha: o macho enrustido O Pasquim, n°.250, 18-21, 16, abr., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** COSTINHA,

**Palavras Chave:** Humor; Teatro; Televisão; Mídia

**Resumo:** Conta sua trajetória cheia de situações trágicas e como fez para chegar a ser um artista humorístico. A miséria de sua infância, os trabalhos que fez para sobreviver. Rebate a idéia que o humorista é grosso. 1: Um número duas vezes mais impróprio para menores" no n. 250.

**Iconografia:** Fotos de Costinha, por Nelson Vidal.

O Pasquim, n°.251, 23, abr., 1974.

**Resumo:** Sem entrevista. Demo, tem uma coluna no Pasquim, além, de ser fotógrafo de muitas entrevistas.

O Pasquim, n°.252, 30, abr./maio., 1974.

**Resumo:** Sem entrevista.

NUNES, Max Newton Figueredo Pereira; AUGUSTO, Sérgio; FERNANDES, Millôr; ZIRALDO, ; BARBOSA, Haroldo;. Max Nunes: Tenho pavor de borboleta O Pasquim, n°.253, 09-10, 7, maio., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** NUNES, Max Newton Figueredo Pereira

**Palavras Chave:** Jornalismo; Rádio; Teatro; Humor; Televisão; Medicina

**Resumo:** Cardiologista, humorista, cantor. Conviveu com Haroldo Barbosa e Noel Rosa. Tornou-se consagrado ao escrever para a televisão e para o rádio programas como: "Balança mas não cai" e outros.

**Citados:** ANÍSIO, Chico; CHACRINHA, (Abelardo Barbosa);

**Iconografia:** Fotos de Max Nunes, por Demo.

JATOBÁ, Luiz; FRANCIS, Paulo; HENFIL, ; Luiz Jatobá O Pasquim, n°.254, 06-09, 14, maio., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** JATOBÁ, Luiz

**Palavras Chave:** Rádio; Público; Jornalismo; Humor; Medicina

**Resumo:** Luiz Jatobá começou sua carreira de jornalista quando ainda estudante de medicina; fez concurso para o rádio recitando "As Pombas", com o que foi aprovado para o Rádio Jornal do Brasil. Fez carreira como locutor.

**Citados:** LESSA, Ivan; LESSA, Orígenes; LADEIRA, Cesar; BARBOSA, Haroldo;

**Iconografia:** Fotos de Luiz Jatobá, por Henfil.

LEVINE, David; FRANCIS, Paulo; HENFIL, . David Levine O Pasquim, n°.255, 08-13, 21, maio., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** LEVINE, David

**Palavras Chave:** Humor; Política; Arte; Crítica; Romance; Pintura; Literatura

**Resumo:** David Levine, cartunista, político americano, conceituado no mercado das artes do cartum. Fala da "arts Young" identificada com o movimento socialista. A

entrevista torna-se interessante ao falar do mercado do cartum e da relação deste com a política dos Estados Unidos.

**Citados:** MAILER, Norman; WILDE, Oscar; BAUDELAIRE, Charles; CHAPLIN, Charles; McCARTHY, Joseph; VIDAL, Gore;

**Iconografia:** Foto de desenhos de David Levine feitas por Henfil.

SOUZA, Edy; LESSA, Ivan; JAGUAR, ; "Eu vou ser Edy super Star" O Pasquim, n°.256, 06-09, 28, maio./jun., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SOUZA, Edy

**Palavras Chave:** Televisão; Teatro; Música popular; Década de 60; Dança

**Resumo:** Edy Souza (Star), show bussiness do teatro rebolado. Nasceu na Bahia e chegou no Rio na década de 60, imitando no teatro cantores nacionais de fama.

**Citados:** BORBA, Emilinha; LOBATO, (José Bento) Monteiro; VELOSO, Caetano; CASCUDO, Luiz da Câmara; CEARENSE, Catulo da Paixão; RODRIGUES, Lupicínio; SILVA, Orlando;

**Iconografia:** Fotos de Edy, por Demo.

LISPECTOR, Clarice; ZIRALDO, ; AUGUSTO, Sérgio; LESSA, Ivan; PINON, Nélida; SAVARY, Olga. Clarice O Pasquim, n°.257, 10-13, 3, jun., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** LISPECTOR, Clarice

**Palavras Chave:** Literatura; Escritores; Crítica; Personagem; Escritura

**Resumo:** Clarice diz: "nunca releio meus livros". Para ela o importante é trabalhar, portanto, não tem preferência se escreve conto ou romance. Clarice diz: "eu não escrevo para ser amada".

**Citados:** MORAVIA, Alberto; CAPOTE, Truman; FLAUBERT, Gustave; NABOKOV, Vladimir; CHRISTIE, Agatha; BORGES, Jorge Luis; BECKETT, Samuel; HOLANDA, Chico Buarque de; JOBIM, Tom; GISMONTI, Egberto; NOBRE, Marlos; VELOSO, Caetano;

**Iconografia:** Fotos dos quadros pintados por Scliar, de Chirico sem crédito. Pertencentes a Clarice.

O Pasquim, n°.258, 11, jun., 1974.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.259, 18, jun., 1974.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.260, 25, jun./jul., 1974.

**Resumo:** Sem entrevista.

DIDI; POERNER, Arthur José;. Didi dá a receita da folha seca O Pasquim, n°.261, 12-13, 2, jul., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** DIDI,

**Palavras Chave:** Futebol; Esporte

**Resumo:** Didi participou da copa de 1962; tornou-se treinador de seleções estrangeiras (Turquia). Fala de um futebol bonito, leve, cheio de arte.

**Iconografia:** Foto de Didi, por Hüseyin, Olívio Lamas.

GLORIA, Darlene; LESSA, Ivan; FERNANDES, Millôr; CAULOS, ; AUGUSTO, Sérgio; ZIRALDO, ; Darlene Glória: "Eu sempre fui inocente". O Pasquim, n°.262, 06-10, 9, jul., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GLORIA, Darlene

**Palavras Chave:** Cinema; Televisão; Rádio; Mídia; Marginalidade

**Resumo:** Na entrevista com Darlene Glória, o Pasquim faz questão de evidenciar que Darlene é uma atriz que não tem nada além do corpo bonito, ridicularizando-a. Darlene fala de sua relação com Mariel Mariscott, romaneando a relação tão explorada pela mídia.

**Citados:** JABOR, Arnaldo;

**Iconografia:** Foto de Darlene Glória, s/ crédito.

O Pasquim, n°.263, 16, jul., 1974.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.264, 23, jul., 1974.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.265, 30, jul./agos., 1974.

**Resumo:** Sem entrevista.

CARVANA, Hugo; ZIRALDO, ; JAGUAR, ; FRANCIS, Paulo. "Eu? Vagabundo". O Pasquim, n°.266, 08-10, 6, agos., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CARVANA, Hugo

**Palavras Chave:** Cultura; Cinema; Teatro; Cinema Novo; Televisão

**Resumo:** Hugo fala de seus 20 anos como ator e de sua vida pessoal. E de sua participação no CPC, do TBC.

**Citados:** GUERRA, Ruy; ROCHA, Glauber; CARNEIRO, Milton; BORBA, Emilinha; DUARTE, Anselmo;

**Iconografia:** Foto de Carvana, s/ crédito

O Pasquim, n°.267, 13, agos., 1974.

**Resumo:** Sem entrevista.

VAL, Moracy Ribeiro do; FORTUNA, ; CHRYSÓSTOMO, Antonio. Moracy do Val: O homem que botou os secos e molhados no varejo. O Pasquim, n°.268, 12-13, 20, agos., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** VAL, Moracy Ribeiro do

**Palavras Chave:** Música popular; MPB; Publicidade; Rock and roll; Crítica; Polêmica

**Resumo:** Moracy conta como foi a construção da imagem dos "secos e molhados" e como o grupo foi pensado para ocupar um lugar na mesmice da MPB.

**Citados:** CARLOS, Roberto; MORAES, Vinícius de; HOLANDA, Chico Buarque de; LOBO, Edu; MATOGROSSO, Ney; COOPER, Alice;

**Iconografia:** Foto de Moracy, por Alex.

BRANDÃO, Leci; CABRAL, Sérgio; JAGUAR, ;

Leci Brandão. O Pasquim, n°.269, 11, 27, agos./set., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BRANDÃO, Leci

**Palavras Chave:** Música; MPB; Sucesso popular; Mídia; Mercado fonográfico

**Resumo:** Conta sua trajetória de cantora e das oportunidades que vieram através de Sérgio Cabral, Marcos Pereira.

**Citados:** HOLANDA, Chico Buarque de; VALLE, Marco do; CARLOS, Roberto; VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto; CARDOSO, Wanderley; CARDOSO, Elisete; MORAES, Vinícius de;

**Iconografia:** Foto de Leci, por Alex.

O Pasquim, n°.270, 6, set., 1974.

**Resumo:** Sem entrevista. [Neste número aparece na p.06/07 uma "espécie de entrevista" com Eduardo Galeano, falando sobre Jorge Luiz Borges que foi autorizada pelo próprio Galeano para ser publicada no Pasquim já que, ela foi originalmente publicada pela Revista "Crisis" de Buenos Aires.]

O Pasquim, n°.271, 10, set., 1974.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.272, 17, set., 1974.

**Resumo:** Sem entrevista.

SOLEDADE, Paulinho; ANTÔNIO, João; FERNANDES, Millôr; JAGUAR, ; Paulinho Soledade. O Pasquim, n°.273, 10-12, 24, set./out., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SOLEDADE, Paulinho

**Palavras Chave:** MPB; Polêmica; Música; Sucesso popular; Mito

**Resumo:** Figura pertencente ao folclore da cafagestagem no Rio de Janeiro dos anos 30, quando o cafajeste se definia como "alta classe" social, boêmio, provocador de escândalos. Paulinho Soledade é autor de "Estão voltando as flores", consagrada canção nacional.

**Citados:** MARTINS, Herivelto; CAYMMI, Dorival; PORTO, Sérgio (ver Stanislaw Ponte Preta); ALMEIDA, Araci de; CAVALCANTI, Alberto;

**Iconografia:** Foto de Paulinho, s/ crédito.

O Pasquim, n°.274, 1, out., 1974.

**Resumo:** Sem entrevista.

LIMA, Arthur Moreira; Pasquim. Nem todo menino prodígio é um chato. O Pasquim, n°.275, 08-09, 8, out., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** LIMA, Arthur Moreira

**Palavras Chave:** Música; Teatro

**Resumo:** O pianista fala de forma alegre e bem humorada do início de sua vida como artista. De seus estudos em Moscou, dos programas que faz no Brasil e do espaço a ser conquistado pela música erudita.

**Citados:** VILLA-LOBOS, Heitor; CHOPIN, ; ALVES, Ataulfo; NAZARETH, Ernesto; GARDEL, Carlos; BACH, (Johann Sebastian); ROSA, Noel; NOVAES, Guiomar; SION, Roberto;

**Iconografia:** Foto de Arthur M. Lima, s/ crédito.

CHAPELIN, Sérgio; CHRYSÓSTOMO, Antonio;. Sérgio Chapelin O Pasquim, n°.276, 10-11, 15, out., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** CHAPELIN, Sérgio

**Palavras Chave:** Televisão; Teatro; Cinema

**Resumo:** Repórter, apresentador do Jornal Nacional/Globo. Declara que o cinema é caro, portanto, ele não frequenta, assim como o teatro que também declara ser caro e conclui: "o melhor investimento é a televisão que se pode pagar em 56 vezes". Fútil, bobo, arrogante, oportunista. [ Nota que se refere ao próximo número bem ao estilo "Pasquim" - folhetim. "Aguardem no próximo número: Toda a verdade sobre Chaplin". Sig "Pena o Pasquim não ser a cores".]

**Iconografia:** Foto de Chapelin, s/ crédito.

PEREIRA, Marcus; JAGUAR,; CABRAL, Sérgio; CARLOS, Newton. Marcus Pereira O Pasquim, n°.277, 10, 22, out., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** PEREIRA, Marcus

**Palavras Chave:** Música; Televisão; Publicidade; Mercado fonográfico

**Resumo:** Marcus Pereira, segundo Pasquim, foi o publicitário que injetou grana para salvar o Pasquim da "crise" que mergulhou depois da "gripe". Empresário da música popular brasileira, um dos campos que mais cresceu na década de 70 com a produção independente, inclusive de discos. O primeiro disco independente gravado por Marcus Pereira foi o de Paulo Vanzolini.

**Citados:** VANZOLINI, Paulo E.; CARTOLA, ;

**Iconografia:** Foto de Marcus Pereira, de Alex.

ARAGONES, Sergio; Pasquim. Entrevista com um humorista marginal: Sérgio Aragones. O Pasquim, n°.278, 12-13, 29, out./nov., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** ARAGONES, Sergio

**Palavras Chave:** Humor; História em quadrinhos; Mídia

**Resumo:** Cartunista mexicano, fala de seu trabalho nos Estados Unidos e da tiragem de seus desenhos no "MAD", a revista mais famosa do cartum.

**Iconografia:** Fotos de Aragones, por Daniel Azulay

O Pasquim, n°.279, 5, nov., 1974.

**Resumo:** Sem entrevista.

CAMPOS, Fernando; JAGUAR, ; GLAUCO,. Fernando Campos. Gritos (!) e sussurros (...) na entrevista com um cineasta maldito. O Pasquim, n°.280, 12-13, 12, nov., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** CAMPOS, Fernando

**Palavras Chave:** Cinema; Cultura; Política

**Resumo:** Fala do ato de filmar, da correspondência entre a semana de 22 e o cinema novo que diz não ter relação. Demonstra um grande sarcasmo com as relações profissionais e de poder que envolve o mundo cinematográfico. " A minha única defesa é não ter defesa".

**Citados:** SANTOS, Nelson Pereira dos; HIRSZMAN, Leon; CARYBÉ, ; AUGUSTO, Jenner; ANDRADE, Oswald de; BRESSANE, Júlio; SGANZERLA, Rogério; BAUDELAIRE, Charles;

**Iconografia:** Foto de Fernando Campos, s/ crédito.

RICARDO, João; JAGUAR, ; FERNANDES, Millôr; NUNES, Julio;. Nem seco nem molhado apenas João Ricardo. O Pasquim, n°.281, 16-17, 19, nov., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** RICARDO, João

**Palavras Chave:** Cultura; Música; Polêmica; Sexualidade; Misticismo

**Resumo:** Um dos integrantes do grupo "Secos e Molhados". João Ricardo se considerava o autor intelectual do grupo. Neste sentido ele reclama para si o sucesso do grupo. [ A imagem do Jaguar como "um grande bebedor" é muito trabalhada pelo jornal.] [ O Pasquim neste número traz um "serviço público": fala do câncer no seio, transformando, assim, um assunto sério, em brincadeira, gozação.]

**Citados:** VELOSO, Caetano; COSTA, Gal;

**Iconografia:** Fotos de J. Ricardo, por Celso Souza e Silva.

NOGUEIRA, João; CABRAL, Sérgio. Oh no João Nogueira O Pasquim, n°.282, 08-09, 26, nov./dez., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** NOGUEIRA, João

**Palavras Chave:** Música; MPB; Rock and roll; Música popular

**Resumo:** Sambista, conta como o samba



passou a fazer parte de sua vida e de sua carreira. Fala dos companheiros do samba, ressaltando as relações de solidariedade "próprias" do samba.

**Citados:** PIXINGUINHA, ; VANDRÉ, Geraldo; GIL, Gilberto; JESUS, Clementina de; CARDOSO, Elisete; VIOLA, Paulinho da; HOLANDA, Chico Buarque de; CARTOLA, ; ROSA, Noel; POWELL, Baden; PINHEIRO, Paulo César;

**Iconografia:** Fotos em fotogramas de J. Nogueira, por Celso Souza e Silva.

VIANA, Segada; ZIRALDO, ; JAGUAR, ; CAULOS, ; Segadas Viana um catedrático de ecologia. O Pasquim, n°.283, 08-12, 3, dez., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** VIANA, Segada

**Palavras Chave:** Ecologia; Cultura; Política; Intelectual

**Resumo:** Segada foi, segundo ele, um dos primeiros ecólogos de formação a trabalhar no Brasil a questão de ecologia. Na sua entrevista, fala das relações do homem com o meio ambiente e do "equilíbrio" natural - ecossistemas, manguezais.

**Citados:** HECKEL, Eric;

**Iconografia:** Charges de: Reinaldo, Demo, Claudius, Redi, Nani, Caulos e foto de Segada, por Walter Ghelman.

CABRAL, Sérgio; ZIRALDO, ; JAGUAR, ; FORTUNA, . Sérgio Cabral pede passagem. O Pasquim, n°.284, 09-12, 10, dez., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CABRAL, Sérgio

**Palavras Chave:** Jornalismo; Escritores; Intelectual; Mídia; Imprensa

**Resumo:** A entrevista com Sérgio Cabral se dá por ocasião do lançamento de seu livro "Escolas de Samba". Conta sua luta deste a infância quando começou a trabalhar na estrada de ferro e como chegou ao jornalismo. Fala de sua vida profissional e do período no Pasquim. Na entrevista, rica em opiniões, Sérgio faz críticas ao Pasquim; com apenas 4 anos ele fala de um tempo que já é passado e que foi bom. [ Quem mais explorou a entrevista no Pasquim foi Sérgio Cabral que, neste número, passa de entrevistador para entrevistado.

**Citados:** ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de; FARNEY, Dick; BARRETO, (Afonso Henriques de)Lima; SILVA, Orlando; ALVES, Lúcio; BANDOLIM, Jacob do; RANGEL, Lucio; CARTOLA, ; CAVAQUINHO, Nelson; MORAES, Vinícius de; MORAES NETO, Prudente de; VENTURA, Zuenir; VELOSO, Caetano; COSTA, Gal;

**Iconografia:** Foto de Sergio Cabral, s/ crédito.

MÜLLER, Lauro (Maneco); ZIRALDO, ; FERNANDES, Millôr; LESSA, Ivan. Maneco Müller. O Pasquim, n°.285, 11-13, 17, dez.,

1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MÜLLER, Lauro (Maneco)

**Palavras Chave:** Jornalismo; Crítica; Cultura

**Resumo:** Descendente de Lauro Müller (SC), o jornalista fala da dificuldade com a língua Portuguesa e das redes de poder com que lidou durante sua vida. Filho de diplomata. No meio da entrevista o Pasquim faz um corte no assunto e passar a falar de futebol com se este fosse para Maneco o assunto possível.

**Citados:** MORAES NETO, Prudente de; VARGAS, Getúlio; CAMPOS, Paulo Mendes; SHAKESPEARE, William;

CHATEAUBRIAND, Assis;

**Iconografia:** Foto de Maneco, s/ crédito.

CHRYÓSÓSTOMO, Antonio; Pasquim. Os caras do surf o esporte da onda. O Pasquim, n°.286, 14-15, 24, dez., 1974.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CHRYÓSÓSTOMO, Antonio

**Palavras Chave:** Esporte

**Resumo:** É uma entrevista com o pessoal do surf que, no Rio, além de serem esportistas, são também produtores de moda de estilo de vida de linguagem.

**Iconografia:** Foto de Chrysóstomo, s/ crédito.

O PASQUIM – Ano de 1975

CAMPOS, Cidinha; FERNANDES, Millôr; JAGUAR, ; ZIRALDO, ; Cidinha Campos no AR. O Pasquim, n°.287, 10-12, 31, dez./jan., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CAMPOS, Cidinha

**Palavras Chave:** Imprensa; Jornalismo; Televisão; Teatro; Mídia

**Resumo:** Cidinha Campos, nesta entrevista, é bombardeada pelo mau humor de Jaguar que lhe pergunta se "está viva ou morta". A entrevista questiona a ética profissional do jornalista. Aparece, aqui, a questão do Jaguar: um "bêbado" inconveniente.

**Iconografia:** Fotos de Cidinha Campos p/ Walter Ghelman.

NUNES, Clara; CABRAL, Sérgio; CHRYSÓSTOMO, Antonio; A estrela que subiu: Clara Nunes. O Pasquim, n°.288, 12-13, 7, jan., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** NUNES, Clara

**Palavras Chave:** Umbanda; Teatro; Música; Mídia; Música popular

**Resumo:** Cantora, sambista de sucesso. Pessoa reconhecida no meio artístico com ser humano generoso. Fala se seu trabalho em geral.

**Citados:** PINHEIRO, Paulo César; HOLANDA, Chico Buarque de; ROSA, (João) Guimarães; COSTA, Carmem; CARDOSO, Elisete; SILVA, Ismael; NOGUEIRA, João;

**Iconografia:** Foto de Clara Nunes, sem crédito.

O Pasquim, n°.289, 14, jan., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

TEFFÉ, Nair; FERNANDES, Millôr; ZIRALDO, ; CHRYSÓSTOMO, Antonio; Rain-Nair. O Pasquim, n°.290, 06-08, 21, jan., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** TEFFÉ, Nair

**Palavras Chave:** Cultura; Poder; Humor; Caricatura; História; Mulher

**Resumo:** Foi, segundo o Pasquim, a primeira mulher caricaturista. Conhecida como RIAN; RIAN-NAIR DE TEFFÉ, esposa do presidente da República Marechal Hermes de Fonseca.

**Citados:** BARBOSA, Rui; COELHO NETO, Henrique (Maximiliano);

**Iconografia:** Foto de Nair de Teffé, sem créditos.

O Pasquim, n°.291, 28, jan./fev., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.292, 4, fev., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.293, 11, fev., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista. 1: Campanha a favor da Petrobrás enquanto "estatal".

SFAT, Dina. Dina Sfat: "Nada na TV nasce da TV". O Pasquim, n°.294, 08-09, 18, fev., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SFAT, Dina

**Palavras Chave:** Televisão; Teatro

**Resumo:** Dina conta sua decisão de abandonar o trabalho na televisão que, segundo ela, é um lugar onde nada se produz, tudo nela é verniz. [ É Dina Sfat quem propõe ao Pasquim a entrevista.]

**Citados:** ARAP, Fauzi; GUARNIERI, Gianfrancesco;

**Iconografia:** Fotos de Dina Sfat p/ Lúcio Marreiro.

GRACINDO, Paulo; FERNANDES, Millôr; JAGUAR, ; No AR, Paulo Gracindo. O Pasquim, n°.295, 10-13, 22, fev., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GRACINDO, Paulo

**Palavras Chave:** Televisão; Teatro

**Resumo:** Gracindo conta sua mudança para o Rio de Janeiro durante a revolução de 30 e que veio "à pé" de Alagoas. Fala do início de sua carreira como ator de teatro.

**Citados:** AZEVEDO, Álvares de; AUTRAN, Paulo; FERREIRA, Bibi; ROCHA, Glauber; HERCULANO, Alexandre; JUNQUEIRO, Guerra; GARRETT, (João Batista da Silva de)Almeida; BRESSANE, Júlio; FONTOURA, Antônio Carlos;

**Iconografia:** Fotos de Paulo Gracindo, sem créditos.

O Pasquim, n°.296, 29, fev./mar., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.297, 8, mar., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

WOLINSKI, George; ZIRALDO. Wolinski. O Pasquim, n°.298, 08-10, 15, mar., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** WOLINSKI, George

**Palavras Chave:** Humor; Imprensa; História em quadrinhos; Cultura

**Resumo:** George Wolinski, desenhista do MAD, fala da profissão e de seu principal trabalho, o "Hara Kiri".

**Citados:** PAUVERT, Jean-Jacques;

**Iconografia:** Fotos de George Wolinski, sem crédito.

O Pasquim, n°.299, 22, mar., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

HOLANDA, Aurélio Buarque de; JAGUAR, ; ZIRALDO,; FERNANDES, Millôr; BERNARDES, Carmo. Aurélio Buarque de Holanda. O Pasquim, n°.300, 07-10, 29, mar./abr., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** HOLANDA, Aurélio Buarque de

**Palavras Chave:** Humor; Linguagem; Cultura; Literatura

**Resumo:** A entrevista com Aurélio é cheia de bom humor. Aurélio fala da importância da palavra - "A palavra é o risco". Fala da mudança do gosto: "se, aos 12 anos, lemos Coelho Neto, aos 40, o atacamos". Quanto à gíria, diz que esta é um elemento de construção da língua. A língua é, para Aurélio, uma estrutura complexa, com normas que devem ser cumpridas.

**Citados:** ROSA, (João) Guimarães; VALÉRY, Paul; BARBOSA, Rui; HOUAISS, Antonio; TAUNAY, Hippolyte; MACHADO, Aníbal; TORGA, Miguel; RAMOS, Graciliano;

**Iconografia:** Fotos de Aurélio, s/ crédito.

O Pasquim, n°.301, 5, abr., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.302, 11, abr., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista. 1: 5 páginas com charge do Henfil.

O Pasquim, n°.303, 18, abr., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.1: Neste número uma "coletiva" com Sandra Brea, porém, sem a forma de entrevista.

BARCELLOS, Joel; ZIRALDO, ; JAGUAR, ; CAULOS, . Joel Barcellos. O Pasquim, n°.304, 08-12, 25, abr./maio., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BARCELLOS, Joel

**Palavras Chave:** Teatro; Texto; Personagem; Cinema Novo; Cinema; Geração marginal; Mercado

**Resumo:** Ator marginal. Conta um pouco de sua vida e das dificuldades de formar-se ator. Fala da política de dublagem para os filmes estrangeiros.

**Citados:** CARVANA, Hugo; FRANCIS, Paulo; WELLES, Orson; GUERRA, Ruy; BERTOLUCCI, Bernardo; ROSA, Noel; MAGNO, Paschoal Carlos; GOMES, (Alfredo) Dias; BRAGA, Ney; STANISLAVSKI, Constantin;

**Iconografia:** Foto de Joel Barcellos, sem crédito.

O Pasquim, n°.305, 2, maio., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.306, 9, maio., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

JALKH, Bechara; JAGUAR, . Bechara Jalkh. O Pasquim, n°.307, 8-12, 16, maio., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** JALKH, Bechara

**Palavras Chave:** Polícia; Violência

**Resumo:** Bechara, investigador que mantém curso de investigação por correspondência. Fala da profissão, da relação com a polícia e do mundo do crime que suborna e corrompe o sistema policial.

**Iconografia:** Foto de Bechara, sem crédito.

O Pasquim, n°.308, 23, maio., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.309, 30, maio./jun., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.310, 6, jun., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista

O Pasquim, n°.311, 13, jun., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

GUINLE, Yonita; JAGUAR, ; ZIRALDO, ; LESSA, Ivan; . Yonita ex-Guinle. O Pasquim, n°.312, 10-15, 20, jun., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GUINLE, Arnaldo

**Palavras Chave:** Burguesia; Cinema; Fotografia

**Resumo:** Yonita, mulher que, na década de 70, chamou atenção por sua beleza. Casou aos 13 anos com o fotógrafo Penam. Conta sua vida agitada, fala das "rodas" sociais que frequentou, o que pensa sobre liberdade feminina; foi amiga de Leila Diniz e casada com Jorge Guinle. [: A entrevista chama atenção pelo tamanho: 5 páginas de fofoca e exploração da sexualidade do outro.]

**Iconografia:** Fotos de Yonita Guinle, p/ Antônio Guerreiro.

MAZZOLA, . Mazzola. O Pasquim, n°.313, 18-19, 27, jun./jul., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MAZZOLA,

**Palavras Chave:** Esporte; Futebol

**Resumo:** Jogador de futebol, campeão na Copa de 58. Depois foi para o "Juventus". Deu a entrevista a Miguel Paiva. Fala de sua vida e de seu futebol. [ Matérias censuradas foram usados neste número. Poemas de Cassiano Ricardo.]

**Iconografia:** Foto de Mazzola p/ AJB

O Pasquim, n°.314, 4, jul., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

BLANC, Aldir; Pasquim. Tem psiquiatra no samba. O Pasquim, n°.315, 14-15, 11, jul., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BLANC, Aldir

**Palavras Chave:** Música; Literatura; MPB;

Cultura; Censura; Música popular

**Resumo:** Músico, letrista da MPB, médico, psiquiatra, Aldir conta de sua redescoberta da literatura. [Matéria censurada: "Ode aos Calhordas", Rubem Braga.]

**Citados:** NASCIMENTO, Esdras do; VERGUEIRO, Carlinhos; VIOLA, Paulinho da; ANDRADE, Oswald de; ROSA, (João) Guimarães; CONY, Carlos Heitor; ROSA, Noel; CARVALHO, Campos de;

**Iconografia:** Foto de Aldir Blanc, sem crédito.

CARLOS, Antonio; Pasquim. Antônio Carlos & Jocaí. O Pasquim, n°.316, 16-17, 18, jul., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CARLOS, Antonio

**Palavras Chave:** Música; MPB; Mercado; Tropicalismo; Indústria cultural; Sucesso popular

**Resumo:** Dupla de cantores e compositores. Sambistas. Contam o início de suas carreiras e da relação com outros cantores da MPB; falam especificamente de seus repertórios musicais [: Neste número há também a publicação de matérias censuradas, p. 7.]

**Citados:** GONZAGA, Luis; TAVARES, Ildásio; CARLOS, Roberto; OLIVEIRA, Severino Dias de (Sivuca); HOLANDA, Chico Buarque de;

**Iconografia:** Foto dos entrevistados, sem crédito.

JAGUAR, ; ZIRALDO, ; LESSA, Ivan. Devastação humana. O Pasquim, n°.317, 8-11, 24, jul./agos., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Urbanismo; Cidade

**Resumo:** Entrevista com as ruas do Alto Leblon, mostrando que as práticas urbanas para aquela área é devastadora. 1: A "entrevista" traz notas de apoio de Antônio Callado, Hélio Pellegrino.

**Iconografia:** Fotos do bairro de jornais, sem crédito.

O Pasquim, n°.318, 1, agos., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

COLASSANTI, Manfredo; JAGUAR, ; LESSA, Ivan; ZIRALDO, . Dunque, o velho guerreiro Manfredo Colassanti. O Pasquim, n°.319, 10-12, 8, agos., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** COLASSANTI, Manfredo

**Palavras Chave:** Arte; Guerra; Fascismo; Sexualidade; África

**Resumo:** Pai de Marina Colassanti, italiano, participou da 2a. guerra mundial; fala de suas amizades com Ana Magnani, do amigo Mussolini, do fato de ser fascista atuante; comenta a respeito de sua participação na Campanha da África e a questão da sexualidade. O Pasquim persegue a questão da sexualidade sempre que o entrevistado é mais

velho. [ Nesta entrevista, há uma definição de entrevista como: "Entrevista é um papo - já começou".]

**Citados:** SAINT-EXUPERY, Antoine; HEMINGWAY, (Ernest Miller); MUSSOLINI, Benito;

**Iconografia:** Várias fotos assinadas pelos amigos, inclusive, fotos de Mussolini. Foto s/crédito.

ARAP, Fauzi; JAGUAR, ; LESSA, Ivan; BLANCO, Armindo; HENFIL, . Fauzi Arap, abre a boca a todo pano. O Pasquim, n°.320, 10-12, 15, agos., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ARAP, Fauzi

**Palavras Chave:** Teatro; Cultura; Crítica; Censura

**Resumo:** Arap fala de seus textos e da peça "Um grito parado no ar" de Guarniere. Fala do ato de escrever enquanto uma relação com seu próprio eu. Não admite pensar o escritor como profissão. Fala de outras peças que ela considera importantes para o teatro brasileiro.

**Citados:** BOAL, Augusto; CORREA, José Celso Martinez;

**Iconografia:** Fotos de Arap, s/ crédito.

O Pasquim, n°.321, 22, agos., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista. 1: Matéria em charge censurado.

O Pasquim, n°.322, 30, agos./set., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

COSTA, Flávio Moreira da; MÁXIMO, João. Flávio Costa: 50 anos de futebol. O Pasquim, n°.323, 10-13, 5, set., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** COSTA, Flávio Moreira da

**Palavras Chave:** Futebol; Esporte

**Resumo:** Jogador de futebol sem grande projeção. Tornou-se treinador de sucesso dirigindo todos os grandes times cariocas e os maiores jogadores da década de 50. Fala da sua vida, da trajetória profissional e do futebol.

**Iconografia:** Foto de Flávio Costa p/ Walter Ghelman.

MACALÉ, Jards; JAGUAR, ; MEDAGLIA, Júlio César; ZIRALDO, ; LESSA, Ivan; SOUZA, Tárk de. Jards, aliás, Macau, aliás, Macalé. O Pasquim, n°.324, 08-11, 12, set., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MACALÉ, Jards

**Palavras Chave:** Cultura; Música; Censura; Direitos autorais; Cinema; Política

**Resumo:** Fala de sua vida, da influência de compositores e cantores, quer estrangeiros, quer da MPB. Fala também dos músicos brasileiros como Caetano Veloso e os "baianos" de modo geral.

**Citados:** TINHORÃO, José Ramos; SANTOS, Nelson Pereira dos; CELESTINO, Vicente;

CARDOSO, Elisete; PARKER, Charlie; HENDRIX, J.; VELOSO, Caetano; CAVAQUINHO, Nelson; MOTTA, Nélson; **Iconografia:** Foto em fotograma, s/crédito.

DIAS, Antônio; ZIRALDO, ; JAGUAR, . **Antônio Dias, o de verdade.** O Pasquim, n°.325, 16-18, 19, set., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** DIAS, Antônio

**Palavras Chave:** Televisão; Novela; Arte; Cultura; Teatro; Indústria cultural

**Resumo:** Fala da situação da arte no Brasil, das relações com a política, do artista e de seus desencontros com o mercado. Fala da convivência com o prestígio. [Pasquim: um ponto de vista carioca.]

**Citados:** CLARK, Lygia; MAGALHÃES, Roberto; ESCOSTEGUY, Pedro; SMETAK, Walter; GERCHMAN, Rubens; OITICICA, Hélio; VIEIRA, Mary; GOELDI, Emilio; COLLARES, Raimundo;

**Iconografia:** Foto de Antonio Dias, s/ crédito.

O Pasquim, n°.326, 26, set./out., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.327, 3, out., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

VALENÇA, Alceu; CABRAL, Sérgio; JAGUAR, ; HENFIL, ; SOUZA, Tárík de. **Alceu Valença é o Rock Santeiro.** O Pasquim, n°.328, 07-09, 10, out., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** VALENÇA, Alceu

**Palavras Chave:** Rock and roll; Música; MPB; Sucesso popular; Regionalismo; Cultura

**Resumo:** Nesta entrevista, Alceu conta sua vida de nordestino e como construiu sua carreira de cantor e compositor de sucesso. Fala de seus últimos trabalhos e da relação com empresários do mundo da música e de seus shows.

**Citados:** HOLANDA, Chico Buarque de; GILBERTO, João; GONZAGA, Luis; DUPRAT, Rogério; LAFAYE, ; PANDEIRO, Jackson; RAMALHO, Zé;

**Iconografia:** Foto de Alceu Valença, s/ crédito.

O Pasquim, n°.329, 18, out., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.330, 24, out., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.331, 31, out./nov., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.332, 7, nov., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista. 1: Neste não tem a mão FHC.

NETO, Prudente de Moraes; Pasquim. **Prudente de Moraes, Neto.** O Pasquim, n°.333, 06-07,

14, nov., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** NETO, Prudente de Moraes

**Palavras Chave:** Jornalismo; Imprensa; Censura; Literatura; Poesia

**Resumo:** Prudente de Moraes Neto, poeta, jornalista. Escrevia no jornal "Diário Carioca", assinando o nome de Pedro Dantas. Reconhecido por Manuel Bandeira e Drummond como um dos poetas bissextos do Brasil. Foi Presidente da ABI.

**Citados:** BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de;

**Iconografia:** Foto de Prudente de Moraes Neto, s/ crédito.

CARVALHO, Abdias Vilar; JAGUAR, ; MARTINS, Vitor; ZIRALDO, ; RICARDO, Sérgio; VIOLA, Paulinho da; GONZAGA JR., Luís; BOSCO, João; BLANC, Aldir; CARVALHO, Hermínio Bello de. **Sombrás luz, mas luz para os músicos.** O Pasquim, n°.334, 08-11, 21, nov., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** CARVALHO, Abdias Vilar

**Palavras Chave:** Censura; Mercado; Direito; Música

**Resumo:** A entrevista reuniu o grupo formador do Sombrás que é uma associação de defesa do compositor e do músico. Falam sobre a arrecadação e divulgação dos repertórios.

**Iconografia:** Foto do grupo de músicos e cantores que participaram da entrevista, s/ crédito.

SILVA, Helio; Pasquim. **Olha o pivete.** O Pasquim, n°.335, 06-07, 28, nov./dez., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Política; Marginalidade

**Resumo:** Entrevista feita com dois meninos de rua. Uma denuncia a situação de abandono dos menores "Pivetes" que, assim, foram chamadas, na década de 70, as crianças de rua. [Aqui uma outra vertente da entrevista é a denuncia, matéria jornalística, realidade, ficção ocupando as páginas do Pasquim.]

**Iconografia:** Foto de crianças com tarja sobre os olhos p/ Filó.

SANTOS, José João dos (Azulão); JAGUAR, ; LESSA, Orígenes; LESSA, Ivan;. **Azulão (poeta, repentista e cantador).** O Pasquim, n°.336, 06-11, 5, dez., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** SANTOS, José João dos (Azulão)

**Palavras Chave:** Literatura; Censura; Cultura; Regionalismo; cultura popular

**Resumo:** Nordestino, cantador, repentista. Conta sua infância e as influências de outros cordelistas. Fala das diferenças entre ser repentista e cantador e de sua relação com a

política.

**Citados:** OITICICA, Hélio;

**Iconografia:** Foto de Azulão, sem crédito.  
Charge do Jaguar.

O Pasquim, n°.337, 12, dez., 1975.

**Resumo:** Sem entrevista.

DUARTE, Paulo; VERÍSSIMO, Érico;  
ANDRADE, Carlos Drummond de; LESSA,  
Orígenes; LIMA, Alceu Amoroso; SAVARY,  
Olga; JAGUAR, ; LESSA, Ivan; HENFIL, ;  
PEREIRA, Marcus;. Paulo Duarte O Pasquim,  
n°.338, 08-13, 19, dez., 1975.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** DUARTE, Paulo

**Palavras Chave:** Política; Cultura; Literatura;  
Cinema; Memória; Ficção; Amor

**Resumo:** Paulo Duarte, criador do  
Departamento de Cultura de SP. Amigo  
confidente de Mário de Andrade, Paulo Rivet, de  
Miró, Buñel, Bondin, P. Valery , Thomas Man,  
Levi Straus e Menegehitt. Foi da USP de onde  
foi "despedido". Exilado, morou em NY, onde  
conviveu com os intelectuais citados. [Esta  
entrevista é um grande registro da história  
contada por Paulo Duarte - um gênero ficcional.  
Paulo Duarte dizia: " Mário era um Abaetê,  
Oswald, um macunaíma".

**Citados:** ANDRADE, Mário de; POMPÉIA, Raul;  
ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de; AMARAL,  
Amadeu; ALMEIDA,  
Guilherme de; OLIVEIRA, Armando (Salles de);  
MANN, Thomas; SALLES, Armando; COELHO  
NETO, Henrique (Maximiliano);

**Iconografia:** Fotos de Paulo Duarte, sem  
crédito. Foto da chegada de Santos Drummond  
onde aparece Paulo Duarte. (1922; 23 de  
Setembro).

O PASQUIM – Ano de 1976

BEATRIZ, Madame. As previsões para 1976. Madame Beatriz. O Pasquim, n.º.339, 14-15, 26, dez./jan., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BEATRIZ, Madame

**Palavras Chave:** Astrologia

**Resumo:** Futuróloga, olhando uma bola de cristal diz que 1976 é um ano de muita carestia e muito dinheiro, mortes, desastres e que o mundo vai acabar no ano 2000. [Uma artigo assinado pelo Paulo Francis - "LITERATURA" p.5.]

**Iconografia:** Foto de Mad. Beatriz, s/ crédito.

O Pasquim, n.º.340, 2, jan., 1976.

**Resumo:** Sem entrevista. Neste número nas páginas centrais 16-17 uma "entrevista" humorística, tipo novela, com fotos da "amante" brasileira do Kennedy - "MARISNALDA".

O Pasquim, n.º.341, 9, jan., 1976.

**Resumo:** Sem entrevista.

"Eu não me chamo cocota ... eu me chamo Gente.." O Pasquim, n.º.342, 08-10, 16, jan., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Urbanismo; Comportamento

**Resumo:** A entrevista foi feita por Wanda Figueredo que conversando com adolescente (femininas) discutiu as gírias pelas quais elas são identificadas - "cocota", "gatinha", etc. [A entrevista é interessante, na medida em que, traça um perfil dos jovens anos 70, porém um recorte bem determinado que é o das garotas do Rio de Janeiro que freqüentam a praia.]

**Citados:** VILLA-LOBOS, Heitor; BACH, (Johann Sebastian); CHOPIN, ; SANTOS, Turbino; VELOSO, Caetano; HOLANDA, Chico Buarque de;

**Iconografia:** Foto de grupo de adolescentes, s/ crédito.

PONTES, Paulo; VENTURA, Zuenir; FERREIRA, Bibi; PEIXOTO, Fernando; JAGUAR, . Paulo Pontes. O Pasquim, n.º.343, 08-12, 23, jan., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PONTES, Paulo

**Palavras Chave:** Crítica; Jornalismo; Televisão; Teatro; Eventos

**Resumo:** Crítico, produtor de teatro, Paulo Pontes fala do TBC, de artistas, diretores que desenvolvem um trabalho sério. [Um artigo sobre a Censura no Brasil p. 4-5]

**Citados:** TCHEKOV, Anton P.; IBSEN, Henrik; SHAW, (George) Bernard; ARAP, Fauzi; RODRIGUES, Nelson; CHAGAS, Walmor; BOAL, Augusto; REGINA, Elis; AUTRAN, Paulo; JOSÉ, Paulo; MARCOS, Plínio; MORAES,

Vinícius de;

BARBOSA, Rui; HOLANDA, Chico Buarque de; ANJOS, Augusto dos; BARRETO, (Afonso Henriques de)Lima; MATOS, Gregório de;

**Iconografia:** Foto de Paulo Pontes, s/ crédito.

JAGUAR, Pasquim. Umbanda é isso aí. O Pasquim, n.º.344, 08-10, 30, jan./fev., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Umbanda; Cultura; Religião; Televisão; Medicina

**Resumo:** A entrevista é uma divulgação da seita dos umbandistas. Uma análise antropológica da Umbanda; sua importância social na liberação dos escravos e na resolução de problemas do cotidiano e de uma ética possível na seita.

**Iconografia:** Foto do grupo, sem crédito.

VIEIRA, José Luandino; FULLGRAF, Frederico. Angola é o seguinte.. O Pasquim, n.º.345, 08-09, 6, fev., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** VIEIRA, José Luandino

**Palavras Chave:** Cultura; Política; Colonialismo; Luta de classes; Repressão; Escritores

**Resumo:** Luandino, líder do MPLA, publicou alguns livros sobre a revolução. Preso algumas vezes, tornou-se porta-voz do movimento de libertação de Angola; prega a luta pela resistência cultural contra o invasor.

**Iconografia:** Fotos s/ crédito.

DUARTE, Regina; ZIRALDO, ; MARZO, Claudio; RAMOS, J.. "O grito". O Pasquim, n.º.346, 10-13, 13, fev., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Televisão; Direito; Mercado; Trabalho; Censura; Direitos autorais; Teatro

**Resumo:** O Pasquim reuniu alguns artistas para discutir sobre direitos autorais e o uso do vídeo-tape na televisão, e mais, discutem o reconhecimento da profissão.

**Iconografia:** Fotos dos participantes no debate, por Fred Confalonieri.

LESSA, Ivan; JAGUAR, ; ANTÔNIO, João; MADUREIRA, Pedro Paulo de Sena; PIROLI, Wander; HOUAISS, Antonio; SANT'ANNA, Affonso Romano de; SANT'ANNA, Sérgio. Qualé a da literatura brasileira? O Pasquim, n.º.347, 8-11, 20, fev., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Literatura; Crítica; Mercado; Escritores

**Resumo:** Discutem os rumos da literatura no Brasil e do mercado editorial. A opinião geral é de que o mercado é o grande viabilizador da produção literária. É uma entrevista, tem o tom do debate.

**Citados:** FONSECA, Rubem; DRUMMOND, Roberto; BANDEIRA, Manuel; GIL, Gilberto; VIOLA, Paulinho da; HOLANDA,

Chico Buarque de; GULLAR, Ferreira; VELOSO, Caetano; MELO NETO, João Cabral de; RUBIÃO, Murilo; LOYOLA, Santo Inácio de;  
**Iconografia:** Fotos do grupo de intelectuais, sem crédito.

O Pasquim, n°.348, 27, fev./mar., 1976.

**Resumo:** Sem entrevista.

RIBEIRO, Octávio; LESSA, Ivan; HENFIL, ; JAGUAR, . Octávio Ribeiro (1o. Doc.). O Pasquim, n°.349, 08-11, 5, mar., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RIBEIRO, Octávio

**Palavras Chave:** Política; Reportagem; Marginalidade; Fantástico

**Resumo:** Octávio Ribeiro, conhecido como "Pena Branca" dá ao Pasquim uma grande entrevista que será contada em uma série de 8 reportagem/entrevista. Fala de sua vida de repórter policial e dos bastidores da polícia e do crime. [ Neste número uma explicação do Sérgio Santana sobre a entrevista do no. 347 "Qualé a da literatura brasileira" ver pág. 21.]

**Iconografia:** Foto de Ribeiro, sem crédito.

KURTZMAN, Harvey; CAULOS, . Harvey

Kurtzman: o homem que inventou o MAD. O Pasquim, n°.350, 16-18, 12, mar., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** KURTZMAN, Harvey

**Palavras Chave:** Humor; Mercado; Sucesso popular; Caricatura

**Resumo:** Harvey conta sua formação como desenhista e o início de sua carreira. Analisa o recorte americano do cartum e a diferença com o cartum inglês.

**Citadels:** BEATLES, ; VOLTAIRE, François; ALLEN, Woody; LEE, Stan;

**Iconografia:** Foto de Harvey, s/ crédito. Reprodução de cartuns

RIBEIRO, Octávio; HENFIL, ; JAGUAR, ; LESSA, Ivan. Octávio Ribeiro. O Pasquim, n°.350, 10-12, 12, mar., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RIBEIRO, Octávio

**Palavras Chave:** Polícia; Marginalidade; Reportagem; Fantástico; História

**Resumo:** Nesta entrevista o foco é Mineirinho (marginal) e sua trajetória histórica de convívio com os detetives Perpétuo e Le Coq.

**Iconografia:** Foto sem crédito.

FUSCO, Rosário; WERNECK, Ronaldo; BRANCO, Joaquim. Rosário Fusco. O Pasquim, n°.351, 10-15, 19, mar., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FUSCO, Rosário

**Palavras Chave:** Realismo; Fantástico; Romance; Literatura; Crítica; Jornalismo

**Resumo:** Os temas tratados nesta entrevista são: romance e o lugar do escritor brasileiro. Fusco desdobra o cânone literário desfazendo

os mitos. Antes da entrevista há um texto de Ronaldo e Joaquim intitulado "Para Principiantes" onde os

jornalistas contam que é Fusco. A entrevista é uma colagem de texto do autor.

**Citados:** RIMBAUD, Arthur; AQUINO, Santo Thomas de; BORGES, Jorge Luis; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; BOPP, Raul; BANDEIRA, Manuel; BUTOR, Michel; MALRAUX, André;

**Iconografia:** Fotos de Fusco, por Adriana Monteiro.

RIBEIRO, Octávio; JAGUAR, ; LESSA, Ivan; HENFIL, . Octávio Ribeiro. O Pasquim, n°.351, 06-07, 19, mar., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RIBEIRO, Octávio

**Palavras Chave:** Reportagem; Fantástico; Polícia; Marginalidade

**Resumo:** Nesta parte da série Otávio Ribeiro fala de Lúcio Flávio Villar assaltante que empreendeu inúmeras fugas da prisão.

**Iconografia:** Foto de Ribeiro, sem crédito.

RIBEIRO, Octávio; HENFIL, ; JAGUAR, ; LESSA, Ivan. Octávio Ribeiro. O Pasquim, n°.352, 08-11, 26, mar./abr., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RIBEIRO, Octávio

**Palavras Chave:** Marginalidade; Reportagem; Polícia

**Resumo:** Reporte policial neste episódio conta sobre Leopoldo Heitor, suspeito de ter assassinado Dana de Teffé.

**Iconografia:** Fac. Simile de jornais da época. Fotos sem crédito.

RIBEIRO, Octávio; JAGUAR, ; HENFIL, ; LESSA, Ivan. Octávio Ribeiro. O Pasquim, n°.353, 06-08, 2, abr., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RIBEIRO, Octávio

**Palavras Chave:** História; Marginalidade; Polícia; Reportagem.

**Resumo:** Reporte policial nesta parte da série de reportagens conta sobre latrocínios e seqüestros.

**Iconografia:** Fac. Simile de jornais da época. Foto sem crédito.

RIBEIRO, Octávio; HENFIL, ; JAGUAR, ; LESSA, Ivan. Octávio Ribeiro. O Pasquim, n°.354, 08-10, 9, abr., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RIBEIRO, Octávio

**Palavras Chave:** História; Marginalidade; Polícia; Reportagem

**Resumo:** Reporte policial nesta parte o tema é cassinos clandestinos.

**Iconografia:** Fac. Simile de jornais da época, fotos sem crédito.



CARTA, Mino; MALTA, Maria Helena. Mino Carta depois de sair da "Veja". O Pasquim, n°.355, 06-07, 16, abr., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** CARTA, Mino

**Palavras Chave:** Mídia; Política; Censura; Imprensa

**Resumo:** Mino Carta conta sua saída da "Veja" da brigas com a cúpula da Editora Abril. Carta é o fundador / criador do Jornal da Tarde; Revista 4 Rodas; Veja. É pintor e conta sua predileção pelas artes plásticas. [ Neste número ainda em forma de entrevista uma reportagem com Evaristo Maia que encontrou 9 garrafas sujas de Coca-Cola. ]

**Iconografia:** Fotos de Mino Carta, sem crédito.

RIBEIRO, Octávio; HENFIL, ; JAGUAR, ; LESSA, Ivan. Octávio Ribeiro. O Pasquim, n°.356, 08-11, 23, abr., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** RIBEIRO, Octávio

**Palavras Chave:** História; Marginalidade; Polícia; Reportagem

**Resumo:** Reporte policial nesta parte conta sobre a matança do peixe-boi.

**Iconografia:** Foto de Ribeiro na Amazônia, sem crédito.

SATÃ, Madame; Pasquim. Madame Satã: "Enquanto eu viver, a Lapa viverá". O Pasquim, n°.357, 06-11, 30, abr./maio., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** SATÃ, Madame

**Palavras Chave:** Marginalidade; MPB; Memória; História; Comportamento

**Resumo:** A Madame Satã conta sua amizade com Chico Alves e fala da Lapa bairro Boêmio onde morou. 1: A entrevista começa com uma matéria em forma de relato da história de vida de Madame Satã.

**Citados:** ROSA, Noel; BATISTA, Wilson;

**Iconografia:** Fotos de Mad. Satã, por V. Dettamar.

O Pasquim, n°.358, 7, maio., 1976.

**Resumo:** Um número que reúne muitos intelectuais.

PEREIRA, Nunes; CABRAL, Sérgio; SAVARY, Olga; JAGUAR, . Nunes Pereira: 40 anos entre os índios. O Pasquim, n°.359, 08-12, 14, maio., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** PEREIRA, Nunes

**Palavras Chave:** Antropologia; Indianismo; Cultura; História

**Resumo:** Nunes Pereira (1891) autor de "Moronguêta". Conta sua vida e seu interesse pelos índios. Esteve à frente de várias lutas nacionais.

**Citados:** RONDON, (Marechal )Cândido; VILLAS-BOAS, Orlando; RODRIGUES, Barbosa; BRUHL, Levy; HUMBOLDT,

Guilherme Wilhelm von;

**Iconografia:** Foto de Nunes Pereira, sem crédito.

PEREIRA, Nunes; MATTA, Roberto da; SAVARY, Olga; CABRAL, Sérgio; FRY, Peter; JAGUAR, . Nunes Pereira: 40 anos entre os índios. O Pasquim, n°.360, 10-11, 21, maio., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** PEREIRA, Nunes

**Palavras Chave:** Antropologia; Mulher; Amazônia

**Resumo:** O antropólogo viveu na Amazônia (Manaus) dedicou-se ao estudo do mundo simbólico da nações "Gege" que vieram da Nigéria, discute o "papel" da mulheres nas sociedades indígenas. [ Na entrevista, ele cita alguns mitos de Macunaíma.]

**Citados:** SHAW, (George) Bernard; CAVAQUINHO, Nelson; RONDON, (Marechal )Cândido;

**Iconografia:** Foto de Nunes Pereira, sem crédito.

ALBERTO, Jorge; MALTA, Maria Helena. Psicanálise (a maior jogada da Máfia de Branco). O Pasquim, n°.361, 09-11, 28, maio./jun., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** ALBERTO, Jorge

**Palavras Chave:** Psicanálise; Cultura; Mercado; Mídia; Medicina

**Resumo:** A entrevista está dentro da série de denúncias sobre a "máfia de branco". Fala da psicanálise brasileira como sendo uma das mais caras do mundo. Do médico - psicanalista e dos diagnósticos.

**Iconografia:** Foto de Jorge Alberto, por Câmara Três.

SALES, Perry; JAGUAR, ; ZIRALDO, ; LESSA, Ivan; FISCHER, Vera. "Seu" Perry Sales e "Dona" Vera Fischer. O Pasquim, n°.362, 08-10, 4, jun., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** SALLES, Perry

**Palavras Chave:** Teatro; Cinema; Televisão

**Resumo:** A entrevista conta a vida de Perry Sales e fala um pouco de Vera Fischer, sempre, num tom de "loura burra", porém, "boazuda".

**Iconografia:** Fotos de Perry e Vera, sem crédito.

MOREIRA, Adelino; JAGUAR, ; CABRAL, Sérgio; AURÉLIO, Marco; FREAZZA, Iza; Adelino (a volta do Boêmio) Moreira. O Pasquim, n°.363, 07-11, 11, jun., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** MOREIRA, Adelino

**Palavras Chave:** Música; MPB; Sucesso popular; Música popular

**Resumo:** Adelino Moreira, autor de a "Volta do

Boêmio", "Cinderela" e outros sucessos da MPB. Fala de sua chegada ao Brasil, das primeiras profissões e de como descobriu que era cantor.

**Citados:** SILVA, Orlando; CALDAS, Sílvio; CARLOS, Roberto; VIOLA, Paulinho da; JOBIM, Tom; BARROSO, Ary; ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de; JUNQUEIRO, Guerra; QUEIROZ, Eça de; BRAGA, Ney;

**Iconografia:** Fotos de Adelino, por Walter Ghelman.

LYDIA, Jorge; JAGUAR. Jorge Lydia: O velho mosqueteiro do jornal marítimo. O Pasquim, n°.364, 10-13, 18, jun., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** LYDIA, Jorge

**Palavras Chave:** Jornalismo; História; Política

**Resumo:** Jorge Lydia foi responsável pelo jornal marítimo que foi publicado durante 48 anos. Um jornal que foi marcado pela luta dos trabalhadores da navegação. Atuou na revolução de 30 com forte apelo anarquista; suas idéias acabam conduzindo o leitor a uma outra perspectiva da história de que a monarquia no Brasil foi empreendedora.

**Iconografia:** Foto sem crédito. Fotos fac. simile de jornais.

LYDIA, Jorge; JAGUAR. Lydia: e tome pau!!!. O Pasquim, n°.365, 06-13, 25, jun./jul., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** LYDIA, Jorge

**Palavras Chave:** Política; História; Comunismo; Golpe militar; Jornalismo

**Resumo:** MANUEL JORGE LYDIA, diretor do jornal mais antigo - O JORNAL MARÍTIMO como sua vida fala de sua luta contra os comunistas de seu apoio ao golpe militar de 1964. Da sua liberdade de dizer o que pensa do governo.

**Iconografia:** Foto de Lydia, sem crédito.

Afinal a máfia de branco é tão mafiosa quanto dizem?. O Pasquim, n°.366, 06-12, 2, jul., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Cultura; Educação; Política; Poder; Medicina

**Resumo:** A entrevista reúne um grupo de médicos para discutir problemas relacionados à saúde e suas políticas de prestação de serviços como: aposentadoria, serviço social, indústria farmacêutica e outros mais urgentes.

**Iconografia:** Foto do grupo de médicos, por w.Ghelman.

SIVUCA, ; JAGUAR, ; RIBEIRO, Octávio. Sivuca O Pasquim, n°.367, 09-12, 9, jul., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SIVUCA,

**Palavras Chave:** Polícia; Reportagem; Repressão; História

**Resumo:** Policial conhecido como um "cana dura". Matou e prendeu pessoas como Lúcio Flávio, Tião Medonho, Caveirinha, Coisa Ruim e outros. Foi candidato a vereador pela Arena. O Pasquim fez uma longa entrevista de 10 horas transcrito em 4 números do jornal onde o policial conta seus feitos de forma cinematográfica. Porque o Pasquim usou um espaço tão grande? Denuncia? As informações contidas neste resumo são válidas para os números 368,369,370.

**Iconografia:** Fotos de Sivuca na 9 DP, sem crédito.

SIVUCA, ; JAGUAR, ; RIBEIRO, Octávio. Sivuca O Pasquim, n°.368, 06-13, 16, jul., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SIVUCA,

**Palavras Chave:** Polícia; Repressão; Reportagem; História

**Resumo:** Policial conhecido como um "cana dura". Conta suas aventuras policiais ao Pasquim.

**Iconografia:** Fotos de Sivuca, sem crédito.

SIVUCA, ; JAGUAR, ; RIBEIRO, Octávio. Sivuca O Pasquim, n°.369, 06-13, 23, jul., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SIVUCA,

**Palavras Chave:** Polícia; Repressão; Reportagem; História

**Resumo:** Policial conhecido como um "cana dura". Matou e prendeu pessoas como Lúcio Flávio, Tião Medonho, Caveirinha, Coisa Ruim e outros.

**Iconografia:** Fotos de Sivuca, sem crédito.

SIVUCA, ; JAGUAR, ; RIBEIRO, Octávio. Sivuca O Pasquim, n°.370, 08-12, 30, jul./agos., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SIVUCA,

**Palavras Chave:** Polícia; Reportagem; Repressão; História

**Resumo:** Policial conhecido como um "cana dura". Matou e prendeu pessoas como Lúcio Flávio, Tião Medonho, Caveirinha, Coisa Ruim e outros.

**Iconografia:** Fotos de Sivuca, sem crédito.

OLIMECHA, Gugu; JAGUAR, ; Eles dão o que eles gostam: Yong e Gugu Olimecha. O Pasquim, n°.371, 08-11, 6, agos., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** OLIMECHA, Gugu

**Palavras Chave:** Magia; Teatro

**Resumo:** Dois artista de circo que contam sua vida de artista e de como passaram para o noite carioca com show de vedetes, de "go-go, girls" em boates famosas com Erótika e Balalaika situadas na Praça Mauá.

**Iconografia:** Foto de Yong e Gugu, sem

crédito.

FAFÁ de BELÉM; CABRAL, Sérgio; JAGUAR, ; Fafá de Belém: "Sou bem nutrida e gostosa".. O Pasquim, n°.372, 6-7, 13, agos., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FAFÁ de BELÉM,  
**Palavras Chave:** MPB; Música; Mídia; Sucesso popular

**Resumo:** Fafá de Belém, fala do início de sua carreira; da escolha do repertório e comenta sua forte amizade com Milton Nascimento.

**Citados:** NASCIMENTO, Milton; REGINA, Elis; COSTA, Alaíde;

**Iconografia:** Foto de Fafá, sem crédito.

RIOS, Cassandra; CIRILO, Ione. Cassandra Rios. O Pasquim, n°.373, 06-09, 20, agos., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RIOS, Cassandra  
**Palavras Chave:** Literatura; Moral; Homossexualidade; Escritores; Romance

**Resumo:** Escritora com 36 livros apreendidos e um milhão de leitores. Cassandra Rios, faz parte do limbo dos escritores não considerados pela "alta" literatura. Fala de sua infância em Perdizes. O Pasquim pediu para Ione Cirilo, jornalista em São Paulo, entrevistar Cassandra Rios.

**Citados:** LESSA, Ivan;

**Iconografia:** Foto de Cassandra, sem crédito.

BOTIZELLI, João Carlos; SOUZA, Tárík de; JAGUAR, ; CABRAL, Sérgio; BLANC, Aldir; Pelão: Um branco de alma preta. O Pasquim, n°.374, 06-08, 27, agos./set., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BOTIZELLI, João Carlos

**Palavras Chave:** MPB; Música; Mercado fonográfico; Indústria cultural

**Resumo:** Compositor, produtor de disco, conta sua história particular de produtor. Pelão fala da ajuda de Lúcio Rangel e das brigas no mercado fonográfico. A entrevista era com Fernando Lobo que não compareceu.

**Citados:** CACHAÇA, Carlos; CARTOLA, ; PEREIRA, Marcus; BARROSO, Ary; CAVAQUINHO, Nelson; RANGEL, Lucio; VERGUEIRO, Carlinhos;

**Iconografia:** Foto de Pelão, sem crédito.

FERREIRA, Argemiro. Confissões de JK. O Pasquim, n°.375, 06-12, 3, set., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FERREIRA, Argemiro

**Palavras Chave:** Brasil; Política; Poder; História; Jornalismo; Imprensa

**Resumo:** Uma entrevista montada pelo jornalista a partir de depoimentos dados por JK onde o presidente fala de: Jango, Castelo

Branco, Getúlio, do exílio e dele mesmo.

**Citados:** SCHIMIDT, Augusto F.; LACERDA, Carlos; VARGAS, Getúlio; ARANHA, Oswaldo; NIEMEYER, Oscar; NEVES, Tancredo; CAFÉ FILHO, João; CALMON, Pedro; AMARAL, Alzira Vargas;

**Iconografia:** Fotos de Argemiro e dos políticos citados, por Ziraldo.

GARCIA, Isaurinha; BLANC, Aldir. Isaurinha Garcia; Personalíssima. O Pasquim, n°.376, 8-10, 10, set., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GARCIA, Isaurinha

**Palavras Chave:** MPB; História; Música; Sucesso popular; Rádio

**Resumo:** Isaura conta sua difícil vida de menina pobre que cedo tornou-se cantora do rádio, enfrentando a concorrência. [Neste número em cartas cruzadas a polêmica entre Flávio Aguiar e Glauber Rocha sobre a "censura" no jornal Movimento.] [Uma nota contra Borges (velho e gagá) e uma crítica ao seu livro "História General de La infamnia".]

**Citados:** MIRANDA, Carmem; ALMEIDA, Araci de; BARROSO, Ary; GILBERTO, João; REGINA, Elis; CARLOS, Roberto;

**Iconografia:** Foto de Isaurinha, sem crédito.

ROXO, Pedro Luiz. Uma paixão e morte do inquilino. O Pasquim, n°.377, 08-11, 17, set., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ROXO, Pedro Luiz

**Palavras Chave:** Política; Ironia; Ficção

**Resumo:** A entrevista é sobre a nova lei do inquilinato. E a principal questão em foco é a "Denúncia Vazia". O entrevistado é presidente da Assoc. dos inquilinos.

**Iconografia:** Charges do Ziraldo, Demo, Nani, Reinaldo, Hélio, Guidacci.

MACHADO, Angelo Barbosa; GRIBAU, Emílio; Angelo Barbosa Machado. O Pasquim, n°.378, 06-11, 24, set./out., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MACHADO, Angele Barbosa

**Palavras Chave:** Humor; Teatro; Imprensa; Natureza; Intelectual

**Resumo:** Angelo B. Machado, cientista, mineiro, humorista, biólogo, começou como colecionador de insetos a partir de então tornou-se um defensor da natureza.

**Citados:** MACHADO, Aníbal; MACHADO, Maria Clara;

**Iconografia:** Foto de Machado, sem crédito.

ZIRALDO, . Nossa senhora da Paz perdera essa guerra. O Pasquim, n°.379, 12-15, 1, out., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** História; Urbanismo; Memória;

Comportamento

**Resumo:** Moradores em defesa do Bairro de Ipanema, das pessoas que fizeram a história do Bairro e da Paróquia de Ipanema.

**Iconografia:** Foto de Ipanema, sem crédito.

LAGO, Mário; SOUZA, Tárik de; BLANC, Aldir; RIBEIRO, Octávio; CABRAL, Sérgio; JAGUAR, ; ZIRALDO, ; LAGO FILHO, Mario; FREAZZA, Iza. **Mário Lago sem nenhuma vaidade.** O Pasquim, n°.380, 08-11, 8, out., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** LAGO, Mario

**Palavras Chave:** Música; Política; Cultura; História; Televisão; Teatro

**Resumo:** Mario fala do política dos anos 30 de seus amigos da faculdade de Direito, de Madame Satã e de suas músicas. Analisa "Amélia" e diz que foi mal interpretado pelas feministas.

**Citados:** OLIVEIRA, Juca de; ALBUQUERQUE, Ivan; MACHADO, Maria Clara; MESQUITA, Custodio; ALMEIDA, Araci de; MARTINS, Roberto; ALVES, Ataulfo; GNATTALLI, Radamés; PEIXE, Guerra; ROSA, Noel; BABO, Lamartine;

**Iconografia:** Foto de Mário Lago, sem crédito.

LAGO, Mário; ZIRALDO, . **Mario Lago: Um homem de verdade.** O Pasquim, n°.381, 18-20, 15, out., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** LAGO, Mário

**Palavras Chave:** Música; Política; Cultura; História

**Resumo:** Mario fala do política dos anos 30 de seus amigos da faculdade de Direito, de Madame Satã e de suas músicas. Analisa "Amélia" e diz que foi mal interpretado pelas feministas.

**Citados:** ALVES, Ataulfo; SILVA, Orlando; DANTAS, San Thiago; MORAES, Vinícius de; CARDOSO, Lúcio; MARITAIN, Jacques; VILLA-LOBOS, Heitor; PEREIRA, Geraldo Santos;

**Iconografia:** Foto sem crédito.

NASCIMENTO, Edson Arante; AUGUSTO, Sérgio; ZIRALDO, ; **Pelé X Pasquim.** O Pasquim, n°.381, 06-12, 15, out., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** NASCIMENTO, Edson Arante

**Palavras Chave:** Futebol; Política

**Resumo:** Pelé fala de seu pai, seu maior ídolo. Pelé uma personagem que ele (Edson) não entende. A entrevista cruza as opiniões de Pelé sobre o cidadão Edson Arante.

**Iconografia:** Fotos de Pelé, por Walter Ghelman

VILELA, Teotônio; ATHAYDE, Félix de; ZIRALDO, ; FREAZZA, Iza. **Teotônio Vilela: Eu sou um ecólogo do sistema.** O

Pasquim, n°.382, 08-13, 22, out., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** VILELA, Teotônio

**Palavras Chave:** Política; Poder; Estado; Liberalismo; Democracia; História

**Resumo:** Teotônio conta como se formaram os partidos nas grandes cidades. Como foi sua formação política; fala do Estado Novo, do "Liberalismo" um conceito novo na Política Brasileira. A entrevista é um flash político do Brasil e da história.

**Iconografia:** Foto de Teotônio, sem crédito.

JARARACA, ; JAGUAR, ; **Jararaca.** O Pasquim, n°.383, 08-12, 29, out./nov., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** JARARACA,

**Palavras Chave:** Música; Carnaval; Televisão; Sucesso popular

**Resumo:** Conta sua vida de menino de "boa" família e de grande influência; juntou-se às famílias de Delmiro Gouveia e Floriano Peixoto. É autor de inúmeros sucessos, porém, vive de uma aposentadoria no valor do salário mínimo. [As fábricas de linha Corrente foram de Delmiro Gouveia que pode ter sido assassinado por não vende-las para indústrias estrangeiras, segundo a história.]

**Citados:** PIXINGUINHA, ; BARROSO, Ary; PIRES, Cornélio; BARBOSA, Rui; CEARENSE, Catulo da Paixão; PEIXOTO, Floriano; GOUVEIA, Delmiro;

**Iconografia:** Foto sem crédito.

GOMES, George (Carequinha); FREAZZA, Iza; **Carequinha.** O Pasquim, n°.384, 08-11, 5, nov., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** GOMES, George (Carequinha)

**Palavras Chave:** Cultura

**Resumo:** Carequinha palhaço de sucesso. O mais conhecido do Brasil. Fala da vida no circo e do espetáculo que é o circo que para ele não corre o risco de morrer.

**Iconografia:** Charges de Guidacci, Mariano, Redi, Ziraldo

Diboi; RIBEIRO, Octávio; JAGUAR, . **O homem da caverna de ferro.** O Pasquim, n°.385, 08-09, 12, nov., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** Diboi,

**Palavras Chave:** Cultura; Comportamento

**Resumo:** Entrevista é com um morador do morro da Candelária que mora em um buraco labiríntico, feito de sucatas de metal - DIBOI, "olho de boi", fala de sua vida.

**Iconografia:** Foto de Diboi e sua moradia, sem crédito.

HOUAISS, Antonio; JAGUAR, ; NUNES, Max Newton Figueredo Pereira; BRANDÃO, Darwin; ZIRALDO, ; GHELMAN,

Walter; FREAZZA, Iza. Comida também é cultura. O Pasquim, n.º.386, 08-12, 19, nov., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Cultura; Humor

**Resumo:** A entrevista é sobre o enredo do Salgueiro para 77 que será - a comida como cultura uma das facetas da nossa formação nacional.

**Citados:** BARRETO, (Afonso Henriques de)Lima;

**Iconografia:** Foto do grupo, s/ crédito.

RAMOS, Humberto; Pasquim. Multinacionais: Como enfrentá-las com a cara e a coragem. O Pasquim, n.º.387, 08-12, 26, nov./dez., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RAMOS, Humberto

**Palavras Chave:** Poder; Política

**Resumo:** Humberto Ramos, empresário da década de 70 que processou uma multinacional por praticar cartel.

**Iconografia:** Charge do Nani, fotos sem crédito.

SOSA, Mercedes; FREAZZA, Iza. Mercedes Sosa. O Pasquim, n.º.388, 08-09, 3, dez., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SOSA, Mercedes

**Palavras Chave:** Música; Política; Poesia; Folclore; Literatura; Sucesso popular; Censura

**Resumo:** Cantora Argentina, do circuito universitário, política, conta um pouco de sua história e das censuras sofridas.

**Citados:** NASCIMENTO, Milton; PARRA, Violeta; NERUDA, Pablo; PIAZZOLLA, ;

**Iconografia:** Charge de Guidacci

CRAVO, Leila; FREAZZA, Iza; ZIRALDO, ; JAGUAR, ;. Leila Cravo: se não der vou ser freira. O Pasquim, n.º.389, 08-09, 10, dez., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CRAVO, Leila

**Palavras Chave:** Fotografia

**Resumo:** Entrevista com Leila Cravo. Conta como entrou no mundo das modelos lançadas pelo Pasquim.

**Iconografia:** Foto de Leila, sem crédito.

BRAGA, Márcio; FREAZZA, Iza;. Márcio Braga. O Pasquim, n.º.389, 12-13, 10, dez., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BRAGA, Márcio

**Palavras Chave:** Futebol; Poder

**Resumo:** Na entrevista, Márcio Braga conta as suas aspirações a direção de Flamengo.

**Iconografia:** Foto de Braga, sem crédito.

OLIVEIRA, Carlinhos de; JAGUAR, ; ZIRALDO, ; LESSA, Ivan. Carlinhos Oliveira. O Pasquim, n.º.390, 18-29, 17, dez., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** OLIVEIRA, Carlinhos de

**Palavras Chave:** Mulher; Cultura; Mídia; Romance; Crítica; Censura; Literatura

**Resumo:** A entrevista é uma das maiores publicadas pelo Pasquim. Na maior parte dela fala das relações de Carlinhos com as mulheres de forma preconceituosa, de sua "produção" literária, da sua crônica incompreendida. Comenta sobre o

mercado editorial. A entrevista é complexa, polêmica. Discute a morte do autor.

**Citados:** FLAUBERT, Gustave; RIMBAUD, Arthur; FERNANDES, Helio; GULLAR, Ferreira; CLARK, Lygia; ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de; MORAES, Vinícius de; CAMPOS, Paulo Mendes; PEDROSA, Mário; NIETZSCHE, Friedrich; BORGES, Jorge Luis; CAMPOS, Haroldo de; CAMPOS, Augusto de; FAUSTINO, Mário; PIGNATARI, Décio; PESSOA, Fernando; KIERKEGAARD, (Sören Aabye); BRAGA, Rubem; SARTRE, Jean-Paul; REZENDE, Otto Lara;

**Iconografia:** Foto de Carlinhos Oliveira, s/ crédito.

CASTILHO, Inês; PADILHA, Solange; LOPES, Joana. Elas querem é.... O Pasquim, n.º.391, 06-09, 24, dez., 1976.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CASTILHO, Inês

**Palavras Chave:** Feminismo; Jornalismo; Imprensa; Mulher

**Resumo:** Entrevista com o grupo de mulheres que editavam o jornal "Nós Mulheres". Conta a dificuldade com a distribuição, o boicote ao jornal. Presente na entrevista: Iza Freaza, Eulália Maia, Jany Rachkovky.

**Iconografia:** Charges de Cahui.

BRANCO, Carlos Antônio Castello; ZIRALDO, ; AUGUSTO, Sérgio; ATHAYDE, Félix de; VEIGA, Rui; LESSA, Ivan;

JAGUAR, ; FREAZZA, Iza. Castelo sem coluna O Pasquim, n°.392, 06-13, 31, dez./jan., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BRANCO, Carlos Antônio Castello

**Palavras Chave:** Jornalismo; Política; História; Imprensa; Literatura; Democracia; Comunismo; Justiça

**Resumo:** Castelo Branco, jornalista, formado em Direito, conta sua trajetória profissional e de como chegou a ser um dos principais e mais bem informado jornalista brasileiro. Nesta entrevista fala de vários aspectos da política nacional.

**Citados:** ANDRADE, Carlos Drummond de; ALPHONSUS, João; ANJOS, Cyro dos; REBELO, Marques; ANDRADE, Mário de; REZENDE, Otto Lara; PELLEGRINI, Hélio; CAMPOS, Paulo Mendes; DOURADO, Autran; ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de; MAILER, Norman; LIPPMANM, Walter; CALLADO, Antonio; MELO NETO, João Cabral de;

**Iconografia:** Fotos de Castelo Branco, por Walter Ghelman.

PAGÃ, Elvira; JAGUAR, ; FREAZZA, Iza;

Elvira Pagã: A sacerdotisa da verdade: "Vivo para a Imortalidade" O Pasquim, n°.393, 04-08, 7, jan., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PAGÃ, Elvira

**Palavras Chave:** Religião; Rito

**Resumo:** A espírita recebe a equipe do Pasquim e durante a entrevista diz perceber espíritos ruins rondando a sala. [Este número é todo em tinta vermelha.]

**Citados:** MIRANDA, Carmem; LANE, Virgínia; CARTER, Jimmy; ALLENDE, Salvador;

**Iconografia:** Fotos de Elvira Pagã, por Walter Ghelman.

BARBOSA, Adoniran; CIRILO, Ione; COTRIM, Paulo. Adoniran Barbosa: O dono do trem das onze. O Pasquim, n°.394, 10-13, 14, jan., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BARBOSA, Adoniran

**Palavras Chave:** Linguagem; Música; Música popular; Sucesso popular

**Resumo:** Conta sua vida no interior paulista, Valinhos. Comenta a respeito de sua vinda para a cidade, onde foi garçom da casa do General Pandiá Calógenas. Conta sua entrada para o mundo do samba.

**Citados:** BARRETO, Lima (cineasta);

CARTOLA, ; VIOLA, Paulinho da;

**Iconografia:** Fotos de Adoniran, sem crédito. Charge de Nássara.

LOUREIRO, Osvaldo; ZIRALDO, ; GAITA, Edu da. A longa noite dos atores O Pasquim, n°.395, 08-10, 21, jan., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** LOUREIRO, Osvaldo

**Palavras Chave:** Teatro; Televisão; Censura; Novela; Crítica

**Resumo:** A entrevista/bate-papo foi com o elenco da peça "A longa noite de cristal" - o Pasquim inova, além de vários entrevistadores agora, vários entrevistados falando da peça e de suas carreiras. [A entrevista transforma-se em depoimento.]

**Citados:** VIANA FILHO, Oduvaldo; MIGNONE, Francisco; ANÍSIO, Chico; CARDOSO, Elisete; SOARES, Jô; LAGO, Mário; MARCOS, Plínio;

**Iconografia:** Fotos do grupo, s/ crédito.

PACHECO, Mário Assis. Medicamentos: Réze antes de usar. O Pasquim, n°.396, 06-10, 28, jan./fev., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PACHECO, Mário Assis

**Palavras Chave:** Política; Medicina; Saúde

**Resumo:** Amerj-Associação Médica do Rio de Janeiro em 1977 começou uma campanha contra a indústria farmacêutica (multinacionais) de combate aos remédios não recomendados. Nesta entrevista um grupo de médicos discute com o Pasquim o problema e as políticas de medicamentos no Brasil. - CEME.

**Iconografia:** Charge de Guidacci.

JURUNA, Mario; MARTINS, Edilson Rodrigues. Um brasileiro chamado Juruna O Pasquim, n°.397, 06-09, 4, fev., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** JURUNA, Mario

**Palavras Chave:** Índio; Política; Cultura; Poder; Nação

**Resumo:** Juruna conta sua desconfiança nas promessas do homem branco. Diz que é preciso conviver com ele para aprender suas mentiras. Fala do pouco caso com as questões indígenas e faz denúncias contra os posseiros. [Juruna, um puro "bom selvagem".]

**Iconografia:** Fotos de Jurunas, por Edilson Martins.

FEINRIDER, Martin; Pasquim. Um cara que luta pelos Direitos Humanos: Nos Estados Unidos é claro. O Pasquim, n°.398, 08-11, 11, fev., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FEINRIDER, Martin

**Palavras Chave:** História; Política; Moral; Índio; Racismo; Poder; Polícia; Justiça; Democracia

**Resumo:** Martin é sociólogo, especializou-se em justiça criminal. Participou dos movimentos contra a intervenção americana no Vietnã. Líder progressista da década de 70, fala de temas variados sobre a sociedade americana como: a dominação capitalista, a guerra civil e outros pontos polêmicos da história americana.

**Iconografia:** Fotos de Martin, s/ crédito.

CAYMMI, Nana; Pasquim. Nana Caymmi: "Sempre canto pensando num homem". O Pasquim, n°.399, 08-09, 18, fev., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CAYMMI, Nana

**Palavras Chave:** MPB; Televisão; Música popular; Sucesso popular; Mídia

**Resumo:** Nana conta como venceu o Festival com "Saveiro", de sua vida de mulher desquitada com 3 filhos e fala de seus amigos.

**Citados:** DONATO, João; GNATTALLI, Radamés; BANDOLIM, Jacob do; COSTA, Gal; GIL, Gilberto; VELOSO, Caetano; CAYMMI, Dorival; GILBERTO, João;

**Iconografia:** Charges de Nássara.

FONDA, Jane; Pasquim. Jane Fonda. O Pasquim, n°.400, 10-12, 25, fev./mar., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FONDA, Jane

**Palavras Chave:** Cinema; Educação; Política

**Resumo:** Atriz Americana de grande sucesso que na década de 70 abraça causas políticas.

**Iconografia:** Foto de Jane Fonda, por E. Mesquita.

NETO, Silvino; JAGUAR, ; ZIRALDO, ; FREAZZA, Iza. A volta da Pimpinela - Silvino Neto. O Pasquim, n°.401, 08-12, 4, mar., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** NETO, Silvino

**Palavras Chave:** Teatro; Rádio; Humor; Televisão; Mídia; Comédia

**Resumo:** Silvino Neto autor de várias personagens como Pimpinela, Cel. Anotildo Anestésio etc. Fala de sua vida como artista popular.

**Citados:** BABO, Lamartine; LADEIRA, Cesar; SILVA, Orlando; CALDAS, Sílvio; MARIA, Antonio; VARGAS, Pedro; BATISTA, Dircinha; VARGAS, Getúlio; ARANHA, Oswaldo;

**Iconografia:** Fotos de Silvino Neto, sem crédito.

AMADO, Jorge; Pasquim. Jorge Amado. O Pasquim, n°.402, 15, 11, mar., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** AMADO, Jorge

**Palavras Chave:** Literatura; Escritores; Novela; Censura; Romance; Best-sellers

**Resumo:** Jorge fala da relação entre a literatura e a sua vida, diz que só é escritor de sucesso quando escreve livros, no mais, é um homem

comum. Reconhece em Borges uma boa literatura, mas o tem como exemplo de escritor sem compromisso social.

**Citados:** CALLADO, Antonio; HOLANDA, Chico Buarque de; RAMOS, Graciliano; REGO, José Lins do; ROSA, (João)

Guimarães; BORGES, Jorge Luis;

**Iconografia:** Fotos de Jorge Amado, sem crédito.

OLIVEIRA, Severino Dias de (Sivuca); ZIRALDO, ; FREAZZA, Iza. Sivuca O Pasquim, n°.403, 08-11, 18, mar., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** OLIVEIRA, Severino Dias de (Sivuca)

**Palavras Chave:** Música popular; Rádio; Música; Música erudita; Mídia

**Resumo:** É biográfica a entrevista. Conta sua vida desde os primeiros sons. Fala de sua família numerosa.

**Citados:** PEIXE, Guerra; VELOSO, Caetano; GISMONTI, Egberto; PASCOAL, Hermeto; HOLANDA, Chico Buarque de; MIRANDA, Carmem; BARROSO, Ary; GILBERTO, João; CAYMMI, Dorival; PIXINGUINHA, ;

**Iconografia:** Fotos de Sivuca, s/ crédito.

HARE KRISHNA, JAGUAR, ; ZIRALDO, ; FREAZZA, Iza. Os Hare - KRISNAS, os seguidores de seus brincalhão.

O Pasquim, n°.404, 25, mar./abr., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** HARE KRISHNA,

**Palavras Chave:** Religião; Cultura; Alienação; Tradição

**Resumo:** A entrevista se desenvolve a partir do fato de serem os Hare - Krisnas uma recente seita no Brasil suas propostas "humanitárias" e as polêmicas que envolve suas práticas como: sexualidade, trabalho, etc.

**Iconografia:** Fotos dos Hare-Krisnas, sem crédito.

GREY, Wilson; JAGUAR, ; BLANCO, Armindo; RIBEIRO, Octávio; ZIRALDO, . Wilson Grey no seu melhor papel: o de Wilson Grey. O Pasquim, n°.405, 08-14, 1, abr., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GREY, Wilson

**Palavras Chave:** Chanchada; Cinema; Teatro; Mídia

**Resumo:** Wilson Grey participou de 134 filmes, este número o colocaria entre os atores que mais filmaram. No entanto, sua história é de luta pelo reconhecimento de sua carreira de ator.

**Citados:** RIBEIRO, Luiz Severiano; FARIAS, Roberto;

**Iconografia:** Fotos de Wilson Grey, sem crédito.

O Pasquim, n°.406, 8, abr., 1977.

**Resumo:** Sem entrevista. 1: Neste número está

a notícia do fechamento do "Jornal Opinião", motivo; falta de liberdade no exercício da imprensa livre. Há um abaixo assinado por alguns intelectuais de esquerda como F.H.C.

MAIA, Tião; ZIRALDO, ; JAGUAR, . Tião Maia: Um caipira multinacional. O Pasquim, nº.407, 06-09, 15, abr., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MAIA, Tião

**Palavras Chave:** Política; Poder

**Resumo:** Empresário do setor exportador de carnes Tião diz que a "carne controla governos". É fazendeiro na Austrália e freqüenta todas as rodas sociais da Europa.

**Iconografia:** Fotos sem crédito.

SOUZA, Márcio; TORRES, Antônio; JAGUAR, . Uma transa amazônica. O Pasquim, nº.408, 09-12, 22, abr., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SOUZA, Márcio

**Palavras Chave:** Literatura; Cultura; Censura; Amazônia; Política

**Resumo:** Nesta entrevista Márcio Souza conta como foi a história de seu livro "Galvez...". Fala de uma Manaus mutilada pela política nacional. De um Amazonas para qual o Brasil virou as costas.

**Citados:** ANDRADE, Oswald de; CAMPOS, Augusto de; RAMOS, Graciliano; GULLAR, Ferreira;

**Iconografia:** Fotos de Márcio Souza, sem crédito.

PINTO, Sobral; ZIRALDO, ; FERREIRA, Argemiro; ATHAYDE, Félix de; BLANCO, Armindo; FREAZZA, Iza. Sobral Pinto: "não existe democracia à brasileira o que existe é peru à brasileira." O Pasquim, nº.409, 06-12, 29, abr./maio., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PINTO, Sobral

**Palavras Chave:** Jornalismo; Política; Literatura; Poder; História; Justiça; Polêmica

**Resumo:** Católico intransigente, anticomunista ferrenho, amigo de Luiz Carlos Preste. Conta sua infância, fala de Preste e de Olga, das relações suas como Partido Comunista. Fala da deportação de Olga. 1: Nas páginas 12 e 13 cartas de Sobral Pinto aos Presidentes Militares.

**Citados:** FRANCE, Anatole; LIMA, Alceu Amoroso; NIETZSCHE, Friedrich; CRUZ, Oswaldo; BRANCO, Camilo Castelo;

**Iconografia:** Fotos de Sobral Pinto, sem crédito.

LUTZEMBERG, José; FONSECA, Juarez. José Lutzemberg. O Pasquim, nº.410, 06-08, 6, maio., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** LUTZEMBERG, José

**Palavras Chave:** Cultura; Ecologia; Política

**Resumo:** O entrevistado é um engenheiro que

abraçou a causa ambiental. Foi, no Rio G. do Sul, um dos primeiros a conseguir que árvores não fossem derrubadas, através de liminar jurídica. Fala da tomada de consciência do Rio G. do Sul e das políticas ambientais.

**Iconografia:** Fotos de Lutzemberg, sem crédito.

HAGE, Jorge; Pasquim. Jorge Hage: O prefeito demitido. O Pasquim, nº.411, 13, maio., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** HAGE, Jorge

**Palavras Chave:** Política; Poder; Repressão; Censura; Democracia

**Resumo:** Prefeito da Bahia que, em 1977, foi demitido por denunciar empresários da comunicação (Jornal da Tarde) por não pagarem imposto predial à prefeitura e outras safadezas.

**Iconografia:** Fotos de Jorge Hage, sem crédito.

VILLAS-BOAS, Orlando; VILLAS-BOAS, Claudio. Claudio e Orlando Villas-Boas. O Pasquim, nº.412, 08-12, 20, maio., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** VILLAS-BOAS, Orlando

**Palavras Chave:** Política; Índio; Cultura

**Resumo:** Os irmãos Villas-Boas dedicaram sua vidas aos índios. Falam das políticas nacionais para os índios; de sua vida em família e fundamentalmente do Xingu.

**Citados:** CUNHA, Euclides da; KANT, (Immanuel); MAGALHÃES, Couto de; VARGAS, Getúlio; BARBOSA, Rui; QUADROS, Jânio; RONDON, (Marechal) Cândido; RIBEIRO, Darcy;

**Iconografia:** Fotos dos irmãos Villas-Boas, sem crédito.

GULLAR, Ferreira; ZIRALDO, ; VASCONCELOS, Marcos de; ATHAYDE, Félix de; JAGUAR, ; FREAZZA, Iza. Ferreira Gullar de volta do exílio. O Pasquim, nº.413, 08-13, 27, maio./jun., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GULLAR, Ferreira

**Palavras Chave:** Política; Literatura; Cultura; Escritores; Poesia; Concretismo

**Resumo:** A entrevista com F. Gullar depois de 5 anos de exílio. Fala do Maranhão, de poetas não conhecidos. Fala principalmente de sua vida e de sua trajetória pessoal.

**Citados:** ANJOS, Augusto dos; VIANA, Fernando Mendes; BYRON, (George Gordon) Lord; CHAPLIN, Charles; BOCAGE,; ANDRADE, Oswald de; BILAC, Olavo; CLARK, Lygia; ANDRADE, Carlos Drummond de; MELO NETO, João Cabral de; PIGNATARI, Décio;

**Iconografia:** Fotos de Ferreira Gullar, sem crédito.

MAFRA, Lucy; ZIRALDO, ; ATHAYDE, Félix de; LESSA, Ivan; JAGUAR, ; Lucy Mafra. O Pasquim, nº.414, 06-11, 3, jun., 1977.



**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** MAFRA, Lucy

**Palavras Chave:** Teatro; Televisão; Mercado; Mídia

**Resumo:** A entrevista, segundo o Pasquim, ocorreu porque Lucy Mafrá foi até a redação sem roupa pedindo para ser entrevistada, protestando por não ter oportunidades profissionais. 1: A entrevista como diz Jaguar chega a ser ridícula. [A entrevista é mais uma peça do Pasquim.]

**Iconografia:** Fotos nuas de Lucy na redação junto com todos os jornalistas, por Walter Ghelman.

BICUDO, Hélio; ZIRALDO, ; JAGUAR, ; FREAZZA, Iza. Hélio Bicudo: "Nesse negócio de esquadrão da Morte só foram condenados os pés-de-chinelos". O Pasquim, n°.415, 08-11, 10, jun., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** BICUDO, Hélio

**Palavras Chave:** Justiça; Censura; Poder; Política; Polícia; Repressão

**Resumo:** Hélio Bicudo, conta sua vida de procurador do Estado de SP no período do Governo de Ademar de Barros. Fala da dificuldade dos governantes em administrar o privado e o público e das constantes denúncias e evidências da existência do "esquadrão da morte" agindo em São Paulo.

**Citados:** BARROS, Adhemar de;

**Iconografia:** Foto de Hélio Bicudo, por Avany.

O Pasquim, n°.416, 17, jun., 1977.

**Resumo:** Sem entrevista.

O Pasquim, n°.417, 24, jun./jul., 1977.

**Resumo:** Sem entrevista.

ZIRALDO, ; FREAZZA, Iza. Estudantes: Prova Oral. O Pasquim, n°.418, 06-09, 1, jul., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Cultura; Revolução; Universalidade; Educação; Sociedade; Vanguarda

**Resumo:** Uma entrevista com personagens nomeados por número: um, dois, três, quatro que falam sobre 68 e o movimento estudantil. A entrevista é irônica, denunciando a repressão "sem nem uma lógica" da polícia.

**Iconografia:** Charges de Ziraldo.

ZERBINI, Terezinha; ZIRALDO, ; LESSA, Ivan; "Vivemos no país do medo". O Pasquim, n°.419, 07-11, 8, jul., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** ZERBINI, Terezinha

**Palavras Chave:** Mulher; Feminismo; Repressão; Governo militar

**Resumo:** Terezinha Zerbini, mulher de um general cassado, inicia o movimento feminino pela Anistia juntamente com outras mulheres na

mesma situação. O movimento editou o jornal "Maria Quitéria". É sobre este movimento que Terezinha fala ao Pasquim

**Iconografia:** Foto de Terezinha Zerbini, sem crédito.

DINES, Alberto; ZIRALDO, ; LESSA, Ivan; JAGUAR, ; FREAZZA, Iza. Alberto Dines. O Pasquim, n°.420, 06-15, 15, jul., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** DINES, Alberto

**Palavras Chave:** Crítica; Jornalismo; Intelectual; Concretismo; Literatura; Imprensa; Mídia

**Resumo:** Jornalista Judeu, intelectual reconhecido como um jornalista crítico. Fala de sua posição quanto a formação do "Estado Judeu" - sionismo. Relembra sua participação no "Cena Muda". [Nos últimos números Millôr e Jaguar não participaram das entrevistas, assim como, Tarso de Castro, Sérgio Cabral e Sérgio Augusto.]

**Citados:** ABRAMO, Cláudio; FRIEDMAN, Milton; FERNANDES, Millôr; JARDIM, Luis; BLOCH, Adolfo; MIRANDA, Macedo; WAINER, Samuel;

**Iconografia:** Foto de Alberto Dines, sem crédito.

O Pasquim, n°.421, 22, jul., 1977.

**Resumo:** Sem entrevista.

BARRETO, Antônio; ABREU, Caio Fernando; EMEDIATO, Luiz Fernando; MARTINS, Júlio César Monteiro; ANDRADE,

Jefferson Ribeiro de; ATHAYDE, Félix de; SANDRONI, Cícero. Quatro história de um novo tempo. O Pasquim, n°.422, 06-09, 29, jul./agos., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Literatura; Ideologia; Cartas; Censura; Linguagem; História

**Resumo:** Os entrevistadores são autores de "história de um novo tempo", livro de contos lançados pela CODRECRI. Falam da produção literária dos anos 70, de uma certa "função" de resistência e do mercado editorial. [Domingos Pellegrini Jr. foi um dos convidados que não compareceu.]

**Citados:** ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de; ANDRADE, Carlos Drummond de; CARVALHO, Campos de; PENNA, Cornélio; PAULA, José Agrippino de; HILST, Hilda; GULLAR, Ferreira;

**Iconografia:** Foto do grupo, sem crédito.

EISNER, Elliott W; ZIRALDO. Will Eisner. O Pasquim, n°.423, 06-09, 5, agos., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** EISNER, Elliott W.

**Palavras Chave:** Cultura; Humor; História em quadrinhos; Mídia

**Resumo:** Will Eisner, americano criador de

histórias em quadrinho - "Spirit". Fala do começo da sua carreira nos Estados Unidos e dos personagens por ele criados.

**Citados:** CANIFF, Milton; WELLES, Orson; DICKENS, Charles; MAUPASSANT, Guy de; ZOLA, Émile; DOSTOIEVSKI, (Fiodor Mikailovich); TWAINE, Mark; DOYLE, Conan; FOSTER, Harold;

**Iconografia:** Charges e fotolito de trechos do trabalho de Will Eisner.

CASALDÁLIGA, Dom Pedro; GILBERTO, João; Dom Pedro Casaldáliga O Pasquim, n°.424, 08-12, 12, agos., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CASALDÁLIGA, Dom Pedro

**Palavras Chave:** Política; Censura; Religião; Justiça; Luta de classes

**Resumo:** Nem agitador, nem santo, nem comunista apenas um homem de luta. Dom Pedro fala do CODEARA, dos conflitos de terra no sul do Pará e das políticas governamentais. Fala da CNBB, CPI, das multinacionais, do CIMI.

**Iconografia:** Foto de Casaldáliga, sem crédito.

FREAZZA, Iza; Pasquim. Afalência das cidades brasileiras.. O Pasquim, n°.425, 13-17, 19, agos., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Resumo:** A entrevista / debate é parte de um encontro promovido pelo Pasquim sobre a qualidade de vida no Rio.

**Iconografia:** Charge de Molica, Guidacci, Lapi, Hélio, Henfil, Calicut, Jaguar, Marcon, Manuel Viana. Fotos de Walter Ghelman.

RIBEIRO, Darcy; CALLADO, Antonio; ATHAYDE, Félix de; RIBEIRO, Jefferson; JAGUAR, ; MARTINS, Edilson Rodrigues. Darcy Ribeiro O Pasquim, n°.426, 08-14, 26, agos./set., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RIBEIRO, Darcy

**Palavras Chave:** Antropologia; Colonialismo; Cultura; Saúde; Mulher; História; Literatura; Escritores; Etnologia

**Resumo:** A entrevista é uma aula de história / narrativas de formação da nação brasileira. Darcy conta sua luta para voltar ao Brasil e ser operada do câncer do pulmão. Há uma relação entre os fatos que Darcy conta com os que Noel Nutles contou em sua entrevista, fatos históricos que envolveram João Goulart.

**Citados:** ENGELS, Friedrich; CAMPOS, Francisco Antonio de Moraes; AMADO, Jorge; PELLEGRINI, Hélio; FREYRE, Gilberto; GOULART, João (Belchior Marques); VARGAS, Getúlio; NIEMEYER, Oscar; CAMPOS, Paulo Mendes; DUARTE, Paulo Sérgio; PIERSON, Donald;

**Iconografia:** Foto de Darcy Ribeiro, sem crédito.

CARRARO, Adelaide; ZIRALDO, ; JAGUAR, ; FREAZZA, Iza. Adelaide Carraro já comeu o pão que o diabo amassou O Pasquim, n°.427, 08-11, 2, set., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CARRARO, Adelaide

**Palavras Chave:** Literatura; Censura; Música; Política

**Resumo:** A entrevista com Adelaide pode ser traduzida em números: 23 livros, destes, 12 publicados e 11 censurados; 5 em processo, 18 prisões, 2 milhões de exemplares vendidos. Conta como foi sua vida de "criada" das filhas e Ademar de Barros e seu ódio por Getúlio.

**Citados:** JESUS, Carolina Maria de; RIBEIRO, Octávio; DOSTOIEVSKI, (Fiodor Mikailovich); RIOS, Cassandra; PLATÃO, ; PLUTARCO, ; DANTAS, Paulo; AMADO, Jorge; TELLES, Lygia Fagundes; VERÍSSIMO, Érico;

**Iconografia:** Foto de Adelaide, sem crédito.

O Pasquim, n°.428, 9, set., 1977.

**Resumo:** Sem entrevista. 1: Capa P.Q.P (Partido Quermista do Pasquim).

LIMA, Alceu Amoroso; JAGUAR, ; ZIRALDO, ; FERREIRA, Argemiro. Alceu de Amoroso Lima (Dr. Alceu) O Pasquim, n°.429, 08-14, 16, set., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** LIMA, Alceu Amoroso

**Palavras Chave:** Cultura; Humor; Literatura; História; Crítica; Escritores

**Resumo:** Alceu de Amoroso Lima fala da história de sua vida, das pessoas que fizeram parte dela. É um depoimento de história de vida. Alceu havia sido entrevistado em: 1969 no jornal número 13 estava com 75 anos.2: Sobre estes autores citado Alceu diz serem pseudo modernista.

**Citados:** MIRANDA, Pontes de; BARBOSA, Rui; ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de; NEPOMUCENO, Alberto; HOUAISS, Antonio; PEIXOTO, Afrânio; ARANHA, (José) Graça; FRANCE, Anatole; BANDEIRA, Manuel; FRANCIS, Paulo; ROMERO, Silvío; ANDRADE, Oswald de; AZEVEDO, Álvares de; CARVALHO, Ronald de; ANDRADE, Carlos Drummond de; ROSA, (João) Guimarães; RIBEIRO, Darcy; PROUST, Marcel; TAUNAY, Alfredo D'Escagnolle;

COELHO NETO, Henrique (Maximiliano);

**Iconografia:** Fotos de Alceu de A. Lima por Walter Ghelman e desenhos de Guidacci.

LIMA, Alceu Amoroso; ZIRALDO, ; JAGUAR, ; FERREIRA, Argemiro. Dr. Alceu (Parte Final) O Pasquim, n°.430, 04-11, 23, set., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** LIMA, Alceu Amoroso

**Palavras Chave:** Cultura; Humor; Literatura; História; Crítica; Escritores; Religião; Comunismo

**Resumo:** Alceu fala de cristianismo X comunismo; da morte; da decadência do Rio de Janeiro é da esperança.

**Citados:** POMBO, Rocha; RIBEIRO, João; FRANCE, Anatole; AQUINO, Santo Thomas de; ANDRADE, Mário de; MARX, Karl; CUMMINGS, E. E.;

**Iconografia:** Fotos de Dr. Alceu, por Walter Gehlman e desenhos de Guidacci.

DANTAS, Audálio; JAGUAR, ; ZIRALDO, . Audálio Dantas: A Coragem de ser jornalista. O Pasquim, n°.431, 04-08, 30, set./out., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** DANTAS, Audálio

**Palavras Chave:** Jornalismo; Política; Literatura; Imprensa; Mídia; Escritores

**Resumo:** Jornalista com uma deputação de profissional sério. Seu envolvimento com Carolina de Jesus foi bastante tumultuado. Na entrevista fez crítica ao jornalismo (empresa) brasileiro. Reativou o Sindicato dos Jornalistas.

**Iconografia:** Fotos de Audálio, s/ crédito.

RUSCHI, Augusto; CRUZ, Marcelo Quiroga Santa;. Ecologia - "No Brasil não há clima pra isso" - Augusto Ruschi. O Pasquim, n°.432, 7, out., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RUSCHI, Augusto

**Palavras Chave:** Ecologia; Política; Cultura; Educação; Natureza

**Resumo:** Ruschi fala de como descobriu seu amor pelo Beija-flores e seu longo trabalho de catalogar as 760 espécies conhecidas.

**Iconografia:** Fotos de Augusto Ruschi, por Walter Ghelman.

MIROW, Kurt Rudolf; ZIRALDO, . "A anatomia de subdesenvolvimento". O Pasquim, n°.433, 08-12, 14, out., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MIROW, Kurt Rudolf

**Palavras Chave:** Subdesenvolvimento; Economia; Industrialização; Capitalismo

**Resumo:** Industrial fala da pressão dos cartéis na economia brasileira. Dos problemas ligado ao subdesenvolvimento e ao desenvolvimento do parque industrial no Brasil.

**Iconografia:** Charge de Guidacci. Fotos de Mirow, s/ crédito.

ARNS, Dom Paulo Evaristo; DANTAS, Audálio; JAGUAR, ; ZIRALDO, . Dom Paulo Evaristo Arns. O Pasquim, n°.434, 04-07, 21, out., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ARNS, Dom Paulo

Evaristo

**Palavras Chave:** Humor; Religião; Utopia; Justiça; Política

**Resumo:** Paulo Arns conta sua infância, fala de sua vocação e de sua postura política / filosófica diante de questões como: democracia, injustiça social, ditadura militar.

**Iconografia:** Fotos de Dom Paulo Evaristo Arns, s/ crédito.

QUINTANA, Mário; LESSA, Ivan. Mário Quintana ( 1a. Entrevista ). O Pasquim, n°.435, 06-07, 28, out./nov., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** QUINTANA, Mário

**Palavras Chave:** Literatura; Poesia; Cultura; Intelectual; Escritores

**Resumo:** A entrevista é quase lacônica, Mário Quintana com 71 anos fala da poesia e do ato de produzir poemas, se nega as definições e a crítica.

**Citados:** LORCA, Federico Hernandez García; LISPECTOR, Clarice; ANDRADE, Carlos Drummond de; BANDEIRA, Manuel;

**Iconografia:** Fotos de Mario Quintana, sem crédito.

ALBERTI, Rafael; FREAZZA, Iza. Rafael Alberti, o poeta que escapou de Franco, de Hitler e do prêmio Nobel ( 2a. Entrevista ). O Pasquim, n°.435, 13-15, 28, out./nov., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ALBERTI, Rafael

**Palavras Chave:** Literatura; Poesia; Política; Partido comunista; História

**Resumo:** Alberti fala de seu exílio que durou 40 anos, da sua recusa em ser deputado por Cadiz e de sua concepção política. Alberti, poeta Andaluz, com inúmeras obras publicadas. "Retorno de los vivos lejanos" é destaque entre suas obras.

**Citados:** NERUDA, Pablo; ANDRADE, Carlos Drummond de; LIMA, Jorge de; BANDEIRA, Manuel; CAVALCANTI, (Emiliano) Di; MORAES, Vinícius de; PORTINARI, Candido; MELO NETO, João Cabral de;

**Iconografia:** Fotos de Manolo Figueira.

LEYLAND, Winston; JAGUAR, ; CHRYSÓSTOMO, Antonio; ANTÔNIO, João. "Os gays estão se conscientizando". O Pasquim, n°.436, 07-09, 4, nov., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** LEYLAND, Winston

**Palavras Chave:** Homossexualidade; Mídia; Moral; Imprensa; Discriminação

**Resumo:** A entrevista é com o editor da revista "Guy Sunshine", San Francisco. Fala entre outros assuntos de mercado editorial e da discriminação, etc.

**Citados:** WILLIAMS, Tennessee; GINSBERG, Yllen; PENTEADO, Darcy;

**Iconografia:** Foto de Leyland, por Wilton

Montenegro.

CAVA, Ralph Della; JAGUAR, ; ZIRALDO, ; LESSA, Ivan; GASPARIAN, Fernando; ATHAYDE, Félix de; **Quem? Eu?**

**Brazilianista?** O Pasquim, n°.437, 11-13, 11, nov., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CAVA, Ralph Della

**Palavras Chave:** Brasil; Cultura; Literatura; Subdesenvolvimento; Igreja; História

**Resumo:** Cientista político, brazilianista, ou seja, pesquisador americano bem pago para estudar brasileiros. O termo quem lançou foi a revista "Veja". [Fernando Henrique Cardoso (F.H.C.) participa desta entrevista.]

**Citados:** HARRIS, Marvin; WAGLEY, Charles; CALLADO, Antonio; JULIÃO, Francisco; TEIXEIRA, Anísio; CASTRO, Fidel; SAINT-HILAIRE, Auguste de;

**Iconografia:** Fotos de Ralph, s/ crédito. Charge do Redi.

ESCOBAR, Ruth; CIRILO, Ione; JAGUAR, ; CRUZ, Marcelo Quiroga Santa; ZIRALDO, **"A JK do teatro brasileiro"**. O Pasquim, n°.438, 08-13, 18, nov., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ESCOBAR, Ruth

**Palavras Chave:** Teatro; Cultura; Política; Mulher; Censura; Repressão; Jornalismo

**Resumo:** Ruth migrou para o Brasil quando tinha 12 anos. Conta como sua vida mudou com sua vinda para o Brasil foi jornalista, empresária, produtora, artista. A entrevista mostra Ruth Escobar como "símbolo" da mulher anos 70.

**Citados:** PRADO, Décio de Almeida; RATO, Gianni; ABRAMO, Lélia; BOAL, Augusto; ARNS, Dom Paulo Evaristo; CAETANO, Marcelo;

**Iconografia:** Fotos de Ruth Escobar, sem crédito.

UMERU, Cacique Bororó; MARTINS, Edilson Rodrigues; **Ritual de morte de um Cacique Bororó**. O Pasquim, n°.439, 06-08, 25, nov./dez., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** UMERU, Cacique Bororó

**Palavras Chave:** Índio; Cultura; Política; Etnografia

**Resumo:** Índios Bororós/MT, na década de 70 tiveram suas terras invadidas por fazendeiros. Na luta morreram índios, padres e posseiros. Umeru chefe da tribo Bororó conta suas lutas e de seu povo já muito doente fala da morte.

**Iconografia:** Fotos de Umeru, sem crédito.

LESSA, Ivan; JAGUAR, . **En La Noche**. O Pasquim, n°.439, 09-11, 25, nov./dez., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Resumo:** A entrevista de única página, faz um

contraponto com a anterior - "caciques da noite". Os empresários cariocas são Sidney Reis e Sérgio Souza.

**Iconografia:** Charge de Laerte. Fotos s/ crédito.

BANANA, Milton; DONATO, João; **João Donato e Milton Banana**. O Pasquim, n°.440, 06-09, 2, dez., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BANANA, Milton

**Palavras Chave:** Música; Bossa-nova; Música popular

**Resumo:** O Pasquim nesta entrevista reuniu o maestro e pianista João Donato e o baterista Milton Banana. Músicos das noites cariocas dos anos 50 ligados à Bossanova.

**Citados:** GILBERTO, João; POWELL, Baden; CARLOS, Roberto; CARDOSO, Elisete; JOBIM, Tom; CAVALCANTI, (Emiliano) Di; CALDAS, Sílvio; PINHEIRO, Paulo César; ALVES, Lúcio; BORGES, Lo; SANTOS, Agostinho dos;

**Iconografia:** Foto dos dois músicos, sem crédito.

VAGNER, (jogador de futebol); Pasquim.. **Vagner, um "Barnabé do Futebol"**. O Pasquim, n°.441, 06-08, 9, dez., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** VAGNER, (jogador de futebol)

**Palavras Chave:** Futebol; Política; Esporte

**Resumo:** Zagueiro que na década de 70 escreve uma carta pública pedindo para ser aproveitado em clubes maiores. Sérgio Martins que participou da entrevista, diz que Vagner é um bom profissional.

**Iconografia:** Fotos de Vagner, s/ crédito.

NIEMEYER, Oscar; JAGUAR, ; ZIRALDO, ; GULLAR, Ferreira; ATHAYDE, Félix de. **Niemeyer**. O Pasquim, n°.442, 18-30, 16, dez., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** NIEMEYER, Oscar

**Palavras Chave:** Cultura; Arquitetura; Política; Escultura; Literatura; Construtivismo

**Resumo:** Fala de sua visão sobre Brasília, um cidade "pronta"; da falta de política de conservação do patrimônio arquitetônico. Da arquitetura / escultura como forma e estética.

**Citados:** RIBEIRO, Darcy; ANDRADE, Carlos Drummond de; MORAES, Vinícius de; COSTA, Lúcio; JARDIM, Luis; PESSOA, Fernando; BALZAC, Honoré de; JUNG, Carl-Gustav; DESCARTES, René;

**Iconografia:** Fotos de Oscar Niemeyer, sem crédito.

SOUZA, Moacyr Félix de; JAGUAR, ; ATHAYDE, Félix de; **Moacyr Félix de Souza**. O Pasquim, n°.443, 10-13, 23, dez., 1977.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SOUZA, Moacyr Félix de

**Palavras Chave:** Literatura; Poesia; Crítica; Cultura; Formalismo; Memória

**Resumo:** Moacyr conta um pouco de sua história de poeta, das relações com as editoras, da poesia, do intelectual, da censura e do AI-5. Neste número, um artigo de Ferreira Gullar, "A literatura abre-se à vida".

**Citados:** ANDRADE, Oswald de; GOGH, Vincent Van; ANJOS, Augusto dos; CHAR, René; ANDRADE, Mário de; GOETHE, (Johann Wolfgang von); HOELDERLIN, Friedrich; WAHL, Jean; HEIDEGGER, Martin; GULLAR, Ferreira; FREIRE, Paulo; KOSICH, Korel; ELLIOT, T. S. (Thomas Stearns); FRANCIS, Paulo; MACHADO, (Antônio de) Alcântara; SARTRE, Jean-Paul; ANDRADE, Carlos Drummond de; BANDEIRA, Manuel; PASTERNAK, Bóris; RIMBAUD, Arthur; VERLAINE, Paul; FISCHER, Ernest; ALBERTI, Rafael;

**Iconografia:** Fotos Moacyr Félix, sem crédito.

## O PASQUIM – Ano de 1978

O Pasquim, n°.444, 30, dez./jan., 1978.

**Resumo:** Sem entrevista. Neste número uma montagem de uma entrevista com "Baby Doc".

CHAGAS, Carlos; JAGUAR, ; ZIRALDO, ; FERREIRA, Argemiro; ATHAYDE, Félix de; país é esse aí. O Pasquim, n°.445, 4-15, 6, jan., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CHAGAS, Carlos

**Palavras Chave:** Jornalismo; Crítica; Política; Poder; Polêmica; História; Imprensa

**Resumo:** Repórter político bem informado, responsável pelo editorial dos jornais Folha de São Paulo e Última Hora autor de "Resistir á preciso". Fala do golpe e das políticas que se viabilizaram a partir daí. Diz quem foi resistência e fala dos

bastidores do golpe.

**Citados:** LACERDA, Carlos; QUADROS, Jânio; PINTO, Magalhães Braga; HUGO, Victor; BRIZOLA, Leonel; NEVES, Tancredo; BANDEIRA, Moniz; BRANCO, Camilo Castelo; ALEIXO, Pedro; REALE, Miguel; FROTA, Silvio; **Iconografia:** Foto de Carlos Chagas por Walter Ghelman.

MINDLIN, José; Pasquim. Votar se aprende é votando. O Pasquim, n°.446, 13-15, 13, jan., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MINDLIN, José

**Palavras Chave:** Cultura; Educação; Arte; Literatura; Política

**Resumo:** José Mindlin, industrial, empresário, advogado. Homem ligado às artes e a cultura foi por um tempo secretário de Educação do Estado de São Paulo. Nome ligado ao pensamento liberal do país. [Entrevista foi realizada em Paris.]

**Citados:** PESTANA, Nestor Rangel; PICASSO, Pablo; MATISSE, Henri; BRAQUE, Georges; FROTA, Silvio;

**Iconografia:** Fotos de José Mindlin, s/ crédito.

O Pasquim, n°.447, 20, jan., 1978.

**Resumo:** Sem entrevista.

BROSSARD, Paulo; ZIRALDO, ; FERREIRA, Argemiro; AUGUSTO, Sérgio; ATHAYDE, Félix de; Brossard (no fundo, no fundo) um libertador. O Pasquim, n°.448, 8-15, 27, jan./fev., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BROSSARD, Paulo

**Palavras Chave:** Política; Poder; Direito; Sociedade; História

**Resumo:** Brossard político importante no cenário nacional foi o primeiro a propor mudanças na política pós 64. Fala do

parlamentarismo e das estratégias que o poder dispõe para manter vivo os princípios da revolução de 64.

**Citados:** MANGABEIRA, João; PINTO, Magalhães Braga; GOMES, Sergio;

**Iconografia:** Foto de Brossard, s/ crédito.

FRAZÃO, Erastóstenes Alves; Pasquim. Frazão: um grande machista O Pasquim, n°.449, 4-6, 3, fev., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FRAZÃO, Erastóstenes Alves

**Palavras Chave:** Música; Carnaval; Ironia; Humor

**Resumo:** Jornalista autor da marchinha de carnaval "Floribela", "O cordão dos puxa-sacos", etc. Fala de seus contemporâneos - Noel Rosa e das marchas que fez. 1: Nesta mesma edição nas páginas 12, 13, 14 e 15 uma grande reportagem de Edílson Martins com alguns índios Pataxós, entre eles Raoni e Prepori.

**Citados:** CAYMMI, Dorival; FREIRE JUNIOR, ; FONTES, Hermes; RIBEIRO, Alberto; CHOPIN, ; JOBIM, Tom; MARTINS, Roberto; PLATÃO, ; MARX, Karl; ROSA, Noel; PINTO, Walter; BABO, Lamartine; MARTINS, Herivelto; LACERDA, Benedito; NÁSSARA, Antônio Gabriel; SILVA, Orlando; MAQUIAVEL, Nicolau; PIXINGUINHA, ; LAGO, Mário;

**Iconografia:** Charge de Nássara.

GOMES, Severo; AUGUSTO, Sérgio; VILLAS-BOAS, Herculano; VILLAS-BOAS, Orlando.

Severo Gomes. O Pasquim, n°.450, 9-15, 10, fev., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GOMES, Severo

**Palavras Chave:** Política; Censura; Repressão; Direito

**Resumo:** Ministro da Gov. Geisel. Fez oposição aos "contratos de risco". Industrial de sucesso (cobertores Parahyba). Fala das candidaturas dos presidentes militares.

**Citados:** FIGUEIREDO, João de; PINTO, Magalhães Braga; SODRÉ, Muniz;

**Iconografia:** Foto de Severo Gomes, s/ crédito.

O Pasquim, n°.451, 17, fev., 1978.

**Resumo:** Sem entrevista.

NERCESSIAN, Stepan; JAGUAR, ; RIBEIRO, Jefferson. Stepan Nercessian. O Pasquim, n°.452, 06-11, 24, fev./mar., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** NERCESSIAN, Stepan

**Palavras Chave:** Televisão; Cinema; Teatro; Cinema Novo

**Resumo:** Filhos de migrantes armênios. Conta sua vida no Brasil e de como se iniciou na televisão. Fala do pai, das perseguições

políticas.

**Citados:** RODRIGUES, Nelson; CHAGAS, Walmor; ZIRALDO, ; OLIVEIRA, Juca de; ROCHA, Glauber; LAGO, Mário; FARIAS, Roberto; BARRETO, Luís Carlos; OLIVEIRA, Carlinhos de; FIGUEIREDO, João de; LOUREIRO, Osvaldo;

**Iconografia:** Foto de Nercessian, s/ crédito.

PINTO, Magalhães Braga; ZIRALDO, ; JAGUAR, ; ATHAYDE, Félix de. Magalhães

Pinto: tudo azul ou não na sucessão. O Pasquim, n°.453, 06-12, 3, mar., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PINTO, Magalhães Braga

**Palavras Chave:** Política; História; Revolução; Censura

**Resumo:** Comenta fatos significativos sobre a disputa presidencial dentro do colégio eleitoral.

**Citados:** BRAGA, Ney; BONIFÁCIO, José;

**Iconografia:** Foto de Magalhães Pinto, s/ crédito.

ARRAES, Miguel; Pasquim. Miguel Arraes. O Pasquim, n°.454, 04-10, 10, mar., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ARRAES, Miguel

**Palavras Chave:** Política; História; Populismo; Comunismo; Revolução; Poder

**Resumo:** A entrevista com Arraes feita em Portugal. Fala de sua vida e de como entrou para a política. De seus companheiros e oponentes.

**Citados:** BRIZOLA, Leonel; MAGALHÃES, Agamenon; PRESTES, Luís Carlos; JULIÃO, Francisco; VARGAS, Getúlio; BRANCO, Carlos Antônio Castello; CARVALHO, Abdias Vilar;

**Iconografia:** Fotos de Miguel Arraes, por Samuel La Velberg.

BEVILACQUA, Pery; JAGUAR, ; ATHAYDE, Félix de; ZIRALDO, ; O general da Anistia O Pasquim, n°.455, 04-08, 17, mar., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BEVILACQUA, Pery

**Palavras Chave:** Censura; Repressão; Comunismo

**Resumo:** Comenta problemas, confrontos entre os poderes que comandava o regime militar e das posições quanto à Anistia. Neste número uma entrevista publicada postumamente de Aliomar Baleeiro ao Pasquim realizado em 1977. Pág. 12, 13 e 14.

**Citados:** QUADROS, Jânio; PINTO, Magalhães Braga; FALCÃO, Armando;

**Iconografia:** Charge de Duayer, de Rei.

SILVA, Luis Ignácio da (Lula); ZIRALDO, ; ATHAYDE, Félix de. Qual é a classe brasileira que tem consciência? O Pasquim, n°.456, 04-10, 24, mar., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SILVA, Luis Ignácio da (Lula)

**Palavras Chave:** Política; Repressão; Censura; Sindicalismo; História; Comportamento

**Resumo:** Líder sindical dos metalúrgicos de São Bernardo. Conta o início de sua história de luta na organização do Sindicalismo brasileiro. .

**Citados:** PINTO, Magalhães Braga; CAMARA, Dom Helder; ARNS, Dom Paulo Evaristo;

**Iconografia:** Foto de Lula, por Walter Ghelman.

O Pasquim, n°.457, 31, mar./abr., 1978.

**Resumo:** Sem entrevista.

CÉSAR, Paulo; RIBEIRO, Jefferson; JAGUAR, ; "NAO. Futebol com as pés e não com a barba." O Pasquim, n°.458, 10-12, 7, abr., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CÉSAR, Paulo

**Palavras Chave:** Futebol; Política; Crítica; Imprensa

**Resumo:** Jogador de Futebol cortado da seleção conta os políticos existentes dentro da CBD. Considerado jogador irresponsável pelo modo de vida esbanjador. [Neste último Pasquim não é a patota que faz a entrevista, ela passa a ser um encaixe. É a crise do Pasquim? Cita uma série de jogadores de êxito da década de 70. Paulo César foi convidado a escrever uma "crônica" semanal para o Pasquim.]

**Iconografia:** Fotos Paulo César, por Walter Ghelman.

MACIEL, Lysaneas; CLAUDIUS, Mathias; WEFFORT, Francisco Corrêa; CONCEIÇÃO, Manoel da; Fala, Lysaneas Maciel. O Pasquim, n°.459, 26-30, 14, abr., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MACIEL, Lysaneas

**Palavras Chave:** Política; Polêmica; Democracia; Repressão; Nacionalismo

**Resumo:** Político combatido dentro do seu próprio partido - o MDB. Nesta entrevista analise o MDB, a "democracia" brasileira, a soberania nacional. [1978 é um período em que o Pasquim pública e da muito destaque ao Gen. Figueiredo. Em quase todo jornal deste período tem uma nota sobre o general.]

**Citados:** BRANCO, Carlos Antônio Castello; NEVES, Tancredo; FREITAS, Chagas; GUIMARÃES, Ulisses;

**Iconografia:** Foto Lysaneas Maciel, sem crédito.

RUAS, João Geraldo Itatuitin; MARTINS, Edílson Rodrigues; Eu já fui índio. O Pasquim, n°.460, 10-13, 21, abr., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RUAS, João Geraldo Itatuitin

**Palavras Chave:** Índio; Cultura; Religião

**Resumo:** Ruas conta como foi retirado da

aldeia dos Jurunas. Conta sua história e de seu povo. Fala da sua criação no "mundo" dos brancos. Comenta o estatuto do índio e outras políticas.

**Citados:** VILLAS-BOAS, Herculano; VILLAS-BOAS, Orlando; RIBEIRO, Darcy;

**Iconografia:** Foto sem crédito.

BITTENCOURT, Getúlio; Pasquim. **Os entrevistadores do Figueiredo**. O Pasquim, n°.460, 26-28, 21, abr., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BITTENCOURT, Getúlio

**Palavras Chave:** Jornalismo; História; Imprensa; Política

**Resumo:** Entrevistador, jornalista do Gen. Figueiredo conta história do período militar quanto ao envolvimento da imprensa.

**Citados:** CASOY, Boris;

**Iconografia:** Foto de Getúlio Bittencourt, por Nelson Penteador.

BRAGA, Roberto Saturnino; JAGUAR, . **Saturnino Braga Taxativo: "O Brasil pode viver tranqüilamente sem capitar estrangeiro"**. O Pasquim, n°.461, 26-30, 28, abr./maio., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BRAGA, Roberto Saturnino

**Palavras Chave:** Política; História; Democracia; Capitalismo; MDB

**Resumo:** Comenta sobre as políticas nacionais, a importância do MDB no processo das lutas por eleição direta, a democracia e o capital internacional.

**Citados:** FIGUEIREDO, João de; PINTO, Magalhães Braga; MIROW, Kurt Rudolf;

**Iconografia:** Foto de Saturnino Braga, sem crédito.

FREIRE, Paulo; PAIVA, Cláudio. **Paulo Freire, no exílio, ficou mais brasileiro ainda**. O Pasquim, n°.462, 10-14, 5, maio., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FREIRE, Paulo

**Palavras Chave:** Cultura; Educação; Estado Novo; Socialismo; Escritores

**Resumo:** Paulo Freire relembra a família, a infância, o exílio. E conta como aprendeu a viver com dignidade fora e dentro do Brasil. [A entrevista expõe o pensamento deste educador. [Félix de Athayde escreve sobre Darwin Brandão um necrológico, pág. 15.]

**Citados:** ALVES, Hemano; WEFFORT, Francisco Corrêa; CHONCHOL, Jacques;

**Iconografia:** Foto de Paulo Freire, sem crédito.

CORREA, Villas Boas; ZIRALDO, ; JAGUAR, . **"A arena é a filha da UND que caiu na zona"**. O Pasquim, n°.463, 24-30, 12, maio., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CORREA, Villas Boas

**Resumo:** Política, MDB, PSD, UND, jornal, imprensa, tortura. São os temas desta entrevista com Villas Boas.

**Citados:** VARGAS, Getúlio; LACERDA, Carlos; COSTA, Oswaldo; SALES, Herberto; COSTA FILHO, Odylo; ROSA, (João) Guimarães; MESQUITA, Julio de; ALVES, Aluizio; BRANCO, Carlos Antônio Castello; FIGUEIREDO, João de; AMADO, Gilson;

**Iconografia:** Foto de Villas, s/ crédito.

EMEDIATO, Luiz Fernando; ASSUNÇÃO, Paulinho. **"Cuspo nos prêmios literários que recebo"**. O Pasquim, n°.464, 16-18, 19, maio., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** EMEDIATO, Luiz Fernando

**Palavras Chave:** Cultura; Literatura; Prêmio; Censura; Escritores; Romance

**Resumo:** Luiz Fernando ganhou 20 prêmios literários autor de "A Rebelião dos Mortos". Na década de 70 (1978) foi premiado pela prefeitura de BH. O prefeito não lhe entregou o prêmio por considerar que seu livro era ofensivo à literatura. "Rebelião dos Mortos" foi publicado pelo Codecri.

**Citados:** KAFKA, Franz; DOSTOIEVSKI, (Fiodor Mikailovich); CORTÁZAR, Julio; RAMOS, Ricardo; SANDRONI, Cícero; MIRANDA, Ana Maria; RAMOS, Graciliano; ANDRADE, Carlos Drummond de; CARVALHO, Campos de; CALLADO, Antonio; DRUMMOND, Roberto; BANDEIRA, Manuel; BENEDETTI, Mario; CARPENTIER, Alejo;

**Iconografia:** Foto de Emediato, sem crédito.

GARAUDY, Roger; JAGUARIBE, Helio; SOUZA, Augusto Monteiro de; ZIRALDO, ; BARBOSA, Wilmar do Valle; **Roger Garaudy, O novo cristão**. O Pasquim, n°.464, 26-31, 19, maio., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GARAUDY, Roger

**Palavras Chave:** História; Epistemologia; Ciência; Marxismo; Filosofia; Literatura

**Resumo:** Autor do livro "Projeto Esperança". Filósofo marxista. Fala de suas obras da questão da transcendência, do humanismo, do marxismo. Faz severas críticas a Althusser. [Na entrevista Ziraldo defini o Pasquim "não somos um jornal de humor, de atualidade, de crítica, política." Mas cremos que neste momento suas palavras interessam a nossos leitores.]

**Citados:** MARX, Karl; COUSIN, Victor; ALTHUSSER, Louis; FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles; NIETZSCHE, Friedrich; REICH, Wilhelm; KAUTSKI, Karl; STALIN, Josef; D'ESTAING, Giscard;

**Iconografia:** Foto de Roger Garaudy, sem crédito.



SOBRINHO, Barbosa Lima; ZIRALDO, ; JAGUAR, ; RIBEIRO, Octávio; AUGUSTO, Sérgio; Barbosa Lima Sobrinho. O Pasquim, n°.465, 25-29, 26, maio./jun., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SOBRINHO, Barbosa Lima

**Palavras Chave:** Literatura; Direito; Imprensa; Revolução de 1930; Política; Justiça; Democracia

**Resumo:** Conta sua história pessoal e profissional da sua relação como presidente da ABI.

**Citados:** COSTA, Hipólito José da; DANTAS, San Thiago; ALVES, Aluizio; MANGABEIRA, João; VARGAS, Getúlio; NEVES, Tancredo;

**Iconografia:** Foto de Lima Sobrinho, sem crédito.

ZIRALDO, ; JAGUAR, Ronaldo Petroleiro. "Todo trabalhador deve ser sindicalista". O Pasquim, n°.466, 10-13, 2, jun., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MEDEIROS, J.A.

**Palavras Chave:** Política

**Resumo:** A entrevista é sobre as políticas sindicais no Brasil. Do sindicato patronal dirigido por militares.

**Citados:** VARGAS, Getúlio;

**Iconografia:** Foto sem crédito.

PAZZIANOTO, Almir; GOMES, Sergio; DANTAS, Audálio; KFOURI, Juca: "A paciência do trabalhador já se esgotou". O Pasquim, n°.467, 10-13, 9, jun., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PAZZIANOTO, Almir

**Palavras Chave:** Direito; Trabalho; Justiça; Sindicalismo; Luta de classes

**Resumo:** Almir Pazzianotto advogado do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo fala das questões jurídica e das cutas dos trabalhadores.

**Citados:** MIRANDA, Pontes de;

**Iconografia:** Foto de Pazzianoto, s/ crédito.

FAORO, Raymundo; ATHAYDE, Félix de; ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de. Faoro: uma aula completa sobre história, política, leis, democracia, estado (forte do direito) habeas Corpus, liberalismo.. O Pasquim, n°.468, 10-15, 16, jun., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FAORO, Raymundo

**Palavras Chave:** Direito; Justiça; Política; Comunismo; História; Capitalismo; Marxismo

**Resumo:** Jurista que defendeu posições progressistas dentro da OAB. Foi defensor do Respeito à Constituição Nacional, principalmente quanto ao direito dos trabalhadores.

**Citados:** NAVA, Pedro; CAMPOS, Francisco

Antonio de Moraes; HEGEL, (Georg Wilhelm Friedrich); TROTSKI, Leon; FIGUEIREDO, João de; WEBER, Max; SODRÉ, Nelson Werneck; BUKHARIN, Mikhail; GRAMSCI, Antonio; CAMÕES, Luiz Vaz de; PORTELA, Paulo da; FREITAS, Chagas; SILVA, Luis Ignácio da (Lula); MARX, Karl;

**Iconografia:** Fotos de Walter Ghelman. PEDROSA, Mário; ZIRALDO, ; ATHAYDE, Félix de. Mário Pedrosa & a vitória dos seus fracassos. O Pasquim, n°.469, 04-15, 23, jun., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PEDROSA, Mário

**Palavras Chave:** Arte; Pintura; Escultura; História

**Resumo:** Mário Pedrosa conta sua história pessoal a vida no exílio e sua relação com os amigos e com a arte. Do progresso do Rio de Janeiro que o assusta, é demolidor. Fala da política no mundo. 1: Com esta entrevista o Pasquim inicia uma série de entrevista cujo objetivo é editar um livro. 2: Uma reportagem com Caó - jornalista sindical.

**Citados:** COELHO NETO, Henrique (Maximiliano); VOLPI, Alfredo; CLARK, Lygia; QUADROS, Jânio; GOULART, João (Belchior Marques); PORTINARI, Candido; CAMUS, Albert; DUARTE, Paulo Sérgio; GUIGNARD, Alberto da Veiga;

VILLA-LOBOS, Heitor; BARBOSA, Rui; PIXINGUINHA, ; GUARNIERI, Mozart Camargo; AFONSO, Almino; VARGAS, Getúlio;

**Iconografia:** Algumas fotos sem crédito. Foto de Caldir Aléssio Andrade.

RAMOS, J.; MOREIRA, Sonia Virgínia. Não Gravo (dubladores fecham a boca pra estrilar). O Pasquim, n°.470, 10-12, 30, jun./jul., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RAMOS, J.

**Resumo:** 130 dubladores entram em greve requerendo o pagamento dos encargos sociais melhores condições de trabalho. Nesta entrevista o Pasquim fala com Jorge Ramos, (Charles Bronson) e Luiz Motta (Kajak).

**Citados:** RICHERS, Herbert;

**Iconografia:** Foto dos dubladores, sem crédito.

MOREIRA, Euler Bentes; JAGUAR, ; ZIRALDO, ; ATHAYDE, Félix de; AUGUSTO, Sérgio; Euler Bentes Moreira. O Pasquim, n°.471, 26, 7, jul., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MOREIRA, Euler Bentes

**Palavras Chave:** Poder; Política; Revolução; Democracia; Governo militar

**Resumo:** General Euler Bentes figura bastante polêmica quantos suas opiniões a respeito do regime militar. Fala de sua vida, de sua família e da política de redemocratização do Brasil,

segundo o, ponto de vista dos militares.

**Citados:** VARGAS, Getúlio; PINTO, Magalhães Braga;

**Iconografia:** Foto de Euler Bentes, sem crédito.

ROCHA, Gilvan; ZIRALDO, ; ATHAYDE, Félix de; JAGUAR, ; Gilvan Rocha, senador, médico e caricaturista. O Pasquim, n°.472, 10-13, 14, jul., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ROCHA, Gilvan

**Palavras Chave:** Medicina; Cultura; Educação; Política; Saúde

**Resumo:** Gilvan senador por Alagoas mais votado. De formação política, médico, apreciado por suas atitudes humanistas. Comenta as políticas sanitárias, crítica a BENFA e, tece considerações sobre as políticas culturais.

**Citados:** ROCHA, Glauber; CRAVO NETO, Mário; AMADO, Jorge; GAMA FILHO, Osmar;

**Iconografia:** Charges de Gilvan Rocha.

MERCURI, Melina; FREAZZA, Iza. Melina Mercuri. O Pasquim, n°.472, 30-31, 14, jul., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MERCURI, Melina

**Palavras Chave:** Política; Cultura; Cinema; Comportamento; Sociedade; Democracia

**Resumo:** Atriz que na década de 70 transformou-se política em militante - GRÉCIA. Deputada Melina lutou por maiores libertadores em seu país.

**Iconografia:** Fotos de Melina Mercuri, por Nelson Percal.

FREAZZA, Iza. Uma Família Brasileira em Cuba. O Pasquim, n°.473, 12-15, 21, jul., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Política; Repressão; Censura; Jornalismo; Imprensa; Literatura

**Resumo:** Pasquim entrevista a família de Zé Maria exilado em Cuba. O cotidiano destes brasileiros em Cuba é o tema central da entrevista.

**Citados:** CORTÁZAR, Julio; BASTOS, Roa; CARDENAL, Ernesto; VICENTE, Gil;

**Iconografia:** Foto da família de Zé Maria, sem crédito.

ARAGÃO, Renato; JAGUAR, . Os trapalhões (pela primeira vez) impróprio para menores. O Pasquim, n°.474, 10-14, 28, jul./agos., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ARAGÃO, Renato

**Palavras Chave:** Televisão; Comédia; Humor; Cinema; Mídia

**Resumo:** Uma entrevista cheia de humor e descontração onde, "Os Trapalhões" contam suas vidas e seu trabalho como operário do riso.

**Citados:** GUERRA, Ruy; FERREIRA, Bibi; ANÍSIO, Chico; CAVALCANTI, Flávio; MACHADO, Carlos; PESSOA, Fernando; PETRÔNIO, ; FERNANDES, Millôr; DUARTE,

Regina; GONÇALVES, Milton; BEN, Jorge; FIGUEIREDO, João de; CHAPLIN, Charles; CARLOS, Roberto;

**Iconografia:** Fotos dos "Trapalhões", por Walter Ghelman

HERSH, Seymour; Pasquim. Seymour Hersh "tenho o melhor emprego do mundo". O Pasquim, n°.475, 10-13, 4, agos., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** HERSH, Seymour

**Palavras Chave:** Jornalismo; Imprensa; Mídia; Ditadura; Reportagem

**Resumo:** Repórter americano que ganhou destaque por se colocar contra a guerra do Vietnã e denunciou procedimentos dos Americanos na guerra - o massacre de Mylai. Denuncia também o uso da dependência da Marinha Americana pelos

torturadores brasileiros.

**Iconografia:** Foto de Seymour, sem crédito.

"Presídios não corrigem ninguém. Pelo contrário, pervertem". O Pasquim, n°.476, 10-12, 11, agos., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Política; Repressão; Violência

**Resumo:** O Coronel Fernão Guedes de Souza faz uma confusão geral acerca de seu entendimento de preso político; mostra-se bastante reacionário quanto a questões como liberta de expressões, moral, voto... etc. O coronel declara-se espírita, portanto, um homem bom, segundo ele.

**Citados:** AMADO, Jorge;

**Iconografia:** Fotos de Coronel Fernão por Gilson Peverari.

DOM HIPÓLITO; MOREIRA, Sonia Virgínia; . Dom Hipólito, o bispo seqüestrado na baixada fluminense. O Pasquim, n°.477, 10-13, 18, agos., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** DOM HIPÓLITO,

**Palavras Chave:** História; Tradição; Política; Repressão; Tortura; Religião

**Resumo:** Dom Hipólito conta de sua atividade junto as populações marginais e de sua pensamento político.

**Citados:** GRAMSCI, Antonio; LUXEMBURGO, Rosa; PINTO, Magalhães Braga; LUTERO, Martinho; FIGUEIREDO, João de;

**Iconografia:** Fotos de Dom Hipólito, por Sônia Moreira.

O pacote (da morte) de agosto. O Pasquim, n°.478, 10-15, 25, agos./set., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Repressão; Justiça; Censura; Imprensa; Marginalidade; Violência

**Resumo:** Neste número o Pasquim faz em entrevista com várias pessoas envolvidas com a questão de "esquadrão da morte". Entre eles 3 criminosos do esquadrão: Fininho, Correinha e

Zé Guarda. Com o secretário de segurança Erasmo Dias; delegado Fleury e com o jurista Hélio Bicudo.

**Iconografia:** Charges de Redi, Gersus, Guidacci, Henfil, Hélio, Raul.

SILVA, Orlando; Pasquim. Um pupurai de Orlando Silva. O Pasquim, nº.479, 12-15, 1, set., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SILVA, Orlando

**Palavras Chave:** História; Música; Música popular; Memória

**Resumo:** O Pasquim recolhe de Orlando Silva num rico e extenso material sobre a história da música popular no Brasil. Há outras pessoas citadas por Orlando Silva que fazem parte da vida íntima do cantor.

**Citados:** LACERDA, Benedito; VARGAS, Pedro; MARTINS, Roberto; CALDAS, Sílvio; MATOGROSSO, Ney; PIXINGUINHA, ; GNATTALLI, Radamés; VELOSO, Caetano; LADEIRA, Cesar; BARBOSA, Orestes; MORAES, Vinícius de; AUTRAN, Paulo; VARGAS, Getúlio;

**Iconografia:** Charge de Nássara

BANDEIRA, Moniz; MARIA, Ana; JAGUAR, . Moniz Bandeira. O Pasquim, nº.480, 12-13, 8, set., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BANDEIRA, Moniz

**Palavras Chave:** Política; História; Revolução; Jornalismo; Imprensa

**Resumo:** Baiano jornalista, cientista político, político que deu apoio às idéias de Brizola. Moniz presta entrevista fala do exílio; das multinacionais, da democracia...

**Citados:** BRIZOLA, Leonel; CARTA, Mino; VARGAS, Getúlio; SILVA, Luis Ignácio da (Lula); MUSSOLINI, Benito; GOULART, João (Belchior Marques);

**Iconografia:** Foto de Moniz, sem crédito.

NASCIMENTO, Abdias do; JAGUAR,. "A coisa lá branca". O Pasquim, nº.481, 10-11, 15, set., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** NASCIMENTO, Abdias do

**Palavras Chave:** Negros; História; Socialismo; Racismo; Democracia; Luta de classes

**Resumo:** Abdias fala do negro no Brasil de sua inserção e no cotidiano Brasileiro, das suas lutas e dos preconceitos a superar, do resgate da história.

**Citados:** GAMA, Luís; PATROCÍNIO FILHO, José do; MARIANI, Clemente;

**Iconografia:** Foto de Abdias, sem crédito.

SILVEIRA, Joel; JAGUAR, ; WOLFF, Fausto. Joel Silveira, dos altos dos seus 60 anos. O Pasquim, nº.482, 10-15, 22, set., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SILVEIRA, Joel

**Palavras Chave:** Literatura; Revolução; História; Fascismo; Democracia; Governo militar

**Resumo:** Joel Silveira repórter, fala de seu pai com quem teve muitos conceitos ideológicos de sua militância em jornais operários; conta e pródios da história da revolução de 30. 1: Definição de Anistia pelo Barão do Itararé, p.12. 2: A entrevista é depoimento histórico do jornalismo na década de 30.

**Citados:** PINTO, Magalhães Braga; POMBO, Rocha; ROMERO, Sílvio; MUSSOLINI, Benito; RAMOS, Graciliano; RIBEIRO, João; BRAGA, Rubem; AMADO, Jorge; OLIVEIRA, Carlinhos de; TROTSKI, Leon; FRANCIS, Paulo; MOREIRA, Álvaro; RANGEL, Flávio; LACERDA, Carlos; CALLADO, Antonio; BABO, Lamartine; CALDAS, Sílvio; ALMEIDA, Araci de; QUADROS, Jânio; FRANCE, Anatole; PANCETTI, ; POUND, Ezra; LOPEZ, Francisco Solano; ARANHA, Oswaldo; GILBERTO, João; SILVA, Orlando; MORAES, Vinícius de; BEETHOVEN, Ludwig van; MULLER, Filinto; PRESTES, Luis Carlos; FERNANDES, Helio; HEMINGWAY, (Ernest Miller); RIBEIRO, João Ubaldo; RIBEIRO, Darcy; JOBIM, Tom; HOLANDA, Chico Buarque de; GOETHE, (Johann Wolfgang von); SCHILLER, Friedrich (Johann Cristoph Friedrich von); MOZART, Wolfgang Amadeus; LESSA, Ivan;

**Iconografia:** Fotos de Joel Silveira, por Walter Ghelman.

O Pasquim, nº.483, 29, set./out., 1978.

**Resumo:** Neste jornal nas páginas uma homenagem a Sérgio Porto em um texto de Paulo Mendez Campos e fotos de Algumas das "certinhas" do Lalau e outras escolhidas pelo Pasquim.

PEIXOTO, Cauby; Pasquim. Cauby sem plumas: "Tudo que foge ao normal me fascina". O Pasquim, nº.484, 10-13, 6, out., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PEIXOTO, Cauby

**Palavras Chave:** Homossexualidade; Imprensa

**Resumo:** O cantor fala de seus pares da limitação de muitos deles em aceitar sua opção sexual; da formação de sua voz e do seu cotidiano de ator.

**Citados:** MATOGROSSO, Ney; FARNEY, Dick; ALVES, Lúcio; BORBA, Emilinha; CELESTINO, Vicente; SILVA, Orlando;

MAGAL, Sidney; ALENCAR, César de; GONZAGA, Luis; GOULART, Jorge Salis; AMORIM, Jair; VALLE, Marco do;

JOBIM, Tom;

**Iconografia:** Foto de Cauby, Simon, Djaone Machado, Paulo Gracindo, sem crédito.

WOLFF, Fausto; NERY, Sebastião; ATHAYDE, Félix de; JAGUAR, ; DÓRIA, Seixas. Seixas Dória. O Pasquim, nº.485, 10-13, 13, out., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** DÓRIA, Seixas

**Palavras Chave:** Política; Poder; História; Democracia

**Resumo:** Político definido por seus pares como um homem de "esquerda" moderado por outros, como então direita. Seixas Dória teve grande influência sobre Petrônio Portela e Magalhães Pinto.

**Citados:** PINTO, Magalhães Braga; ALVES, Aluizio; GOULART, João (Belchior Marques); BRANCO, Carlos Antônio Castello; SILVA, Jaime; ARNS, Dom Paulo Evaristo; MARX, Karl;

**Iconografia:** Fotos de Dória, por Walter Ghelman; Charges de Nassara.

O Pasquim, n°.486, 20, out., 1978.

**Resumo:** Sem entrevista. Na página 10 o Pasquim traz um artigo intitulado "e agora, com a tal da anistia, vamos perdoar os torturadores?" o artigo assinado por Wolff fala da recente morte de Frei Tito.

FERNANDES, Helio; CARLOS, Newton; BLANCO, Armino; WOLFF, Fausto; NERY, Sebastião; BRANCO, Carlos Antônio Castello; VILLAS-BOAS, Herculano; ATHAYDE, Félix de; JAGUAR, . Hélio Fernandes. O Pasquim, n°.487, 10-23, 27, out./nov., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** FERNANDES, Helio

**Palavras Chave:** Imprensa; Censura; Revolução; Jornalismo; Nacionalismo; História

**Resumo:** Hélio Fernandes considerado um jornalista que "não sabe perder" censurado, preso, processado. Dono da "Tribuna", jornal de opinião (1962). Fala com orgulho do Millôr, seu irmão. A entrevista é um documento histórico acerca das políticas do governo militar quer no que se refere a políticas internas como externas.

**Citados:** VENTURA, Zuenir; FERNANDES, Millôr; CLARK, Walter; RIBEIRO, Luiz Severiano; CAMPOS, Roberto; PINTO, Sobral; BRIZOLA, Leonel; BARROS, Adhemar de; SALES, Válder Moreira; HOLANDA, Chico Buarque de; LACERDA, Carlos; ARAP, Fauzi;

**Iconografia:** Fotos de Hélio Fernandes, sem crédito.

CARNEIRO, Nelson; ATHAYDE, Félix de. homem do divórcio: Nelson Carneiro. O Pasquim, n°.488, 10-12, 3, nov., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** CARNEIRO, Nelson

**Palavras Chave:** Política; Mulher; Golpe militar; Revolução; Casamento

**Resumo:** Senador pelo MDB Nelson Carneiro autor do Projeto de Divórcio no Brasil e que veio alterar de forma significativa a questão da mulher.

**Citados:** FURTADO, Alencar; BRIZOLA, Leonel; JULIÃO, Francisco; CALMON, Pedro; MONTORO, Franco; VILELA, Teotônio; NEVES, Tancredo; CHAVES, Aureliano;

**Iconografia:** Foto sem crédito.

GUIMARÃES, Ulisses; JAGUAR, ; ZIRALDO, ; WOLFF, Fausto; ATHAYDE, Félix de; GASPARIAN, Fernando. Ulysses Guimarães O Pasquim, n°.489, 10-14, 10, nov., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** GUIMARÃES, Ulisses

**Palavras Chave:** Política; Revolução; História; Poder; Ditadura

**Resumo:** Político de destaque no processo de redemocratização do País. Fala das políticas e dos projetos levados pelo MDB.

**Citados:** LACERDA, Carlos; FIGUEIREDO, João de; COELHO, Luis Lopes;

**Iconografia:** Foto sem crédito.

GABEIRA, Fernando; ZIRALDO, ; MAYRINK, Geraldo; RIBEIRO, Darcy. Fernando Gabeira O Pasquim, n°.490, 10-18, 17, nov., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** GABEIRA, Fernando

**Palavras Chave:** Repressão; Ditadura; Censura; Imprensa; Tortura; Democracia; Intelectual

**Resumo:** A entrevista se dá em Paris onde Gabeira exilou-se. Gabeira fala da política brasileira, do jornal "Binômio", da tortura, do cotidiano de exilado. 1: Há muitas referências a pessoas ligadas à tortura ex: Cap. Homero (?).

**Citados:** SALGADO, Clóvis; MONTESQUIEU, (Charles de Secondat);

**Iconografia:** Fotos de Gabeira com os entrevistadores. Sem crédito.

CANDEIA, . Candeia: Uma festa que acabou. O Pasquim, n°.491, 10-12, 24, nov., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** CANDEIA

**Palavras Chave:** História; Cultura; Racismo; Televisão; Intelectual

**Resumo:** Candeia mesmo ligado ao "Partido Alto". Candeia conta além de sua vida de sambista sua trajetória dentro da PE criada pelo Getúlio Vargas, fala também de racismo, das escolas de samba e do sistema político. 1: Duas semanas após a entrevista Candeia morreu.

**Citados:** PORTELA, Paulo da; PIXINGUINHA, ; BARBOSA, Paulo; CABRAL, Sérgio; VIOLA, Paulinho da; BARROSO, Juarez; PEDROSO, Bráulio;

**Iconografia:** Foto sem crédito.

TEXEIRINHA; Pasquim. Texeirinha, do alto se seus milhões "brasileiros passa fome porque quer". O Pasquim, n°.492, 14, 1, nov./dez., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** TEXEIRINHA,  
**Palavras Chave:** Música popular; Censura; MPB; Sucesso popular; Tragédia  
**Resumo:** Teixeira fala do menino pobre e órfão que foi e de como fez sua fortuna. Se diz "generoso" para com seus empregados.  
**Iconografia:** Charge de Nássara.

DOM WALDIR; Pasquim. Volta Redonda. O Pasquim, n°.492, 19, 1, nov./dez., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA  
**Nom. Pess. como Assunto:** DOM WALDIR,  
**Palavras Chave:** Repressão; Igreja; Direito; Justiça; Democracia; Governo militar  
**Resumo:** Fala da relação do Gov. Federal com os operários e da lei de segurança nacional. Dom Waldir, bispo de Volta Redonda, mostra sua indignação diante das injustiças sociais e da perseguição aos trabalhadores.  
**Citados:** FIGUEIREDO, João de; VARGAS, Getúlio;  
**Iconografia:** Foto de Dom Waldir, sem crédito.

VERON, Eliseo; AUGUSTO, Sérgio. Veron: Um pequeno papo latino. O Pasquim, n°.493, 14, 8, dez., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA  
**Nom. Pess. como Assunto:** VERON, Eliseo  
**Palavras Chave:** Intelectual; América Latina; Literatura  
**Resumo:** Entrevista pequena com Argentino Veron, sociólogo, estudioso das questões políticos / culturais da América Latina. É comum erro de data no Pasquim.  
**Citados:** VELOSO, Caetano; JESUS, Clementina de; CAMPOS, Haroldo de; PIAZZOLLA, ; FAYE, Jean-Pierre;  
**Iconografia:** Foto de Veron Eliseo, s/ crédito.

SIMON, Pedro; WOLFF, Fausto; JAGUAR, .  
Pedro Simon: "O povo vai transformar o Brasil em uma democracia". O Pasquim, n°.494, 10-17, 15, dez., 1978.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA  
**Nom. Pess. como Assunto:** SIMON, Pedro  
**Palavras Chave:** Política; História; Poder; Democracia  
**Resumo:** O tema é a política do Governo Federal e os votos do MDB. As opiniões diferentes entre o MDB X ARENA acerca da anistia. A entrevista é longa e cheia de detalhes das brigas entre MDB e a ARENA.  
**Citados:** CHAVES, Aureliano; MORO, Aldo; VARGAS, Getúlio; QUADROS, Jânio; BONIFÁCIO, José; FURTADO, Alencar; NEVES, Tancredo; BRIZOLA, Leonel;  
**Iconografia:** Charges de Canini

VASCONCELOS, Jarbas; ZIRALDO, ; ANDRADE, Eurico; NERY, Sebastião; CERQUEIRA, Marcelo. Jarbas Vasconcelos. O Pasquim, n°.495, 10-12, 22, dez., 1978.  
**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** VASCONCELOS, Jarbas  
**Palavras Chave:** Política; Imprensa; Censura; Democracia  
**Resumo:** Político de destaque no encontro nacional pela democratização. Deputado federal pelo MDB, discute a reforma do MDB.  
**Citados:** GUIMARÃES, Ulisses; BRIZOLA, Leonel;  
**Iconografia:** Foto de Jarbas Vasconcelos, sem crédito.

## O PASQUIM – Ano de 1979

NASCIMENTO, Milton; JAGUAR, ; SAVARY, Olga. Milton Nascimento: "Preto de alma branca é a mãe de quem falou". O Pasquim, n°.496, 10-13, 29, dez./jan., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** NASCIMENTO, Milton

**Palavras Chave:** Música; MPB; Cultura; Crítica; História; Censura

**Resumo:** Milton Nascimento conta sua história de vida e a de suas músicas. Fala de suas parcerias, de outros compositores, de suas escolhas.

**Citados:** POWELL, Baden; JOBIM, Tom; VENTURINI, F.; ANDRADE, Carlos Drummond de; GISMONTI, Egberto; HIME, Francis; HOLANDA, Chico Buarque de; JESUS, Clementina de; MELO NETO, João Cabral de; KAFKA, Franz; ROSA, (João) Guimarães; NOVELL, ; BORGES, Lo; GUERRA, Ruy; CHARLES, Ray;

**Iconografia:** Foto de estatueta de Milton Nascimento feita por Zé Amaro e fotografada por Walter Ghelman.

JULIÃO, Francisco; SOUZA, Herbert de; HENFIL, ; WOLFF, Fausto. Um pau-de-arara no exílio: Julião. O Pasquim, n°.497, 12-17, 5, jan., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** JULIÃO, Francisco

**Palavras Chave:** Repressão; Comunismo; Política; Memória; Marxismo; Democracia; Luta de classes.

**Resumo:** Julião, líder camponês, conta a sua história de vida e de como foi construído todo seu conhecimento acerca das lutas do seu povo. Fala do exílio e no exílio de questões como marxismo. A entrevista é longa e nela Julião refaz algumas de suas idéias políticas incorporando sua vivência na Europa. Conceitos como: luta armada, luta de classe, democracia, cidadania, dignidade são pensados nesta entrevista por Francisco Julião.

**Citados:** PICASSO, Pablo; FREIRE, Paulo; ENGELS, Friedrich; NABUCO, Joaquim; MELO NETO, João Cabral de; CASTRO, Josué de; CASTRO, Fidel; ALLENDE, Salvador;

**Iconografia:** Fotos de Julião, s/ crédito.

GUERREIRO, Joseph; JAGUAR, ; LESSA, Ivan;. "Não se fazem reveillons como antigamente". O Pasquim, n°.497, 26, 5, jan., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GUERREIRO, Joseph

**Palavras Chave:** Tradição; Carnaval

**Resumo:** A entrevista conta às histórias dos reveillons do Guerrerinho que retrata a época de ouro de Ipanema e o fim desta tradição que

passou a ser merchandalizado.

**Citados:** TELES, Silvia; VASCONCELOS, Marcos de; CARVANA, Hugo; MIÉLE, Luís Carlos; BÔSCOLI, Ronaldo;

**Iconografia:** Foto de Guerreiro, s/ crédito.

JULIÃO, Francisco; SOUZA, Herbert de; HENFIL, ; WOLFF, Fausto. Um pau-de-arara no exílio: Julião. O Pasquim, n°.498, 10-16, 12, jan., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** JULIÃO, Francisco

**Palavras Chave:** Repressão; Comunismo; Política; Marxismo; Memória; Democracia; Luta de classes

**Resumo:** Julião líder camponês com a sua história de vida e de como foi construído todo seu conhecimento acerca das lutas do seu povo. Fala do exílio e no exílio de questões como marxismo.

**Citados:** MAIAKÓVSKI, Vladímir; GOGH, Vincent Van; FREIRE, Paulo; ILLICH, Ivan; VERÍSSIMO, Érico; TCHAKOTIKINE, ; SILVEIRA, Ênio da; CALLADO, Antonio; SILVA, Luis Ignácio da (Lula);

**Iconografia:** Foto de Julião, sem crédito. Charge de Guidacci.

ANACIETO, Tsudzawéré (índio guarani); AUGUSTO, Sérgio; JAGUAR, ; TOBIAS, Tsérenhimi rami (índio guarani).

Dois xavantes na reserva do Pasquim. O Pasquim, n°.499, 11-15, 19, jan., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ANACIETO, Tsudzawéré (índio guarani)

**Palavras Chave:** Índio; Cultura

**Resumo:** A entrevista discute o projeto de regulamentação da emancipação do índio, proposto pelo ministro Rangel Reis do Interior. Anexo a entrevista Luiz Antônio Mello e César Mota escreveram sobre a "Casa do Índio" (desamparo) que teria a função de ser um "Albergue", um lugar de "passagem do índio".

**Iconografia:** Foto de Anaciato, s/ crédito.

PERES, Glênio; WOLFF, Fausto; JAGUAR,. Glênio Peres, um recordista: cassado no discurso de posse. O Pasquim, n°.499, 30-31, 19, jan., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PERES, Glênio

**Palavras Chave:** Política; Poder; Direito; História; Repressão

**Resumo:** Glênio fala de sua luta entre os poderosos do R. G. do Sul e de como transformou a "Feira do Livro" num momento político a favor da Anistia.

**Citados:** HOLANDA, Chico Buarque de; HERZOG, Wladimir;

**Iconografia:** Foto de Peres, s/ crédito.

BEZERRA, Gregorio. "Frio e sanguinário Gregorio Bezerra". O Pasquim, n°.500, 10-21,

26, jan./fev., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BEZERRA, Gregorio

**Palavras Chave:** História; Comunismo; Repressão; Política; Luta de classes; Memória; Democracia

**Resumo:** Figura lendária da História política brasileira, foi trocado pelo embaixador Elbrick. Da um depoimento histórico de sua participação na luta pela democracia e mudança do regime por uma sociedade igualitária, fala de questões como: a discriminação das mulheres, educação, armas, a polêmica questão da Moscovitização. A entrevista tem um componente auto biográfico e histórico muitos nomes que são citados pertencem a oficiais da coluna Prestes. Cita também nome de torturadores do Estado Novo. [ Neste número, p. 26, Sérgio Cabral escreve sobre "A gripe do Pasquim". Na p. 27 o Pasquim "Entrevista" Luis Carlos Maciel - "auto promoção" do pessoal do Pasquim. 5: Na p. 51 uma "declaração à Praça" assinada por Paulo Francis sobre o que pensava do Pasquim.]

**Citados:** RIBEIRO, Ivan; GORKI, Máximo; STALIN, Josef; SOUZA, Mário; MULLER, Filinto; POMAR, Pedro; SILVEIRA, Joel;

**Iconografia:** Foto de Gregorio, s/ crédito.

FREITAS, Décio; JAGUAR, ; FREAZZA, Iza; ATHAYDE, Félix de. Flávia, como vai. O Pasquim, n°.501, 10-13, 2, fev., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FREITAS, Décio

**Palavras Chave:** Política; Poder; Repressão; Censura; Tortura

**Resumo:** Advogado da Flávia Schilling fala ao Pasquim da situação de Flávia em Montevideo onde está presa em um Hospital Militar. Os nomes citados são de pessoas envolvidas no processo em Montevideo.

**Iconografia:** Foto de Freitas, s/ crédito.

ANTOINE, Charles; FREAZZA, Iza; Um grande jornalista e um padre maior: Charles Antoine. O Pasquim, n°.502, 12-13, 9, fev., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ANTOINE, Charles

**Palavras Chave:** Censura; Política; Repressão; Igreja; América Latina; Revolução

**Resumo:** Padre e Jornalista dão destaque a seu trabalho junto à igreja na América Latina. Morou no Brasil de 64 a 69. Pe. Charles foi responsável pela denúncia de que o jornalista Lenildo Tabosa acompanhava o interrogatório dos presos políticos na polícia. Fala de sua esperança na nova carta de Puebla (III CELAM). [ Neste número um resumo da vida dos bispos mais combativos no Brasil. Uma reportagem com Gianni Rodari, escritor, inventor da "gramática da fantasia", método de ensinar criando histórias.]

**Iconografia:** Foto de Pe. Antoine, s/ crédito.

ALVES, Márcio Moreira; Pasquim. Márcio Moreira Alves. O Pasquim, n°.503, 10-14, 16, fev., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ALVES, Márcio Moreira

**Palavras Chave:** Repressão; Censura; Ditadura; Democracia; Capitalismo; Literatura

**Resumo:** Márcio Moreira Alves fala de sua prática política e do tempo que passou no exílio. O Pasquim foi o único jornal a dar espaço através das entrevistas aos exiliados que retornaram em 78, 79 do Brasil (Brizola, Araes, Julião, Gregório, Paulo Freire, Márcio Alves). Márcio Alves, cita os Generais Antônio Bandeira e Hélio Ibia como torturadores em 1964.

**Citados:** BRIZOLA, Leonel; FREIRE, Paulo; BEZERRA, Gregorio; LACERDA, Carlos; CAMPOS, Roberto; CONY, Carlos Heitor; CARPEAUX, Otto Maria; PRESTES, Luis Carlos; ALVES, Hemano; MUNIZ, Edmundo; MARTINS, Paulo Egydio;

BARROS, Adhemar de; CAMARA, Dom Helder; ARNS, Dom Paulo Evaristo; LAMARCA, Carlos;

**Iconografia:** Foto de Márcio M Alves, s/ crédito.

PINHEIRO, Albino; JAGUAR, ; WOLFF, Fausto; CARVALHO, Ronald de; Albino Pinheiro: O festeiro Mor do Rio.

O Pasquim, n°.504, 08-14, 23, fev./mar., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PINHEIRO, Albino

**Palavras Chave:** Carnaval; Dança

**Resumo:** Albino Pinheiro, figura carnavalesca, do Rio na década de 70, nesta entrevista ao Pasquim fala do carnaval e de sua organização, das bandas de Ipanema.

**Citados:** PENA, Afonso; LESSA, Ivan; SILVA, Ismael; LAGO, Mário; GILBERTO, João; MENESCAL, Roberto;

**Iconografia:** Foto de Albino, s/ crédito.

FREITAS, Gen. Tácito; ZIRALDO, ; General Tácito Freitas - "O espírito da Petrobrás nasceu dentro do exército".

O Pasquim, n°.505, 08-10, 2, mar., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FREITAS, Gen. Tácito

**Palavras Chave:** Política; Democracia; República; Revolução; Justiça; Imperialismo

**Resumo:** Tácito Freitas fala de um exército "romântico" defensor do nacional conta o entreguismo e contra o imperialismo; conta como surgiu a idéia de criar a Petrobrás. E faz uma defesa intransigente da Amazônia.

**Citados:** CHI MINH, Ho;

**Iconografia:** Foto do General, s/ crédito.

MACHEL, Samora; Pasquim. Samora Machel. O Pasquim, n°.506, 10-12, 9, mar., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MACHEL, Samora

**Palavras Chave:** Democracia; Colonialismo; Saúde; Educação; Burguesia; Racismo

**Resumo:** Samora, presidente da Felimo, organização de luta pela a libertação de Moçambique. O país de colonização portuguesa, luta pela construção de uma identidade nacional. Moçambique, um país pobre com sérios problemas sociais. Nesta entrevista Samora Machel fala reconstrução do país.

**Iconografia:** Foto de Samora, s/ crédito.

PIRES, (Dom) José Maria; Pasquim. "Dom Pelé acha que o povo sabe votar". O Pasquim, n°.506, 14-15, 9, mar., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PIRES, (Dom) José Maria

**Palavras Chave:** Comunismo; Socialismo; Igreja; Política; Repressão

**Resumo:** Arcebido da Paraíba que esteve sempre ao lado dos perseguidos políticos. Participou do III CELAM - PUEBLA. Nesta entrevista toca em pontos polêmicos, para a igreja como comunismo, socialismo, reforma agrária, política, do esquadrão da morte e outros temas correntes na década de 70.

**Citados:** MARX, Karl;

**Iconografia:** Foto de Dom. Pelé, por Djalma Gois.

NERY, Sebastião; ZIRALDO, ; WOLFF, Fausto; JAGUAR,; AUGUSTO, Sérgio. Sebastião Nery - "O Papa que nós perdemos". O Pasquim, n°.507, 10-15, 16, mar., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** NERY, Sebastião

**Palavras Chave:** Jornalismo; Religião; Política; Imprensa; Marxismo

**Resumo:** Fala da sua formação de seminarista. Sebastião tornou-se um jornalista polêmico, atribuiu sua radical mudança de religioso para um homem agnóstico às leituras dos marxistas. Conta sua vida de jornalista e suas opções políticas. Sebastião Ney, esteve ligado a jornais com: Binômio (Minas), Gazeta de Notícias (Rio), Revista Manchete, Seminário, Panfleto, Jornal da Semana, TV Globo, Tribuna, Correio da Manhã, Política.

**Citados:** VARGAS, Getúlio; QUADROS, Jânio; PRESTES, Luis Carlos; RODRIGUES, Newton; PERALVA, Oswaldo; MAGALHÃES, Juracy; ARANHA, Oswaldo; BASTOS, Oliveira; VENTURA, Zuenir; ARNS, Dom Paulo Evaristo; MULLER, Filinto; ROCHA, Glauber; VELOSO, Caetano; SOARES, Paulo Gil; TARSO, Paulo de; GASPARIAN, Fernando; ALVES, Hernando;

**Iconografia:** Foto de Sebastião, s/ crédito.

PALMEIRA, Valdimir; POERNER, Arthur Jose;

Valdimir Palmeira: O homem da passeata dos 100 mil ". O Pasquim, n°.508, 10-15, 23, mar., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PALMEIRA, Valdimir

**Palavras Chave:** Repressão; Censura; Imprensa; Política; Poder

**Resumo:** Líder estudantil que em 1968 sacudi o Brasil com a passeata dos 100 mil na Cinelândia; no exílio, remonta suas lembranças e nomes que lutaram por um país mais democrático. [ Neste número o Pasquim diz que tem um projeto social de compilação histórica a partir das entrevistas.]

**Citados:** MARX, Karl; BARROS, Adhemar de; ALLENDE, Salvador; NERUDA, Pablo; MISTRAL, Gabriela;

**Iconografia:** Foto de Valdimir, sem crédito.

REIS, Paulo; ZIRALDO, . A classe universitária une ou não une?. O Pasquim, n°.509, 6-8, 30, mar./abr., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Censura; Repressão; Luta de classes

**Resumo:** A entrevista é sobre a reorganização de UNE; trata das resoluções de III ENE. Fala da atuação do C.C.C e das políticas para a educação no Brasil. [Humberto Borges escreve um artigo: "O Protexto Dus Profeçor". (O artigo é todo escrito como se fala).]

**Iconografia:** Foto do grupo de estudante, s/ crédito.

CARLOS, João; JAGUAR, ; AUGUSTO, Sérgio;. João Carlos - O Petroquímico. O Pasquim, n°.510, 4-6, 6, abr., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CARLOS, João

**Palavras Chave:** Sindicalismo; Política; Justiça; Luta de classes

**Resumo:** Líder sindical, João fala do papel dos sindicatos na organização dos trabalhadores.

**Citados:** SILVA, Luis Ignácio da (Lula);

**Iconografia:** Foto de João Carlos, s/ crédito.

VASCONCELOS, Marcos de; AUGUSTO, Sérgio; WOLFF, Fausto; JAGUAR,. O Brasil em termos de cidade é inviável. O Pasquim, n°.511, 10-12, 13, abr., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** VASCONCELOS, Marcos de

**Palavras Chave:** Humor; Política; Urbanismo; Arquitetura; Jornalismo

**Resumo:** Marcos Vasconcelos, arquiteto, humorista, escritor, violinista, jornalista, nesta entrevista fala das cidades brasileiras, principalmente do Rio de Janeiro. Fala da arquitetura brasileira como ultrapassada.

**Citados:** ARISTÓTELES, ; PACHECO, Félix;

**Iconografia:** Foto de Marcos Vasconcelos, s/ crédito.

MÁRQUEZ, Gabriel García; SOUZA, Herbert de; JULIÃO, Francisco; SANTOS, Theotonio.



"O Povo brasileiro é o mais belo de mundo; inclusive os homens". O Pasquim, n°.512, 06-10, 20, abr., 1979.

**Nom. Pess. como Assunto:** MÁRQUEZ, Gabriel García

**Palavras Chave:** Literatura; Política; Escritores; História; Memória; Cultura

**Resumo:** Uma entrevista sem entrevistadores presentes, Gabriel G. Marquez responde a algumas questões sobre América Latina e conta sua infância sua vinda para Bogota e como "Cem Anos de Solidão" sua obra principal está ligada a toda sua vida. Marquez fala de suas moradas pelo mundo, de Cuba, do Brasil, dos amigos, das obras que escreveu. Garcia Marquez - Arataca - Colômbia - 1928. [Neste número p.27 dados sobre os primeiros jornais alternativos de 60.]

**Citados:** CARNEIRO, Luciano; CASTRO, Fidel; GUEVARA, Ernesto Che; ROSA, (João) Guimarães;

**Iconografia:** Fotos de Gabriel G. Marquez por Maria Nakano.

MÁRQUEZ, Gabriel García; SOUZA, Herbert de; JULIÃO, Francisco; SANTOS, Theotonio.

"O Povo brasileiro é o mais belo de mundo; inclusive os homens". O Pasquim, n°.513, 06-11, 27, abr./maio., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MÁRQUEZ, Gabriel García

**Palavras Chave:** Literatura; Política; Escritores; História; Memória; Cultura

**Resumo:** Uma entrevista bastante pessoal, aonde ele conta sua infância e sua vinda para Bogota. Fala de "Cem Anos de Solidão", sua obra principal e que esta ligada a sua vida. Marquez fala da vida pelo mundo, de Cuba, do Brasil, dos amigos, das obras que escreveu. [Garcia Marquez - Arataca - Colômbia - 1928. A entrevista é um depoimento que começa no n. 512 e continua no n. 513.]

**Citados:** CARNEIRO, Luciano; CASTRO, Fidel; GUEVARA, Ernesto Che; ROSA, (João) Guimarães;

**Iconografia:** Foto de Marquez, por Maria Nakano.

FON, Antônio; ANGELO, Assis; Os porões da repressão. O Pasquim, n°.514, 06-07, 4, maio., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FON, Antônio

**Palavras Chave:** Jornalismo; História; Repressão; Censura; Tortura; Política

**Resumo:** Jornalista Antônio Fon desafiou a ditadura militar com suas notícias sendo preso inúmeras vezes foi duramente torturado. Nesta entrevista fala de sua vida pessoal e de sua vida profissional e dos dias de prisão.

**Citados:** MORAIS, Fernando; BICUDO, Hélio; DIAS, Erasmo;

**Iconografia:** Foto de Antônio Fon por Sérgio Sade.

POLARI, Alex; REZENDE, José. Eis os terroristas. O Pasquim, n°.515, 04-07, 11, maio., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** POLARI, Alex

**Palavras Chave:** Política; Repressão; Censura; Regime político; Poesia marginal

**Resumo:** Este número reúne militantes que participaram de ações terroristas e que tiveram penas acima de 70 anos como Alex Polari e José Rezende condenado até 2047.

**Iconografia:** Foto de Resende e Polari, s/ crédito.

RYFF, Raul; ZIRALDO, ; WOLFF, Fausto; AUGUSTO, Sérgio; FERREIRA, Argemiro; MARIA, Ana; Raul Ryff (chamavam ele de o braço esquerdo de Jango). O Pasquim, n°.516, 04-10, 18, maio., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** RYFF, Raul

**Palavras Chave:** Política; Repressão; Jornalismo; Censura; Poder

**Resumo:** Jornalista, político que dava apoio ao Grupo de João Goulart conta sua vida profissional fala de fatos políticos que envolveram políticos de Porto Alegre. Conta a sua vida na prisão no Uruguai; suas viagens com Jango à China e a União Soviética; de encontro com Che Guevara em Cuba.

**Citados:** BRAGA, Rubem; VARGAS, Getúlio; NERY, Sebastião; QUADROS, Jânio; GUEVARA, Ernesto Che; NIEMEYER, Oscar; SILVA, Helio; BRIZOLA, Leonel; MULLER, Filinto; KRUSCHEV, Nikita; NEVES, Tancredo; DINES, Alberto; RIBEIRO, Darcy; MEDEIROS, Borges de; BRASIL, Assis; FERNANDES, Helio; BARROS, Adhemar de; PINTO, Magalhães Braga;

**Iconografia:** Foto de Raul Ryff, s/ crédito.

Porque você paga INAMPS e não usa? (Máfia de Branco). O Pasquim, n°.517, 04-07, 25, maio./jun., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Medicina; Política; Saúde

**Resumo:** A entrevista da continuação a série de denúncias levantadas pelo Pasquim sobre o sistema de saúde, quando o Pasquim cunhou a expressão "Máfia de Branco".

**Iconografia:** Foto de um grupo de médicos, s/ crédito.

SILVA, Evandro Lins e; ZIRALDO, ; JAGUAR, ; AUGUSTO, Sérgio; ATHAYDE, Félix de; Evandro Lins e Silva: Confissões de um brasileiro ecumênico. O Pasquim, n°.518, 04-07, 1, jun., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SILVA, Evandro

Lins e

**Palavras Chave:** Justiça; Política; História; Poder; Memória

**Resumo:** Evandro conta sua história de advogado o início de sua carreira e a convivência com "Rábulas" ilustres como Evaristo de Moraes. Fala de sua participação na vida política do País. Do seu ponto de vista comenta a viagem à China e a União Soviética de Jango. [ A entrevista de Evandro Luis e Silva cruza com a Raul Ryff.]

**Citados:** LACERDA, Carlos; VARGAS, Getúlio; CUNHA, Euclides da; MULLER, Filinto; WAINER, Samuel; BARROS, Adhemar de; HEGEL, (Georg Wilhelm Friedrich); GOULART, João (Belchior Marques); BILAC, Olavo; AMADO, Gilberto; MAGALHÃES, Juracy; TEIXEIRA, Anísio; CAMÕES, Luiz Vaz de; LINS, Álvaro de Barros; RIBEIRO, Darcy;

**Iconografia:** Foto de Evandro Lins e Silva, s/ crédito.

SAWAN, Farid; Pasquim. A OLP é o seguinte. O Pasquim, n°.519, 04-07, 8, jun., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SAWAN, Farid

**Palavras Chave:** Política; Capitalismo; Oriente; Nacionalismo

**Resumo:** A entrevista é com um representante da Organização de Libertação da Palestina e a atuação da OLP em vários países entra o principal inimigo que é o capitalismo internacional.

**Citados:** BEGIN, Menachem; MEIER, Golda; HUSSEIN, Sadan;

**Iconografia:** Charge de Mariano.

MORAES, David; HENFIL, ; WEIS, Luis; MAYRINK, Geraldo; Autópsia de uma greve: o

estado pediu socorro à polícia de Maluf. O Pasquim, n°.520, 04-09, 15, jun., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MORAES, David

**Palavras Chave:** Jornalismo; Política; Repressão; Imprensa; Mídia

**Resumo:** David Moraes era presidente do Sindicato dos jornalistas de São Paulo no momento em que foi deflagrada greve dos jornalistas nos grandes jornais oficiais 20 jornalistas foram demitidos.

**Citados:** DANTAS, Audálio; MESQUITA, Ruy;

**Iconografia:** Foto de Moraes por Edmundo Simões.

SILVA, Helio; JAGUAR, ; WOLFF, Fausto; AUGUSTO, Sérgio; ATHAYDE, Félix de. Hélio Silva: Jari é um atentado à soberania nacional O Pasquim, n°.521, 08-18, 22, jun., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** SILVA, Helio

**Palavras Chave:** Caricatura; Humor; Anarquismo; Jornalismo; Literatura; Comunismo

**Resumo:** Menino órfão, estudou medicina,

caricaturista, anarquista, historiador, militante. Comenta temas polêmicos da atualidade com o caro Jari, Hélio Silva se tornou um "oblato".

**Citados:** BARRETO, (Afonso Henriques de)Lima; BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovit; CARVALHO, Ronald de; LIMA, Alceu Amoroso; FIGUEIREDO, Jackson de; CEARENSE, Catulo da Paixão; ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de; ROSA, Noel; MARX, Karl; PRESTES, Luis Carlos; BRIZOLA, Leonel; CAMARA, Dom Helder; ARNS, Dom Paulo Evaristo; RIBEIRO, Darcy; SALGADO, Plínio;

**Iconografia:** Fotos de Hélio Silva, por Walter Ghelman.

NAHOUM; JAGUAR, ; ATHAYDE, Félix de; Tudo sobre a vida sexual dos leitores (sobre travestis, homossexuais, transexuais, gays, machões, etc...). O Pasquim, n°.522, 04-08, 29, jun./jul., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** NAHOUM,

**Palavras Chave:** Homossexualidade; Mulher; Feminismo

**Resumo:** Médico Andrologista concede uma entrevista ao Pasquim onde o trabalha com humor os mitos e medos do machão brasileiro, principalmente os relacionados à sexualidade.

**Iconografia:** Foto de Nahoum, s/ crédito.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola; JAGUAR, ; SAVARY, Olga; BARBOSA, Gustavo; TORRES, Antônio; ALMEIDA, Márcio. Ignácio de Loyola Brandão: "Para quem quer ser omissos a ditadura é mais fácil". O Pasquim, n°.523, 10-12, 6, jul., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BRANDÃO, Ignácio de Loyola

**Palavras Chave:** Escritores; Literatura; Censura; Best-sellers; Repressão; Cultura

**Resumo:** Autor de "Zero" livro de grande tiragem no Brasil. O livro fala do censura, da tortura temas considerados quentes pelo mercado editorial, nos anos 70.

**Citados:** AMADO, Jorge; ARANHA, (José) Graça; ASSIS, (Joaquim Maria) Machado de; QUEIROZ, Eça de; ALENCAR, José de; MARCOS, Plínio; REIS, Marcos Konder; ANTÔNIO, João; ANDRADE, Jorge de; FONSECA, Rubem;

**Iconografia:** Foto de Loyola, s/ crédito.

FURTADO, Alencar; DIAS, Chico. Multinacionais X Brasil (Dez a Zero). O Pasquim, n°.524, 06-10, 13, jul., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FURTADO, Alencar

**Palavras Chave:** Política; Repressão; Censura; Poder

**Resumo:** Alencar Furtado, deputado do MDB,

cassado. Nesta entrevista Alencar conta sua vida, suas lutas e faz algumas denúncias acerca da corrupção que assola o país. Dá também uma visão política do Brasil, segundo, sua interpretação.

**Citados:** NOBRE, Freitas; GUIMARÃES, Ulisses; LEVY, H.; NEVES, Tancredo;

**Iconografia:** Foto de Alencar, s/ crédito.

Uma puta entrevista de Wanda Figueiredo "O Manguê é uma zona". O Pasquim, n°.525, 10-13, 20, jul., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Prostituição; Direito; Justiça; Comportamento

**Resumo:** A entrevista envolve em grupo de prostitutas que falam da situação de "Manguê" da decadência e da falta de seguro social. As moças do Manguê, identificadas como: Moça Morena, Herica, Maria, Elizabeth, Zeze, Sônia, Cecília, Claudionor, etc. A entrevista põe em debate alguns chavões do "Manguê" como "Toda mulher da zona gosta de apanhar".

**Iconografia:** Foto de Wanda, por Claudio Savavet.

ROMEUE, Inês Etienne; ALMEIDA, Márcia de;. A única prisioneira política que ficou presa na anistia. O Pasquim, n°.526, 04-07, 27, jul./agos., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ROMEUE, Inês Etienne

**Palavras Chave:** Tortura; Repressão

**Resumo:** Inês Romeue ficou fora do projeto de anistia de Figueiredo. Presa já há 8 anos. Foi torturada, violentada condenada há 77 anos. Fala de sua opção pela luta armada, de Lameca a quem admirava das torturas sofridas. 1: Na entrevista Inês cita os advogados envolvidos no processo de sua soltura.

**Iconografia:** Foto de Inês s/ crédito.

CRISPIM, Denise; FREAZZA, Iza. Crime de Sangue do Estado - O Assassinato. O Pasquim, n°.527, 04-06, 3, agos., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CRISPIM, Denise

**Palavras Chave:** Morte; Repressão; Tortura

**Resumo:** A viúva de Bacuri - Eduardo Leite que foi presidente de "Rede" - Resistência Democrática e militante da VPR, conta sua prisão e a forma como foi barbaramente torturado.

**Citados:** LAMARCA, Carlos; NASCIMENTO, Milton;

**Iconografia:** Foto de Denise Crispim. s/ crédito.

AFONSO, Almino; ATHAYDE, Félix de; CLAUDIUS, Mathias; ZIRALDO, . Almino Afonso. O Pasquim, n°.528, 08-10, 10, agos., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** AFONSO, Almino

**Palavras Chave:** Política; Repressão; Sindicalismo; Golpe militar

**Resumo:** Almino Afonso fala de sua participação política deste quando era atuação dos partidos e dos sindicatos. 1: Cita muitos dos deputados envolvidos no período de pré-golpe de 1964.

**Citados:** SKIDMORE, Thomas; NEVES, Tancredo; GOULART, João (Belchior Marques); RIBEIRO, Darcy; PIRES, Walter; SILVA, Luis Ignácio da (Lula); FIGUEIREDO, João de;

**Iconografia:** Charge de Mariano.

FRANCIS, Paulo; CALLADO, Antonio; WOLFF, Fausto; ALVES, Hemano; FERNANDES, Millôr; CLAUDIUS, Mathias; SILVEIRA, Joel; FERNANDES, Helio. Paulo Francis - Romancista. O Pasquim, n°.529, 04-08, 17, agos., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FRANCIS, Paulo

**Palavras Chave:** Literatura; Jornalismo; Ficção

**Resumo:** Cada entrevistador faz comentários e perguntas sobre as obras principais de P. Francis "Cabeça de Papel", "Cabeça de Negro", "Cabeça" uma trilogia na época ainda não concluída. Nesta entrevista Ivan Lessa fala de "Literatura de Jornal". A entrevista é feita em bloco separado por entrevistador.

**Citados:** ATHAYDE, Tristão de (Pseud. de Alceu Amoroso Lima); MARX, Karl; AGOSTINHO, Santo; AMADO, Jorge; RODRIGUES, Nelson; CAMUS, Albert; SHAW, (George) Bernard; HUGO, Victor; JOYCE, James; SILVEIRA, Ênio da; JAGUAR, ;

**Iconografia:** Foto de P. Francis, sem crédito.

GOMES, Sergio; HENFIL, ; ANDRADE, Eurico. "Vem aí uma greve multinacional". O Pasquim, n°.530, 04-09, 24, agos., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Sindicalismo; Política; Poder; História; Capitalismo; Luta de classes

**Resumo:** Joaquim é presidente da maior entidade sindical dos trabalhadores metalúrgicos. Nesta entrevista conta sua trajetória dentro do movimento sindical.

**Citados:** SILVA, Luis Ignácio da (Lula); FIGUEIREDO, João de; SIMONSEN, Mário Henrique;

**Iconografia:** Foto de Joaquinção, s/ crédito.

JAGUAR, Pasquim. Os jornalistas. O Pasquim, n°.531, 06-09, 31, agos./set., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** JAGUAR,

**Palavras Chave:** Jornalismo; Trabalho

**Resumo:** A entrevista é com os jornalistas que, segundo o Pasquim, é uma categoria abandonada, invisível pela população. Os jornalistas falam do tema que mais vende jornal:

Mulher nua. Os Jornalheiros que fazem parte da entrevista são: Constantino Pano; Pasqualle; Salvador Natal; Caruso; Francisco Montuano.

**Iconografia:** Fotos de jornalheiros, por Carlos Duarte.

CARVALHO, Apolonio; FREAZZA, Iza; CASTRO, Albino. Apolonio de Carvalho. O Pasquim, n°.532, 04-08, 7, set., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** CARVALHO, Apolonio

**Palavras Chave:** Ditadura; Revolução de 1930; Repressão; Política; Comunismo

**Resumo:** Apolonio Figura legendária da lua armada. Foi o único que sobreviveu a ditadura graças à interferência do Gov. Francês.

Apolonio participou do comando aos Maquis na França contra os Nazistas.

**Citados:** ALVES, Mario; FIGUEIREDO, João de; MEDICI, Pedro Lourenço de;

**Iconografia:** Fotos de Apolonio, por Mauro Natoli.

MARANHÃO, Salgado; MOTA, Zezé; BULBUL, Zózimo. Eles, que são pretos, que se entendam. O Pasquim, n°.533, 04-09, 14, set., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Palavras Chave:** Racismo; Negros; Cultura; História

**Resumo:** A entrevista é um debate promovido pelo Pasquim e pelos membros do Mov. Negro unificado para que possam expor suas lutas. À entrevista foi anexados os depoimentos de Aboias do Nascimento, Raimundo de Souza Dantas.

**Citados:** ALVES, (Antonio de) Castro; MACHEL, Samora; CABRAL, Amílcar; GONÇALVES, Milton; COUTINHO, Jorge;

**Iconografia:** Fotos de Walter Ghelman e charge de Nani.

LAGE, Padre; Pasquim. Padre Lage e sua arma perfuro cortante: A língua. O Pasquim, n°.533, 24-26, 14, set., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** LAGE, Padre

**Palavras Chave:** Igreja; Política; Poder; História; Repressão

**Resumo:** Padre Lage exilado no México. Foi expulso do Brasil por atacar o gov. militar. Preso várias vezes chegou a ser condenado a 28 anos de prisão. Padre Lage fala do Brasil e do México.

**Citados:** ANDRADE, Carlos Drummond de;

**Iconografia:** Foto do Padre Lage, s/ crédito.

PIVETA, Cesar Vieira Idibál; JAGUAR, ; LEITE, Luísa Barreto. Um paulista que vale por dois. O Pasquim, n°.534, 04-07, 21, set., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** PIVETA, Cesar Vieira Idibál

**Palavras Chave:** Cultura; Teatro; Política;

Censura; Repressão

**Resumo:** Inicia a entrevista contando sua iniciação política no mov. estudantil e sua participação em organizações políticas e no teatro. Fala de seu exílio. É autor de várias peças entre elas "O rei morreu, viva o rei".

**Citados:** LACERDA, Carlos; BOAL, Augusto; TAPAJÓS, Renato; CAMARA, Dom Helder; FREIRE, Paulo; ARNS, Dom Paulo Evaristo; TELLES, Lygia Fagundes; ALVES, Leda; AMÂNCIO, Moacir; GULLAR, Ferreira;

**Iconografia:** Foto de Idibál, s/ crédito.

ARRAES, Miguel; ATHAYDE, Félix de; WOLFF, Fausto; DANTAS, Audálio. Arraes - "Eu fui o homem que mais disse não ao povo". O Pasquim, n°.535, 04-06, 28, set./out., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** ARRAES, Miguel

**Resumo:** Arraes conta do respeito que exilido político tem na Argélia e fala ao Pasquim da sua luta junto com os camponeses no Brasil.

**Citados:** CABRAL, Amílcar; SANTOS, Marcelino dos; AGOSTINHO NETO, ; CALLADO, Antonio; ANDRADE, Carlos Drummond de;

**Iconografia:** Fotos de Miguel Arraes, por Adelson de Souza Almeida.

PERES, Glênio; Pasquim. Muitos machos, tchê. O Pasquim, n°.535, 12-13, 28, set./out., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** PERES, Glênio

**Palavras Chave:** Política; Repressão; Censura; Poder

**Resumo:** A entrevista é com dois vereadores gaúchos. Glênio Peres e Marcos Klassman contam o que no ponto de vista deles os levou à vitória.

**Iconografia:** Fotos de Glênio e Marcos, s/ crédito.

LOMBARDI, Bruna; HENFIL, . Henfil dá uma geral em Bruna. O Pasquim, n°.536, 04-07, 5, out., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pers. como Assunto:** LOMBARDI, Bruna

**Palavras Chave:** Escritores; Alienação

**Resumo:** O dois discutem durante a entrevista a questão do apoio (utilização da imagem) do artista aos partido / candidato durante o período de eleições. Discutem também a televisão como meio de manifestação de uma certa imagem. [Neste número uma pequena entrevista em que Inês Etienne Romeu fala do Cabo Anselmo. P. 18/19.]

**Citados:** NERUDA, Pablo; ARAP, Fauzi;

**Iconografia:** Foto de Bruna Lombardi, s/ crédito.

BRIZOLA, Leonel; ZIRALDO, ; ATHAYDE, Félix de; FERREIRA, Argemiro; NERY,

Sebastião; WOLFF, Fausto. Brizola. O Pasquim, n°.537, 04-09, 12, out., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** BRIZOLA, Leonel

**Palavras Chave:** Política; Marxismo; Intelectual; Censura; Revolução

**Resumo:** Leonel Brizola vai a redação do Pasquim para "agradecer os 10 anos de luta contra o ambítrio". Fala do porque o governo brasileiro cede a "abertura política", do papel dos partidos e da imprensa. 1: Chama atenção na entrevista de Brizola o fato dele não atar poucos nomes, apenas fato que são protagonizado pelos partidos políticos.

**Citados:** GOULART, João (Belchior Marques); LACERDA, Carlos; VARGAS, Getúlio;

**Iconografia:** Foto de Walter Ghelman.

FRANCO, Wellington Moreira; ZIRALDO, ; ATHAYDE, Félix de. Wellington Moreira Franco. O Pasquim, n°.538, 06-08, 19, out., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** FRANCO, Wellington Moreira

**Palavras Chave:** Política; Socialismo; Democracia

**Resumo:** Prefeito de Niterói (PTB) conta um pouco de sua história política e da família de político e que pertence. E fala na entrevista além dos problemas de Niterói de questões variados como Anistia, futebol, biônicos, escândalos políticos.

**Citados:** VARGAS, Getúlio; CARNEIRO, Nelson; LIMA, Faria;

**Iconografia:** Foto de Walter Ghelman.

ALVES, Hemano; JAGUAR, ; ZIRALDO, ; FERREIRA, Argemiro; WOLFF, Fausto. Hermano Alves. O Pasquim, n°.539, 06-09, 26, out./nov., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** ALVES, Hemano

**Palavras Chave:** Repressão; Censura; Golpe militar; Política

**Resumo:** Hermano começa sua entrevista fazendo a diferença entre ser exilado ou se auto-exilar. Conta sua difícil vida de exilado, seu encontro com Frei Tito de Alencar. E das perdas que teve de enfrentar por causa da ditadura militar.

**Citados:** ALVES, Márcio Moreira; COVAS, Mario; FURTADO, Celso; PRESTES, Luis Carlos; CASTRO, Fidel; GUEVARA, Ernesto Che; MARX, Karl; FONSECA, Hermes da; FIGUEIREDO, João de;

**Iconografia:** Foto de Hermano, por Walter Ghelman.

PRESTES, Luis Carlos; ZIRALDO, ; FERREIRA, Argemiro; ATHAYDE, Félix de; JAGUAR, ; BUENO, Ricardo.

A ditadura perdura não devemos ter ilusões. O Pasquim, n°.540, 04-08, 2, nov., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** PRESTES, Luis Carlos

**Palavras Chave:** Censura; Repressão; Comunismo; História; Polêmica; Burguesia

**Resumo:** Preste comenta a sua visão histórica sobre o movimento comunista no mundo, faz considerações a Revolução Cubana e ao Estado Novo, assim como, ao golpe de 1964 discute, ainda, o crescimento do sindicalismo no Brasil. A entrevista de Preste foi na sede do Pasquim.

**Citados:** GUIMARÃES, Ulisses; GUIMARÃES, Alberto Passos; CASTRO, Fidel; VARGAS, Getúlio; SALGADO, Plínio; MULLER, Filinto; CONSTANT, Benjamin; PINTO, Sobral;

**Iconografia:** Foto de Prestes, s/ crédito.

IMPERIAL, Carlos; JAGUAR, ; O episódio mais ridículo do AI-5. O Pasquim, n°.541, 12-13, 9, nov., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** IMPERIAL, Carlos

**Palavras Chave:** Censura; Repressão

**Resumo:** A entrevista é sobre um cartão de natal em que em 69 Carlos Imperial enviou a amigos e conhecidos em que ele estava na privada na posição do pensador Rodin, por este motivo, ficou preso por algum tempo..

**Citados:** ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de;

**Iconografia:** Foto de Carlos Imperial, s/ crédito.

VIANNY, Alex; NEVES, David; AUGUSTO, Sérgio; JAGUAR, ; CARNEIRO, Frederico; IMPERIAL, Carlos; FERREIRA, Argemiro; NERCESSIAN, Stepan. Um carioca cheio de picardia. O Pasquim, n°.542, 06-10, 16, nov., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** VIANNY, Alex

**Palavras Chave:** Cinema; Escritores; Televisão

**Resumo:** Escritor, roteirista, Alex escreveu para o cinema. Fala da política de premiação da academia cinematográfica e de seus pares. Alex fala de sua vida e de como sua família administrou sua carreira e da sua vivência junto a diretores americanos.

**Citados:** WELLES, Orson; MARTINS, Herivelto; SGANZERLA, Rogério; CARBONARI, Primo; BIÁFORA, Rubem; MIRANDA, Carmem; VELOSO, Caetano; BARRETO, Bruno; MARX, Groucho; AMADO, Jorge; BARRETO, Luís Carlos;

**Iconografia:** Foto de Alex Vianny, s/ crédito.

TORRES, Antônio; JAGUAR, ; BARBOSA, Gustavo; BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Antônio Torres, o caipira que virou escritor. O Pasquim, n°.543, 06-08, 23, nov., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** TORRES, Antônio

**Palavras Chave:** Escritores; Romance; Literatura

**Resumo:** Escritor que em seus romances faz uma interpretação dos elementos urbanos de uma cidade do interior. Conta que começou a escrever a pedidos das mulheres do sertão que os maridos haviam migrado. De ler e responder estas cartas e da observação de que as mulheres choravam emocionadas, ele resolveu escrever romances. No Rio tornou-se jornalista de carreira e escritor.

**Citados:** ALENCAR, José de; ALVES, (Antonio de) Castro; QUEIROZ, Eça de; DIAS, (Antonio) Gonçalves; MAGALHÃES, Juracy; RAMOS, Graciliano; LOUZEIRO, José; GULLAR, Ferreira; VELOSO, Caetano; RODRIGUES, Nina; ANDRADE, Carlos Drummond de; SARAIVA, Arnaldo;

**Iconografia:** Foto de Antonio Torres, por Heloísa Soares.

AMAZONAS, João; FREAZZA, Iza. João Amazonas, o homem do racha, do PC do B, da guerrilha, do Araguaia e para quem... O Pasquim, n.º.544, 30, nov./dez., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** AMAZONAS, João

**Palavras Chave:** Comunismo; Marxismo; Tortura; Guerra

**Resumo:** Amazonas fala das diferenças entre o PCB e o PC do B, da ruptura. Fala dos jornais do Partido "A voz operária", "A classe operária". Comenta sobre o Araguaia e mostra o quanto o exército brasileiro violentou os presos de "guerra". O Pasquim dá "voz" a João Amazonas, mas deixa a dica, suas idéias podem ser combatidas. A entrevista mostra a lucidez de João Amazonas em relação às práticas políticas dos partidos comunistas.

**Citados:** STALIN, Josef; MARX, Karl; POMAR, Pedro; PRESTES, Luis Carlos; GRABOIS, Maurício; MEDINA, José; GUEDES, Armênio; CASTRO, Fidel; VARGAS, Getúlio;

**Iconografia:** Foto de Amazonas, s/ crédito.

MACHADO, Dionélio; WOLFF, Fausto; PERES, Glênio; JAGUAR, . Dionélio Machado (um grande escritor brasileiro)

O Pasquim, n.º.545, 18-19, 7, dez., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MACHADO, Dionélio

**Palavras Chave:** Literatura; Medicina; Psicanálise; Comunismo; Luta de classes

**Resumo:** Psicanalista, comunista, Dionélio esteve preso junto com prestes e Graciliano Ramos. Autor de "Os Ratos". Fala de suas prisões, de suas leituras que para ele foram responsáveis pela formação idéias sobre a Psicanálise.

**Citados:** ANDRADE, Mário de; GUIMARÃES, Josué; RAMOS, Graciliano; MARX, Karl; FREUD, Sigmund; DARWIN, Charles;

**Iconografia:** Foto de Dionélio, s/ crédito.

MAGNO, Paschoal Carlos; CHRYSÓSTOMO, Antonio; JAGUAR, ; BLANCO, Armando; WOLFF, Fausto. Paschoal Carlos Magno O Pasquim, n.º.546, 12-16, 14, dez., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** MAGNO, Paschoal Carlos

**Palavras Chave:** Cultura; Teatro; Dança; Literatura; Crítica

**Resumo:** Autor do projeto cultural "A barca da cultura", que levava ao interior do Brasil o teatro, a música, a literatura, a dança.

Criador, também, do teatro do estudante. Nos anos 60, segundo Paschoal Carlos Magno, havia 400 teatros do estudante, a revolução de 64 fechou todos.

**Citados:** BRITO, Sérgio; CARDOSO, Sérgio; BECKER, Cacilda; ROCHA, Glauce; FERREIRA, Procópio; SHAKESPEARE, William; GENET, Jean; FRANCIS, Paulo;

**Iconografia:** Fotos de Carlos Magno, por Walter Ghelman.

CERQUEIRA, Marcelo; JAGUAR, ; ZIRALDO, . Um dos nomes do PMDB - Marcelo Cerqueira O Pasquim, n.º.547, 12-14, 21, dez., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** CERQUEIRA, Marcelo

**Palavras Chave:** Política; Democracia

**Resumo:** Político do PMDB, militante nas lutas políticas / sociais como: Anistia, Constituinte, Reforma Partidária. Marcelo foi um dos políticos que teve apoio do Pasquim.

**Citados:** TEIXEIRA, Miro; BRIZOLA, Leonel; NEVES, Tancredo; GUIMARÃES, Ulisses;

**Iconografia:** Foto de Cerqueira, sem crédito.

GONÇALVES, Nelson; Pasquim. Nelson Gonçalves O Pasquim, n.º.548, 10-13, 28, dez., 1979.

**Vocabulário Controlado:** ENTREVISTA

**Nom. Pess. como Assunto:** GONÇALVES, Nelson

**Palavras Chave:** Música; MPB; Sucesso popular; Mídia

**Resumo:** Cantor considerado uma das vozes mais bonitas da seresta no Brasil. Conta sua vida como cantor e sua relação com os amigos e colegas de trabalho. Fala do período das drogas. A marca da entrevista é o pessoal de Nelson sendo transformado em apelo popular. Uma relação própria da mídia oficiosa.

**Citados:** HOLANDA, Chico Buarque de; JOBIM, Tom; MARTINS, Herivelto; BLANC, Aldir; BOSCO, João; ALVES, Ataulfo; BARROSO, Ary; LADEIRA, Cesar; GALHARDO, Carlos; RODRIGUES, Lupicínio; DUTRA, Altermar; RIBEIRO, Pery; CROSBY, ; NASSER, David;

**Iconografia:** Foto de Nelson, s/ crédito.

